

COLEÇÃO AUTORES GREGOS E LATINOS
SÉRIE TEXTOS

LUCIANO DE SAMÓDATA

LUCIANO
[IX]

TRADUÇÃO DO GREGO, INTRODUÇÃO E NOTAS
CUSTÓDIO MAGUEIJO

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

(Página deixada propositadamente em branco)

Luciano de Samósata

Luciano

[IX]

*Tradução do grego, introdução e notas de
Custódio Magueijo*

TODOS OS VOLUMES DESTA SÉRIE SÃO SUJEITOS A ARBITRAGEM CIENTÍFICA INDEPENDENTE.

TÍTULO • LUCIANO IX

AUTOR • LUCIANO DE SAMÓSATA

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

COORDENADOR CIENTÍFICO DO PLANO DE EDIÇÃO: Maria do Céu Fialho

COMISSÃO EDITORIAL

José Ribeiro Ferreira

Maria de Fátima Silva

Francisco de Oliveira

Nair Castro Soares

DIRECTOR TÉCNICO: Delfim Leão

OBRA REALIZADA NO ÂMBITO DAS ACTIVIDADES DA UI&D
CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS

EDIÇÃO

Imprensa da Universidade de Coimbra

URL: http://www.uc.pt/imprensa_uc

E-mail: imprensauc@ci.uc.pt

Vendas online:

<http://ivrariadaimprensa.uc.pt>

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

WWW.ARTIPOL.NET

ISBN

978-989-26-0795-5

ISBN DIGITAL

978-989-26-0796-2

DOI

<http://dx.doi.org/>

10.14195/978-989-26-0796-2

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Imprensa da Universidade de Coimbra

CONCEPÇÃO GRÁFICA

Imprensa da Universidade de Coimbra

INFOGRAFIA

Mickael Silva

DEPÓSITO LEGAL

353356/12

1ª EDIÇÃO: IUC • 2013

© DEZEMBRO 2013.

IMPRESSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

CLASSICA DIGITALIA VNIVERSITATIS CONIMBRIGENSIS (<http://classica.digitalia.uc.pt>)

CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Reservados todos os direitos. Nos termos legais fica expressamente proibida a reprodução total ou parcial por qualquer meio, em papel ou em edição electrónica, sem autorização expressa dos titulares dos direitos. É desde já exceptuada a utilização em circuitos académicos fechados para apoio a leccionação ou extensão cultural por via de *e-learning*.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO GERAL.....	9
HERÓDOTO OU AÉCION	15
INTRODUÇÃO	17
TRADUÇÃO	19
ZÊUXIS OU ANTÍOCO	23
INTRODUÇÃO	25
TRADUÇÃO	27
JUSTIFICAÇÃO DE UMA FALTA DITA AO SAUDAR	35
INTRODUÇÃO	37
TRADUÇÃO	39
HARMÓNIDES	47
INTRODUÇÃO	49
TRADUÇÃO	51
DISCUSSÃO COM HERÍODO.....	57
INTRODUÇÃO	59
TRADUÇÃO	61
O CITA OU O “PRÓXENO”	65
INTRODUÇÃO	67
TRADUÇÃO	69
“ÉS UM PROMETEU... NAS PALAVRAS”	77
INTRODUÇÃO	79
TRADUÇÃO	81
ELOGIO DE DEMÓSTENES	87
INTRODUÇÃO	89
TRADUÇÃO	91
ALCIÓNE OU METAMOSFOSES.....	117
INTRODUÇÃO	119
TRADUÇÃO	121
A GOTA.....	125
INTRODUÇÃO	127
TRADUÇÃO	129
OCÍPODE [O HOMEM DOS PÉS LIGEIOS]	143
INTRODUÇÃO	145
TRADUÇÃO	147

O PATRIOTA OU O DISCÍPULO	157
INTRODUÇÃO	159
TRADUÇÃO	161
NERO [OU A ABERTURA DO ISTMO]	179
INTRODUÇÃO	181
TRADUÇÃO	183
O PSEUDO-SOFISTA OU O SOLECISTA	189
INTRODUÇÃO	191
TRADUÇÃO	193
EPIGRAMAS	209
INTRODUÇÃO	211
TRADUÇÃO	213

LUCIANO
[IX]

HERÓDOTO OU AÉCION

ZÊUXIS OU ANTÍOCO

JUSTIFICAÇÃO DE UMA FALTA DITA AO SAUDAR

HARMÓNIDES

DISCUSSÃO COM HESÍODO

O CITA OU O “PRÓXENO”

“ÉS UM PROMETEU... NAS PALAVRAS”

ELOGIO DE DEMÓSTENES

ALCIÓNE OU AS METAMORFOSES

A GOTA

OCÍPODE [O HOMEM DOS PÉS LIGEIOS]

O PATRIOTA OU O DISCÍPULO

NERO [OU A ABERTURA DO ISTMO]

O PSEUDO-SOFISTA OU O SOLECISTA

EPIGRAMAS

Ficha Técnica:

Autor: Luciano de Samósata

Título: LUCIANO [IX]:

— *Heródoto ou Aécion*

— *Zêuxis ou Antioco*

— *Justificação de uma Falta Dita ao Saudar*

— *Harmónides*

— *Discussão com Hesíodo*

— *O Cita ou O “Próximo”*

— *“És um Prometeu... nas Palavras”*

— *Elogio de Demóstenes*

— *Alcione ou As Metamorfoses*

— *A Gota*

— *Ocípode [O Homem dos Pés Ligeiros]*

— *O Patriota ou O Discípulo*

— *Nero [ou A Abertura do Istmo]*

— *O Pseudo-sofista ou O Solecista*

— *Epigramas*

Tradução, introdução e notas: Custódio Magueijo

INTRODUÇÃO GERAL¹

Luciano nasceu em Samósata, capital do antigo reino de Comagena, situado a norte da Síria, na margem direita do Eufrates. Os primeiros imperadores romanos conservaram-lhe um certo grau de independência, mas acaba por ser incluído entre as províncias do Império Romano.

Quanto a datas de nascimento e morte, aceitemos 125-190 d.C. Seguramente, a vida literária de Luciano desenvolve-se na segunda metade do séc. II d.C., por um período de quarenta anos, durante o qual escreveu cerca de oitenta obras.

No tocante a dados biográficos, temos de contentar-nos com as informações contidas no conjunto dos seus escritos. Pelo menos têm a vantagem de serem de primeira mão. E se a nossa curiosidade mais «superficial» gostaria de saber muitas outras coisas sobre a sua vida, a verdade é que o essencial do homem está nítida e magnificamente retratado na obra.

De entre as obras mais importantes do ponto de vista autobiográfico, salienta-se a intitulada *O Sonho* (ou *Vida de Luciano*). Imediatamente se conclui tratar-se dum trabalho da meia-idade, que mais abaixo resumimos.

Após uma peregrinação de vários anos por terras da Grécia, da Itália e da Gália, onde conseguira assinalável êxito e não menos importante pecúlio, Luciano regressa (por volta de 162-163) à sua cidade natal, que o havia visto partir pobre e quase anónimo, e agora se orgulhava do prestígio que lhe era transmitido pelo próprio êxito dum filho seu. É então que Luciano, perante os seus concidadãos, traça uma retrospectiva autobiográfica, da qual mencionamos os passos mais salientes.

Chegado ao termo da escolaridade elementar, adolescente de quinze anos, o pai aconselha-se com familiares e amigos sobre o futuro do moço.

«A maioria opinou que a carreira das letras requeria muito esforço, longo tempo, razoável despesa e uma sorte brilhante. Ora, a nossa fortuna era limitada, pelo que, a breve trecho, precisaríamos de alguma ajuda.»

¹ Esta «Introdução geral» é, na verdade, reproduzida de outras que escrevi a propósito de diversas obras de Luciano. Não se pode exigir que, para cada uma das cerca de oitenta, tivesse de inventar uma biografia formalmente diferente de Luciano. No entanto, a parte final, relativa a cada obra em particular, é redigida especialmente para esta edição.

Se, pelo contrário, eu aprendesse um ofício, começaria imediatamente a retirar daí um salário mínimo, que me permitiria, naquela idade, deixar de ser um encargo familiar, e até mesmo, algum tempo depois, dar satisfação a meu pai com o dinheiro que traria para casa.» (§ 1)

Restava escolher o ofício. Discutidas as várias opiniões, foi decidido entregar o rapaz aos cuidados dum tio materno, presente na reunião, e que era um excelente escultor. Além deste factor de ordem familiar, pesou ainda o facto de o moço, nos seus tempos livres, gostar de se entreter a modelar, em cera, bois, cavalos e figuras humanas, «*tudo muito bem parecido, na opinião de meu pai*». Por essa actividade «*plástica*» (é palavra sua), que não raro o desviava dos deveres escolares, «*chegava mesmo a apanhar pancada dos professores, mas isso agora transformava-se em elogio à minha vocação*». (§ 2)

Chegado o grande dia, é com certa emoção que o jovem Luciano se dirige à oficina do tio, a fim de iniciar a sua nova vida. De resto, via no ofício de escultor uma espécie de brincadeira de certo modo agradável, e até uma forma de se distinguir perante os amigos, quando estes o vissem esculpir figuras de deuses e estatuetas. Todavia, e contrariamente às suas esperanças, o começo foi desastroso. O tio põe-lhe na mão um escopro e manda-o desbastar uma placa de mármore, a fim de adiantar trabalho («*O começar é meio caminho andado*»). Ora... uma pancada um pouco mais forte, e eis que se quebra a placa... donde uma monumental sova de correia, que só a fuga consegue interromper. Corre para casa em tal estado, que a mãe não pode deixar de censurar asperamente a brutalidade do irmão. Entretanto, aproximase a noite, e o moço, ainda choroso, dolorido e revoltado, foi deitar-se. As fortes emoções do dia tiveram como resultado um sonho – donde o título da obra. (§§ 3-4)

Até aqui, Luciano fornece-nos dados objectivos, que nos permitem formar uma ideia suficientemente precisa sobre si próprio e sobre a situação e ambiente familiares. Quanto ao sonho, se nada nos permite duvidar da sua ocorrência, a verdade é que se trata, antes de mais, duma elaboração retórica, elemento tantas vezes utilizado na literatura, mas nem por isso menos significativo do ponto de vista autobiográfico. De facto, Luciano serve-se deste processo para revelar aos seus *ouvintes* não tanto o que se terá passado nessa noite, mas principalmente a volta que a vida dera, a partir duma situação que, em princípio, teria uma sequência bem diferente.

Assim, e com uma nitidez – segundo afirma – «em nada diferente da realidade», aparecem-lhe duas mulheres, que, energeticamente e até com grande violência, disputam a posse do moço, que passa duma para a outra, e volta à primeira... enfim, «pouco faltou para que me despedaçassem».

Uma delas era a Escultura (*Hermoglyphikéōs*), «com o (típico) aspecto de operário, viril, de cabeleira sórdida, mãos cheias de calos, manto subido e coberto de pó, como meu tio quando estava a polir as pedras». A outra era a Cultura (*Paideia*), «de fisionomia extremamente agradável, pose digna e manto traçado a preceito». (§§ 5-6).

Seguem-se os discursos de cada uma das personagens, que fazem lembrar o *agón* («luta», «disputa») das *Nuvens* de Aristófanes, travado entre a Tese Justa e a Tese Injusta.

A fala da Escultura, mais curta (§§ 7-8), contém, no entanto, elementos biográficos (explícitos e implícitos) de certa importância. Começa por se referir à tradição profissional da família do jovem, cujo avô materno e dois tios, também maternos, eram escultores de mérito. A seguir, enumera as vantagens da profissão: comida farta, ombros fortes e, sobretudo, uma vida particular ao abrigo de invejas e intrigas, em vez de (como, de resto, veio a suceder – daí também o valor biográfico da informação) viagens por países longínquos, afastado da pátria e dos amigos. De resto, a História está cheia de exemplos de grandes escultores (Fídias, Policlito, Míron, Praxíteles), cujo nome é imortal e que são reverenciados juntamente com as estátuas dos deuses por eles criadas.

O discurso da Cultura (§§ 9-13) possui todos os ingredientes necessários à vitória (além das informações biográficas que recolhemos das suas «profecias»... já realizadas). Vejamos alguns passos.

“Meu filho: eu sou a Cultura, entidade que já te é familiar e conhecida, muito embora ainda não me tenhas experimentado completamente.

“Quanto aos grandes benefícios que te proporcionará o ofício de escultor, já esta aqui os enumerou: não passarás dum operário que mata o corpo com trabalho e nele depõe toda a esperança da sua vida, votado ao anonimato e ganhando um salário magro e vil, de baixo nível intelectual, socialmente isolado, incapaz de defender os amigos ou de impor respeito aos inimigos, de fazer inveja aos teus concidadãos. Apenas isto: um operário, um de entre a turba, prostrado aos pés dos poderosos, servidor humilde dos bem-falantes, levando uma

vida de lebre, presa do mais forte. E mesmo que viesses a ser um outro Fídiás ou um Policlito, mesmo que criasses muitas obras-primas, seria apenas a obra de arte aquilo que toda a gente louvaria, e ninguém de bom senso, entre os que a contemplassem, ambicionaria ser como tu. Sim: por muito hábil que sejas, não passarás dum artesão, dum trabalhador manual.

“Se, porém, me deres ouvidos, antes de mais revelar-te-ei as numerosas obras dos antigos, falar-te-ei dos seus feitos admiráveis e dos seus escritos, tornar-te-ei um perito em, por assim dizer, todas as ciências. E quanto ao teu espírito – que é, afinal, o que mais importa –, exorná-lo-ei com as mais variadas e belas virtudes: sabedoria, justiça, piedade, doçura, benevolência, inteligência, fortaleza, amor do Belo e paixão do Sublime. Sim, que tais virtudes é que constituem verdadeiramente as incorruptíveis jóias da alma ...

“... Tu, agora pobre, tu, o filho do Zé-ninguém, tu, que ainda há pouco havias enveredado por um ofício tão ignóbil, dentro em breve serás admirado e invejado por toda a gente, cumulado de honrarias e louvores, ilustre por tua alta formação, estimado das elites de sangue e de dinheiro; usarás um traje como este (e apontava-me o seu, que era realmente magnífico) e gozarás de merecido prestígio e distinção. E sempre que saias da tua terra, vás para onde fores, não serás, lá fora, um obscuro desconhecido: impor-te-ei tal marca, que, ao ver-te, um qualquer, dando de cotovelo ao vizinho, apontar-te-á com o dedo, dizendo: “É este, o tal”...”

O final do discurso (§ 13) constitui um autêntico «fecho» elaborado segundo as leis da retórica. Depois de, no parágrafo anterior, ter mencionado os exemplos de Demóstenes (filho dum fabricante de armas), de Êsquines (cuja mãe era tocadora de pandeireta) e de Sócrates (filho de escultor), lança o ataque final:

«Caso desprezes o exemplo de tão ilustres homens, seus feitos gloriosos e escritos veneráveis, presença imponente, honra, glória e louvores, supremacia, poder e dignidades, fama literária e o apreço devido à inteligência – então passarás a usar uma túnica reles e encardida, ganharás um aspecto servil, agarrado a alavancas, cinzéis, escopros e goivas, completamente inclinado sobre o trabalho, rastejante e rasteiro, humilde em todas as acepções da palavra, sem nunca levantar a cabeça, sem um único pensamento digno dum homem livre, mas antes continuamente preocupado com a ideia de a obra te sair harmoniosa e apresentável – enquanto a respeito de ti próprio, da maneira de te tornares harmonioso e bem dotado, não te importas absolutamente nada; pelo contrário, ficarás mais vil que as mesma pedras.»

É pena que esta autobiografia não tivesse sido escrita uns vinte (ou trinta) anos mais tarde. Em todo o caso, Luciano, noutras obras, fornece-nos mais algumas indicações.

Assim, pela *Dupla Acusação* (§ 27), escrita pouco depois do *Sonho*, sabemos que Luciano, entregue de alma e coração à retórica e à sofística, iniciara a sua actividade de advogado em várias cidades da Ásia Menor (Segundo a Suda, «começou por ser advogado em Antioquia»). Da Ásia Menor, passa para a Grécia, e daí para a Itália, mas é sobretudo na Gália que obtém glória e fortuna.

Uma dúzia de anos depois de ter saído da sua terra natal, regressa a casa, mas por pouco tempo. Decide fixar-se com a família em Atenas, onde permanece por cerca de vinte anos (c.165-185 d.C.).

Aos quarenta e poucos anos, Luciano adopta uma atitude fundamentalmente céptica, que, sobretudo, se insurge contra todo o dogmatismo metafísico e filosófico em geral. A este respeito, recomenda-se vivamente a leitura do *Hermotimo* (ou *As Seitas*²), obra dum niilismo verdadeiramente perturbador: Dada a variedade das correntes filosóficas, e ainda devido ao tempo e esforço necessários a uma séria apreciação de cada uma, o homem, por mais que faça, *não pode atingir a verdade*. Basta citar uma frase, que, não sendo de modo nenhum a mais importante deste diálogo, é, no entanto, verdadeiramente lapidar: «*As pessoas que se dedicam à filosofia lutam pela sombra dum burro*» (§ 71). E, já agora, aqui fica o fecho, em que Hermotimo, finalmente convencido pelos argumentos de Licino (ou seja, Luciano), afirma: «*Quanto aos filósofos, se por acaso, e apesar das minhas precauções, topar com algum no meu caminho, evitá-lo-ei, fugirei dele como dum cão raivoso*». (§ 86)

Cerca de vinte anos depois de chegar a Atenas, Luciano decide recomeçar a viajar, mas nada será como antigamente: já na recta final da existência, talvez em situação financeira menos próspera, e sem dúvida desiludido com o deteriorado clima cultural de Atenas, fixa-se no Egipto, onde aceita (ou consegue?) um lugar de funcionário público, aliás compatível com a sua formação e importância social. Ele próprio nos informa (*Apologia dos Assalariados*, § 12) de que a sua situação não se compara à dos miseráveis funcionários (por exemplo: professores), que afinal não passam de escravos. E continua:

² «Clássicos Inquérito», nº 16.

«A minha condição, meu caro amigo³, é completamente diferente. Na vida privada, conservei toda a minha liberdade; publicamente, exerço uma porção da autoridade suprema, que administro em conjunto com o procurador ... Tenho sob a minha responsabilidade uma parte considerável da província do Egipto, cabe-me instruir os processos, determinar a ordem pela qual devem dar entrada, manter em dia os registos exactos de tudo o que se diz e faz, ... executar integralmente os decretos do Imperador ... E além do mais, o meu vencimento não se parece nada com o dum simples particular, mas é digno dum rei, e o seu montante, longe de ser módico, ascende a uma soma considerável. A tudo isto acrescenta o facto de eu não me alimentar de esperanças modestas, pois é possível que ainda obtenha a titulo pleno a prefeitura ou qualquer outra função verdadeiramente real.»

Esperanças nada modestas, provavelmente bem fundadas...
Só que, por motivos que ignoramos, tudo se desfez em vento.

³ Esta obra, de forma epistolar, é dirigida a Sabino, amigo de Luciano.

HERÓDOTO OU AÉCION

(Página deixada propositadamente em branco)

INTRODUÇÃO

Este opúsculo de Luciano inclui-se no grupo de obras que servem de prefácio a uma declamação de fundo, e que eram justamente chamadas *prolalíai* (προλαλίαι), “prefácios”, “alocuções prévias”, como, p.ex., os opúsculos *Dioniso*, *Héracles*, *Zêuxis ou Antíoco*, etc. Quer dizer: o orador, antes de começar a dissertar sobre determinado tema, dirigia ao público umas palavras de preparação dos espíritos para o que ia ser tratado como tema de fundo. Acontecia, porém (pelo menos, mas não só, certamente, com Luciano), que o orador, querendo mostrar o seu virtuosismo intelectual, começa por dissertar sobre um ou diversos casos, que aparentemente não têm nada que ver com o tema proposto e previamente anunciado. Muitos ouvintes perguntariam “aonde é que ele quer chegar, que se ligue ao tema anunciado?” Neste caso, Luciano atira para o meio dos ouvintes dois nomes bem conhecidos: O historiador Heródoto e o pintor Aécion.

De Heródoto, conta o episódio em que o historiador, querendo tornar a as suas *Histórias* imediatamente conhecidas de toda a Grécia, se apresenta no local mais concorridos de todos, a cidade de Olímpia por altura dos Jogos Olímpicos. E do mesmo modo procedeu o pintor Aécion, ao expor, também em Olímpia, o seu magnífico, e certamente grande ou grandioso, quadro sobre *As Bodas de Roxana e Alexandre.*, quadro que, aliás, Luciano afirma ter visto na Itália, e que descreve com algum pormenor. Por estes dois actos de “promoção”, ambos, Heródoto e Aécion, conseguiram aquilo por que tanto ansiavam... com algum benefício “extra” para o pintor, que acrescentou ao casamento de Alexandre, *pintado*, o seu próprio enlace (real) com a filha do *helanódice* Proxénides.

É então que Luciano descobre a subtileza: Também ele, querendo tornar-se rapidamente conhecido de muitos gregos de diversas cidades, apresenta, na capital da Macedónia e perante uma multidão que acorrera ao estádio por altura de uma festa desportiva e religiosa, um seu discurso, que presumimos ser bastante elaborado...

E termina mui modestamente, dizendo que, sem querer comparar-se a famosos atletas dos tempos passados, já ficaria muito consolado, se os ouvintes não o considerassem merecedor de chicote...

Presume-se que, neste ponto... final, os ouvintes sorriam da “habilidade” e se dispunham a escutar, com ouvidos benevolentes, o tema anunciado.

(Página deixada propositadamente em branco)

HERÓDOTO OU AÉCION

1. Oxalá eu pudesse imitar as diversas qualidades de Heródoto! Não digo todas quantas ele possuía, pois seria pedir demasiado, mas, pelo menos, uma de entre todas, como a graça das expressões, ou a sua harmonia, ou a propriedade e a adequação do seu dialecto jónico, ou a riqueza de pensamento, ou mil outras qualidades que ele reuniu num todo e estão para lá da nossa esperança de poder imitá-las. Mas o que ele fez com os seus escritos, e como se tornou, em pouco tempo, muito apreciado por todos os Gregos, isso é o que eu, e tu, e outro qualquer poderemos imitar.

De facto, tendo viajado por mar desde a sua terra natal, na Cária, com destino à Grécia, reflectia consigo mesmo sobre a maneira de se tornar, o mais rapidamente possível e com o mínimo de incómodo, famoso e afamado, ele próprio e os seus escritos. Considerava ele que andar de terra em terra a recitar sucessivamente a sua obra, ora para os Atenienses, ora para os Coríntios, ou para os Argivos, ora para os Lacedemónios, era muito trabalhoso e muito demorado, e não seria nada curto o tempo gasto nessa tarefa. É claro que não julgava adequado dispersar a sua acção, nem, com essa divisão, só a pouco e pouco suscitar e colher reputação. Pelo contrário, planeava, se fosse possível, apanhar reunidos todos os Gregos. Ora, aproximavam-se os grandes Jogos Olímpicos, e Heródoto, percebendo que era chegada a ocasião que ele tanto desejava, esperou que a assembleia estivesse cheia, com os mais excelentes dos homens já ali reunidos, vindos de toda a parte, e então, surgindo da parte traseira do templo, não como espectador, mas como concorrente aos Jogos Olímpicos, apresentou-se a si próprio, recitando as suas *Histórias*, com o que encantou os presentes, a ponto de os seus livros serem intitutados com os nomes das Musas, que eram nove.

2. Daí em diante, já todos o conheciam muito melhor do que aos próprios campeões olímpicos, e não havia quem não tivesse ouvido o nome de Heródoto — uns por tê-lo escutado pessoalmente⁴ em Olímpia, e outros por terem sido informados pelos que haviam regressado da festa. Então bastava-lhe aparecer

⁴ Recorde-se o início das *Histórias* (Livro I, 1): “De Heródoto de Halicarnasso, eis a apresentação da sua investigação, a fim de que os feitos dos

em qualquer parte, e logo era apontado a dedo: “*Este é o famoso Heródoto, o tal que escreveu em jónico sobre as Guerras Pérsicas, o tal que celebrou as nossas vitórias.*” Foi este o fruto que ele retirou das suas *Histórias*, o de, numa única assembleia, ter recolhido o voto unânime de todo o povo da Grécia e de ter sido proclamado, não, por Zeus!, por um único arauto, mas sim em todas as cidades de onde era cada um dos espectadores.

3. Foi por terem, mais tarde, compreendido este facto, ou seja, que era este o caminho mais curto para a notoriedade, que o sofista Hípias, natural dessa mesma região, Pródico de Ceos, Anaxímenes de Quios, Pólo de Agrigento e um grande número de outros recitavam sempre as suas obras pessoalmente e perante uma assembleia de ouvintes, através dos quais se tornavam conhecidos em pouco tempo.

4. Mas para quê citar-te esses famosos antigos, sofistas, historiadores e cronistas, quando se diz que, mais recentemente, o pintor Aécion, tendo pintado o casamento de Roxana e Alexandre, levou a tela a Olímpia, onde expôs o quadro, de tal maneira, que Proxénides, que na altura era “helanódice”⁵, deleitado com aquela obra de arte, fez de Aécion seu genro?

5. Mas — perguntaria alguém — que motivo de admiração haveria no seu quadro, para que, por esse facto, o “helanódice” desse a sua filha em casamento a Aécion, que nem era natural da terra? O quadro está na Itália, e eu próprio o vi, de maneira que estou em condições de to descrever. Vê-se um belíssimo aposento e um leito nupcial, e Roxana está nele sentada, cena encantadora de uma jovem de olhos fixos no chão, muito recatada, com Alexandre de pé à sua frente. Alguns Amores⁶ sorriem: um deles, colocado atrás da noiva, descobre-lhe o véu da cabeça e apresenta Roxana ao seu noivo, enquanto um outro, em gesto completamente servil, lhe descalça a sandália do pé, para que ela se deite logo; outro, também Amor, agarrando Alexandre pelo manto, tenta arrastá-lo a toda a força para junto

homens não desapareçam com o tempo...”. Quer dizer; Heródoto identifica-se logo no início da sua leitura pública.

⁵ “helanódice”, ou seja, um dos juízes (e também um dos organizadores) dos Jogos Olímpicos.

⁶ “Amores”, gr. *Érōtes* (“Ἔρωτες”), em lat. também. *Cupido*, pl. *Cupidines*.

de Roxana. O próprio rei oferece uma coroa à jovem, e a seu lado, na qualidade de paraninfo e acompanhante dos noivos, está Heféstion⁷, com um facho aceso na mão e apoiado num formosíssimo adolescente, que *julgo* ser Himeneu⁸, pois não está lá escrito o seu nome⁹. No outro lado da tela vêem-se outros Amores a brincarem com as armas de Alexandre, em que dois deles carregam com a sua lança, mais parecendo carregadores vergados ao peso de um barrote que transportam; outros dois pegando pelas correias do escudo, arrastam um terceiro, este presumivelmente o seu rei, montado sobre o escudo; e ainda um outro, enfiado por debaixo da couraça que jaz por terra, parece estar de emboscada, no intuito de assustar os outros [três], quando passarem por ele a arrastar [o escudo].

6. De resto, estas representações não são uma [simples] brincadeira, nem Aécion as colocou lá ao acaso, mas, pelo contrário, ele mostra não só a paixão de Alexandre pelas coisas da guerra, mas também que, ao mesmo tempo que ama Roxana, não está esquecido das armas. Além disso, o próprio quadro [em si mesmo] distingue-se por conter algo de verdadeiramente nupcial, por ter como que preparado o casamento de Aécion com a filha de Proxénides. Assim, Aécion saiu de lá também ele casado, como sequência das bodas de Alexandre, tendo o rei como seu “paraninfo” e depois de receber, como paga do casamento pintado, um casamento verdadeiro.

7. Portanto, Heródoto — e a ele regresso — considerou que a festa dos Jogos Olímpicos era bastante [apropriada] para revelar aos Gregos um admirável historiador, que narrava as vitórias gregas da maneira como ele as havia narrado. Ora eu — pelo [Zeus] Fílio!¹⁰, não cuideis que eu estou louco, ao comparar os meus escritos com os seus, que esse homem me perdoe —, afirmo que acontece comigo o mesmo que com

⁷ Heféstion, general de Alexandre.

⁸ Himeneu é o deus que conduz o cortejo nupcial. Segundo uma tradição, era filho de Apolo e de uma Musa (Calíope, Clío ou Urânia); outra versão dá-o como filho de Dioniso e Afrodite.

⁹ Muitos quadros (também vasos) tinham a identificação das personagens representadas. Aqui, a sobrecarga de figuras tornava difícil encontrar espaço para todas as identificações.

¹⁰ “Fílio”, gr. *Phílios* (Φίλιος) é um dos epítetos de Zeus, deus da amizade.

aquele. De facto, ao deslocar-me pela primeira vez à Macedónia, reflectia comigo mesmo no que seria [mais] útil ao meu caso. O meu grande desejo era tornar-me conhecido de todos vós e revelar as minhas obras à grande maioria dos Macedónios. Mas, andar por aí, nesta altura do ano, a visitar pessoalmente cada cidade muito cómodo; se, porém, eu esperasse por esta vossa assembleia geral e apresentasse e proferisse em público o meu discurso, o meu desejo concretizar-se-ia com êxito.

8. Pois agora já estais aqui reunidos, vós, a fina-flor vinda de cada uma das cidades, o autêntico escol de todos os Macedónios, e acolhe-me aquela que é a sua mais excelente cidade, a qual, por Zeus!, não se compara com Pisa¹¹ e o seu espaço apertado, as suas tendas, as suas barracas e o seu calor sufocante. Mas os presentes nesta assembleia não constituem uma população indistinta de homens mais desejosos de ver os atletas, e que na sua maioria colocam Heródoto em segundo plano, mas, pelo contrário, trata-se dos mais conceituados oradores, historiadores e sofistas, além de que já não é coisa pouca o facto de este espaço¹² não me parecer muito inferior ao dos Jogos Olímpicos. Se vós me comparardes a Polidamante, a Glauco ou a Mílon¹³, eu parecerei, a vossos olhos, um homem completamente atrevido, mas se afastardes a lembrança daqueles [atletas] e olhardes só para a minha pessoa como ela é, talvez eu não vos pareça muito merecedor do chicote. Assim, num estádio como este, mesmo este julgamento¹⁴ já me bastaria.

¹¹ Pisa, cidade da Élide (não a Pisa italiana).

¹² “este espaço”, deve referir-se ao estádio.

¹³ Atletas famosos.

¹⁴ “este julgamento”, ou seja, o de, simplesmente, não considerar Luciano merecedor de chicote, como se diz imediatamente antes.

ZÊUXIS OU ANTÍOCO

(Página deixada propositadamente em branco)

INTRODUÇÃO

Trata-se de mais uma *prolalia* (προλαλία), ou prefácio a uma declamação de fundo, na qual o orador vai buscar um ou mais temas que, aparentemente, pouco têm que ver com a intervenção de fundo. No fim, com uma habilidade nem sempre muito feliz, o orador desvenda a associação da sua alocução com o tema principal.

Neste caso, Luciano chama à colação duas figuras importante: o pintor Zêuxis e o rei Antíoco.

Zêuxis pintou, entre outros motivos pouco ou nada habituais, um quadro em que representava, numa tocante cena familiar, uma bela Hipocentaura — tão bela na parte equina como formosa na parte de mulher — a amamentar dois meninos gémeos (um na teta humana, outro na teta equina!), sob o olhar baboso e brincalhão do pai Hipocentauro. Ora, os espectadores apreciavam somente a novidade da ideia, sem atenderem aos aspectos propriamente *artísticos* — o que deixou Zêuxis sumamente irritado...

No caso de Antíoco, Luciano refere a famosa batalha travada contra os Gálatas (276 a.C.), em que Antíoco obteve uma vitória retumbante devido à utilização de dezasseis elefantes, e não por mérito dos seus soldados, os quais, aliás, nem chegaram a entrar em combate. Devido a esse triunfo, Antíoco foi aclamado e cognominado *Sóter*, gr. *Sōtéōr* (Σωτήρ), ou seja, “Salvador”. Na verdade, o epíteto caberia bem mais justamente aos elefantes, mas também ao estratega Teódotas, que teve a ideia salvadora. Para Luciano, é mais um caso de mérito indevidamente atribuído.

No último parágrafo (§12), misturando os dois casos anteriores com o seu próprio, Luciano teme que os ouvintes só vejam nas suas obras o aspecto exterior, tantas vezes bizarro, e não reparem na arte propriamente literária. Mas, felizmente, não é o seu caso, “*pois vós sois bons conhecedores de ‘pintura’ [leia-se: de literatura] e olhais cada pormenor segundo as regras da arte. Basta que tais obras sejam dignas de serem mostradas num teatro*”.

(Página deixada propositadamente em branco)

ZÊUXIS OU ANTÍOCO

1. Recentemente, depois de ter pronunciado perante vós um discurso, regressava a casa, quando, aproximando-se de mim muitos dos meus ouvintes — nada me impede, creio eu, de vos contar o sucedido, a vós que já sois meus amigos —... aproximando-se, pois, de mim, não deixavam de me saudar e de mostrar a sua admiração. Acompanhando-me durante muito tempo, uns de um lado, outros de outro, soltavam exclamações e elogiavam-me, a ponto de eu ficar ruborizado, por receio de estar muitíssimo longe de merecer tais elogios. Ora, a essência [dos elogios] consistia — facto que todos unanimemente assinalavam — na conceptualização, realmente estranha, das minhas obras, e na novidade nelas contida... Mas talvez seja melhor citar as expressões que eles proferiam: “*Oh, que novidade! Por Héracles!, que paradoxos! Que homem tão inventivo! Ninguém seria capaz de exprimir um pensamento mais original!*” E diziam muitas outras coisas deste género, ou seja, como tinham ficado emocionados com a minha leitura. Sim, que motivo teriam eles para mentir daquela maneira e lisonjear um estrangeiro, um homem que, em tudo o mais, não merecia a sua especial atenção?

2. Em todo o caso, o elogio desses homens — realmente, haverá que dizê-lo — afligia-me, e não pouco, e então, logo que eles se retiraram e eu fiquei a sós comigo mesmo, pus-me a pensar no seguinte: Será que¹⁵ nas minhas obras existe este único encanto, que consiste em não serem rotineiras e em não pisarem a via comum às outras, ao passo que os belos vocábulos nelas contidos e conformes com as regras antigas, ou a agudeza de espírito, ou uma certa finura, ou o encanto do dialecto ático, ou a harmonia, ou a arte inerente a todas essas minhas obras —... será que essas qualidades estarão porventura arredadas [dos meus escritos]? Na verdade, as pessoas não teriam omitido estas qualidades, elogiando somente a novidade e a estranheza do meu estilo. Eu, porém, o tolo, cuidava que, quando os ouvintes se levantavam e aplaudiam, talvez fosse, sim, *também* esta qualidade que os seduzia, e que era verdadeiro o pensamento de Homero, segundo o qual *um*

¹⁵ Interpreto o período como *interrogativo*, cuja resposta implícita deverá ser negativa...

*canto novo torna-se agradável aos que o escutam*¹⁶. No entanto, eu não pretendia atribuir tanto valor, ou mesmo todo [o valor], à novidade, mas sim associá-la às outras qualidades como parte adicional, que contribuísse, também ela, para o elogio, mas [pensando que] as [qualidades] realmente elogiadas e aplaudidas pelos ouvintes eram aquelas outras. Assim, fiquei todo vaidoso e estava a ponto de acreditar nesses homens, que diziam que eu era único e ímpar entre os Gregos, e mais coisas do género. Todavia, e segundo o provérbio, “*o nosso tesouro eram carvões*”, e pouco faltou para ser por eles elogiado com o elogio feito a um qualquer charlatão.

3. Mas quero agora contar-vos o caso de um pintor. O famoso Zêuxis, que se tornou o mais excelente dos pintores, não pintava esses temas populares ou banais, ou, mas só muito raramente, heróis, deuses e guerras, mas, pelo contrário, esforçava-se sempre por ser original, e então, sempre que pensava num tema bizarro e estranho, aplicava nele a precisão da sua arte. Ora, entre outras obras arrojadas, o dito Zêuxis pintou um Hipocentauro fêmea¹⁷ a amamentar dois Hipocentauros meninos, gémeos e ainda bebês. Existe actualmente em Atenas uma cópia deste quadro, feita a partir daquele, e com as suas exactas dimensões. Quanto ao próprio original, diz-se que o general romano Sula o enviou, juntamente com outros [quadros], para a Itália, mas então, como o navio tivesse naufragado, creio que por altura do cabo Málea, perdeu-se tudo, incluindo essa tela. Em todo

¹⁶ Luciano cita em paráfrase e em linguagem “moderna” *Odisseia*, I, 351-352.

¹⁷ Os Centauros (aqui designados por *Hipocentauros*, pois também havia os *Ictiocentauros*) eram seres monstruosos, homens da parte de cima (ou da frente), e cavalos da parte de baixo (ou de trás). De notar que tinham as quatro patas de cavalo, e os dois braços humanos. Viviam nas montanhas, e eram seres extremamente rudes e violentos, e alimentavam-se de carne crua. “Naturalmente”, imaginou-se que tinham as suas fêmeas; uma delas é aqui designada, à falta de uma forma feminina, por “Hipocentauro fêmea”, mas um autor, Filóstrato (nascido em c. 196 d.C., portanto posterior a Luciano), inventa o terno *Kentaúris, -idos* (Κένταυρίς), que podemos adaptar para port. *Centáuride*. Também não seria descabido dizer, em port., **Centaura* ou **Hipocentaura*. Em todo o caso, Luciano opta por não “mexer” na palavra, precisando o sexo com a indicação “fêmea”. No entanto, mais adiante (início do §4), sem alterar a forma, mas antepondo-lhe o artigo feminino, diz *hē Kéntauros* (ἡ Κένταυρος), “a Centauro”, que então verto, decididamente, por “a Centaura”.

o caso, eu próprio vi a cópia do quadro, pelo que, na medida do possível, vou descrevê-lo para vós em palavras, pois, por Zeus!, não sou pintor, mas recordo-me perfeitamente, por tê-lo visto não há muito tempo em casa de um pintor em Atenas. Mas o facto de, nessa ocasião, ter admirado muitíssimo essa obra de arte talvez me ajude a descrevê-la com maior precisão.

4. Esta Centaura está pintada sobre uma relva viçosa, com toda a parte da égua assente no chão e com as patas traseiras completamente estendidas. A sua parte de mulher, levemente erguida, está apoiada num cotovelo. As patas da frente não estão direitas, como as de um animal deitado de lado, mas uma delas está dobrada, com o casco puxado atrás, como de uma pessoa que se ajoelha, enquanto a outra está a endireitar-se, apoiada no chão, como fazem os cavalos que tentam levantar-se. Tem nos braços um dos bebés, que ela amamenta à maneira humana, oferecendo-lhe a teta de mulher, enquanto o outro bebé mama da teta da égua, à maneira dos potros. Na parte superior da tela, como de um miradouro, está um Hipocentauro (obviamente marido daquela que está a dar de mamar das duas maneiras aos bebés), inclinado para baixo e sorridente, não completamente visível, mas só até meio da parte de cavalo, e segurando na mão direita uma cria de leão, que ele agita no ar à volta da sua cabeça, para amedrontar os bebés por brincadeira.

5. No que respeita aos outros aspectos da pintura, apesar de não serem completamente discerníveis para um leigo como eu, mesmo assim apresentam toda a força da arte, como a precisão do traço sem descontinuidade, a mistura¹⁸ exacta das cores e a sua feliz combinação, o criterioso jogo de sombras, a proporção das dimensões, o equilíbrio e a harmonia das diversas partes relativamente ao conjunto — todas essas qualidades, que sejam os pintores a elogiá-las, aos quais pertence, por ofício, perceber de tais matérias. Pela minha parte, elogiei em Zêuxis somente o facto de ele, numa única e mesma temática, ter patenteado, de forma muito variada, a riqueza da sua arte, ao pintar um

¹⁸ “mistura” traduz exactamente o gr. *krâsis* (κρᾶσις), e deve referir-se mesmo à mistura de diversas cores, a fim de obter a cor e o tom adequados. A interpretação por “combinação”, ou seja, diversas cores em separado e em confronto, não parece poder deduzir-se da palavra grega *krâsis*, mas talvez corresponda à qualidade mencionada logo a seguir.

homem extremamente aterrador e selvagem, orgulhoso da sua crina, peludo em quase todo o corpo, não só na parte do cavalo, mas também no peito do homem e em grande abundância na parte dos ombros; o seu olhar, ainda que sorridente, era selvagem, todo ele serrano e indomável.

6. Tal era o Centauro. Quanto à fêmea, era uma belíssima égua, como são especialmente as éguas da Tessália ainda não domadas nem montadas, enquanto a metade superior era de uma formosíssima mulher, com excepção das orelhas, as quais, e somente essas, eram como as dos Sátiros. A mistura e a junção dos [dois] corpos, na zona em que a parte equina se funde e se confunde com a parte da mulher, é gradual, sem transição brusca, pelo que a vista, movendo-se lentamente de uma parte para a outra, não se apercebe [da mudança], Quanto aos recém-nascidos, também me pareceu digno de espanto, num bebé, o seu aspecto selvagem e, numa criancinha tenra, o seu aspecto já aterrador, bem como o facto de olharem para cima e de maneira bem infantil para o leãozinho, ao mesmo tempo que cada um deles mamava na teta, agarrado ao corpo da mãe.

7. Ao expor este quadro, Zêuxis cuidava que iria espantar, pela arte em si mesma, aqueles que o vissem, e realmente as pessoas aplaudiam... sim, que poderiam fazer, perante uma visão tão bela? Todos, porém, elogiavam sobretudo aquilo que no meu caso recentemente elogiaram os outros, ou seja, a estranheza da invenção e a temática do quadro, como sendo uma coisa nova e desconhecida dos [artistas] anteriores. Então Zêuxis, tendo-se apercebido de que aquilo que lhes interessava era o tema original, que os afastava da arte [do quadro], e que punham em segundo plano o rigor dos pormenores, disse para o seu discípulo: *“Vamos, Mícion, cobre¹⁹ a tela, e vós carregai com ela e levai-a para casa, pois estes fulanos só elogiam a ‘lama’ da minha arte e não fazem grande caso dos efeitos de luz, se estes estão correctos e em conformidade com a arte, mas, pelo contrário, a novidade do tema prevalece sobre a fidelidade da execução.”*

¹⁹ “cobre”, talvez melhor do que “enrola”. Diga-se que se tratava de pintura “de cavalete”, em que a tela poderia, de facto, ser enrolada. De toda a maneira, o quadro tinha uma grande dimensão, para ser “transportado às costas” por diversas pessoas.

8. Foi assim que Zêuxis falou, talvez um tanto irritado. Também com Antíoco, cognominado “Sóter”²⁰, aconteceu, segundo se diz, um caso semelhante, aquando da batalha contra os Gálatas. Se vós assim o entenderdes, contar-vos-ei também como aconteceu esse caso. De facto, sabendo que eles eram corajosos, e vendo também que eram muito numerosos, que a sua falange era firmemente compacta, com os hoplitas na frente de batalha armados de escudos e couraças de bronze e alinhados em vinte e quatro linhas de fundo, e que em cada ala havia vinte mil soldados de cavalaria, e no centro, prontos a avançar, estavam oitenta carros de combate armados de foices²¹, e atrás destes, em número duas vezes superior, carros de dois cavalos. Ao ver tal coisa, Antíoco tinha muito fracas esperanças, pois [considerava que²²] os outros eram, para ele, praticamente invencíveis. De facto, dado que o seu exército tinha sido formado em pouco tempo, chegou ali sem a imponência e sem o valor adequado àquela batalha, e com muitíssimo poucos homens, e mesmo a maioria destes era constituída por peltastas²³ e homens levemente armados. Os soldados de infantaria ligeira constituíam mais de metade do exército. Nestas condições, pareceu-lhe melhor fazer imediatamente umas tréguas e encontrar uma solução honrosa para aquela guerra.

9. Todavia, Teódotas de Rodes, homem corajoso e estrategista experiente, não deixou que ele, na sua presença, desanimasse. Na verdade, Antíoco dispunha ainda de dezasseis elefantes. Então Teódotas disse-lhe que mantivesse os animais escondidos o melhor possível, de modo que não fossem visíveis acima do nível do exército; e logo que o trombeteiro desse o sinal de iniciar o recontro e houvesse que lutar frente a frente, e quando a cavalaria dos inimigos avançasse, e os Gálatas, abrindo a falange e afastando-se, dessem passagem aos carros, então que dois grupos de quatro elefantes avançassem sobre as cavalaria de ambos os flancos, enquanto os outros oito atacariam os carros

²⁰ “Sóter” é a forma, *aportuguesada segundo as regras, correspondente ao gr. Sōtēr (Σωτήρ)* “Salvador”.

²¹ Tratava-se de foices ou gadanhas laterais, que “ceifavam” tudo o que estivesse à frente.

²² “considerava que” verte, de algum modo, o dubitativo *hōs* (ὥς).

²³ Os peltastas eram soldados armados de um escudo redondo, *péltē* (πέλτη) e uma lança.

equipados com as foices e os carros de dois cavalos. Se tudo se passasse deste modo — disse Teódotas —, os cavalos deles entrariam em pânico e, ao fugirem, cairiam sobre os Gálatas. E foi o que aconteceu.

10. Realmente, por nunca antes, nem os Gálatas nem os seus cavalos terem visto um elefante, ficaram de tal modo perturbados com esse estranho espectáculo, que, ainda os animais estavam muito longe, só de ouvirem os seus urros e de verem os seus dentes refulgentes e ainda mais notados em contraste com o escuro de todo o corpo, e também as trombas alçadas em forma de gancho, ainda antes de estarem à distância de um tiro de flecha, deram meia volta e puseram-se em fuga desordenada, os soldados de infantaria trespassados pelas lanças uns dos outros e espezinhados pelos cavalos, que caíam sobre eles, enquanto os carros, dando também eles meia volta na direcção dos seus, chacinavam-nos no meio de muito sangue, e, como diz Homero,

“os carros com estrondo se viravam”²⁴.

Os cavalos, uma vez desviados do caminho direito, e não podendo resistir aos elefantes, sacudiram os cavaleiros e

“vazios carros com fragor puxavam”²⁵,

retalhando e despedaçando com as foices aqueles, de entre os seus, que colhiam [na passagem]... e muitos eram colhidos no meio de tamanha confusão. Seguiram-se os elefantes, que os espezinhavam, os atiravam a grande altura com as suas trombas e os apanhavam e furavam com as suas defesas... enfim, foram estes animais que deram a Antíoco um triunfo retumbante.

11. Quanto aos Gálatas, uns morreram no meio de tanta carnificina, outros foram feitos prisioneiros, com excepção de muito poucos que conseguiram refugiar-se nas montanhas. Então todos os macedónios que estavam com Antíoco entoaram o péan²⁶ e, aproximando-se, uns de um lado, outros de

²⁴ Homero, *Iliada*, XVI, 379.

²⁵ Homero, *Iliada*, XI, 160.

²⁶ O péan era um canto coral solene, entoado especialmente em honra de Apolo, mas também executado noutras ocasiões, nomeadamente, como

outro, coroaram o rei e aclamaram-no como “*glorioso triunfador*”. Então Antíoco, chorando, segundo dizem, exclamou: “*Envergonhemo-nos, ó soldados, para quem a salvação veio de dezasseis animais. É que, se a novidade do espectáculo não tivesse estarrecido os inimigos, que seria de nós comparados com eles?*” Depois ordenou que no monumento triunfal não se gravasse outra coisa, senão um elefante.

12. É tempo, pois, de eu cuidar de que a minha situação não seja semelhante à de Antíoco, ou seja, em geral inadequada para a batalha, só com uns quantos “elefantes”, uns “espantalhos” esquisitos para aqueles que os viam, enfim, uns truques, pois é isso o que todos elogiam. No que respeita, porém, àquelas qualidades nas quais eu confio, essas não estão lá muito dentro das suas preocupações, mas somente ficam espantados com a representação de um Hipocentauro fêmea, que lhes parece, e é realmente, uma coisa original e monstruosa. Mas quanto ao resto, será que foi em vão que Zêuxis o executou? Não, não foi em vão [no meu caso], pois vós sois bons conhecedores de “pintura” e olhais cada pormenor segundo as regras da arte. Basta que tais obras sejam dignas de serem mostradas num teatro.

(Página deixada propositadamente em branco)

JUSTIFICAÇÃO DE UM LAPSO DITO AO SAUDAR

(Página deixada propositadamente em branco)

INTRODUÇÃO

Entre as diversas convenções sociais que, no tempo de Luciano (e não só...) deviam ser respeitadas, contam-se as fórmulas de saudação. Por exemplo, a saudação matinal “canónica”, equivalente ao nosso *Bom dia!*, era *khairē*, pl. *khairēte* (χαῖρε, χαίρετε), literalmente “alegra-te”, “alegrai-vos”. Entre os Romanos, usava-se, em idêntica situação, *salvē*, pl. *salvēte*, lit.^{te} “que tenhas saúde”, “que passes bem”. No entanto, a fórmula *khairē*, pl. *khairēte* (χαῖρε, χαίρετε) tinha também outras aplicações (v., além do próprio texto de Luciano, os dicionários, p.ex. o de Bailly)

Outra fórmula de saudação era *hūgiaine* (ὕγιαίνε) “que tenhas saúde”, “que estejas bem de saúde”, o oposto de νοσεῖν, mas também outros usos especiais.

Finalmente, *eū práttein* (εὖ πράττειν) “ser feliz nos negócios”, “ter sorte”, “ficar bem”, “passar bem”.

Ora, aconteceu que Luciano, ao saudar matinalmente uma alta personalidade romana em missão (suponho que na província imperial do Egípto, talvez mesmo como *Praefectus Aegypti*, sendo Luciano alto funcionário na mesma província), não terá usado a fórmula canónica, *khairē* (χαῖρε), “Bom dia!”, lit.^{te} “alegra-te”, mas uma espécie de tradução do lat. *salvē!* “que tenhas saúde!”, ou seja, gr. *hūgiaine* (ὕγιαίνε) — saudação que, naquela situação e dirigida a uma personalidade importante, e ainda perante muitos homens ilustres, constituía uma autêntica *gaffe* ou deslize aparentemente imperdoável, que deixou o seu autor muitíssimo envergonhado e o levou a estudar bem o assunto na história da Língua Grega, com o fim de, tanto quanto possível, se justificar. Por isso, lemos abundantes citações dessas três fórmulas, com especial atenção para o famigerado *hūgiainein* (ὕγιαίνειν) [“que tenhas saúde”].

Trata-se, não só, nem principalmente, de uma *justificação*, mas de uma lição “magistral”, uma demonstração de *sapiência*, como, de resto, o próprio Luciano acaba por confessar, com uma certa dose de cinismo (§19):

“Aqui chegado, parece-me, e com alguma razão, que tenho mais qualquer coisa que temer, ou seja, que alguns julguem que foi deliberadamente que eu cometi este lapso, no intuito de redigir esta justificação. Pois que assim seja, meu caro Asclépio, que esta minha obra se mostre, não tanto como uma justificação, mas que seja vista como um pretexto para ostentação [do meu saber].”

E no final do jantar, quando passavam aos discursos inspirados pelo vinho, como:

*Alegra-te', ó Aquiles, de um banquete ||
pra todos por igual não carecemos²⁷,*

quando Ulisses se dirigia a Aquiles aquando da embaixada que lhe havia sido enviada. E do mesmo modo, quando as pessoas se despediam uma da outra, como

*'Alegrai-vos'²⁸, que vou ser para vós ||
um deus imorredoiro, não mortal²⁹.*

tem claramente o *hūgiaínein*³⁰ (ὕγιαίνειν) [“ter saúde”] anteposto ao *kháirein* (χαίρειν) [“alegrar-se”]. Por outro lado, Aléxis³¹ escreve:

*Ó Senhor, 'tem saúde'! Como vens tarde!
em terceiro, alegria, || e nada a ninguém dever.
Tu, Saúde, a mais augusta || das felizes divindades,
quem dera habitar contigo || o resto da minha vida!*

²⁷ Homero, *Iliada*, IX, 225. A seguir ao farto banquete na tenda de Aquiles, Ulisses exorta o herói a repensar a sua renúncia a entrar na guerra contra Tróia.

²⁸ *'Alegrai-vos'*, aqui, equivale a *'Adeus'*, *'Passai bem'*; o mesmo na citação seguinte.

²⁹ Hexâmetro dactílico atribuído a Empédocles e dirigido aos seus discípulos, pouco antes de se lançar no Etna.

³⁰ Na verdade, o texto homérico tem um sinónimo, imperat. *oûle* (οὕλε), “estar intacto”, “estar vigoroso”...

³¹ Aléxis (c.372-270 a.C.), poeta cómico da “Comédia Média” e da “Comédia Nova”, escreveu, segundo a *Suda*, 245 peças, de que nos restam alguns fragmentos e diversas citações... como esta de Luciano.

JUSTIFICAÇÃO DE UM LAPSO DITO AO SAUDAR

1. Se já é difícil para um ser humano evitar uma maquinação de qualquer divindade, muito mais difícil se torna encontrar justificação para uma falta [cometida] por inadvertência e de inspiração divina, situações essas que acabam, ambas, de me acontecer. Foi o caso que, ao dirigir-me a ti para te dar a saudação matinal, eu, um [homem] de oiro³², em vez de te mandar a conhecida palavra habitual e desejar-te *khairein* (χαίρειν) [“alegra-te!”]³³, desejei-te *hügiaínein* (ὕγιαίνειν) [“que tenhas saúde”], fórmula esta também de bom augúrio, mas inadequada para o período da manhã. Logo a seguir, fiquei todo corado e completamente embaraçado, e, entre os presentes, uns pensavam, muito naturalmente, que eu estava louco, outros que eu asneirava devido à minha avançada idade, outros que eu ainda estava toldado pela bebedeira do dia anterior, e só tu reagiste o mais decentemente possível ao sucedido, sem assinalares, nem com uma ponta de riso, o meu lapso de linguagem. Por isso, entendi por bem escrever uma espécie de consolação para mim próprio, para não ficar muito aborrecido com a minha falta e não julgar insuportável o facto de eu, um homem de idade avançada, ter faltado à norma das conveniências diante de pessoas tão distintas. Na realidade, creio que não era necessária uma justificação em defesa de uma língua que cometeu um lapso, sim, mas ao exprimir um voto de tão bom augúrio.

2. Ora, ao iniciar este escrito, cuidava eu que iria encontrar uma tarefa muito difícil, mas, à medida que avançava, ocorreram-me muitas ideias para dizer. Todavia, não vou expô-las, sem antes dizer o que acho das fórmulas *khairein* (χαίρειν) [“alegrar-se”], *eû práttein* (εὖ πράττειν) [“ficar bem”, “passar bem”] e *hügiaínein* (ὕγιαίνειν) [“ter saúde”]³⁴.

³² “[homem] de oiro”, sem a especificação “homem”, sugere o “[asno] de oiro” da conhecida história de Apuleio e do próprio Luciano em *Lúcio* ou *O Burro* (título que traduzi por *Eu, Lúcio — Memórias de um Burro*, vol. II das minhas traduções). Portanto, Luciano sugere a ideia de “eu, grande asno...”.

³³ Como saudação matinal, a fórmula equivale, aqui, ao nosso *Bom dia!*

³⁴ Note-se que as traduções destas fórmulas são *literais*, mas o seu sentido real é outro...

Quanto a *khaírein* (χαίρειν) [“alegrar-se”], trata-se de uma saudação antiga, [de uso] não só matinal e no primeiro encontro [da manhã], pois até mesmo aqueles que se encontravam pela primeira vez a utilizavam, como:

*‘Alegra-te*³⁵, ó Senhor || *desta terra de Tirinte*³⁶,

Nenhum tempo particular estava atribuído a esta saudação, nem era, como actualmente, exclusivamente matinal, mas usava-se mesmo em situações funestas e abomináveis, como diz o Polinices de Eurípides no momento de abandonar a vida:

*‘Alegrai-vos’, pois da morte || as trevas já me rodeiam*³⁷.

Esta fórmula era um sinal não apenas de amizade, mas também de hostilidade e de separação mútua entre as pessoas. Dizer *makrà khaírein* (μακρὰ χαίρειν) [“ir dar uma longa volta”, “ir passear”, “passar muito bem”, “dizer um longo adeus”] significa que deixamos de nos preocupar com isso.

3. Diz-se que Filípides³⁸, fazendo de correio vindo de Maratona, foi o primeiro que, ao anunciar a vitória aos magistrados reunidos e preocupados com o resultado da batalha, disse *‘Alegrai-vos, vencemos’*; e, ao dizer isto, caiu morto juntamente com a notícia e expirou com a palavra *khaírein* (χαίρειν) [“alegrar-se”]. Cléon, o demagogo ateniense, foi o primeiro que, no início de uma carta enviada de Esfactéria, colocou [a fórmula] *khaírein* (χαίρειν) [“alegrar-se”], anunciando a boa-nova da vitória ali [conseguida] e do aprisionamento dos Espartanos. Depois dele, porém, Nícias, escrevendo da Sicília, continuou com o antigo uso nas cartas, iniciando [a sua carta] directamente com o assunto³⁹.

³⁵ A tradução devia ser “Salve!”, mas Luciano tem motivos para interpretar etimologicamente. O mesmo se diga das traduções das outras fórmulas. Nestas condições, dispensar-se-ia a forma métrica das traduções, que poderia aplicar-se só com o sentido real das fórmulas, p.ex., “Salve!”...

³⁶ Trímetro jâmbico de um poeta trágico desconhecido.

³⁷ Eurípides, *Fenícias*, 1453.

³⁸ Heródoto dá a este primeiro “maratonista” o nome de *Fidípides*. Trata-se da vitória dos Atenienses sobre os Espartanos em 424 a.C.

³⁹ “directamente com o assunto”, ou seja, sem qualquer fórmula inicial.

4. Por outro lado, o admirável Platão, conceituado legislador de matérias como esta, aconselha a que se rejeite em absoluto [a fórmula] *khaírein* (χαίρειν) [“alegrar-se”], por ser de mau gosto e não significar nada de preciso, ao passo que introduz, em vez desta, [a fórmula] *eú práttein* (εὖ πράττειν) [“ficar bem”], por ser uma fórmula comum ao corpo e à alma, ambos em boas condições. E escrevendo a Dionísio⁴⁰, censura-o pelo facto de, numa composição em honra de Apolo, ele ter saudado o deus com [a fórmula] *khaírein* (χαίρειν) [“alegrar-se”], como sendo indigna do Pítio e inconveniente, já não digo para os deuses, mas até mesmo para homens de bom gosto.

5. O divino Pitágoras, embora não se tenha dignado deixar-nos nenhum dos seus escritos, tanto quanto se pode julgar através de Ocelo da Lucânia⁴¹, de Arquitas e de outros seus discípulos, não iniciava as cartas nem com *khaírein* (χαίρειν) [“alegrar-se”], nem com *eú práttein* (εὖ πράττειν) [“ficar bem”], mas preconizava que se comesasse por *hügiaínein* (ὕγιαίνειν) [“ter saúde”]. De facto, todos os que eram dessa escola, ao corresponderem-se uns com os outros, sempre que se tratava de assunto sério, escreviam, desejando logo de início, *hügiaínein* (ὕγιαίνειν) [“ter saúde”], pois isso era o que mais convinha quer à alma, quer ao corpo, e compreendia o conjunto dos bens do homem. O seu tripló triângulo, lá entre eles o “pentagrama”⁴², que os da mesma seita utilizavam como senha, era por eles designado por *hügieia* (ὕγεια) [“saúde”]. Em resumo, consideravam que (εὖ πράττειν) [“ficar bem”] e *khaírein* (χαίρειν) [“alegrar-se”] estavam incluídos em *hügiaínein* (ὕγιαίνειν) [“ter saúde”], ao passo que nem (εὖ πράττειν) [“ficar bem”] nem *khaírein* (χαίρειν) [“alegrar-se”] incluíam inteiramente *hügiaínein* (ὕγιαίνειν) [“ter saúde”]. Também há quem [entre eles] considere como o seu juramento mais solene o *quatérnion*⁴³, que para eles constitui o número perfeito, a que chamaram “o princípio da saúde”. A este grupo pertence também Filolau.

⁴⁰ Dionísio, tirano de Siracusa.

⁴¹ Ocelo da Lucânia, filósofo pitagórico, séc. I a.C. (?); Arquitas de Tarento (séc. IV a.C.), matemático, géometra e filósofo pitagórico.

⁴² *Pentagrama* ou *pentalfa* (Ψ).

⁴³ O *quatérnion*, em gr. *tetraktús* (τετρακτύς) era o número «10», a soma de 1+2+3+4, representado por uma figura triangular, em que o vértice tem um (1) ponto, a base quatro (4) pontos e dois níveis intermédios com, respectivamente, dois e três pontos.

6. Mas para quê falar dos antigos, quando Epicuro, homem que muito apreciava a alegria⁴⁴, escolheu, nas suas cartas mais importantes (das quais possuímos umas quantas, poucas), o prazer acima de todos os bens, mas que, sobretudo nas cartas aos seus amigos mais queridos, coloca logo no início o *hūgiaínein* (ὕγιαίνειν) [“ter saúde”]? Também na tragédia e na comédia antiga poderás encontrar [a fórmula] *hūgiaínein* (ὕγιαίνειν) [“ter saúde”] dita logo em primeiro lugar. De facto, o verso

‘Tem saúde’ e ‘alegra-te’⁴⁵...

Por outro lado, Aqueu⁴⁶ escreve:

Aqui venho depois de cometer || terrível acto, e tu, ‘tenhas saúde’.

E Filémon⁴⁷:

Saúde peço primeiro, || logo a seguir bom aspecto,

Realmente, que é que diz o autor do escólio citado por Platão? [Que] *hūgiaínein* (ὕγιαίνειν) [“ter saúde”] é o melhor, em segundo lugar *kalòn genésthai* (καλὸν γενέσθαι) [“ser belo”], em terceiro lugar *plouteîn* (πλουτεῖν) [“ser rico”], mas não fez qualquer menção de *khaírein* (χαίρειν) [“alegrar-se”]... isto para não te citar aqueles conhecidíssimos versos que andam na boca de toda a gente⁴⁸:

Assim, se a Saúde é a mais augusta, também a sua função, *hūgiaínein* (ὕγιαίνειν) [“dar saúde”], deve prevalecer sobre os outros bens.

7. Embora podendo apresentar-te mil outras citações de poetas, historiadores e filósofos que põem *hūgiaínein* (ὕγιαίνειν) [“ter saúde”] em primeiro lugar, renuncio a esse processo, para que este meu escrito não caia numa falta de gosto [própria]

⁴⁴ O gr. diz “se alegrava com a alegria”, *khaírōn tōi khaírein* (χαίρων τῷ χαίρειν).

⁴⁵ Homero, *Odisseia*, XXIV, 402: Palavras do velho servo de Ulisses, Dólio, no regresso do seu amo.

⁴⁶ Aqueu, poeta trágico posterior a Sófocles.

⁴⁷ Filémon, poeta da Comédia Média.

⁴⁸ Versos atribuídos a Árifron (poeta lírico, séc. IV a.C.), início de um péan em honra da deusa *Hūgíeia* (Ἕγυῖα), “Saúde”.

de adolescente e nos arrisquemos a “*tirar um prego com outro prego*”⁴⁹. No entanto, vou lembrar-te alguns casos que me ocorrem da história antiga e são adequados à presente situação.

8. Como conta Êumenes de Cárdia na sua epístola a Antípatro, quando Alexandre estava prestes a travar a batalha de Isso, Heféstion, tendo entrado logo de manhã na sua tenda, ou por descuido, ou por perturbação, como me aconteceu a mim, ou devido ao facto de uma qualquer divindade o forçar a isso, disse o mesmo que eu: “*Hügiaine* (Ὑγιαίνε) [“Tem saúde”], *ó rei, está na hora de alinhar as tropas*”. Como os presentes tivessem ficado perturbados com esta estranha saudação, e como Heféstion ficasse para morrer de vergonha, Alexandre disse: “*Aceito o presságio, pois ele anuncia que voltaremos sãos e salvos da batalha.*”

9. Também Antíoco *Sóter*⁵⁰, quando estava prestes a entrar em combate com os Gálatas, julgou ver, num sonho, Alexandre debruçado sobre si, ordenando-lhe que desse ao exército, como grito de guerra antes da batalha, o *hügiainein* (ὕγιαίνειν) [“ter saúde”], e foi com este grito de guerra que ele venceu essa batalha.

10. Ptolemeu, filho de Lago⁵¹, escrevendo a Seleuco, inverteu a ordem, saudando, no início da carta, com *hügiainein* (ὕγιαίνειν) [“ter saúde”], ao passo que no final, em vez de *errôsthai* (ἐρρῶσθαι) [“ser forte”], escreveu o *khairein* (χαίρειν) [“alegrar-se”], conforme nos diz Dionisodoro, compilador das suas epístolas.

11. Também vale a pena mencionar Pirro, [rei] do Epiro, homem que passa por ser o segundo, a seguir a Alexandre, em assuntos militares e que passou por mil vicissitudes da Fortuna. Ora este, quando orava, ou sacrificava, ou fazia uma oferenda aos deuses, nunca lhes pedia nem a vitória, nem maior poderio

⁴⁹ “*tirar um prego com outro prego*”, provérbio, que significa “resolver um problema, criando outro”.

⁵⁰ “*Sóter*” é a forma, aportuguesada segundo as regras, correspondente ao gr. *Sōtēr* (Σωτήρ) “Salvador”. Note-se que em *Zêuxis* ou *Antíoco*, §§8-11, a vitória de Antíoco sobre os Gálatas foi devida à utilização de dezasseis elefantes...

⁵¹ Ptolemeu, filho de Lago, Ptolemeu I, também cognominado *Sóter*, como Antíoco.

real, nem glória, nem excesso de riqueza, mas, pelo contrário, só lhes pedia uma única coisa, *hūgiaínein* (ὕγιαίνειν) [“ter saúde”], porquanto [acreditava que]⁵², possuindo esse bem, facilmente os outros lhe viriam por acréscimo. E julgo que ele pensava muitíssimo bem, ao considerar que todos os outros bens de nada servem, se lhes faltar este único, *hūgiaínein* (ὕγιαίνειν) [“ter saúde”].

12. “Pois sim — dir-se-á —, mas actualmente foi por nós estabelecido o tempo próprio para cada uma [dessas fórmulas]; tu, porém, alteraste as coisas, e, mesmo que não tenhas cometido nenhum erro, ainda assim, no que toca ao justo uso do termo, não te livras do lapso, como alguém que pusesse um elmo à volta da perna, ou umas caneleiras à volta da cabeça.” Mas, meu caro — retorquir-te-ia eu —, terias razão ao dizer tal coisa, caso existisse um tempo que não carecesse de saúde; mas, no caso presente, de manhã, à tarde e à noite, temos sempre necessidade de saúde, especialmente vós, os magistrados e homens de negócios, que, na maior parte dos casos, necessitais de vigor físico. Ora, aquele que disse *khaíre* (χαίρε) [“alegra-te”], apenas se serviu, logo de início, de uma palavra de bom augúrio, algo que não passa de um voto, ao passo que aquele que te cumprimenta com *hūgiaínein* (ὕγιαίνειν) [“ter saúde”], não só faz algo de útil, mas também te recorda dos procedimentos que contribuem para *hūgiaínein* (ὕγιαίνειν) [“ter saúde”], uma vez que não se limita a desejar, mas também a aconselhar.

13. E então? No livro de ordens que vós constantemente recebeis da parte do Imperador, não vem logo em primeiro lugar este conselho, que cuideis da vossa saúde?⁵³ E com muita razão. De facto, não resultaria qualquer vantagem, se vós não estivésseis nessa condição [de saúde]. Mas mesmo vós próprios — se é que eu entendo alguma coisa da língua dos Romanos —, estendendo também vós a mão aos que vos saúdam, correspondeis muitas vezes com a palavra *hūgíeia* (ὕγίεια) [“saúde”]⁵⁴.

⁵² “[acreditava que]” é Luciano a transmitir a crença de Pirro, o que, no texto, está representado por *hōs* (ὥς).

⁵³ A fórmula típica entre os Romanos era, p.ex.: CICERO ATTICO SALVTEM.

⁵⁴ Trata-se do lat. *salve!* ou *vale atque salve*, fórmulas de saudação aqui tomadas etimologicamente no senti do “tem saúde”. “passa bem”...

14. Se disse tudo isto, não foi no sentido de eliminar deliberadamente *khaírein* (χαίρειν) [“alegrar-se”] e pôr em vez desta (fórmula) *hügiáinein* (ὕγιαίνειν) [“ter saúde”], mas sim por um lapso involuntário, pois, caso contrário, tornar-me-ia ridículo, ao [pretender] inovar e trocar os tempos das saudações.

15. Até dou graças aos deuses pelo facto de o meu lapso se ter transformado noutra coisa bem mais auspiciosa e eu ter “escorregado” para algo melhor... o que talvez tenha acontecido por inspiração de Hígia⁵⁵ e do próprio Asclépio, prometendo-vos, através da minha pessoa, *hügiáinein* (ὕγιαίνειν) [“ter saúde”]. Sim, como é que me aconteceu uma coisa destas, a não ser por acção de uma divindade, a mim, que nunca antes, em toda a minha longa vida⁵⁶, me tinha confundido desta maneira?

16. Se, porém, devo apresentar uma justificação humana em defesa do acontecido, [darei que] não é de maneira nenhuma estranho que eu, ao esforçar-me por ser conhecido por ti pelas melhores razões, me tenha enervado devido a esse tão grande desejo, e tenha caído na situação oposta. Ou talvez me tivesse desviado do recto raciocínio a multidão de soldados, alguns dos quais avançavam acotovelando-se, e outros não permaneciam na fila, na ânsia de se dirigirem a ti⁵⁷.

17. Mas estou convicto de que, apesar de os outros terem atribuído o incidente a ignorância, ou incultura, ou demência minha, tu tomaste-o como sinal de respeito, de simplicidade⁵⁸ e de espírito que não tinha nada de mundano nem de sofisticado. Sim, que é nesses ambientes que reina o extremo atrevimento,

⁵⁵ Hígia, gr. *Hügieia* (Ἕγείεια), a Saúde divinizada; Asclépio (o romano Esculápio), filho de Apolo, é o deus da Medicina.

⁵⁶ “em toda a minha longa vida”, expressão que, juntamente com a informação de que se dirige especialmente a um funcionário imperial (v. §13), aponta para o facto de este escrito datar da fase final da vida de Luciano, como alto funcionário na província *imperial* do Egipto.

⁵⁷ Sugiro que esta importante personagem seria o *Praefectus Aegypti*, ba sua chegada a esta província imperial, onde o alto funcionário Luciano o recebeu com uma saudação inspirada (conscientemente ou não) pela fórmula latina *Vale!*, ou seja, o “famigerado” e infeliz *hügiaine* (ὕγιαίνε) “Tem saúde!”, em vez do “canónico” *khaíre* (χαίρε), lit.^{te} “alegra-te”... “Viva!”, “Bem-vindo!”...

⁵⁸ “simplicidade”, ou, talvez, “informalidade”.

que não anda longe da insolência e do despudor. Oxalá eu nunca mais cometa semelhante lapso... mas, se tal acontecer, que ele se converta em bom augúrio.

18. Diz-se que no reinado do primeiro “Augusto”⁵⁹ ocorreu um caso semelhante a este. Aconteceu que o Imperador, tendo, em certo processo, julgado correctamente e absolvido um homem falsamente acusado de um crime capital, este, agradecendo-lhe em alta voz, disse: *“Estou-te reconhecido, ó Imperador, por teres emitido uma sentença tão má e tão injusta.”*. Então, como os que rodeavam o Imperador tivessem ficado escandalizados e pretendessem despedaçar o homem, o Imperador disse: *“Não é a língua deste homem que devemos considerar, mas sim a sua intenção.”* Assim falou o Imperador. Também tu, se considerares a minha intenção, acharás que ela te é favorável, mas a própria língua também é auspiciosa.

19. Aqui chegado, parece-me, e com alguma razão, que tenho mais qualquer coisa que temer, ou seja, que alguns julguem que foi deliberadamente que eu cometi este lapso, no intuito de redigir esta justificação. Pois que assim seja, meu caro Asclépio, que esta minha obra se mostre, não tanto como uma justificação, mas que seja vista como um pretexto para ostentação [do meu saber].

⁵⁹ O primeiro “Augusto” foi Octávio. Este título foi-lhe outorgado pelo Senado em 26 a.C., e passou para todos os imperadores.

HARMÓNIDES

(Página deixada propositadamente em branco)

INTRODUÇÃO

Luciano compõe uma *sústasis* (σύστασις) ou “recomendação”, dirigida a uma alta personalidade romana na província da Macedónia, talvez mesmo o seu governador, a fim de obter dele o elogio público do valor da sua produção literária.

Tal como na *prolalía* (προλαλία), ou “prefácio” *Heródoto* ou *Aécion*, trata-se de conseguir a máxima glória com o mínimo de incómodo na sua divulgação. Assim — recorde — o historiador Heródoto e o pintor Aécion apresentaram a respectiva obra em Olímpia, por ocasião dos Jogos Olímpicos.

Neste opúsculo, Luciano invoca o caso de Harmónides, tocador de flauta, que pede conselho ao seu mestre Timóteo, no sentido de se tornar famoso. A resposta do mestre é algo diferente da “solução” encontrada por Heródoto e Aécion, uma vez que Timóteo, embora sem o afastar das exhibições para o grande público, preconiza com muita insistência que o seu discípulo procure antes o elogio das pessoas mais cultas e de maior prestígio, pois estas, com a sua influência sobre as grandes massas ignorantes das coisas do espírito, farão a rápida e efectiva “propaganda” do homem de talento.

Harmónides, infelizmente, não chegou à almejada glória, uma vez que, logo na sua primeira apresentação nas Grandes Dionísias, fez tanto esforço, que exalou em cena o último suspiro.

Luciano decide, pois, apresentar a sua obra a uma alta personalidade da administração romana, confiado em que esta reunia em si como que os “votos” de milhares de pessoas. Era como se concorresse realmente com outros candidatos, contando, porém, se necessário, com o voto de qualidade de um “membro do júri”.

Já sabíamos que Luciano tinha, aliás muito justamente, um alto conceito de si próprio, mas necessitava, como tantas vezes acontece, da respectiva “promoção” e do merecido reconhecimento público.

(Página deixada propositadamente em branco)

HARMÓNIDES

1. Harmónides, tocador de flauta, perguntava um dia a Timóteo, seu mestre: *“Diz-me cá, ó Timóteo: Como é que eu poderia tornar-me famoso nesta arte? Que é que devo fazer, para que todos os Gregos me conheçam? Na verdade, quanto às outras coisas, já tu me ensinaste... e muito bem, como p.ex. ajustar a flauta com precisão, soprar algo levemente e harmoniosamente no bocal, colocar os dedos com bom contacto⁶⁰, tanto na arse⁶¹ como na tese, movimentar-me ritmicamente, executar a música em sincronia com o coro e respeitar as características de cada “modo”: o frenesi do modo frígio, a excitação báquica do lídio, a majestade do dórico e a graça do jónio — tudo coisas que eu aprendi contigo. Todavia, o mais importante, aquilo que me levou a optar pela arte da flauta, não vejo como é que, nessa base, o conseguiria, ou seja, a fama na boca de toda a gente, bem como ser assinalado no meio da multidão e apontado a dedo, e, sempre que aparecesse [em público], todos se voltassem para mim, pronunciassem o meu nome e dissessem: ‘É este o famoso Harmónides, o excelente tocador de flauta’, tal como tu, Timóteo, quando, tendo saído pela primeira vez da tua terra, na Beócia, acompanhaste à flauta a [tragédia] Pandiónide⁶² e obtiveste a vitória no Ajax Furioso⁶³,*

⁶⁰ “com bom contacto”, *euaphôs* (εὐαφῶς): Há quem entenda “delicadamente”, mas penso que se trata de colocar firmemente os dedos nos furos da flauta, para que não saia ar indevidamente.

⁶¹ A *arse*, *ársis* (ἄρσις) é o gesto de “levantar” (o pé, o dedo...), e corresponde, na métrica, a uma sílaba *breve*, enquanto a *tese*, *thésis* (θέσις) significa o movimento contrário e uma sílaba *longa*. Aqui, trata-se de marcar o *compasso*.

⁶² Pandiónide, ou seja “filha de Pandión”. Este, rei de Atenas da dinastia de Erectónio, teve duas filhas, Procne (esposa do trácio Tereu) e Filomela. A lenda, muito escabrosa, diz que Tereu violou a cunhada, e então, para que ela não contasse o caso, cortou-lhe a língua, mas Filomela arranhou maneira de, através de um bordado, contar toda a história. Procne vingou-se do marido, dando-lhe a comer o seu próprio filho, Ítis. Foi a vez de Tereu tentar vingar-se das irmãs, as quais, no entanto, foram salvas pelos deuses, que as transformaram, respectivamente, em rouxinol (Procne) e em andorinha (Filomela). Note-se que, noutra versão, Filomela é que é a esposa de Tereu, e Procne a cunhada por este violada; também se alteram as metamorfoses. Em qualquer dos casos, o tocador de flauta tinha muito que interpretar...

⁶³ Tragédia de Sófocles, inicialmente musicada por um outro Timóteo (natural de Mileto, 446-356 a.C.), e mais tarde também pelo seu homó-

da qual o teu homónimo compôs a música, após o que não havia ninguém que não conhecesse o nome de Timóteo de Tebas. E mesmo aqui e agora, quando tu apareces, correm todos para ti, como os pássaros à volta de uma coruja. Foi nesse intuito que eu anseiei por me tornar tocador de flauta, e foi por isso que eu me tenho esforçado tanto. Na verdade, não aceitaria o simples facto de tocar flauta sem ser famoso e se com isso continuasse a ser um desconhecido, nem mesmo que viesse a tornar-me um Mársias ou um Olimpo... despercebidos. De facto, como sói dizer-se, de nada serve uma música secreta e oculta. Portanto, peço-te, ensina-me também a maneira de ser útil ao mesmo tempo a mim e à minha arte, e então ficar-te-ei duplamente grato, quer pela arte da flauta, quer — o mais importante — pela glória daí resultante.”

2. Então Timóteo respondeu-lhe: “Mas... ó Harmónides, tu anseias por uma coisa que, como bem sabes, não é de pequena monta, como o elogio, a fama, e ser assinalado e conhecido de muita gente, mas, se pretendesses alcançar esse objectivo apresentando-te em demonstrações perante multidões, isso levaria um longo tempo, e nem mesmo assim serias conhecido de toda de toda a gente. Sim, onde se acharia um teatro ou um estádio tão espaçoso, no qual pudesses tocar para todos os Gregos? Mas eu vou dar-te este conselho, para que tu, tendo-o seguido, fiques conhecido deles e assim chegues ao termo do teu desejo. Pois sim, toca a tua flauta, de vez em quando, nos teatros, mas faz pouco caso das multidões. No entanto, o caminho mais curto e mais fácil que conduz à glória é o seguinte: Na verdade, se escolheres, de entre os Gregos, os mais excelentes, aliás poucos, que são pessoas de topo, indiscutivelmente admiráveis e dignos de crédito em qualquer dos dois pareceres⁶⁴, se — repito — lhes fizeres uma demonstração das tuas peças de flauta, e se eles te elogiarem, tem como certo que, dentro de pouco tempo, já serás conhecido de todos os Gregos. Ora repara como eu coloco a questão: Na verdade, se aqueles que todos conhecem e admiram reconhecerem que tu és um exímio tocador de flauta, para que precisas tu das multidões, que, de toda a maneira, seguirão os que são capazes do melhor julgamento? Realmente, esse povo numeroso

nimo e mestre de Harmónides, e que tocava flauta maravilhosamente para Alexandre Magno...

⁶⁴ “em qualquer dos dois pareceres”, gr. *ep' amphótera* (ἐπ' ἀμφότερα), ou seja, tanto no elogio como na censura.

é constituído por pessoas que não têm a noção de beleza, na sua maioria rudes artesãos, que acreditam que aquele que os proeminentes elogiam não foi elogiado sem [uma boa] razão, e por isso também eles o elogiam. De facto, nos concursos públicos, são muitos os espectadores que sabem aplaudir ou assobiar, mas quem julga são sete, ou cinco, ou lá quantos são.”

3. Harmónides não chegou a pôr em prática este conselho, pois, segundo se diz, enquanto tocava, na primeira vez em que concorreu, soprou com tanta força, que deu o último suspiro para dentro da flauta e morreu em cena, sem ser coroado, tendo tocado flauta pela primeira e última vez nas Dionísias.

Ora, creio bem que este discurso de Timóteo não se aplica somente aos tocadores de flauta e a Harmónides, mas a todos quantos aspiram à glória, mostrando publicamente algo de si e pedindo o elogio das multidões. Também eu, por exemplo, quando reflectia em algo semelhante a meu respeito e procurava a maneira de ser o mais depressa possível conhecido de toda a gente, segui o conselho de Timóteo e procurei saber qual era o mais excelente homem nesta cidade, ao qual os outros dessem crédito e que valesse por todos. Assim, foste tu que me pareceste corresponder àquele justo discurso, tu, a súmula de toda a excelência, ou, como sói dizer-se, o padrão e a recta medida dessas matérias. Então, se eu te apresentasse as minhas obras e tu as elogiasses — oxalá elas assim te pareçam! —, certamente atingiria o cúmulo da minha esperança, ao receber, num só voto, os [votos] de todos. Realmente, quem poderia preferir à tua pessoa qualquer outra, sem ser considerado, e muito justamente, um louco? Assim, em teoria, vou “lançar o dado”⁶⁵ dependente de um único homem, mas na realidade é como se convocasse para um teatro comum homens vindos de toda a parte e lhes expusesse as minhas obras. Sim, é óbvio que tu serias superior, quer a cada um separadamente, quer a todos eles juntos. Os reis dos Lacedemónios, enquanto cada um dos outros [cidadãos] dispunha de um único voto, eles, e só eles, dispunham cada um⁶⁶ de dois votos, mas tu

⁶⁵ “lançar o dado”, metaforicamente, significa, afinal, um certo risco, o de fazer depender de um só homem a apreciação da sua obra.

⁶⁶ Os Lacedemónios tinham *dois* reis, com funções sobretudo políticas e militares...

dispões, além disso, dos votos dos “éforos”⁶⁷ e, também, dos “senadores”... numa palavra, tu, em matéria de cultura, reúnes mais votos que todos os outros, tanto mais que tens sempre o voto branco⁶⁸, aquele que absolve, facto que me dá ânimo na presente situação, embora receoso, e com toda a razão, devido à grandeza do meu atrevimento. Mas, por Zeus!, aquilo que me dá ainda mais ânimo é o facto de os meus interesses não serem alheios à tua pessoa, uma vez que eu sou natural daquela cidade que tu muitas vezes beneficiaste, primeiro a essa cidade em particular, e depois em conjunto com toda a nação⁶⁹. Assim sendo, se porventura, nesse momento, os votos se inclinarem, na contagem, em meu prejuízo e os votos favoráveis forem em menor número, tu, acrescentando o voto de Atena⁷⁰, completa da tua parte o que falta, e que essa correcção seja levada a teu crédito pessoal.

4. Na verdade, não me basta que muitos me tenham anteriormente admirado, que já seja famoso, que as minhas obras⁷¹ sejam elogiadas pelos ouvintes. Tudo isso são, como sói dizer-se, sonhos vaporosos, sombras de elogios. Mas é agora que a verdade vai ser revelada, é este o limite exacto das minhas aspirações, já sem qualquer contestação e sem que alguém possa duvidar, mas, pelo contrário, deverei ser considerado o mais excelente

⁶⁷ Aqui em sentido figurado, tal como, a seguir, “senadores”. Os éforos eram, em Esparta, em número de cinco, e acabaram por ter um poder superior ao dos próprios (dois) reis. Dirigiam superiormente a política estrangeira e a defesa nacional, os assuntos internos, tinham atribuições judiciais... V. P. Lavedan, *Dict. illustré de la mythologie et des antiquités grecques et romaines*, “Hachette”, 1959, s.u. *Éphores*.

⁶⁸ Cada juiz possuía dois “votos”, inicialmente um seixo branco (de absolvição) e um seixo negro (de condenação). Metia na urna “do réu” um dos seixos, e o outro numa segunda urna. Mais tarde, passou a votar-se com duas rodelas de bronze, uma das quais era furada no centro (condenação), de modo que os dedos tapavam essa parte, para que não se visse o furo; a outra rodela (de absolvição) era completamente cheia. Aqui, o “voto branco” funciona como voto de qualidade ou de desempate, como se vê a seguir..

⁶⁹ Recorde-se que Luciano era natural de Samósata, capital do antigo reino de Comagena, situado a norte da Síria, na margem direita do Eufrates.

⁷⁰ Nas *Euménides* de Ésquilo, Atena utiliza o voto de qualidade para salvar Orestes. Em termos latinos, diz-se *o voto de Minerva*.

⁷¹ “obras”, *lógoi* (λόγοι), incluindo discursos e outras obras em prosa, nomeadamente os discursos de aparato ou declamações (*epideixeis*, ἐπιδείξεις), mas também outras obras lidas e / ou escutadas...

em termos de cultura, ou [pelo menos], de entre todos⁷²... Bem... devo usar palavras de bom augúrio ao entrar num concurso tão importante. Ó deuses!, fazei que sejamos dignos⁷³ de sermos falados, e confirmai o elogio das outras pessoas, de maneira que, daqui por diante, ousemos apresentar-nos diante das multidões. Na verdade, todo e qualquer estádio é muito pouco de temer, para quem triunfou nas Grandes Olimpíadas.

⁷² “de entre todos”: Luciano interrompe abruptamente o discurso, que continuaria: “de entre todos *os concorrentes...*”, *como se estivesse a discursar em... Olímpia*, o cenário ideal para ser reconhecido por todos. Na impossibilidade de se apresentar em Olímpia, Luciano contenta-se com o “voto de qualidade” de uma alta personalidade romana (governador da Macedónia?).

⁷³ “de entre todos”, etc., plurais majestáticos... para dar mais... majestade ao final do discurso.

(Página deixada propositadamente em branco)

DISCUSSÃO COM HESÍODO

(Página deixada propositadamente em branco)

INTRODUÇÃO

Licino (Luciano) critica a ideia do *poeta-profeta*, o romano *uates*, o “vate”. Para isso, toma como paradigma Hesíodo, que declara (*Teogonia*, 31-32), que as Musas lhe haviam inspirado um canto divino, para que ele celebrasse o *futuro* e o *passado*. No que respeita ao passado, Licino considera-se satisfeito com a descrição da génese dos deuses e, noutra obra, com a lista das antigas heroínas. Do mesmo modo, não faz grande objecções à poesia didáctica sobre a temática da agricultura. O que, porém, o deixa perplexo, e até escandalizado, é o facto de o poeta não nos ter deixado qualquer poema sobre o futuro, o que, para Licino, tem uma de três explicações (§2): “*Ou tu mentiste — coisa amarga de dizer — afirmando que as Musas te teriam prometido que serias capaz de predizer o futuro, ou elas te concederam [esse dom], como haviam prometido, mas tu, por má-vontade, escondes e guardas no teu peito esse dom, não o compartilhando com quem dele necessita, ou então já escreveste muitas obras nesse sentido, mas ainda não as divulgaste em público, reservando o seu uso para uma outra oportunidade.*”

Hesíodo tenta então justificar-se, atribuindo às Musas as imprecisões ou omissões, pois o poeta só se responsabiliza pela matéria de que ele é conhecedor: a agricultura, matéria em que faz certas previsões muito úteis à vida humana. Além disso, há que dar o devido desconto às liberdades e certas prerrogativas da composição poética.

No que respeita às alegadas previsões relativas à agricultura, Licino não se deixa iludir, pois não se trata propriamente de “adivinhações”, mas de “conselhos”, e, em todo o caso, nessa matéria, os especialistas não são os pastores, como Hesíodo, mas os agricultores.

E fica a crítica de base: Hesíodo, a quem as Musas teriam dado o dom da profecia, não possui, ou pelo menos não demonstra possuir esse dom.

É subtilmente... manifesto que Licino (Luciano!) põe as maiores dúvidas no poder divinatório dos poetas-profetas... e de todos os poderes divinatórios em geral. Assim, este opúsculo insere-se na onda de ceticismo ou de duro criticismo de ideias e práticas mítico-religiosas.

(Página deixada propositadamente em branco)

DISCUSSÃO COM HESÍODO

1. LICINO — Que tu, ó Hesíodo, sejas um excelente poeta e que tenhas recebido das Musas esse dom, juntamente com o [ramo de] loureiro, tu próprio o mostras nos versos que compões, todos eles divinamente inspirados e venerandos, e nós acreditamos que assim seja. Uma coisa, porém, me deixa confuso: Porque é que tu, ao dizeres sobre ti próprio que então terias recebido⁷⁴ das divindades esse divino canto, a fim de glorificar e celebrar o passado e profetizar o futuro, cumpriste muito cabalmente uma dessas tarefas — narrando a génese dos deuses, recuando até aos primeiros de entre eles⁷⁵: *Kháos* (Χάος) [“Caos”], *Gê* (Γῆ) [“Terra”], *Ouranós* (Οὐρανός) [“Céu”] e *Érōs* (Ἔρως) [“Amor”], depois as virtudes das mulheres, e conselhos sobre a agricultura, como [conhecimentos sobre] as Pléiades, as épocas próprias para a lavragem, a colheita e a navegação, enfim, sobre todas as outras actividades—, ao passo que, no que toca à outra tarefa, que era de longe a mais útil á vida e mais aparentada com os dons dos deuses — refiro-me à profetização do futuro —, não nos revelaste absolutamente nada, mas deixaste no esquecimento toda essa parte, não imitando, em parte alguma dos teus poemas, Calcante⁷⁶, ou Télemo, ou Poliido, ou Fineu, os quais, sem terem recebido das Musas esse dom, mesmo assim faziam profecias e não hesitavam em proferir oráculos para aqueles que os solicitavam.

2. Assim sendo, é absolutamente forçoso que tu estejas sujeito a uma destas três acusações: ou tu mentiste — coisa amarga de dizer — afirmando que as Musas te teriam prometido que serias capaz de predizer o futuro, ou elas te concederam [esse dom], como haviam prometido, mas tu, por má-vontade, escondes e guardas no teu peito esse dom, não o compartilhando com quem dele necessita, ou então já escreveste muitas obras nesse

⁷⁴ “terias recebido”... é Licino (Luciano) a falar pelo poeta, mas sem se comprometer...

⁷⁵ Referência à *Teogonia*; a seguir, alude ao *Catálogo das Mulheres* ou (se não constitui obra à parte) *Éoiái* (Ἔοιαι) “*Ou aquelas...*”, pois cada exemplo de mulher começava pela frase ἔἠοιῆ (Ἔοιῆ) “*Ou aquela...*”; finalmente, refere-se ao *Trabalhos e Dias*.

⁷⁶ Calcante (ou Calcas), Télemo, Poliido e Fineu eram famosos adivinhos: v. P. Grimal, *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*, Trad. port. de V. Jabouille *et alii*, “Difel”, 4ªed., 2004.

sentido, mas ainda não as divulgaste em público, reservando o seu uso para uma outra oportunidade. Na verdade, eu não me atreveria a afirmar que as Musas, ao prometerem oferecer-te duas coisas, só te deram uma, sonogando-te metade da promessa — refiro-me ao conhecimento do futuro —, tanto mais que prometeram essa parte em primeiro lugar no teu verso⁷⁷.

3. Mas então de que outro, senão de ti mesmo, ó Hesíodo, poderia uma pessoa saber a verdade? De facto, uma vez que os deuses são “dadores de bens”⁷⁸, conviria que vós, que sois seus amigos e discípulos, nos explicásseis com toda a verdade tudo aquilo que sabeis e desfizésseis as nossas dúvidas.

4. HESÍODO — Eu poderia, meu caro, dar-te uma resposta fácil a respeito de tudo isso, a saber, que nos meus poemas não há nada [que seja] estritamente meu, mas sim das Musas, pelo que seria a elas que tu devias pedir contas do que [através delas] foi dito ou foi omitido. Eu, propriamente, no que respeita àquelas matérias que particularmente conhecia — refiro-me aos trabalhos e preceitos para o tratamento, pastorícia, condução e ordenha do gado, enfim todas as actividades dos pastores —, estaria em condições de me justificar. Aquelas divindades, porém, transmitem os seus dons a quem entendem e na medida em que consideram por bem.

5. Em todo o caso, não te deixarei sem uma justificação em termos poéticos. Na verdade, não deves, julgo eu, exigir dos poetas que eles exprimam rigorosa e completamente, até às mais pequenas minúcias, sílaba por sílaba, o seu pensamento, nem criticá-los asperamente, se porventura, ao longo da composição poética, lhes escapa inconscientemente alguma imperfeição, pois deves saber que nós introduzimos muitas coisas [nos versos], para efeitos quer de métrica, quer de eufonia. coisas essas que, por serem geralmente harmoniosas, o próprio verso, não sei lá

⁷⁷ Hesíodo, *Teogonia*, 31-32: “... inspiraram-me um canto / divino, para que eu celebre o futuro e o passado”, lit.^{te} “as coisas que serão e as que antes foram”, *tá essómēna pró t’ eón̄ta* (τά τ’ ἐσσόμενα τά τ’ ἐόντα). Note-se que era essa a ordem pedida pela... métrica, mas Luciano aproveita o facto em proveito da sua tese.

⁷⁸ “dadores de bens”, *dōtēres eáōn* (δωτῆρες ἐάων), expressão da *Odisseia*, VIII, 325.

como, aceita bem. Tu, porém, pretendes retirar-nos a maior das nossas prerrogativas — refiro-me à liberdade e à faculdade criativa. Mas tu não reparas em quantas coisas belas existem na poesia, e então seleccionas umas “aparas” e uns “espinhos” e procuras aí uma “pega” para [sustentar] a tua acusação. E não és tu o único a fazer críticas corrosivas, nem somente contra mim, pois muitos outros o fazem relativamente ao meu colega Homero, apontando umas coisas muito miudinhas e muitíssimo insignificantes.

6. No entanto, já que tenho de avançar contra a tua acusação e proceder a uma defesa muito directa, lê, meu caro, os meus *Trabalhos e Dias*, pois ficarás a saber tudo quanto eu, nesse poema, divinatória e profeticamente anuncio, ao mostrar com antecedência os resultados dos trabalhos efectuados correctamente e em seu devido tempo, bem como os danos [causados] por negligência... e então,

*numa cesta as levarás, || e poucos te olharão maravilhados*⁷⁹.

E mais adiante, [digo] quantos benefícios advirão aos que trataram correctamente a terra, o que deve ser considerado uma previsão utilíssima para a vida [humana].

7. LICINO — Essas tuas palavras, ó admirável Hesíodo, são mesmo de pastor⁸⁰, e tu próprio parece comprovar a verdade da inspiração das Musas, pois não és capaz de justificar os teus versos. Mas não é essa a adivinhação que nós esperávamos da tua parte e da parte das Musas, porquanto, nessa matéria, os lavradores são muito melhores adivinhos que vós⁸¹ e mais capazes de nos fornecer previsões nessa matéria, ou seja, que, se a divindade tiver mandado chuva, as searas serão florescentes; se sobrevier uma seca e os campos estiverem sequiosos, não haverá forma de evitar que à sede dos campos se siga a fome; que não se deve lavrar em pleno Verão, pois, com toda a

⁷⁹ Hesíodo, *Trabalhos e Dias*, 482, mas é preciso ter presentes (como Licino certamente tinha) os vv. 479-481, que dizem, resumidamente, que, se lavrares a terra no solstício de Inverno, colherás poucas e raquíticas espigas, e então... (v. 482).

⁸⁰ “de pastor”... entenda-se: e não de lavrador! /v. a seguir).

⁸¹ “vós”, i. é, “tu e as Musas”, ou “vós, os pastores”...

evidência, não haveria vantagem em espalhar a semente; nem ceifar a espiga ainda verde, caso em que se acharia um grão oco. Também não necessitas da adivinhação para dizeres que, se não esconderes as sementes e se um criado, munido de uma enxada, não as cobrir de terra, as aves abater-se-ão sobre elas e devorarão antecipadamente toda a esperança do Verão.

8. Realmente, ao dizer tais coisas, [que não passam de] conselhos e avisos, uma pessoa não erraria, mas isso parece-me estar muito longe da adivinhação, cuja função consiste em prever factos não evidentes e de maneira nenhuma visíveis, como por exemplo predizer a Minos que o seu filho⁸² se afogaria num pote de mel, ou prevenir os Aqueus contra a cólera de Apolo, bem como o motivo por que Ílion seria tomada no décimo ano. Sim, isso é que é adivinhação. Ora, se nesta [arte] se incluírem coisas como as que tu dizes, eu próprio não tardaria a ser considerado adivinho, pois predirei e profetizarei — e isto sem Castália, sem loureiro e sem a trípode délfica — que, se um indivíduo caminhar nu e ao frio, e ainda por cima se a divindade mandar chuva e granizo, esse fulano apanhará um resfriado, e não pequeno, e depois disso — coisa ainda mais previsível que essa —, seguir-se-á, naturalmente, uma [forte] febre... E muitas outras previsões deste género, que seria ridículo mencionar.

9. Portanto, deixa-te dessas justificações e dessas adivinhações. Aquilo, porém, que disseste no início talvez seja de aceitar, ou seja, que não sabias nada do que estavas a dizer, mas que uma espécie de inspiração divina é que gerava os teus versos, ela própria não muito clara, já que cumpria uma parte das promessas, mas deixava a outra incumprida.

⁸² Trata-se de Glauco, que, ainda menino, ao perseguir um rato, se afogou num pote de mel. Glauco acabou por ser ressuscitado pelo adivinho Poliido, que o esfregou com uma erva mágica...

O CITA OU O “PRÓXENO”

(Página deixada propositadamente em branco)

INTRODUÇÃO

A adaptação ao port. do título alternativo, gr. *próxenos* (πρόξενος), serve para evitar a tradução, nem sempre muito aproximada, por “cônsul” ou “hospedeiro”.

Denominava-se “próximo” o cidadão de um Estado, que aí representava os interesses de um Estado estrangeiro ou de um cidadão estrangeiro de passagem ou residente no Estado do “próximo”. Este também tinha por função receber os embaixadores do Estado que ele representava. Como se vê, ao contrário do moderno cônsul, o “próximo” funcionava dentro do seu próprio país, proposto por um país estrangeiro, naturalmente de acordo com o interessado.

No entanto, o vocábulo também se aplicava ao indivíduo que, a título meramente individual, recebia em sua casa um estrangeiro, com o qual se travava de amizade aquando de uma visita ou estada noutra país. Os usos e costumes davam grande valor à hospitalidade, pelo que o *hospedeiro* considerava o *hóspede* um ser sagrado, tanto mais que, não raro, as situações se invertiam.

Este discurso de apresentação, tal como o intitulado *Harmónides*, foi pronunciado numa cidade da Macedónia, certamente diferente e dirigido a duas outras personagens. Vê-se que Luciano, no início da sua carreira de orador, advogado e sofista, pretende “promover-se” junto de patronos poderosos.

Neste discurso, usando a mesma técnica que em outros, invoca uma história antiga bem conhecida, que acaba por aplicar ao seu próprio caso. A história situa-se no tempo de Sólon, já de avançada idade, e tem como personagem interessante para o caso um cidadão da Cítia, Tóxaris, o qual, à semelhança do seu nobre compatriota Anacársis, vem a Atenas, no desejo de contactar com a cultura helénica e os seus mais ilustres representantes. Então Anacársis apresenta-o a Sólon, a personagem mais sábia e de maior prestígio em Atenas. “*Se conseguires tê-lo como amigo e conheceres o género de homem que ele é, então acredita que possuis*⁸³ *em ti mesmo*

⁸³ A tradução “corrente é: “*considera que ele possui em si toda a Grécia e conhece a sùmula das suas virtudes*”. Considero, porém, que o sujeito de *possuir*, *ékhein* (ἔχειν) e de *conhecer*, *eidénai* (εἰδέναι) é o mesmo que o de *nómize*, pois caso contrário um sujeito diferente teria de estar expresso; naturalmente, *en autô* (ἐν αὐτῷ) significa “em ti mesmo”, e não “em si mesmo”.

toda a Grécia e conheces a essência das suas virtudes. Assim sendo, não há nada mais importante e melhor que eu pudesse oferecer-te, do que recomendar-te a esse homem.” (§5).

A história de Tóxaris serve a Luciano para revelar que também ele, ao chegar a uma importante cidade da Macedónia (certamente diferente da referida em *Harmónides*), sentiu a necessidade de obter apoio de alguma personagem importante. Todos aqueles junto dos quais se informou lhe falaram de dois ilustríssimos cidadãos, pai e filho, cuja protecção lhe valeria a fama e a estima de toda a cidade. Nos §§10-11, Luciano põe na boca dos seus informadores um elogio descaradamente servil dos seus dois ansiados patronos.

Por isso, não convém ficar parado, mas “*há que mover todos os cabos*⁸⁴, *tudo fazer e dizer, para que tais homens se tornem meus amigos. Sim, se tal coisa acontecer, tudo ficará sereno, a navegação com vento de cauda, o mar com lisas ondas e o porto muito perto*” (§11, fim).

⁸⁴ “mover todos os cabos” (do navio), para desfraldar as velas e zarpar a toda a velocidade.

O CITA OU O “PRÓXENO”

1. Não foi Anacársis o primeiro que veio da Cítia para Atenas, [movido] pelo desejo de conhecer a cultura helénica, mas também, antes dele, Tóxaris, homem sábio e apreciador das coisas belas, e também desejoso de conhecer os mais nobres usos e costumes, ele que, na sua pátria, não era de família real nem da classe dos “*pilóforos*”⁸⁵, mas um dos muitos citas, da classe popular, que entre eles são designados por *octápodes*⁸⁶, ou seja, donos de dois bois e de uma única carroça. Este Tóxaris nunca mais regressou à Cítia, mas até morreu em Atenas, e, passado não muito tempo, os Atenienses consideraram-no “herói”⁸⁷ e oferecem sacrifícios ao “Médico Estrangeiro”, cognome que adquiriu quando foi feito “herói”. Talvez não seja mau contar a razão do cognome e por que motivo foi incluído na categoria dos “heróis” e tido por um dos filhos de Asclépio, isto para que fiqueis sabendo que não é um costume exclusivamente nacional dos Citas imortalizar [um humano] e enviá-lo para Zamólxis⁸⁸, pois também entre os Atenienses é possível divinizar citas em terra grega.

2. Aquando da grande peste⁸⁹, a esposa de Arquíteles, membro do Areópago, julgou que lhe apareceu [em sonho] o cita [Tóxaris], que lhe ordenou que dissesse aos Atenienses que eles poriam termo à peste, se regassem as ruas com grande quantidade de vinho. Tendo os Atenienses assim procedido repetidamente — pois não se descuidaram do [conselho] que haviam ouvido —, deixaram de sofrer de peste, quer porque

⁸⁵ Os *pilophóroi* (πιλοφόροι) — trad. grega do vocábulo cita — eram nobres, que se distinguiam por usarem uma espécie de barrete de feltro.

⁸⁶ A designação grega — trad. grega do vocábulo cita — *oktápodes* (ὀκτάποδες) significa “que tem oito pés”, ou, neste caso, uma junta de bois...

⁸⁷ “herói” era, para os Gregos, um semideus, ou seja, em que um dos progenitores era divino, e o outro humano. Neste caso, Tóxaris passava por ser um dos filhos de Asclépio, o qual, por sua vez era filho de Apolo e de uma mortal. Era, pois, uma espécie de “herói” em “segundo grau”!

⁸⁸ “Zamólxis” (ou Zálmoxis) era o deus único dos Citas. A expressão *enviar alguém para Zamólxis* significa, eufemisticamente, não só “entregar a alma ao criador” (releve-se a expressão!), mas, muito mais que isso, “divinizar um ser humano”...

⁸⁹ Referência à peste de 430-429 a.C., em Atenas, magnificamente descrita por Tucídides.

o vinho, com o seu odor, tivesse extinguido os maus vapores, quer porque o “herói” Tóxaris, por saber mais qualquer coisa, como médico que era, o aconselhara. Actualmente, ainda lhe são pagos os honorários pela cura, sob a forma de um cavalo branco sacrificado junto do seu túmulo, no sítio de onde Diménete⁹⁰ indicou que ele partiu para lhe indicar aquele procedimento sobre o vinho. E realmente foi ali encontrado o túmulo de Tóxaris, reconhecido tanto pela inscrição (apesar de não estar toda legível), como, sobretudo, pelo facto de na estela [funerária] estar gravada a figura de um cita, com um arco esticado na mão esquerda, e na direita, segundo me pareceu, um rolo [de papiro]⁹¹. Mesmo actualmente, ainda poderás ver cerca de metade da figura, o arco por completo e o rolo [de papiro]. A parte superior da estela e o rosto, já o tempo em parte os desgastou. Situa-se não muito longe do Dípilo, à esquerda de quem se dirige para a Academia. O túmulo não é muito grande, e a estela jaz por terra; mesmo assim, está permanentemente coberta de coroas, e diz-se que algumas pessoas atingidas por febre têm visto o fim do seu mal, graças a Tóxaris, coisa que, por Zeus!, não deixa de ser credível para quem outrora curou toda uma cidade.

3. Mas o motivo por que recordei a sua história deve-se ao facto de Tóxaris ainda estar vivo, quando Anacársis, acabado de desembarcar, subia do Pireu [para Atenas], um estrangeiro e um bárbaro, não pouco perturbado da mente com tudo aquilo, pois estranhava tudo, assustado com tanto barulho, sem saber o que fazer consigo próprio. Realmente, apercebia-se de que estava a ser motivo de troça por parte dos que o viam com aquele seu vestuário, e além disso não encontrava ninguém que falasse a sua língua... enfim, já estava arrependido de ter feito aquela viagem, pelo que decidiu, mal tivesse visitado Atenas, voltar imediatamente para trás, meter-se no barco e navegar novamente direito ao Bósforo, de onde o caminho até à sua pátria, na Cítia, não era muito longo. Estava Anacársis com estes pensamentos, quando um génio benfazejo, [que] na

⁹⁰ Diménete é a esposa de Arquíteles, mencionada no início deste parágrafo.

⁹¹ Parece-me difícil conjugar a imagem de um arco *esticado*, (acusat.) *entetaménon* (ἐντεταμένον) na mão esquerda, com um rolo de papiro na mão direita, onde esperaríamos, antes, uma flecha. Em todo o caso, Luciano (que analisou ocularmente a estela) não é assertivo; “segundo me pareceu”...

realidade [era] Tóxaris, veio ao seu encontro, já no Ceramico⁹². Imediatamente lhe chamou a atenção a veste, que era a da sua pátria; em seguida, não teve dificuldade em reconhecer Anacársis, pois este pertencia a uma família notabilíssima e das primeiras entre os Citas. Anacársis, pelo contrário, como é que poderia reconhecer aquele seu compatriota, assim vestido à grego, de barba rapada, sem cinturão, sem arma, tão tagarela, enfim, um de entre os nascidos na Ática, a tal ponto tinha sido modificado pelo tempo?!

4. Então Tóxaris, dirigindo-se-lhe em língua cita, disse: *“Por acaso não és tu Anacársis, filho de Dáucetas?”* Anacársis até chorou de prazer, por ter encontrado uma pessoa da mesma língua e ao tomar conhecimento de quem ele era entre os Cítios. E perguntou-lhe: *“Tu, ó estrangeiro, como é que nos⁹³ conheces? Eu também sou — disse ele — da vossa terra, o meu nome é Tóxaris, não pertença à classe dos ilustres, e por isso não poderia ser reconhecido por ti.”* E retorquiu Anacársis: *“Por acaso não és tu aquele Tóxaris, a respeito de quem eu ouvi dizer que um certo Tóxaris, apaixonado pela Grécia, deixou na Cítia a sua esposa e os seus filhos menores e veio para Atenas, e vive actualmente aqui, honrado pelos mais ilustres [cidadãos]?”* *“Sim — respondeu Tóxaris —, sou eu mesmo... se é que ainda se fala de mim no vosso país.”* *“Pois então — disse Anacársis —, fica sabendo que eu me tornei teu discípulo e teu imitador na paixão que tu sentistes de visitar a Grécia, e foi com esse objectivo que eu emigrei. Cheguei aqui, depois de passar por mil vicissitudes nos países que ficam pelo meio, e, caso não te tivesse encontrado, já tinha decidido voltar para trás antes do pôr do sol e meter-me no barco... a tal ponto fiquei perturbado ao ver tanta coisa estranha e desconhecida... Mas, por Acínaces⁹⁴ e Zamólxis!, os nossos deuses nacionais, tu, ó Tóxaris, toma conta de mim, sê meu guia e mostra-me as coisas mais belas de Atenas, e depois também no resto da Grécia, como as suas melhores leis, os seus mais excelentes*

⁹² O Ceramico, “Bairro dos Oleiros”, ficava a Noroeste da Acrópole, parte fora da muralha, que era usada como cemitério, enquanto na parte de dentro ficava a *ágora*.

⁹³ “nos”, plural majestático.

⁹⁴ Como nome comum, *akinákēs* (ἄκινάκης) significa “cimitarra”, arma divinizada pelos Citas, e portanto, em port., com maiúscula: pela Cimitarra!

homens, os seus usos e costumes, as suas assembleias festivas, o seu modo de vida, a sua constituição, enfim, aquelas coisas pelas quais tu e eu empreendemos esta viagem. Não me deixes regressar sem ter visto essas coisas.”

5. “O que acabas de dizer — disse Tóxaris —, ou seja, vir até à porta [de entrada] e logo partir, revela pouquíssima paixão. Mas anima-te, pois não partirás, como dizes, nem esta cidade te deixaria [partir] com essa facilidade. Ela não possui assim tão poucos encantos para os estrangeiros, mas cativar-te-á completamente, a ponto de já nem te lembrares da tua esposa nem dos teus filhos... se é que já tens alguns. Pois vou mostrar-te como poderás ver toda a cidade de Atenas, ou melhor, toda a Grécia e as suas belezas... Existe aqui um homem sábio⁹⁵, natural desta cidade, mas que andou muito lá por fora, pela Ásia e pelo Egipto, e que contactou com os homens mais eminentes, e que não é da classe dos ricos, mas sim bastante pobre. Verás um velho vestido à maneira do povo. No entanto, devido à sua sabedoria e às suas restantes qualidades, [os Atenienses] estimam-no muitíssimo, a tal ponto, que o utilizam como legislador da sua Constituição e desejam viver segundo as suas leis. Se conseguires tê-lo como amigo e conheceres o género de homem que ele é, então acredita que possuis⁹⁶ em ti mesmo toda a Grécia e conheces a essência das suas virtudes. Assim sendo, não há nada mais importante e melhor que eu pudesse oferecer-te, do que recomendar-te a esse homem.”

6. “Nesse caso, ó Tóxaris — disse Anacársis —, não percamos tempo, mas leva-me contigo e conduz-me à sua presença... Mas receio uma coisa, que ele seja de acesso difícil e não dê importância à tua recomendação em meu favor.” “Longe vá o agoiro! — disse Tóxaris — Estou convicto de que ele até ficará bastante contente por eu lhe proporcionar a oportunidade de fazer bem a um estrangeiro. Segue-me! Sim, ficarás a conhecer o seu respeito por

⁹⁵ Luciano só nos §§6-7 é que identifica esse homem. Por isso, também não o faço neste momento.

⁹⁶ A tradução “corrente é: “considera que ele possui em si toda a Grécia e conhece a súmula das suas virtudes”. Considero, porém, que o sujeito de *possuir*, *ékhein* (ἔχειν) e de *conhecer*, *eidénai* (εἰδέναι) é o mesmo que o de *nómize*, pois caso contrário um sujeito diferente teria de estar expresso; naturalmente, *en autô*_i (ἐν αὐτῷ) significa “em ti mesmo”, e não “em si mesmo”.

[Zeus] 'Xénio'⁹⁷, bem como a sua afabilidade e a sua bondade... Mas... eis que, por graça divina, ele mesmo vem ao nosso encontro, aquele muito pensativo e a falar consigo mesmo". E dirigindo-se a Sólon, Tóxaris disse: "Trago-te aqui este importante 'presente', um estrangeiro que precisa da tua amizade..."

7. "É um cita da nossa classe dos nobres, e mesmo assim deixou tudo o que lá tinha, para vir conviver convosco e ver as belíssimas coisas da Grécia. Então eu achei que este era o caminho mais curto para ele aprender facilmente tudo isso e para se tornar conhecido dos homens mais ilustres. Ora, se eu bem conheço Sólon, tu assim procederás, recebê-lo-ás como teu hóspede e farás dele um autêntico cidadão da Grécia... E ó Anacársis, tal como te disse um pouco atrás, se tiveres visto Sólon, terás visto tudo. 'Isto' é Atenas, 'isto' é a Grécia, e já não és estrangeiro, e todos te conhecem, todos te amam. Tal é o enorme valor inerente a este ancião. Ao conviveres com ele, esquecer-te-ás da tua vida lá na Cítia. Aqui tens o prémio da tua emigração, a realização da tua paixão. Este homem é o modelo da Helenismo, o paradigma da Filosofia ática. Convence-te, pois, de como és afortunado por conviver com Sólon e gozares da sua amizade."

8. Seria longo de contar a maneira como Sólon se congratulou com este 'presente', as palavras que disse, como passaram a conviver, um deles, Sólon, instruindo e ensinando Anacársis nas mais belas matérias, tornando-o querido de todos e apresentando-o aos mais excelentes de entre os Gregos, enfim, cuidando por todos os meios de que ele passasse na Grécia a mais agradável das estadas, enquanto o outro, Anacársis, maravilhado com a sabedoria de Sólon, não se afastava dele, por sua vontade, nem sequer um instante. Assim, tal como Tóxaris lhe havia prometido, Anacársis, por acção de um único homem, Sólon, ficou a conhecer tudo num instante e, através dele, tornou-se conhecido e [muito] estimado de todos. Na verdade, um elogio na boca de Sólon não era coisa de somenos importância, pois as pessoas confiavam nele como legislador, estimavam aqueles a quem Sólon dava valor e acreditavam que se tratava de homens excelentes. Por fim, a acreditarmos em Teóxeno⁹⁸,

⁹⁷ 'Xénio', um dos epítetos de Zeus como deus protector dos *xénoi* (ξένοι) "estrangeiros".

⁹⁸ Teóxeno, historiador, hoje desconhecido.

que historiou este facto a seu respeito, Anacársis, uma vez feito cidadão [ateniense], foi o único de entre os bárbaros iniciado nos mistérios. E não teria, julgo eu, nunca mais regressado à Cítia, se Sólon não tivesse morrido.

9. Quereis⁹⁹ que eu ponha imediatamente termo a esta história, para que ela não ande por aí sem cabeça? Sim, já é tempo de revelar por que motivo é que Anacársis, lá da Cítia, e Tóxaris, vieram, por minha mão, até à Macedónia dos nossos dias e trouxeram consigo, de Atenas, o velho Sólon. Pois passa-se comigo o mesmo que aconteceu a Anacársis — mas, pelas Cárites!, não vos irriteis por esta minha imagem, ao comparar-me com uma figura régia. De facto, este também era bárbaro, e não poderias dizer que nós, os sírios, somos menos que os citas. Mas eu não ponho a minha situação em pé de igualdade com a condição régia, mas num outro plano. Na verdade, quando pela primeira vez me desloquei à vossa cidade, fiquei logo deslumbrado, ao ver a sua grandeza, a sua beleza, o grande número dos seus habitantes, enfim, o seu poder e toda a sua magnificência. Fiquei durante muito tempo atónito com tudo isso e não cabia em mim de admiração, sentindo o mesmo que o famoso jovem¹⁰⁰ ilhéu no palácio de Menelau. Também eu devia ficar com esse sentimento, ao ver uma cidade cheia de tamanha prosperidade e, segundo o célebre poeta¹⁰¹,

De todos os bens florida, || em que brilha uma cidade.

10. Nesta disposição de espírito, ia reflectindo sobre o que haveria de fazer. Desde há muito que tinha decidido apresentar-vos uma amostra das minhas obras. Mas a quem as apresentaria, se percorresse em silêncio esta grande cidade? Então procurei saber — não vos omitirei a verdade — quem eram os notáveis, aqueles a quem uma pessoa devia dirigir-se e escolher

⁹⁹ Luciano, depois de citar longamente a história de Anacársis, dirige-se finalmente à assistência que tinha ocorrido a ouvi-lo. A cena passa-se numa das cidades da Macedónia, provavelmente no início da carreira de Luciano, jovem acabado de formar e deseioso de fama e glória... o que exige, geralmente, um grande esforço de “promoção”.

¹⁰⁰ Referência a Telémaco, que foi a Esparta, esperando saber aí notícias de seu pai, Ulisses.

¹⁰¹ Poeta desconhecido, certamente um trágico, pois o verso é um trímetro jâmbico.

como protectores, para que fossem meus apoiantes em tudo isso. Ora, nesta cidade surgiram-me, não apenas um, como, no caso de Anacársis, Tóxaris, e este mesmo um bárbaro, mas muitos, ou melhor, todos me diziam a mesma coisa, só que por palavras diferentes: “*Ó estrangeiro, existem nesta cidade muitos homens honestos e de grande valor, e não encontrarias noutra qualquer parte tantos homens bons; No entanto, temos sobretudo dois homens que sobressaem de entre todos, eminentíssimos quer pelo nascimento, quer pelo mérito, e que, pela sua cultura e força oratória, bem poderias comparar aos ‘dez [oradores] áticos*”¹⁰². *A afeição do povo [para com eles] é uma autêntica paixão, e só se faz aquilo que eles querem, pois eles querem o que é o melhor para a cidade. Quanto à sua bondade, à sua amabilidade com os estrangeiros, ao seu comportamento irrepreensível no mais alto grau, ao carácter respeitoso dos seus bons sentimentos, à sua afabilidade e à fácil acessibilidade, tu próprio poderás contar a outros, pouco depois de conviveres com eles...*

11. “*E para que a tua admiração seja ainda maior, ambos são da mesma família, filho e pai, um deles, o pai, imagina um Sólon, um Péricles, um Aristides, e o outro, o filho, cativar-te-á, só de olhares para ele, tão alto ele é e tão formoso, de uma compleição física bem varonil. Basta ele soltar uma palavra, e deixar-te-á preso pelos ouvidos, tal é o poder de atracção que o jovem tem através da língua. Toda a cidade o escuta boquiaberta, quando ele avança para discursar, tal qual se diz que os Atenienses desse tempo sentiam em relação ao filho de Clíncias, só com a diferença de que os Atenienses, passado não muito tempo, se arrependeram da paixão que tinham por Alcibíades; mas no caso do outro, a cidade não só o ama, mas já o considera digno de veneração... numa palavra, este homem é para nós um bem público único e de grande utilidade para todos nós. Portanto, se ele e o seu pai te acolherem e te fizerem seu amigo, tens toda a cidade contigo, e basta que eles te estendam a mão, apenas isso, e os teus interesses não sofrerão contestação.*”

Foi isto, por Zeus! (se é que posso fazer tal juramento), o que as pessoas diziam, e realmente, pela minha experiência

¹⁰² Os “dez [oradores] áticos” ou a “década ática”: lista “canónica”, algo arbitrária, dos dez oradores áticos considerados exemplares e, por isso, objecto de estudo escolar: Antifonte, Andócides, Lísias, Isócrates, Iseu, Licurgo, Ésquines, Hipérides, Demóstenes e Dinarco.

até agora, creio que só disseram uma pequeníssima parte da realidade. Como diz o poeta de Ceos¹⁰³,

Não convém ficar sentado, || nem remeter pra mais tarde,

mas, pelo contrário, há que mover todos os cabos¹⁰⁴, tudo fazer e dizer, para que tais homens se tornem meus amigos. Sim, se tal coisa acontecer, tudo ficará sereno, a navegação com vento de cauda, o mar com lisas ondas e o porto muito perto.

¹⁰³ Baquilides; v. Edmonds, *Lyra Graeca*, III, pp. 123-124. A citação não é exacta, embora resitando inteiramente o sentido.

¹⁰⁴ “mover todos os cabos” (do navio), para desfraldar as velas e zarpar a toda a velocidade.

“ÉS UM PROMETEU... NAS PALAVRAS”

(Página deixada propositadamente em branco)

INTRODUÇÃO

Alguém, provavelmente na sequência de uma leitura ou declamação de Luciano perante uma audiência, parece ter comentado, dizendo directamente ao orador: “*Tu és um Prometeu... nas palavras* (reticências minhas!), ou seja, não propriamente nas *obras*, como o Prometeu mitológico, mas nos escritos de Luciano, especialmente, como se verá mais adiante, nos *Diálogos*.

Ora, o comentário ganha o aspecto de uma subtilidade de intelectual, que logo se transforma, na mente de Luciano, numa espécie de adivinha ou de enigma, que — imagino eu, não é citação! — o levaria a perguntar a si mesmo: *Por que raio é que o fulano me chamou (ou me comparou a) Prometeu?*

A uma subtilidade erudita Luciano responde com uma erudita análise das respostas possíveis: Pelo facto de os escritos de Luciano serem tão frágeis como as obras de barro de Prometeu (nomeadamente o ser humano)? Pelo estilo artificioso, assimilável ao espírito artificioso do grande Titã?... Além de outras razões, Luciano lembra a sua grande “invenção”, que consiste em juntar num só género o Diálogo e a Comédia, ambos isoladamente muito belos, mas cuja mistura pode resultar num produto monstruoso, como o homem de duas cores, o hipocentauro, etc.

Enfim, o comentário do outro veio mesmo a propósito, para que Luciano pudesse expandir a sua imaginação e produzir, no escritor *compulsivo* (vê-se!) mais umas páginas...

(Página deixada propositadamente em branco)

“ÉS UM PROMETEU... NAS PALAVRAS”

1. Dizes tu então que eu sou um Prometeu? Ora, meu caro, se dizes tal coisa por as minhas obras também serem de barro, reconheço-me na comparação e afirmo que sou semelhante a ele, nem desdenho de que me chamem oleiro, mesmo que o meu barro seja de pior qualidade, como o que vem de uma encruzilhada e que por pouco que não é lama. Mas se, pelo contrário, é no intuito de elogiar ao máximo as minhas palavras, alegadamente artificiosas, que tu mencionas o mais sábio dos Titãs, vê lá não vá alguém dizer que está contida nesse elogio uma certa ironia e uma piada de tipo ático... Mas onde está o meu estilo artificioso? Que sabedoria transbordante é essa, ou que prudência... prometaica¹⁰⁵ haverá nos meus escritos? A mim, já me basta que não te pareçam demasiado “térreos” nem completamente dignos do Cáucaso. Em todo o caso, com quanto maior justiça vós poderíeis comparar a Prometeu todos quantos, em processos judiciais, vós admirais e que, esses sim, travam batalhas autênticas¹⁰⁶. Realmente, as vossas obras são verdadeiramente vivas e animadas, e, por Zeus!, o seu calor é bem... feroso. Ora, essa qualidade talvez provenha de Prometeu, com uma única diferença, a saber, que vós não “amassais” [os vossos discursos] com barro, mas, pelo contrário, para a maior parte de vós, as vossas obras são amassadas em... ouro.

2. Nós, porém, que nos apresentamos diante das massas e lhes oferecemos estas nossos declamações, mostramos apenas umas imagens, e tudo isso, conforme disse um pouco atrás, feito de barro, pois a nossa “plástica” é a mesma que a dos fazedores de bonecos. Aliás, [essas imagens] não possuem nem movimento, nem qualquer aparência de alma, pois a coisa não passa de um entretenimento e de uma brincadeira. Assim sendo, ocorre-me pensar se tu não dizes que eu sou um Prometeu, no

¹⁰⁵ “prudência... prometaica”: o gr. tem só o subst. *promētheia* (προμηθεία), que, obviamente, sugere (aliás etimologicamente!) o nome de *Prometeu*. Também poderíamos considerar antes uma emenda (de minha responsabilidade!), lendo, como adj. a concordar com *sofia* (σοφία), *Promētheia* (προμηθεία): “... uma sabedoria transbordante e... prometaica”.

¹⁰⁶ “batalhas autênticas” opõe-se claramente às *declamationes*, mera oratória de aparato.

mesmo sentido em o comediógrafo falava de Cléon. Deste se dizia, como sabes, que

*Cléon é um Prometeu... || mas depois do acontecido*¹⁰⁷.

Os próprios Atenenses chamavam “Prometeus” aos que faziam potes ou fornos, e a todos quantos trabalhavam com o barro, aludindo por troça ao barro, ou mesmo, julgo eu, à cozedura dos objectos no fogo. Então, se *Prometeu* quer dizer isso, foi muito certamente que tu disparaste o arco no sentido da mordacidade ática da chacota, pois, na verdade, as nossas¹⁰⁸ obras também são muito frágeis, como os potes dos oleiros, e qualquer pessoa, atirando-lhes uma pequena pedra, os quebraria a todos.

3. No entanto, alguém, para me consolar, poderia dizer que *“não foi nesse sentido que o outro te comparou a Prometeu, mas, pelo contrário, pretendeu elogiar a tua originalidade e o facto de não imitares nenhum modelo, tal como Prometeu, o qual, quando ainda não existiam seres humanos, imaginou a maneira de os modelar, formando tais seres vivos e conformando-os de modo que tivessem movimentos e fossem agradáveis de ver. Foi ele o arquitecto de tudo isso, embora Atena também o tenha ajudado, soprando para dentro do barro e fazendo com que aquelas criaturas tivessem vida”*.

Era isso o que essa pessoa poderia dizer, interpretando a minha expressão no sentido mais favorável, e talvez fosse essa a intenção das tuas palavras. A mim, porém, não me basta ser considerado original e que ninguém possa referir uma criação mais antiga, da qual esta minha seja derivada. Se, porém, ela não se mostrasse prazenteira, eu, fica tu sabendo, envergonhar-me-ia dela, espezinhá-la-ia e destruí-la-ia, porquanto, para mim, a originalidade de nada valeria para evitar que uma coisa, sendo feia, fosse aniquilada. E se porventura eu não pensasse desta maneira, creio que seria digno de ser despedaçado por dezasseis

¹⁰⁷ Verso atribuído, quer a Aristófanes, quer ao seu contemporâneo Êupolis. É preciso lembrar que o nome *Prometeu* significa “previdente”... mas, segundo o cómico... depois dos acontecimentos, ou seja, mais parecido com o irmão de Prometeu, *Epimeteu*, “que só pensa depois dos acontecimentos”.

¹⁰⁸ “nossas”, plural majestático, ou plural generalizante, referido a todos os “declamantes”...

abutres, pelo facto de não perceber que as coisas ficam ainda mais feias, quando se lhes associa a bizzarria.

4. Por exemplo, Ptolemeu, filho de Lagos, trouxe para o Egipto duas novidades, uma camela de Bactriana, completamente negra, e um homem com duas cores, distribuídas por igual, em que um lado era retintamente negro, e o outro extremamente branco. Então, tendo reunido os egípcios no teatro, apresentou-lhes muitas outras atracções e, por fim, estas duas: a camela e o homem semibranco. Cuidava ele que provocaria grande espanto com esse espectáculo. As pessoas, porém, ficaram apavoradas com a camela, e pouco faltou para fugirem em debandada, apesar de o animal estar todo enfeitado de ouro, ter uma manta de púrpura e um freio cravejado de pedras preciosas, um tesouro digno de um Dario, de um Cambises ou de um Ciro. Quanto ao homem, as pessoas, na sua maioria, riam, e outros ficaram horrorizados com a monstruosidade. Então Ptolemeu, vendo que não obtinha aplauso da parte das pessoas e que a novidade não era admirada pelos egípcios, mas que, em vez da novidade, eles apreciavam antes a regularidade e a justa proporção, mandou retirar essas [figuras], que já não apreciava como anteriormente, mas, pelo contrário, a camela morreu por falta de cuidados, e quanto ao homem de dupla cor, ofereceu-o ao tocador de flauta Téspis, que tinha tocado muito bem durante uma jantarada.

5. Receio que a minha obra seja como a camela foi para os Egípcios, e que as pessoas admirem antes o seu “freio” e a manta de púrpura, pois o facto de estarem reunidos dois géneros belíssimos — o Diálogo e a Comédia — não basta para [obter] a justa perfeição, se a mistura não for harmoniosa e nas devidas proporções. Realmente, é possível que de duas coisas belas resulte uma síntese bizzarra, como é o caso, aqui à mão, do hipocentauro. De facto, não se poderá dizer que este é um animal encantador, mas sim violentíssimo, se devemos acreditar nos pintores, que nos mostram as suas bebedeiras desmedidas e as chacinas [a que se entregam]. É o quê?! Então não pode, de duas coisas excelentes, resultar uma síntese bem equilibrada, como do vinho e do mel, de que resulta um conjunto agradabilíssimo? Eu acho que sim. Em todo o caso, no que respeita às minhas obras, não posso garantir que assim

seja, mas, pelo contrário, receio que a mistura tenha ao mesmo tempo destruído a beleza de cada um dos géneros¹⁰⁹.

6. Na verdade, o Diálogo e a Comédia não eram, logo de início, muito íntimos e muito amigos, dado que aquele fazia os seus debates dentro de casa e metido consigo mesmo, ou, por Zeus!, em passeatas com poucas pessoas, ao passo que esta se entregava a Dioniso, convivia com ele no teatro, brincava juntamente com ele, ria, troçava, algumas vezes marchava ritmicamente ao som da flauta, mas evoluía geralmente ao ritmo dos versos anapésticos¹¹⁰, e até troçava dos amigos do Diálogo, chamando-lhes “meditativos”¹¹¹ e “dissertantes nas alturas” e coisas do género, e tinha como único objectivo ridicularizá-los e despejar sobre eles a liberdade dionisíaca, mostrando-os, ora a caminhar nos ares e a conviver com as nuvens, ora a medir os saltos de uma pulga, ora, alegadamente a “subtilizar” sobre fenómenos celestes. O Diálogo, porém, tornava os debates mais graves, filosofando acerca da natureza e da virtude. Deste modo, em termos musicais, havia entre ambos a diferença de duas oitavas, desde o mais agudo ao mais grave. Apesar disso, porém, nós atrevemo-nos¹¹² a juntá-los, tal como eram, um com o outro e a harmonizá-los, apesar de eles não serem lá muito “obedientes” nem fáceis de suportar a convivência.

7. Receio, pois, dar a ideia de ter feito algo parecido com o *teu* Prometeu¹¹³, ao misturar o *feminino*¹¹⁴ com o *masculino* e incorrer, por isso, num processo judicial, ou antes, receio parecer-me com Prometeu num outro aspecto, ou seja, talvez por enganar os ouvintes, dando-lhes “ossos” escondidos sob [uma

¹⁰⁹ Recorde-se que Luciano se refere à junção do Diálogo com a Comédia: v. a seguir.

¹¹⁰ P,ex., o tetrâmetro anapéstico cataléctico: ◡ ◡ - ◡ ◡ - | ◡ ◡ - ◡ ◡ - | ◡ ◡ - ◡ ◡ - | ◡ ◡ - ◡ ◡ - | ◡ ◡ - ◡ ◡ - | ◡ ◡ - ◡ ◡ - |. Notar que as duas breves podiam ser substituídas por uma longa.

¹¹¹ “meditativos”... .. fenómenos celestes”: Alusão clara às *Nuvens* de Aristófanes.

¹¹² “nós atrevemo-nos”, plural majestático.

¹¹³ “o *teu* Prometeu”, não o Prometeu da mitologia, mas o da frase dita por certa pessoa, a qual dá o título a este opúsculo.

¹¹⁴ O *feminino* é a Comédia; o *masculino* é o Diálogo.

camada de] “gordura”¹¹⁵ — troça cómica sob a capa da gravidade filosófica. Quanto à questão do furto¹¹⁶ — e Prometeu também é um deus do furto —, deixa isso para lá, pois é a única coisa que não poderias dizer que existe nas minhas obras. Sim, a quem é que nós¹¹⁷ furtamos?... A menos, talvez, que alguém, sem eu saber, tenha composto esses tais “hipocampos”¹¹⁸ e “hircocervos”. Mas então que fazer? Na verdade, há que persistir naquilo por que previamente optei, porquanto mudar de projecto é próprio de Epimeteu¹¹⁹, não de Prometeu.

¹¹⁵ Trata-se de uma das maldades que Prometeu cometeu contra Zeus: Num sacrifício solene, dividiu o boi em duas partes: uma com a boa carne, mas coberta de pele, e a outra de ossos, mas envolvidos em gordura. Já se vê (?) que Zeus, enganado pelas aparências, escolheu a parte pior. Como castigo, Zeus retirou o fogo aos homens... mas Prometeu encarregou-se de o surripiar, nas imediações do Sol.

¹¹⁶ “furto”, do ponto de vista da obra literária de Luciano, chamar-se-ia *plágio*.

¹¹⁷ “nós”: mais uma vez, plural majestático.

¹¹⁸ “hipocampos”, monstro marinho, com corpo de cavalo e cauda de peixe encurvada (também, mas não aqui!) nome científico dado ao *cavalo-marinho*; os “hircocervos” eram animais monstruosos, metade bode e metade cervo.

¹¹⁹ Enquanto *Prometeu* é “aquele que pensa antes”, “aquele que prevê”, o “previdente”, o “prudente”, seu irmão *Epimeteu* é “aquele que só pensa depois”, o “imprevidente”.

(Página deixada propositadamente em branco)

ELOGIO DE DEMÓSTENES

(Página deixada propositadamente em branco)

INTRODUÇÃO

Para a crítica moderna em geral, esta obra não é da autoria de Luciano. Para M. D. Macleod (“Loeb”, VIII, p. 237), este *Elogio de Demóstenes* apresenta falta de inspiração, grego de inferior qualidade e o facto de evitar o hiato. Em meu entender, não vejo na obra uma falta de inspiração assim tão acentuada. Quanto à fraca qualidade do grego, poderíamos, de facto, esperar algo mais de um escritor como Luciano, mas não excluo a possibilidade de se tratar de uma obra de juventude, em que o sírio Luciano ainda não possui as subtilezas da língua grega e fica mesmo “deslumbrado” com vocabulário poético, cujo uso, em situações claramente prosaicas, fica bastante ridículo. Aliás, o “ático” Luciano nunca se livrou completamente de um certo hibridismo dialectal e literário, que chega a incluir, aqui e acolá, elementos da linguagem corrente. Quanto ao facto de o autor evitar o hiato, e uma vez que o escritor, de qualquer modo, tem as duas possibilidades, não acho que este argumento seja muito forte.

O que, porém, surpreende o tradutor da obra completa de Luciano (incluindo, é claro, algumas de autoria duvidosa) é a apresentação deste *Elogio de Demóstenes* em duas partes, ambas em forma de diálogo, mas segundo duas técnicas diferentes.

Na primeira parte (§§1-28), o Autor (Luciano?) *narra* o diálogo que teve com um tal Terságoras, poeta épico e grande admirador de Homero. Esta parte da obra desenvolve-se com a indicação de quem intervém: “disse eu” ... “disse ele”... e assim por diante, algumas vezes exigindo do leitor uma atenção especial à mudança de interlocutor.

A segunda parte já apresenta o aspecto de *diálogo* que observamos noutros diálogos de Luciano (ou de outros...), com a indicação clara dos interlocutores: ÁRQUIAS ... / ANTÍPATRO ... / ÁRQUIAS..., diálogo este supostamente tirado de um livro “macedónico”, que o Autor deste *Elogio de Demóstenes* lê perante a mesma audiência que estava a escutá-lo até então.

O que impressiona, no fundo, é precisamente esta dupla apresentação, em que o Autor e até então primeiro interlocutor é obrigado a justificar a mudança: “... Bem, isso é o que daqui por diante o livro vai contar” (§29). Repito a nota: Nesta obra em forma de diálogo, temos agora um diálogo dentro de outro diálogo. Poderia muito bem constituir um opúsculo separado.

Apesar de tudo, e contra a corrente geral, A. Bauer (*apud* “Loeb”, VIII, p. 237) entende que a obra é de Luciano, que pretenderia fazer uma caricatura de obras similares que pululavam no seu tempo. O próprio Luciano escreveu alguns *Elogio de...* O fraco estilo seria, pois, propositado. A. Bauer poderá estar certo quanto à autoria de Luciano, mas não creio que este *Elogio de Demóstenes* obedeça a uma intenção satírica. Pelo contrário, as qualidades literárias, cívicas, políticas, etc., de Demóstenes estão de acordo com a ideia geral a seu respeito em toda a Antiguidade. Naturalmente, o Autor (Luciano?) conheceria bem a *Vida de Demóstenes*, de Plutarco (46-126 d.C.) e eventualmente outras informações. Os elementos do elogio, mesmo de segunda mão, são úteis ao leitor moderno, mas é, no entanto, Terságoras, o poeta e admirador de Homero, quem acaba por fazer, nesta primeira parte (§§22, ss.), o elogio de Demóstenes. Não deixa, pois, de nos impressionar que o primeiro interlocutor (o Autor: Luciano?) funcione aqui como ouvinte de um elogio que esperaríamos fosse feito por ele próprio, e não por um poeta.

A segunda parte, já em forma “canónica” de diálogo, pretende ser a citação de um certo livro “macedónico”, que se referia a Demóstenes e à sua acção na luta contra os reis expansionistas da Macedónia: Filipe, Alexandre, Antípatro. Parece não haver dúvidas de que este “livro” não passa de um engenhoso processo de dar credibilidade ao elogio do grande orador e político, feito pela parte contrária.

Afinal, a dupla técnica dialogal atrás apontada surge como um elemento, não de pobreza de inspiração, mas, pelo contrário, como obra de uma mente inventiva. E...

... Literariamente, inventar não é pecado!

ELOGIO DE DEMÓSTENES

1. Passeava eu ao longo do Pórtico, pelo lado esquerdo de quem sai, no décimo sexto dia [do mês]¹²⁰, um pouco antes do meio-dia, eis que vem ao meu encontro Terságoras... Talvez alguns de vós o conheçam... É um tipo baixinho, de nariz adunco, de cabelos esbranquiçados, de carácter viril. Então eu, vendo-o ainda a aproximar-se, disse: — *“Para onde é que vai o poeta Terságoras? E donde vem?”* Respondeu ele: — *“Venho da minha casa, e agora estou aqui.”* E eu: — *“Para dares uma passeata?”* E ele: — *“Sem dúvida... e bem preciso disso, pois resolvi estar levantado até altas horas da noite, a fim de celebrar o dia natalício de Homero e dedicar-lhe uma composição poética.”* Ao que eu comentei: — *“E fazes tu muito bem, assim pagando o preço da tua educação.”* “É que — disse ele —, *uma vez começada a tarefa, cheguei, sem dar por isso, a esta hora do meio do dia e foi por isso que eu disse que precisava de dar um passeio...*

2. “... Mas — continuou ele¹²¹ — *vim aqui, antes de mais, por precisar de saudar este homem — disse apontando para [a estátua de] Homero —... vós sabeis certamente de qual se trata... a que está á direita do templo dos Ptolemeus¹²², aquele de cabelos escorridos... e então vim no intuito de o cumprimentar e de lhe pedir que me concedesse uma farta veia poética.”* “Que bom que era — disse eu — *que a coisa dependesse só de preces. Na verdade, creio que também eu há muito que devia incomodar Demóstenes, para que me assistisse um pouco no dia do aniversário do seu nascimento. Portanto, se nos bastasse suplicar, juntar-me-ia*

¹²⁰ O Autor não diz qual é o mês, o que, em rigor, só poderia aplicar-se a “este mês em que estamos”. O contexto leva-nos a supor que se tratava do mês denominado *Pianépsion*, que corresponde ao “nosso” período de meados de Outubro a meados de Novembro. O dia “16” desse Mês era tido como sendo o da morte de Demóstenes. Melhor diríamos “no sexto [dia da segunda década do mês] de Pianépsion”. Ao que parece, também era a data atribuída à morte de Homero (!)...

¹²¹ “continuou (ele)”, gr. simplesmente “disse (ele)”, verbo que o mss. Γ omite, uma vez que é a mesma pessoa a falar...

¹²² Este discurso parece ter sido pronunciado em Rodes (v. “Loeb”, VIII, p. 240). Presumo que, caso fosse mesmo de Luciano, seria um discurso dos primeiros tempos de vida profissional (advogado em Antioquia e cidades do Mediterrâneo oriental...).

a ti, pois a pretensão é comum a nós os dois.” E disse ele: “Quanto a mim, julgo poder atribuir a Homero a veia poética pelo que compus durante a noite e esta manhã, pois senti-me agitado por um delírio como que divino e divinatório, que me orientou a poesia. Mas tu mesmo me julgarás, pois trouxe comigo o livrinho, para o caso de encontrar algum dos meus amigos que tivesse vagar [de o ouvir ler], e tu pareces-me estar precisamente com vagar.”

3. “És um felizardo — disse eu —, por estares na mesma situação que o vencedor do ‘estádio longo’¹²³, o qual, depois de se lavar da poeira, só pensa em distrair-se durante o resto do espectáculo e contar histórias ao lutador, na expectativa de ser anunciada a [prova de] luta, ao que o dito lutador responde: ‘Pois sim, mas sobre a linha de partida não há vagar para conversas’... mas tu tens antes o ar de quem acaba de vencer o ‘estádio longo’... da poesia¹²⁴, e agora troças de um homem que teme a sorte do estádio.” Então o outro, sorrindo, exclamou¹²⁵:

“Que grandes dificuldades || vais a ti mesmo criar!”¹²⁶

4. “Sim — disse eu —, talvez te pareça que Demóstenes é de categoria inferior, quando comparado a Homero, e por isso ficas todo orgulhoso com o teu elogio a Homero, ao passo que o meu elogio a Demóstenes é pequenino e insignificante.”

“Estás a caluniar-me — disse ele —, pois eu não quereria pôr esses grandes homens a rivalizar um com o outro, muito embora o meu pensamento alinhe mais em favor de Homero.”

¹²³ O “estádio longo”, gr. *dólikhos* (δóλιχος) era a maior distância que os corredores percorriam dentro do estádio, 24 comprimentos do estádio, ou 12 vezes o duplo estádio. A medida variava segundo as cidades. Em Atenas, o estádio tinha 184,98m, e em Olímpia 192,27m, o que dava uma distância, respectivamente, de c. 4.440m / 4.615m... quase os nossos 5.000 metros.

¹²⁴ “o ‘estádio longo’... da poesia”, metaforicamente, a longa poesia homérica, a que Luciano opõe o estádio normal, ou seja, um género supostamente menor: a Oratória.

¹²⁵ O gr. tem *eípen* (εἶπεν), “disse”; há quem interprete por “perguntou”, donde a frase seguinte é ou exclamativa (como eu entendo), ou interrogativa.

¹²⁶ Se tirarmos o inciso *eípen* (εἶπεν), “exclamou”, a frase sai num ritmo trocaico...:

Ὠς δὴ σοί τι τῶν ἀπόρων [...] ἐργασόμενος: - - | - - | -
 ∪ ∪ | - - | - ∪ ∪ | ∪

5. “Muito bem — disse eu —... Mas acharás tu que o meu pensamento não vai em favor de Demóstenes? Mas, embora não rebaixes assim tanto a Oratória, é desde logo evidente que consideras a poesia uma actividade única e que rebaixas abertamente o discurso oratório, tal qual um cavaleiro cavalgando ao lado de um soldado de infantaria.”

“Oxalá — disse ele — eu não esteja louco, pelo menos nesta actividade... embora seja necessária uma grande dose de loucura para aqueles que vão bater à porta da Poesia.”

“Na verdade — disse eu —, também os que escrevem em prosa necessitam de uma certa inspiração divina, para não parecerem muito ‘rasteiros’ e pobres de ideias.”

“Eu sei disso, ó companheiro — disse ele —, e muitas vezes até me comprazo em comparar as obras de Homero com as dos outros prosadores, nomeadamente Demóstenes, referindo qualidades como veemência, mordacidade e inspiração, ou comparando aquele ‘pesado de vinho’¹²⁷ com as bebedeiras de Filipe, as suas danças licenciosas e a sua devassidão, ou o ‘é este o melhor augúrio’¹²⁸ com ‘os homens bons devem abrigar boas esperanças’, ou

‘soltaria altos lamentos || Peleu, velho cavaleiro’¹²⁹, com ‘que altos lamentos soltariam aqueles homens que morreram pela glória e pela liberdade!’. Comparo ainda ‘o facundo Píton’¹³⁰ com as ‘os flocos de neve’ das palavras de Ulisses, ou ‘se nós os dois pudéssemos viver || da velhice libertos e da morte’¹³¹, [comparado] com ‘na verdade, para todos os homens o fim da vida é a morte, mesmo que se encerrasse numa cela e aí permanecesse’... e milhares de outras ocorrências destes autores, todas no mesmo sentido...

6. “... Gosto de [observar] as suas situações dramáticas, as suas descrições, as suas figuras de estilo, as variações que afastam o

¹²⁷ *Iliada*, I, 225. Aquiles ‘brinda’ Agamémnon com este forte adjetivo, vocat. *oinobarés* (οἰνοβάρης), além de “olhos de cão” e “coração de gamo” (este último = “cobarde”)...

¹²⁸ Homero, *Iliada*, XII, 243; a citação seguinte é de Demóstenes, *Discurso da Coroa*, 97.

¹²⁹ Homero, *Iliada*, VII, 125; a citação seguinte é de Demóstenes, *Contra Aristócrates*, 210.

¹³⁰ Píton foi mandado a Tebas por Filipe, com a missão de acusar os atenienses de terem traído a causa comum.

¹³¹ Homero, *Iliada*, XII, 322-324; a citação seguinte é de Demóstenes, *Discurso da Coroa*, 97.

tédio, as retomas do tema depois das digressões, a elegância das suas oportunas comparações, enfim, por toda a parte uma linguagem que rejeita os barbarismos...

7. “... Muitas vezes até me pareceu (realmente, não devo esconder a verdade) que Demóstenes — o qual, por um lado, como sói dizer-se, é desenfreado na sua franqueza — critica a indolência ática com mais vigor do que aquele que chamou ‘Aqueias’ aos Aqueus¹³², e que, por outro lado, traduz as desgraças gregas com um fôlego de espírito mais amplo que o daquele que, no ponto culminante da luta, intromete diálogos e dissipa a acção com as suas histórias...

8. “... Muitas vezes, o estilo de Demóstenes... as cláusulas métricas¹³³, os ritmos e a cadência [da frase]... tudo isso me dá uma impressão que não anda longe do prazer poético, tal como, por outro lado, Homero não tem falta de antíteses, de paralelismos, de figuras arrojadas ou de grande delicadeza. Parece que se dá o caso de os seus génios estarem ambos entrelaçados pela natureza e pela arte¹³⁴. Então como é que eu poderia menosprezar Clio, depois de lhe reconhecer valor idêntico ao de Calíope?”¹³⁵

9. “Em todo o caso [— continuou Terságoras —], não deixo de considerar que a minha declamação sobre o elogio de Homero seja uma tarefa duas vezes mais difícil que o teu elogio de Demóstenes... não tanto pela forma métrica...”

¹³² Trata-se do famoso passo em que Tersites, o mais feio e o mais insolente dos Gregos, solta uma dura invectiva contra Agamémnon (*Iliada*, II, 225-242), incluindo na sua crítica os Aqueus (Gregos), que assistem indiferentes ao comportamento de Agamémnon em relação a Aquiles, e por isso lhes chama (imagine-se!)... “Aqueias”.

¹³³ Tal como Cícero entre os Romanos, Demóstenes terminava geralmente os períodos ou partes de períodos, com determinadas sequências de sílabas longas e breves, diferentes dos ritmos da poesia, mas de uma constância notável, que agradava ao ouvido e tornava a sua prosa... poética, como p.ex. a sequência - ~ - ~ ≈ V., além dos tratados de métrica grega e latina, *The Oxford Classical Dictionary*, s.u. PROSE-RHYTHM

¹³⁴ A frase é “complicada”, mas o sentido parece ser o de que tanto em Homero como em Demóstenes houve uma conjugação de qualidades naturais e arte adquirida.

¹³⁵ O texto deste período, certamente alterado nos mss., tem sofrido diversas emendas, uma das quais (não a da “Loeb”) eu admito, ainda que, segundo os princípios da crítica textual (que não têm força absoluta!), se trate da *emendatio difficilior*.

“Em que é que te baseias?” — perguntei eu.

“... [Baseio-me] no facto de não poder dar ao meu elogio uma fundamentação sólida, a não ser a que consta dos próprios poemas. Os outros dados são incertos: a sua pátria, a sua família, o tempo em que viveu. Se houvesse informação segura a seu respeito, não haveria entre os homens || uma disputa indecisa¹³⁶, em que lhe dão por pátria Ios, ou Cólofon, ou Cime, ou Quios, ou Esmirna, ou Tebas do Egipto, e muitas outras; quanto ao seu pai, dizem que foi Méon da Lídia, ou um rio, e alguns preferem [dar-lhe] o nome de ‘Melesígenes’¹³⁷, em vez do nome usual; e dizem que sua mãe foi a filha de Melanopo ou, à falta de uma ascendência humana, uma ninfa de entre as Hamadriades¹³⁸; teria vivido no período heróico, ou no jónico, e nem se sabe com segurança a sua época relativamente a Hesíodo; no que toca à sua condição, dizem que era pobre e doente dos olhos¹³⁹. Talvez seja melhor deixar ficar na incerteza estas matérias. O meu elogio é realmente muito limitado, reduzido a louvar uma poesia sem contexto [biográfico] e a recolher uma sabedoria retratada só com base nos seus versos...

10. “A tua tarefa, porém — continuou Terságoras —, está ao teu alcance, é ‘corredia’ e ‘plana’, assente em factos concretos e bem conhecidos... é só pôr lá as palavras¹⁴⁰, como um prato já pronto, que só precisa de uns temperos. Realmente, que facto grandioso e brilhante é que a fortuna não concedeu a Demóstenes? Que facto desconhecido? Não foi Atenas a sua pátria, essa [cidade]

‘opulenta, gloriosa, || o baluarte da Grécia’?¹⁴¹

Mas se eu tivesse de pegar no tema de Atenas, introduziria, apoiado na liberdade poética, amores de deuses, os seus julgamentos, as suas estadas [na cidade], as suas dádivas, os mistérios de Elêusis... Quanto às suas leis, os seus tribunais, os seus festivais, o seu Pireu,

¹³⁶ Eurípides, *Fenícias*, 500.

¹³⁷ Melesígenes significa “filho de Meles” (ou... de Melete)... o que nada adianta...

¹³⁸ As Hamadriades eram ninfas das árvores, e morriam quando estas secavam ou eram cortadas.

¹³⁹ “doença de olhos”, espécie de eufemismo, por “cego”.

¹⁴⁰ “é só pôr lá as palavras” é interpretação minha de um passo algo difícil... talvez adulterado.

¹⁴¹ Píndaro, fragmento de uma obra perdida.

as suas colónias e os seus monumentos, também aqui introduzidos, dedicados aos triunfos no mar e em terra, ninguém, como diz Demóstenes, seria capaz de, por palavras, os evocar na sua justa medida. Eu disporia de uma grande abundância de dados, mas o meu elogio [de Atenas] não seria considerado fora de propósito, uma vez que faz parte das regras do elogio exaltar os elogiados, fazendo referência às respectivas pátrias. Assim, Isócrates, ao falar de Helena¹⁴², meteu, como acessório, a figura de Teseu. Realmente, a raça dos poetas é muito livre! Mas talvez tu tenhas a prudência de evocar aquele provérbio que se refere jocosamente à justa proporção: ‘Não se ponha uma etiqueta grande de mais para o saco’.

11. *“Mas deixemos Atenas e, em continuação do meu discurso, diga-se que o seu pai era trierararco¹⁴³, um ‘alicerce de ouro’, como diz Píndaro. Realmente, não havia em Atenas um cargo mais brilhante que o de trierarco. Embora ele tenha morrido quando Demóstenes era ainda uma criança, não devemos considerar a sua orfandade como uma desgraça, mas sim como uma circunstância de glória, que pôs a descoberto a nobreza da sua índole...*

12. *“No que diz respeito a Homero, não possuímos qualquer registo histórico relativo à sua educação e à sua actividade, mas somos forçados a traçar o seu elogio directamente baseado nas suas obras-primas, as quais não nos transmitem informações concretas sobre a sua educação, os seus estudos e a sua formação escolar, sem que ao menos possamos recorrer ao ramo de loureiro de Hesíodo, que fornece inspiração até mesmo a versos de pastores. Mas tu tens à tua disposição o prolífico Calístrato e o seu brilhante Catálogo¹⁴⁴, [onde figuram] Alcídamas, Isócrates, Iseu, Eubúlides. Num tempo em que havia em Atenas mil prazeres que seduziam até mesmo aqueles [jovens] que estavam fortemente sujeitos ao poder paternal¹⁴⁵, em que a idade é propícia a que os adolescentes se deixem*

¹⁴² Trata-se do *Elogio de Helena*. Teseu entra nesse tema, pelo facto de, juntamente com o seu amigo Pirítoos, numa visita a Esparta, terem raptado Helena... uma história que sugere a “outra” a que é contada por Homero.

¹⁴³ O trierarco (melhor que *trierarca*) era o comandante da frota ateniense, ou um cidadão rico que equipava uma trireme a expensas suas.

¹⁴⁴ “o prolífico Calístrato e o seu brilhante Catálogo”: o gr. é confuso. *Sugiro* que se trata de um tal Calístrato, filólogo do período helenístico, que *teria* elaborado um *catálogo* dos oradores... ..

¹⁴⁵ O pai de Demóstenes morreu que ele tinha sete anos, pelo que ficou entregue a três tutores, dois tios e um amigo do pai.

arrastar para a devassidão, e para mais tendo a liberdade [para assim proceder], devido à negligência dos seus tutores, apoderou-se de Demóstenes a paixão pela Filosofia e pela virtude cívica, que o encaminhou, não para a porta de Frine¹⁴⁶, mas para as [portas] de Aristóteles, de Teofrasto, de Xenócrates e de Platão.

13. “Neste ponto, meu caro, poderias referir no teu discurso, de cariz filosófico, os dois impulsos amorosos que se exercem sobre os homens, ou seja, o do amor, digamos assim, ‘marinho’, [impulso] frenético, selvagem e tempestuoso dentro da alma, uma tormenta da Afrodite popular, uma coisa autenticamente marinha e com a fogueira inflamada dos jovens, e o outro [impulso], aquele que nos puxa por meio de uma espécie de corda de ouro celestial, que não provoca, com fogo e flechas¹⁴⁷, doenças incuráveis de natureza traumática, mas que impele [o homem] para a pura e límpida Ideia da própria Beleza, [que actua] nas almas com uma sábia loucura, e que, como diz o poeta trágico¹⁴⁸:

‘Estão¹⁴⁹ bem perto de Zeus || e são dos deuses parentes’.

14. “Tudo concorre para esta paixão¹⁵⁰: cabeça rapada, uma caverna, um espelho, uma espada, correcção da pronúncia, imitação de uma idade [mais] avançada, rigoroso exercício da memória, aversão ao tumulto, encadeamento das noites com dias [inteiros] de trabalho penoso... Quem desconhece aquilo em que, graças a estes processos, o teu Demóstenes se tornou em termos de oratória, assim adensando o seu estilo do ponto e vista do pensamento e da sua expressão linguística e afinando o poder persuasivo por meio da disposição [dos factos], brilhante na sua imponência, impetuoso no sopro da voz, extremamente comedido no domínio das palavras e dos conceitos e muito versátil na mudança de figuras

¹⁴⁶ Frine era uma famosa meretriz, amante que foi amante, entre outros, do orador Hiperides.

¹⁴⁷ Referência clara às setas de Eros (Cupido).

¹⁴⁸ Êsquilo, fragmento da tragédia *Níobe*.

¹⁴⁹ O sujeito de todo este verso é *Ideias e Beleza*.

¹⁵⁰ Refere-se a Demóstenes e ao processo muito peculiar de aperfeiçoamento oratório, sobretudo na postura e na pronúncia, como se diz a seguir. Demóstenes meteu-se numa caverna, rapou metade da cabeça para, por vergonha, não sair de lá, arranjou um espelho para aperfeiçoar a expressão facial, aperfeiçoou a pronúncia; a espada suspensa sobre si evitava que ele se movesse excessivamente, etc. (v. a seguir).

[de retórica]? Como ousou afirmar Leóstenes¹⁵¹, ele era o único de entre os oradores que produzia um discurso palpitante de vida e [bem] ‘martelado’¹⁵².

15. “Realmente, ao contrário de Ésquilo, o qual, segundo disse algures Calístenes, escrevia as suas tragédias sob a acção do vinho, assim excitando a reaquecendo a alma, Demóstenes não compunha os seus discursos embriagado, mas à força de beber água. Dizem que, por esse facto, Demades troçava desta sua ‘ingestão de água’, dizendo que, enquanto uns ‘falam para a água’¹⁵³, Demóstenes ‘escreve para a água’. Para Píteas, o fragor dos discursos de Demóstenes parecia-lhe cheirar à sua candeia nocturna, e este [último] ponto do teu discurso é comum à minha temática. De facto, o meu discurso a respeito da poesia de Homero não seria menos extenso [que o teu]...”

16. “... E se passares aos seus actos humanitários, ao uso generoso do seu dinheiro e a todo o brilho da sua acção política...” E já ele avançava para acrescentar uma série das restantes qualidades, quando eu, sorrindo, lhe disse: “Será que estás a pensar em me inundar os ouvidos, despejando sobre eles o teu discurso, tal qual um empregado de balneário?”¹⁵⁴

“Sim, por Zeus! — respondeu ele —, e ainda os banquetes públicos, as suas funções de corego¹⁵⁵ voluntário, os [vários] equipamentos de trirremes, as muralhas, o fosso, os resgates de prisioneiros de guerra, os dotes de donzelas, o seu excelente serviço público, as funções como embaixador, as suas propostas de lei, enfim, a grandeza da sua acção política... Quando penso em tudo isso,

¹⁵¹ Leóstenes, general e político ateniense.

¹⁵² ‘martelado’ é a trad. literal (mas obviamente metafórica) de (acusat.) *sphürêlaton* (σφυρήλατον), talvez no sentido de “bem ritmado”, ou seja, com alusão às chamadas *cláusulas métricas*; outro sentido possível é “bem trabalhado”. Deixo ficar a versão literal...

¹⁵³ ‘falam para a água’, alusão à clepsidra ou relógio de água, que marcava o tempo de intervenção das partes em tribunal.

¹⁵⁴ É bem risonha a comparação com um empregado de balneário a despejar baldes de água sobre o banhista, como complemento do banho e limpeza completa...

¹⁵⁵ “funções de corego”, gr. (pl.) *chorēgiai* (χορηγίαι). Os coregos eram os cidadãos mais ricos, escolhidos para custear os festivais públicos e outras necessidades do Estado. Neste caso, Demóstenes oferecia-se voluntariamente para desempenhar essas funções, já de si muito prestigiantes.

sou levado a rir de quem¹⁵⁶ franze as sobrancelhas, com receio de que lhe fáltem as palavras adequadas aos feitos de Demóstenes.”

17. “Acaso julgas, meu caro — repliquei eu —, que eu sou o único que, tendo passado a vida envolvido na oratória, não tive os ouvidos cheios dos feitos de Demóstenes?!”

“Sim — disse ele —, se realmente, como tu dizes, precisamos de alguma ajuda para [fazer] o discurso... a menos que se apodere de ti o sentimento contrário e que, devido ao seu brilho intensíssimo, não possas fixar os olhos na brilhante glória de Demóstenes. Na verdade, eu próprio, ao princípio, tive idêntica sensação relativamente a Homero. Então, pouco faltou para baixar os olhos, como se não pudesse olhar de frente essa realidade. Depois, não sei como, levantei os olhos, e agora, a pouco e pouco acostumado a olhar de frente e por já não desviar os olhos dos ‘raios do sol’, creio < já não >¹⁵⁷ poder ser considerado um bastardo da família dos Homéridas...

18. “...Num ponto — continuou Terságoras — a tua tarefa afigura-se-me muito mais fácil que a minha. De facto, estando a glória de Homero firme somente na sua pujança poética, eu tinha, por força, de retirar daí toda a informação, ao passo que tu, se te virasses de uma só vez e de alma e coração para Demóstenes no seu todo, ficarias num grande embaraço, às voltas com o teu discurso, sem saberes em que ideia pegar em primeiro lugar, tal como acontece com os glutões à volta das mesas siracusanas¹⁵⁸ ou com as pessoas apaixonadas pela música ou pelos espectáculos, e que têm à sua disposição mil prazeres auditivos ou visuais, mas não sabem a qual acorrer, e então mudam constantemente o seu desejo. Julgo que também tu saltas de uma qualidade para outra, sem saberes em qual te deves fixar, pois todas sucessivamente te atraem: a sua índole magnificente, a sua fogaosidade inflamada, a sua vida sóbria, o seu estilo veemente, a sua coragem nas acções, o seu desprezo de muitos e grandes lucros, o seu sentido de justiça, a sua filantropia, a sua lealdade, o seu bom senso, a sua

¹⁵⁶ Trata-se obviamente do interlocutor de Terságoras: Luciano (ou o autor...).

¹⁵⁷ O texto é algo confuso. Sem o ‘meu’ acrescento, diríamos que Terságoras se considera, *humildemente*, um “bastardo” da família dos Homéridas...

¹⁵⁸ A gastronomia siciliana (Siracusa, Síbaris...) era célebre pela fartura, diversidade e requinte.

inteligência, enfim, cada um dos seus numerosos e grandes serviços públicos. Talvez por isso, ao veres, por um lado, os seus decretos, as embaixadas [em que participou], os seus discursos e as suas leis, e, por outro lado, as suas expedições navais, como Eubeia, Mégara da Beócia, Quios, Rodes, o Helesponto e Bizâncio, ficas sem saber para onde virar o pensamento, rodopiando sucessivamente por todas estas virtudes...

19. “... tal como Píndaro, que, dirigindo o seu espírito para muitas coisas, ficou embaraçado:

*‘Cantaremos nós Ismeno, || ou Mélia de roca de oiro,
ou Cadmo mais a sagrada || raça de homens semeados¹⁵⁹,
ou então a jovem Tebe¹⁶⁰, || a de cintura purpúrea,
ou de Hércules o vigor || que tudo ousa cometer,
ou de Dioniso o dom || que causa grande euforia,
ou as bodas de Harmonia, || a deusa de níveos braços?’*

“Do mesmo modo, também tu me pareces embaraçado, sem saber se deves celebrar os discursos do homem, ou a sua vida, ou a sua filosofia, ou a sua capacidade de liderança de massas¹⁶¹, ou a sua morte...

20. “... Em todo o caso — continuou Terságoras —, não é tarefa difícil evitar a hesitação, mas, pegando em qualquer destes aspectos, por exemplo a arte oratória em si mesma, faz incidir sobre esta o teu discurso. Mesmo assim, a eloquência de Péricles não será suficiente. Antes de mais, ainda que dela tenhamos um conhecimento tradicional sobre os seus ‘raios’ e ‘trovões’ e sobre uma espécie de ‘agulhão’ persuasivo, a verdade é que não vemos essa eloquência, a qual não passa de uma ideia que persistiu, mas que não resiste à prova e ao julgamento do tempo¹⁶². Pelo

¹⁵⁹ Cadmo deu início a uma nova raça de homens, semeando dentes de dragão, donde nasceram os *Spartoi* (Σπαρτοί), ou seja, os Espartanos, lit.^{te} “semeados”.

¹⁶⁰ Há diversas heroínas com esse nome. Aqui, talvez uma filha de Prometeu e de uma ninfa...

¹⁶¹ “capacidade de liderança de massas”, gr. *dēmagogía* (δημαγωγία), que por vezes (mas não neste caso!) tem o nosso sentido pejorativo de “demagogia”. O mesmo se diga do *dēmagōgós* (δημαγωγός), “condutor e orientador do Povo”, ou, pejorativamente, “demagogo”.

¹⁶² Julgo que se refere aos aspectos visuais e auditivos da oratória de Péricles, irremediavelmente irrecuperáveis... mas não no caso de Demóstenes, em que tais pormenores são... legíveis — sugestão não explícita, pois Terságoras é aqui interrompido pelo seu interlocutor.

contrário, as obras de Demóstenes... Bem... dou-te a palavra a ti, se quizeres virar-te para este aspecto...

21. *“... Mas, se entenderes virar-te para as suas virtudes de alma e as da acção cívica, é bom que consideres à parte um único tema, ou, se pretenderes alargar-te mais, escolhe um grupo de dois ou três [aspectos], e já terás material quanto baste para a tua exposição, pois em todas elas existe muito brilhantismo. Se, porém, queremos elogiar, não o todo, mas só uma parte, siga-se a norma homérica de traçar elogios parciais dos heróis, como os pés, a cabeça, a cabeleira, algumas vezes o seu equipamento ou o seu escudo... e é que nem os deuses desdenharam de serem celebrados pelos poetas a respeito da sua roca, do arco ou da égide, para já não mencionar alguma parte do corpo ou [virtude] da alma, de tal modo que não seria possível mencionar um por um todos os seus dons. Portanto, Demóstenes não te acusará pelo facto de ser elogiado por uma única das suas qualidades, uma vez que nem sequer ele teria capacidade de se elogiar a si próprio no seu todo.”*

22. Tendo Terságoras assim falado, eu disse: *“Creio que tu acabas de me revelar [mais] uma qualidade, ou seja, que não és apenas um bom poeta, ao incluíres Demóstenes, como acessório, na tua dedicatória [a Homero], acrescentando prosa aos teus versos.”*

“A verdade é que — respondeu Terságoras —, ao sugerir-te a facilidade [da tua tarefa], fui levado a estender o discurso, a ver se tu, aliviado da tua preocupação, te disporias a ser meu ouvinte.”

“Pois — disse eu —, fica sabendo que não adiantaste nada. Vê lá mas é se a minha tarefa não ficou ainda mais difícil.”

“Mas dir-se-ia — replicou ele — uma bela cura.”

“É que tu — disse eu — desconheces, creio, o meu actual embaraço, e então, à maneira de um médico que, por não saber qual é a moléstia do doente, trata-o de outro mal.”

“Que queres dizer com isso?”

“É que tu tentaste tratar-me daquele mal que perturbaria uma pessoa que desse os primeiros passos na arte oratória, mas esse mal já está desde há longo tempo ultrapassado, pelo que, para tais dificuldades, os teus remédios já passaram de moda.”

“Pois é mesmo aí — disse Terságoras — que está a tua cura. Há que proceder como com um caminho: o mais utilizado é o mais confiável.”

23. “Na verdade — respondi eu — proponho-me seguir o caminho contrário àquele que, segundo dizem, seguiu Aníceris de Cirene, a fim de suscitar a admiração de Platão e dos companheiros deste, ou seja, para demonstrar a perícia dos Cirenaicos como condutores de carros, deu muitas voltas à Academia, todas sempre pelo mesmo rodado [do seu carro], sem sair do trilho, por pouco que fosse, de maneira que deixou no terreno as marcas de uma só passagem. Ora, o que eu ansiosamente¹⁶³ procuro é uma via contrária, ou seja, evitar as ‘marcas de rodado’, embora não seja muito fácil, julgo eu, ser original desviando-me dos caminhos batidos.”

“Nesse caso — disse ele —, o método de Páuson é muito hábil.”

“Que método? — disse eu — Nunca ouvi falar...”

24. “Diz-se que foi encomendado ao pintor Páuson que pintasse um cavalo a espojar-se. Então ele pintou o cavalo a galope e com muita poeira à sua volta. Ora, estando ele em plena pintura, chegou aquele que lha havia encomendado, que o repreendeu, dizendo que não era isso o que lhe tinha mandado fazer. Então Páuson virou para o lado de baixo a parte de cima do quadro e ordenou ao criado que mostrasse a pintura ao outro, e então viu-se o cavalo ao contrário, ou seja, deitado [no chão] e rebolando-se [na poeira].”

“És muito ingênuo, Terságoras — disse eu —, se cuidas que eu, durante tantos anos, só imaginei uma única alternativa e que não tenho [sucessivamente] mudado e alterado todas as alternativas, de tal maneira, que receio bem que me aconteça o mesmo que a Proteu¹⁶⁴.”

“Que aconteça o quê?”

“Aquilo que dizem que lhe aconteceu, ao procurar uma forma de fugir à vista dos humanos: depois de ter esgotado todas as formas de animais, de plantas e de elementos [da Natureza]¹⁶⁵, à falta de uma nova forma, voltava a ser Proteu.”

25. “Mas tu — replicou Terságoras — tens manhas superiores a Proteu, para te furtares a escutar-me.”

¹⁶³ “ansiosamente” (ou “ardentemente”) está implícito no verbo *speúdo* (σπεύδω).

¹⁶⁴ Proteu era um deus marinho, encarregado de apascentar as focas de Posídon. Tinha em elevado grau o dom da profecia e da metamorfose: podia transformar-se em tudo o que quisesse, . ex., leão, serpente, pantera, javali, água, árvore, fogo...

¹⁶⁵ Referência aos quatro elementos: terra, água, ar e fogo.

“Não, meu caro — disse eu —, nada disso. Pois então vou dispor-me a escutar-te, pondo de lado a preocupação que me assaltou. Talvez tu, ao ficares de certo modo livre de preocupação com o teu ‘parto’¹⁶⁶, possas partilhar também da minha dor [de ‘parto’].”

Como Terságoras concordasse, sentámo-nos num degrau ali perto, onde eu o ia escutando a recitar uns versos muitíssimo nobres. Mas, a meio [da recitação], como que possuído de uma inspiração divina, enrolou o livro¹⁶⁷ e disse: “Vais receber¹⁶⁸ os honorários de orador, como em Atenas há os de membro da Assembleia e de jurado do tribunal. Oxalá saibas agradecer-me.”

26. “Sim, saberei agradecer-te — disse eu —... mesmo antes de saber do que é que estás a falar... Mas do que é que estás a falar?”

“Tendo eu dado por acaso — disse ele — com umas Memórias sobre a casa real da Macedónia, fiquei extremamente deleitado, de tal modo, que adquiri o livro, não como coisa de importância secundária... e mesmo agora me lembrei que o tenho em casa. Aí estão registados, além dos actos de política interna praticados por Antípatro¹⁶⁹, os episódios referentes a Demóstenes, que creio que tu ouvirás ler como coisa de não somenos importância.”

“Pois sim — disse eu —, mas, como agradecimento por essa boa-nova, lê o resto do teu poema. Cá por mim, não desisto de ver cumprida a tua promessa... mas tu, depois de tão brilhantemente me brindares com o aniversário de Homero, pareces ir brindar-me também com o de Demóstenes.”

27. Quando Terságoras acabou de ler o resto do rolo, ficámos ali ainda algum tempo, o suficiente para prestarmos ao poema o seu justo elogio, após o que nos dirigimos a casa de Terságoras. Este, embora com alguma dificuldade, lá deu com o rolo. Então eu peguei [no dito rolo] e retirei-me. Depois de ler o livro, fiquei num tal estado de espírito, que

¹⁶⁶ Referência ao poema que compusera em honra de Homero (v. §1).

¹⁶⁷ “o livro”, quer dizer, o rolo de papiro.

¹⁶⁸ “Vais receber”, e não “recebe” ou “toma lá”, ou seja, usa-se, não o imperat. aor. (momentâneo), e não o imperat. presente (contínuo...).

¹⁶⁹ Antípatro (397-319 a.C.), general de Filipe da Macedónia e de Alexandre, impôs a Atenas um regime oligárquico, que mereceu a fortíssima oposição, entre outros, de Demóstenes, o qual, para não se render, preferiu suicidar-se por envenenamento.

resolvi ler-vos¹⁷⁰ tudo, palavra por palavra e frase por frase, sem modificar o que quer que fosse. Na verdade, não se presta menor homenagem a Asclépio, se o péan não é da autoria daqueles que o visitam, mas canta-se antes um de Isodemo¹⁷¹ de Trezena ou de Sófocles; do mesmo modo, embora se tenha deixado de escrever comédias e tragédias [originais] em honra de Dioniso, as [peças] compostas por outros¹⁷² tornam os que actualmente as levam à cena dignos de uma gratidão não inferior, pelo facto de pretenderem também eles homenagear esse deus.

28. Agora no que diz respeito ao tal livro — do qual a apresentação dramática que se segue constitui a parte das *Memórias* que nos interessa —, esse livro conta que Árquias se apresentou para ser anunciado a Antípatro. Este Árquias — caso algum dos mais novos o desconheça — tinha sido encarregado de prender os exilados¹⁷³. Foi-lhe ordenado que persuadisse Demóstenes a deixar Caláuria, de preferência a trazê-lo à força à presença de Antípatro. Por isso, Antípatro estava excitado por esta expectativa, aguardando a todo o momento a chegada de Demóstenes. Portanto, ao ser informado de que Árquias tinha chegado de Caláuria, ordenou que o fizessem entrar imediatamente, tal como estava...

29. ... Logo que ele entrou... Bem, isso é o que daqui por diante o livro vai contar¹⁷⁴.

¹⁷⁰ “Ier-*vous*”: Obviamente, não se trata de um plural majestático, referido só a Terságoras, pois este já tinha lido o livro. Por isso, podemos imaginar que se trata de uma leitura pública.

¹⁷¹ Os mss. estão aqui nitidamente corrompidos, suscitando, por isso, diversas tentativas de emenda moderna. Sigo, sem convicção, a de A. M. Harmon (v. “Loeb”, VIII, pp. 269, 271); a emenda de Keil (*apud* “Loeb”) é igualmente arriscada...

¹⁷² “por outros”, i. é, os antigos comediógrafos e tragediógrafos.

¹⁷³ Depois da derrota na batalha de Cránon (322 a.C.), muitos atenienses refugiaram-se onde puderam. Demóstenes fugiu para a ilha de Caláuria, onde se suicidou, para não ser detido. Nota: Estão registadas as formas *Kalauréia*, *Kalauria*, e mesmo *Kalauria* (Καλαύρεια e Καλαυρια, esta com ι longo e breve); em lat. registam-se *Calauria* e *Calaurēa* (Ovídio). A adaptação “canónica” em port. daria *Calauria* (grave).

¹⁷⁴ Nesta obra em forma de diálogo, temos agora um diálogo dentro de outro diálogo. Poderia muito bem constituir um opúsculo separado.

ÁRQUIAS — Alegra-te¹⁷⁵, Antípatro.

ANTÍPATRO — Porque não haveria de me alegrar, se tu me trouxeste Demóstenes?

ÁRQUIAS — Trouxe-to... como foi possível. Na verdade trago comigo a urna com os restos de Demóstenes

ANTÍPATRO — Tu gostaste as minhas expectativas, ó Árquias. Sim, de que me servem os ossos e a urna, se não tenho Demóstenes?

ÁRQUIAS — Na verdade, ó rei, não me foi possível segurar à força a sua alma.

ANTÍPATRO — Porque é que não o apanhastes vivo?

ÁRQUIAS — Nós apanhámo-lo...

ANTÍPATRO — Quer dizer que morreu no caminho?

ÁRQUIAS — Não, mas onde ele se encontrava, em Caláuria.

ANTÍPATRO — Porventura isso aconteceu devido a negligência vossa, por não terdes cuidado do homem?

ÁRQUIAS — É que isso não dependia de nós...

ANTÍPATRO — Que é que queres dizer [com isso]? O que me contas é um enigma: apanhastes o homem vivo e não o tendes?

30. ÁRQUIAS — Então não nos ordenaste que não usássemos logo de início de violência? Mas nem usando de violência conseguiríamos mais. De facto, íamos mesmo preparar-nos para...

ANTÍPATRO — Não fizestes bem em *preparar-vos*... Será que ele morreu devido a violência vossa?

ÁRQUIAS — Nós não o matámos, mas, não conseguindo persuadi-lo, precisávamos de usar de violência. Mas que ganharias tu, ó rei, se ele aqui chegasse vivo? De toda a maneira, não faríeis outra coisa senão matá-lo.

31. ANTÍPATRO — Cuidado com a língua, ó Árquias. Parece-me que não percebeste nem que espécie de homem era Demóstenes, nem o meu conceito sobre ele, mas julgas que é a mesma coisa encontrar Demóstenes ou procurar esses miseráveis de má morte, como Himereu de Falero, ou Aristonico de Maratona, ou Êucrates do Pireu, em nada diferentes das torrentes impetuosas, uns tipos reais, que estiveram na crista

¹⁷⁵ “Alegra-te”, *khaire* (χαῖρε) é a tradução literal (em vez de “Ora viva”, “Eu te saúdo”...), e aqui obrigatória, pois, como se vê a seguir, é precisamente no sentido *literal* que Antípatro *quer* entender a saudação.

da onda aproveitando-se de oportunos tumultos e que se insurgiram ao menor sinal de motim, mas que, passado não muito tempo, “amainaram”, como os ventos do crepúsculo... ou como o falso Hiperides, esse bajulador do Povo, que não considerava vergonhoso caluniar Demóstenes usando a bajulação junto das massas e que, nessa acção, se apresentava como servidor destas [mesmas massas], acções de que se arrependeram aqueles mesmos a quem ele tentava agradar. De facto, não muito tempo depois dessa calúnia, Demóstenes teve, segundo ouvimos dizer, um regresso [à Pátria] ainda mais brilhante do que o de Alcibíades. Mas Hiperides não se preocupava nem tinha pejo de usar, contra os seus maiores amigos de outrora, aquela língua que eu fiz bem em lhe cortar, devido à sua ingratição.

32. ÁRQUIAS — Mas então... não era Demóstenes o nosso pior inimigo?

ANTÍPATRO — Não para quem aprecia a lealdade de carácter e considera estimável uma maneira de proceder franca e firme. Realmente, as boas qualidades são [sempre] boas qualidades, mesmo num inimigo, e a virtude, esteja onde estiver, é digna de apreço. Ora, eu não sou pior que Xerxes, o qual, cheio de admiração pelos lacedemónios Búlís e Espérquis, deixou-os ir [em paz], quando podia matá-los¹⁷⁶. Mas se, de entre todos os homens, eu admirei algum, esse é Demóstenes, com o qual me encontrei duas vezes em Atenas, e mesmo assim sem grande demora, e também por ter sido informado por outros. Mas eu admirava-o pelas suas actividades públicas em si mesmas, e não tanto, como alguém poderia julgar, pelo seu talento oratório, ainda que, comparado com ele, o nosso Píton¹⁷⁷ não seja nada, e os [discursos dos] oradores áticos sejam uma brincadeira de meninos¹⁷⁸ comparados com a voz atroadora e forte

¹⁷⁶ O caso é contado por Plutarco, *Moralia*, 235F e 815E, e também por Heródoto, VII, 134, ss. Como os Espartanos tivessem assassinado os dois enviados de Xerxes, foi decidido enviar a este dois espartanos, aliás voluntários, para que os Persas lhes aplicassem o mesmo tratamento. Xerxes, tocado de admiração por esse gesto, entendeu não proceder como haviam feito os Espartanos...

¹⁷⁷ Píton, enviado de Filipe da Macedónia a Atenas, talvez o mesmo que foi general de Alexandre e faria agora parte da corte de Antípatro (?).

¹⁷⁸ “brincadeira de meninos”, *paidiá* (παιδιά): somos tentados a ler *paidiá* (παιδίαι), “(uns) meninos”. Neste caso, não incluiria, entre parênteses rectos, [discursos dos].

de Demóstenes, o ritmo das frases¹⁷⁹, as definições precisas¹⁸⁰ das ideias, o encadeamento das demonstrações, o seu poder persuasivo e a sua retumbância. Por isso nos arrependemos daquele dia em que reunimos os Gregos em Atenas, no intuito de desacreditar os Atenienses, tentando convencê-los através de Píton e das promessas de Píton... mas logo a seguir vimo-nos confrontados com Demóstenes e as suas acusações. Na verdade, a força da sua palavra era inigualável.

33. Todavia, eu classificava essa sua qualidade [oratória] como secundária e colocava-a no plano das “ferramentas”, mas acima de tudo admirava Demóstenes pela sua sensatez, pela sua inteligência, conservando um espírito de rectidão inflexível em todas as tempestades da fortuna e não cedendo a nenhuma adversidade. Sei que Filipe tinha a respeito desse homem a mesma opinião que eu. Uma vez, em que lhe tinha sido comunicado, de Atenas, um discurso público que atacava Filipe, e como Parménion se tivesse exprimido furiosa e sarcasticamente contra Demóstenes, Filipe disse-lhe: “*Ó Parménion, Demóstenes está no seu direito à liberdade de palavra. Pelo menos, é ele o único de entre os chefes populares, em toda a Grécia, que não está inscrito no registo das minhas despesas. Em todo o caso, antes queria confiar nele, do que nos contabilistas das minhas trirremes.*”¹⁸¹ *Presentemente, cada um destes, sem excepção, está registado como tendo recebido de mim ouro, ou madeira, ou trigo, ou gado, ou um terreno na Beócia. Então nós mais depressa tomaríamos as muralhas de Bizâncio*¹⁸² *com máquinas de assalto, do que [tomaríamos] Demóstenes a poder de ouro...*

34. “... *Cá por mim, ó Parménion — continuou Filipe —, se alguém, na qualidade de ateniense, e em Atenas, dissesse que prefere a minha pessoa à sua própria Pátria, eu oferecer-lhe-ia*”¹⁸³ *o meu ouro, mas não a minha amizade. Se, pelo contrário, alguém me odeia em prol da sua Pátria, eu faço a guerra contra ele,*

¹⁷⁹ V. §18, nota a *cláusulas métricas*.

¹⁸⁰ “definições precisas” tenta traduzir (dat. pl.) *perigraphaís* (περιγραφαίς).

¹⁸¹ Entendo que, segundo Filipe, ficar-lhe-ia mais barato pagar a Demóstenes do que equipar as suas trirremes.

¹⁸² Referência ao cerco (falhado) de Bizâncio por Filipe em 340 a.C.

¹⁸³ O texto diz *oferecer-lhes-ia*. gr. *toútois...* (τούτοις): discordância sintáctica. Talvez seja caso de emendar para o sing. *toútōi* (τούτῳ), como, de resto, a seguir.

como contra a acrópole, a muralha, os arsenais navais ou o fosso, mas admiro a sua coragem e felicito a cidade por possuir um tal cidadão. Quanto aos outros, assim que deixasse de ter necessidade deles, de muito bom grado os eliminaria, mas no que toca a este, antes queria tê-lo aqui comigo, mais do que a cavalaria dos Ilírios ou dos Tribalos e toda a tropa mercenária, pois considero o poder de persuasão da palavra e o peso da mente em nada inferior à força das armas.”

35. Assim falou Filipe a Parménion, e idênticas palavras me disse também a mim. E quando Diopites e a sua frota partiram de Atenas, eu fiquei muito preocupado, mas Filipe disse-me, sorrindo: “*Estás com medo do que nos possa fazer um general ateniense ou um soldado? Antes de mais, para mim, as trirremes, o Pireu e os arsenais são bagatelas e ninharias. Sim, que me poderão fazer homens que celebram as Dionisiacas e passam o tempo em festins e em danças? Se não houvesse entre os Atenienses um Demóstenes, tomaríamos a cidade mais facilmente do que [vencemos] os Tebanos ou os Tessálios, por meio do engano, da violência, da surpresa ou do dinheiro. Presentemente, porém, esse único homem está vigilante, acorre a todas as emergências, segue os nossos movimentos e faz frente às nossas estratégias. Não procedemos a uma tática, não tomamos uma iniciativa nem traçamos um plano, sem que ele se aperceba; enfim, o homem é um [autêntico] obstáculo, um baluarte que nos impede de tomar tudo à nossa passagem. Se dependesse apenas dele, não teríamos tomado Anfípolis, não nos teríamos apoderado de Olinto, da Fócida e das Termópilas e não seríamos agora senhores do Quersoneso e das terras à volta do Helesponto...*

36. “... Ele estimula os seus concidadãos apáticos e adormecidos como que por efeito da mandrágora, usando a sua franqueza de linguagem como uma incisão e uma cauterização¹⁸⁴ na sua indiferença, pouco se preocupando em lhes agradar. Além disso, transfere os recursos financeiros das representações teatrais para as tropas; reforma, através das leis de equipamento naval, uma marinha quase completamente arruinada pela desorganização; desperta a honra da cidade, de há muito perdida devido à procura da drac-

¹⁸⁴ “incisão e uma cauterização”, termos médicos (p. ex., Hipócrates, *Das Articulações*, 828).

ma¹⁸⁵ e do trióbolos, tentando reconduzir os seus concidadãos, de há muito prostrados, ao nível dos seus antepassados e à imitação dos feitos [cometidos] em Maratona e em Salamina; institui alianças e confederações helénicas. Não é possível passar-lhe despercebido, nem enganá-lo, nem comprá-lo, tal como o rei dos Persas não conseguiu comprar o famoso Aristides...

37. “... Portanto, ó Antípatro, devemos temer este homem mais do que todas as trirremes e todas as expedições navais. De facto, aquilo que Temístocles e Péricles foram outrora para os Atenenses, Demóstenes é-o actualmente, pois rivaliza com Temístocles em inteligência e com Péricles em sensatez. Conquistou para estes, por lhe terem dado ouvidos, a Eubeia, Mégara, a região do Helesponto e a Beócia. Procedem muito bem¹⁸⁶ os Atenenses — continuou Filipe —, ao nomearem generais Cares, Diopites, Próximo e outros que tais, mantendo Demóstenes dentro [da cidade], na tribuna. É que, se eles tivessem nomeado esse homem senhor dos armamentos, dos navios, das tropas, das acções oportunas e dos dinheiros, desconfio bem que ele já me tivesse disputado a própria Macedónia, ele que agora, combatendo-nos somente por decretos, nos cerca por todos os lados, nos surpreende, descobre recursos, envia armadas, reúne forças e nos defronta.”

38. Eram mais ou menos deste teor as palavras que nesse tempo e em muitas ocasiões Filipe me dizia acerca desse homem, considerando como um dos benefícios da sorte o facto de Demóstenes não ser general, ele, cujos discursos, lançados de Atenas, quais aríetes ou catapultas, abalavam e perturbavam os seus planos. Por exemplo, a respeito [da batalha] de Queroneia¹⁸⁷, nem mesmo depois da vitória deixava de nos dizer até que ponto esse homem constituía um perigo para nós. Na verdade — dizia ele —, “apesar de, contra todas as expectati-

¹⁸⁵ Os advogados públicos recebiam uma dracma por sessão, e cada membro do júri apenas três óbolos, ou seja, meia dracma, mesmo assim um precioso subsídio contra a pobreza extrema... NOTA a despropósito: Desde os tempos da velha... e moderna, moeda grega, *o dracma*, que se lia nas cotações a expressão *dracma grego*. Ora, esta palavra foi sempre do género feminino (excepto em ingl.). Actualmente, volta a falar-se de *o dracma* (!)... para vergonha de *a* peseta, *a* libra, *a* lira...

¹⁸⁶ “Procedem muito bem”... do ponto de vista de Filipe, é claro...

¹⁸⁷ Queroneia era a cidade mais ao norte da Beócia. Foi nessa região que, em 338 a.C., Filipe derrotou os Atenenses e os Tebanos.

vas, e devido à incompetência dos generais e à indisciplina dos soldados, e também por um estranha viragem da sorte, que tantas vezes colaborou connosco, termos conseguido tantos e tão grandes triunfos, nesse único dia Demóstenes teria posto em risco o meu reino e a minha vida, pois tinha unido num só corpo as cidades mais importantes e tinha reunido todo o potencial [guerreiro] da Grécia, forçando a entrar na luta, além dos Atenienses, os Tebanos e os outros Beócios, os Coríntios, os Eubeus, os Megarenses, bem como as maiores potências da Grécia, não me permitindo sequer penetrar no interior da Ática.”

39. Eram mais ou menos deste teor as palavras que continuamente dizia a respeito de Demóstenes. E àqueles que diziam que ele tinha um grande adversário no povo ateniense, respondeu: *“Para mim, o único adversário é Demóstenes. Se os Atenienses não tivessem Demóstenes, seriam para mim como uns Enianos¹⁸⁸ ou uns Tessálios.”* Sempre que Filipe enviava embaixadores às [diversas] cidades, se a cidade de Atenas lhes contrapunha quaisquer outros oradores a essa sua embaixada, rejubilava como se já tivesse vencido, mas quando lhe aparecia Demóstenes, dizia: *“É em vão que lhes opomos a nossa delegação,¹⁸⁹ uma vez que contra os discursos de Demóstenes não é possível ‘erguer o troféu’.”*

40. Assim falava Filipe. Mas, por Zeus!, achas tu, porventura, ó Árquias, que eu, que sou muitíssimo inferior [a Filipe], capturaria um tal homem para o conduzir, como a um boi, para o sacrifício, ou, pelo contrário, faria dele um conselheiro em assuntos gregos e em matéria respeitante a todo o meu reino? Na verdade, desde há muito que eu tinha uma certa admiração por ele, devido à sua própria acção política, mas ainda mais devido ao testemunho de Aristóteles. Este não parava de dizer a Alexandre e a nós, que, de entre tantos dos que haviam sido seus discípulos, nunca admirou nenhum tanto como a ele, pela grandeza do seu carácter e pela persistência no seu desenvolvimento, pela sua gravidade, rapidez [de raciocínio], liberdade de expressão e firmeza de espírito.

¹⁸⁸ Enianos, habitantes de Enia (*Aíneia*, Αἴνετα), cidade da Macedónia. Filipe exemplifica com dois povos que não lhe ofereciam qualquer dificuldade.

¹⁸⁹ O editor da “Loeb” coloca aqui o início do §40. Na verdade, não fica bem cortar desta maneira uma justificação do que é dito imediatamente antes.

41. “Vós, porém — acrescentou Filipe —, fazeis dele o mesmo conceito que a respeito de um Eubulo, um Frínon ou um Filócrates, e então tentais seduzir também Demóstenes por meio de presentes, e logo ele, um homem que gastou a fortuna paterna em prol dos Atenenses, dando aos necessitados a título particular e à cidade a título público. Será que andais iludidos a ponto de cuidardes que intimidaríeis um homem que decidiu expor a sua vida às vicissitudes imprevisíveis da sua Pátria e ficais furiosos quando ele repreende os vossos actos, ele que não se submete nem mesmo à Assembleia do Povo de Atenas? Vós não vos apercebeis — continuou Filipe — que ele faz política por amor da sua Pátria e que se entrega à governação como um exercício de Filosofia?!”

42. Por isso é que eu, ó Árquias, desejava ardentemente tê-lo junto de mim e ouvi-lo exprimir a opinião que porventura ele tivesse sobre a situação actual, e, em caso de necessidade, e depois de me afastar dos bajuladores que estão continuamente à minha volta, ouvir a palavra de alguém sincero e de opinião livre e aproveitar o conselho de um homem amigo da verdade. Além disso, seria justo recordar-lhe a ingratidão desses tais Atenenses, em defesa dos quais ele expusera toda a sua vida, quando poderia ganhar amigos mais gratos e mais seguros.

ÁRQUIAS — Quanto às outras coisas, ó rei, talvez pudesses consegui-las, mas estas tuas [últimas] palavras¹⁹⁰ di-las-ias em vão, a tal ponto ele era perdidamente ‘*filateniense*’¹⁹¹.

ANTÍPATRO — Assim é, ó Árquias. Que mais poderíamos dizer?... Mas... como é que ele morreu?

43. ÁRQUIAS — Parece-me, ó rei, que vais ficar ainda mais admirado. Na verdade, nós, ainda sob a impressão visual da cena, não diferimos mesmo nada, em espanto e incredulidade, de quando a ela estávamos a assistir¹⁹². Realmente, parece que ele já desde há muito que tinha tomado uma decisão sobre o

¹⁹⁰ “estas tuas [últimas] palavras”: refere-se à ingratidão dos Atenenses, porquanto, como se diz logo a seguir, Demóstenes era incondicionalmente um defensor de Atenas, um patriota radical.

¹⁹¹ ‘*filateniense*’: Entendi verter fielmente o composto gr. *philathēnaios* (φιλαθηναῖος), certamente não registado nos dicionários.

¹⁹² O texto dos mss. é, à primeira vista, confuso, e por isso têm sido propostas diversas emendas. Entendi “afrontar” a lição dos mss.: O part. perf. *tetheámenoi* (τεθεάμενοι) e o part. pres. *horóntōn* (ὁρώντων) têm o mesmo sujeito: Árquias e os seus acompanhantes, os quais, *ainda sob*

seu derradeiro dia. Os próprios preparativos o comprovam. De facto, estava sentado no interior do templo, e foi em vão que utilizámos os nossos argumentos dos dias precedentes.

ANTÍPATRO — E quais eram esses vossos argumentos?

ÁRQUIAS — Eu propunha-lhe muitas ofertas humanitárias e prometia-lhe misericórdia da tua parte... sem no entanto a esperar — na verdade, eu não sabia, julgava que tu estavas furioso com o homem —, mas por considerar esse procedimento útil para o persuadir.

ANTÍPATRO — Mas como é que ele recebeu as tuas palavras? Não me escondas nada, pois eu muito gostaria de então lá estar presente e ouvir com os meus próprios ouvidos. Portanto, não me omitas nada. Realmente, não é coisa de somenos importância conhecer a índole de um homem nobre perto do fim da sua vida, se se revelou fraco e frouxo, ou se manteve sempre indomável a altivez da sua alma.

44. ÁRQUIAS — O homem não se acobardou mesmo nada. Que digo eu? Sorrindo brandamente e troçando do meu primeiro modo de vida¹⁹³, disse que eu era um actor nada convincente das tuas mentiras.

ANTÍPATRO — Terá sido porventura por não acreditar nas tuas promessas que ele lançou fora a sua alma?¹⁹⁴

ÁRQUIAS — Nada disso. Se escutares o resto [da história], não acharás que foi só por não acreditar. Mas, ó rei, já que me ordenas que fale, Demóstenes disse: *“Para os Macedónios, não há perjúrio nem nada de anormal, desde que capturem Demóstenes como se fosse Anfípolis, ou Olinto ou Oropo.”* E disse mais coisas deste género. Sim, que eu tinha levado comigo escribas, para que as suas palavras ficassem registadas.

“Ó Árquias — continuou Demóstenes —, não é por ter medo da tortura ou da morte que eu não me apresentaria diante de Antípatro, mas, se o que dizes é verdade, maior cuidado devo ter, para não dever a minha vida a um generoso presente de Antípatro e para não desertar das fileiras em que militei, mudando-me das fileiras helénicas para as macedónicas...”

a impressão visual da cena, estavam tão espantados e incrédulos como quando a ela estavam a assistir.

¹⁹³ Árquias tinha sido actor trágico.

¹⁹⁴ “lançou fora a sua alma”, trad. literal = “pôs termo à vida”.

45. “... *Realmente, ó Árquias, seria para mim uma honra continuar a viver, se quem tal honra me desse fossem o Pireu, a trirreme que eu ofereci, a muralha e o fosso, que eu reconstruí a expensas próprias, a tribo¹⁹⁵ Pandiónide, da qual fui corego¹⁹⁶ voluntário, ou Sólon, e Drácon, e a franqueza de linguagem na tribuna, e o Povo livre, e os decretos militares, e as leis trierárquicas¹⁹⁷, e as virtudes dos nossos antepassados, e os troféus¹⁹⁸, e o afecto dos meus concidadãos, que muitas vezes me coroaram, e [finalmente] o poderio dos Gregos, que eu até este momento tenho eu preservado. Mas uma vida que fica a dever-se a um acto de piedade é coisa humilhante, mas já é tolerável a piedade dos meus compatriotas, alguns dos quais eu libertei do cativo, ou dos pais a cujas filhas eu ofereci o dote, ou daqueles cujas dívidas eu liquidei...*”

46. “... *Mas se não é o poder das ilhas¹⁹⁹ que me salva, nem o mar, rogo aqui a este Posídon, a este altar e às leis sagradas que me salvem. E se Posídon — continuou — não for capaz de preservar o direito de asilo do seu templo e não se envergonhar de entregar Demóstenes a Árquias, antes quero morrer. Antípatro não será por nós²⁰⁰ adulado, no lugar deste deus. Ser-me-ia possível ter macedónios mais meus amigos que os atenienses, e estar neste momento a compartilhar a vossa boa sorte, se me tivesse posto do lado de Calimedonte, de Píteas e de Demades. Também poderia, embora tardiamente, alterar o meu destino, caso não tivesse respeito pelas filhas de Erecteu e por Codro²⁰¹. Pelo contrário, não decidi mudar de campo, quando a divindade²⁰² nos abandonou.*”

¹⁹⁵ As tribos, em número de 10, correspondiam mais ou menos — guardadas as devidas proporções territoriais — aos nossos distritos, e eram, por sua vez, subdivididas em *demos*, 10 por cada tribo...

¹⁹⁶ Normalmente, os *coregos* eram indivíduos ricos *escolhidos* para suportarem certas despesas públicas (representações dramáticas, festivais, equipamento naval,,). O mérito de Demóstenes consistiu em se constituir voluntário para esse cargo... e despesa.

¹⁹⁷ “*leis trierárquicas*”, relativas ao equipamento de trirremes.

¹⁹⁸ Os *troféus*, gr. *trópaia* (τρόπαια) eram monumentos triunfais comemorativos de uma vitória.

¹⁹⁹ “*poder das ilhas*”, referência à liga ou confederação de estados insulares aliados de Atenas...

²⁰⁰ “*nós*”, plural majestático.

²⁰¹ As sete filhas de Erecteu (rei de Atenas) e Codro (outro rei de Atenas) sacrificaram as suas próprias vidas para salvarem a cidade, na sequência de um oráculo...

²⁰² “*a divindade*” é a Fortuna, *Túkhē* (Τύχη).

Na verdade, a morte é um bom refúgio para uma pessoa ficar ao abrigo de qualquer desonra. Pois agora, ó Árquias, em tudo o que depender de mim, não desonrarei Atenas, caso escolhesse conscientemente a escravidão e abandonasse o mais belo epítáfio: a liberdade...

47. “... Mas — continuou Demóstenes — é justo recordar-te, de uma das nossas tragédias, este venerando passo:

|| *Então ela, moribunda,*
*tomou muita precaução || pra cair com dignidade*²⁰³.

“Se este foi o procedimento de uma jovem, deveria Demóstenes preferir a vida a uma morte digna, sem consideração pelas obras de Xenócrates e de Platão sobre a imortalidade [da alma]?”

Disse ainda algumas palavras bem amargas, em que se insurgia contra aqueles que a boa sorte torna insolentes... Mas... que mais devo acrescentar? Por fim, como eu ora lhe suplicasse, ora o ameaçasse, misturando a musa branda com a musa dura, ele disse: “*Eu, se fosse Árquias, deixar-me-ia convencer por esses argumentos... mas, como sou Demóstenes, perdoa-me, meu caro, por eu não ser de carácter desonesto.*”

48. Nesse momento, e só nesse momento, pensei em arrancá-lo dali à força. Ele, porém, tendo-se apercebido disso, sorriu abertamente e, voltando-se para o deus, disse: “*Parece que Árquias considera como forças e refúgios para as vidas humanas somente as armas, as trirremes, as muralhas e os exércitos, mas menospreza o meu ‘equipamento’*²⁰⁴, *que os Ilírios, os Tribalos e os Macedónios não poderiam vencer e que é mais forte que a nossa muralha de madeira*²⁰⁵, *que o deus declarou inexpugnável.*

²⁰³ Eurípides, *Hécuba*, 568-369. Refere-se à morte de Políxena. Nos *Lusíadas*, III, 131, 1, Camões adapta a forma como *Policena*, rimando com *condena* e *serena*. Na verdade a adaptação “canónica”, com acentuação proparoxítone, era muito incómoda para o decassílabo.

²⁰⁴ Aqui, *paraskeuê* (παράσκευή) refere-se, num primeiro nível, ao tipo de equipamento mencionado imediatamente atrás, mas o sentido último é “equipamento oratório”, que era, afinal, a “arma” mais poderosa de Demóstenes.

²⁰⁵ A “muralha de madeira” a que o oráculo do deus (Apolo) se referia eram os navios atenienses. O texto do oráculo está transcrito em Heródoto, VII, 141.

Foi com essa ‘precaução’²⁰⁶, que eu sempre exerci corajosamente a minha acção política, tal como corajosa era a minha audácia contra os Macedónios, sem querer saber para nada, nesse tempo, de Euctémon, nem de Aristogíton, nem de Píteas, nem Calimedonte, nem de Filipe e agora das manobras de Árquias.”

49. Ditas estas palavras, acrescentou: “Não ponhas sobre mim a tua mão. Na verdade, no que depender de mim, o templo não sofrerá qualquer profanação, pois eu, depois de saudar o deus, seguir-te-ei voluntariamente.” Aí eu fiquei na expectativa e, ao vê-lo levar a mão à boca, entendi que não era senão para saudar²⁰⁷ o deus.

ANTÍPATRO — Então era para quê?

ÁRQUIAS — Mais tarde descobrimos, através de torturas sobre uma criada, que ele há muito que tinha guardado um veneno, a fim de obter a liberdade, separando a alma do corpo. E de facto, ainda não tinha ultrapassado a soleira do templo, quando, olhando para mim, disse: “Leva este²⁰⁸ a Antípatro, mas não levarás Demóstenes, não, [juro] pelos...” Pareceu-me que ia acrescentar “... que caíram em Maratona”.

50. Então, dizendo-nos adeus, soltou o espírito.

É este, ó rei, o resultado que posso trazer-te do cerco de... Demóstenes.

ANTÍPATRO — Esse procedimento, ó Árquias, é mesmo digno de Demóstenes. Oh que espírito indomável e bem-aventurado!²⁰⁹ Que corajosa resolução a sua! Que previdência política, essa de ter à mão o garante fiel da liberdade! Mas partiu, a fim de ter, nas ilhas dos bem-aventurados, a vida chamada dos heróis, ou então seguiu o caminho para

²⁰⁶ Aqui, *prónoia* (πρόνοια), “previdência”, “precaução”, é um quase-sinónimo do precedente *paraskeuê* (παρασκευή). Poderíamos traduzi-lo por “arma de reserva”... sempre a arma oratória...

²⁰⁷ O verbo *proskünêō* (προσκυνέω) significa “prostrar-se em sinal de adoração e saudação”, implicando o gesto de levar a mão à boca, simbolizando um beijo dado à divindade.

²⁰⁸ “este”, acusat. masc. *toúton* (τοῦτον), certamente acompanhado do gesto indicando o seu corpo... Até se esperaria o neutro *toúto* (τοῦτο), “isto”, “esta coisa” (o corpo, é claro).

²⁰⁹ A forma (genit.) *makarias* (μακαρίας) também pode ser interpretada como subst.: “Oh que espírito indomável! Oh que *bem-aventurança!*”. De toda a maneira, como se vê a seguir, trata-se de uma referência à zona do Hades reservada aos bem-aventurados.

o céu, que se julga ser o [caminho] das almas, a fim de ser um génio tutelar junto de Zeus Libertador. Quanto ao seu corpo, enviá-lo-emos para Atenas, como oferenda mais preciosa para essa terra do que os caídos em Maratona.

ALCIÓNE OU METAMORFOSES

(Página deixada propositadamente em branco)

INTRODUÇÃO

Este curto diálogo, em que o Autor põe Sócrates a conversar com o seu grande amigo e discípulo Querefonte, foi-nos transmitido em manuscritos que contêm obras de Luciano, mas também de Platão, pelo que tem sido atribuído a um destes escritores. A crítica moderna, porém, nega qualquer destas autorias. No caso da atribuição a Platão, ela é altamente inverosímil, pelo facto de, no §8, se fazer referência a *duas* esposas de Sócrates, Xantipa e Mirto, situação que não se vê na obra de Platão, para o qual Xantipa é a única esposa de Sócrates.

Por outro lado, o diálogo, em si mesmo, não parece (mesmo nada!) ter saído da imaginação de Platão, que conhecia bem Querefonte e, por isso, não o apresentaria com toda aquela ignorância a respeito do mito de Alcíone.

No que respeita à autoria de Luciano, o texto, em si mesmo, não proíbe essa atribuição. Poderia (mera hipótese sem fundamento!) ver-se este diálogo como um exercício escolar da juventude de Luciano sobre um tema mitológico, caso em que o Autor, com a sua liberdade literária, simplesmente imagina, como suporte da explicação, a pergunta inicial, mas também inverosímil, de Querefonte (§1): “*Que voz é esta, ó Sócrates, que chega até nós, vinda dos lados da praia e daquele promontório? Que voz tão doce para os ouvidos! Quem será o animal que emite esse som? Na verdade, os seres que vivem na água são mesmo mudos.*”

A resposta e explicação de Sócrates estaria mais ou menos dentro dos processos de raciocínio do nosso conhecido filósofo, pelo que o Autor do diálogo poderia ser qualquer imitador do estilo literário de Platão e da figura de Sócrates.

Segundo M. D. Macleod (“Loeb”, VIII, p. 305), a inclusão de *Alcíone ou Das Metamorfoses* entre os manuscritos de Luciano dever-se-ia precisamente ao título alternativo, *Das Metamorfoses*, por associação com o outro título de *O Burro*, de Luciano: *As Metamorfoses de Lúcio de Patras*. Não convence...

No que respeita à “justificação” do mito, ou seja, no que toca à possibilidade de haver transformações de pessoas em aves e outras metamorfoses do género, diz Sócrates que há fenómenos muito mais estranhos, e que, no entanto, estão mesmo perante os nossos olhos... além de que à divindade e à Natureza nada é impossível...

Se a obra *fosse* de Luciano, poderíamos entrever aqui uma certa crítica à ingenuidade com que alguns acreditam na Mitologia...

(Página deixada propositadamente em branco)

ALCIÓNE OU METAMORFOSES

1. QUEREFONTE — Que voz é esta, ó Sócrates, que chega até nós, vinda dos lados da praia e daquele promontório? Que voz tão doce para os ouvidos! Quem será o animal que emite esse som? Na verdade, os seres que vivem na água são mesmo mudos.

SÓCRATES — Trata-se, ó Querefonte, de uma ave marinha chamada *alcíone*, muito plangente e lacrimosa, a respeito da qual os homens contam uma fábula. Dizem que ela era outrora uma mulher, filha de Éolo, este filho de Hélen, e que chorava de saudade pelo seu falecido marido, [de nome] Ceíce de Tráqui²¹⁰, filho do astro Eósforo²¹¹, formoso filho de um formoso pai; [diz-se] que, mais tarde, tendo ganho asas graças á vontade divina, sobrevoa os mares como uma ave, em busca do esposo, depois de ter vagueado por toda a terra sem poder achá-lo.

2. QUEREFONTE — Será o alcíão, essa ave de que falas? Ainda nunca antes tinha ouvido a sua voz, e por isso ela me chegou aos ouvidos de um modo realmente estranho. De facto, esse animal emite um som verdadeiramente plangente. Mas... de que tamanho é ele, ó Sócrates?

SÓCRATES — Não muito grande. Em todo o caso, é objecto de grande estima por parte dos deuses, devido ao seu amor conjugal. Na verdade, por altura da sua nidificação, o mundo conhece os dias chamados “*alciónides*”, que se distinguem pelo bom tempo em pleno Inverno²¹², e hoje é um desses dias mais que todos. Não vês como o céu está límpido e como o mar está completamente chão e calmo, semelhante, por assim dizer, a um espelho?

QUEREFONTE — Dizes bem. Sim, o dia de hoje parece ser mesmo um dia “*alciónide*”, e ontem estava igual a hoje... Mas, pelos deuses!, como se pode alguma vez, ó Sócrates, acreditar nessas histórias da Antiguidade... que mulheres foram

²¹⁰ “Tráquis”, cidade da Tessália.

²¹¹ “Eósforo” (também *Heósforo*), gr. *Heōsphóros* (Ἠεσφόρος), lit.⁶ “que traz a Aurora” (*Héōs*, Ἠώς, “estrela matutina”. Corresponde, em lat., a *Lucifer*.

²¹² Este bom tempo faz-se sentir sete dias antes e sete dias depois do *dolstício* do Inverno.

originadas de aves, ou aves [originadas] de mulheres? Realmente, fenómenos desses afiguram-se-me completamente impossíveis.

3. SÓCRATES — Meu amigo Querefonte, nós fazemos figura de juízes completamente míopes sobre o que é possível ou impossível. Na verdade, nós emitimos as nossas opiniões segundo a capacidade humana, a qual é incapaz de conhecer, de acreditar e de observar. Assim, muitas coisas fáceis parecem-nos difíceis, muitas coisas atingíveis parecem-nos inatingíveis, muitas vezes devido à nossa inexperiência, e muitas outras vezes pela infantilidade das nossas inteligências. Sim, em boa verdade, todo o ser humano parece infantil, até mesmo o muito velho, uma vez que o nosso tempo de vida é muitíssimo curto e de curta duração comparado com toda a eternidade. Então como é que nós, pessoas que desconhecem os poderes dos deuses e de outras entidades divinas, bem como todas as forças da Natureza, poderíamos dizer qual destes fenómenos é possível ou impossível? Viste, ó Querefonte, como era a invernia ainda anteontem? Ainda agora nos assalta um sentimento de terror, só de lembrarmos aqueles relâmpagos, os trovões e a grande fúria dos ventos, que até cuidaríamos que toda a terra habitada iria desmoronar-se.

4. Passado pouco tempo, porém, eis que sobreveio uma situação de bom tempo, que durou até ao dia de hoje. Portanto, qual das duas coisas julgas maior e mais trabalhosa: transformar aquela tempestade irresistível e aquela perturbação neste bom tempo e reconduzir todo o mundo ao estado de serenidade, ou fazer com que uma figura de mulher se transforme numa figura de ave? Num caso como este último, até as nossas criancinhas, que sabem moldar, pegam em barro ou em cera e, a partir do mesmo material, facilmente e muitas vezes modelam diversos tipos de formas. Ora, para a divindade, que possui uma grande superioridade, incomparável em relação aos nossos poderes, todas as acções desse género deveriam ser extremamente fáceis. Sim, quantas vezes é que tu julgas que o céu é maior que tu? Serias capaz de dizer?

5. QUEREFONTE — Qual dos homens, ó Sócrates, seria capaz de calcular ou de exprimir uma coisa desse tipo? Na verdade, não está ao nosso alcance dizê-lo sequer.

SÓCRATES — Mas não observamos nós, ao compararmos seres humanos uns com os outros, que existem grandes

disparidades no que respeita quer às suas capacidades, quer às suas incapacidades? Na verdade, a idade dos homens, quando comparada com a das crianças de muito tenra idade... com uns cinco ou dez anos, apresenta uma diferença espantosa quanto a capacidades e incapacidades em quase todas as actividades da vida, realizadas não só através destas nossas artes tão multifacetadas, mas também por meio da força física e mental. Realmente, tais actividades nem sequer parecem susceptíveis de ocorrer às crianças, como disse, muito novas.

6. Além disso, o grau de força de um único homem já completamente desenvolvido apresenta uma superioridade incalculável comparada com a das crianças. De facto, um único homem poderia facilmente vencer muitos milhares destas. É que, por sua própria natureza, a idade completamente carente, digamos assim, de tudo e desprovida de recursos, acompanha logo de início os seres humanos. Ora, quando, como parece, um ser humano se diferencia tanto de outro ser humano, que pensaremos nós que todo o céu, comparado com as nossas capacidades, pareceria àqueles que contemplam tais fenómenos? Portanto, talvez pareça para muitos plausível que a grandeza do Universo apresente tanta superioridade em comparação com a estatura de Sócrates ou de Querefonte, como a capacidade, a compreensão e a inteligência do Universo diferem em idêntica proporção da nossa condição.

7. Ora, muitas coisas tidas por impossíveis para mim, para ti e para muitos outros, são extremamente fáceis para outros. De facto, é mais difícil tocar flauta para os que não aprenderam, ou ler e escrever para os ignorantes da técnica da escrita (enquanto não aprenderem tais coisas), do que transformar aves em mulheres ou mulheres em aves. A Natureza, ao depositar no favo um animal sem patas e sem asas, fornece-lhe patas e asas e enfeita-o com muita e bela variedade geral de cores, e forma uma abelha sábia, fabricante do divino mel, e, de ovos mudos e sem alma, forma muitas espécies de animais, tanto aéreos, como terrestres, como aquáticos, utilizando, no dizer de algus, artes sagradas do grande Éter.

8. Ora, sendo enormes as capacidades dos imortais, e sendo nós mortais, infinitamente pequeninos e incapazes de ver

quer as coisas grandes, quer as pequenas, mas perplexos com a maior parte dos fenómenos que acontecem à nossa volta, não poderíamos falar com segurança de alcíones ou de rouxinóis. A fama dessas lendas, que os nossos pais nos transmitiram e nós transmitimos aos nossos filhos, ó ave cantora de prantos, também eu transmitirei, falando dos teus hinos, e muitas vezes cantarei para as minhas esposas Xantipa e Mirto²¹³, o teu amor piedoso e marital, narrando, entre outras coisas, a grande honra que tu recebeste da parte dos deuses. Será que também tu, ó Querefonte, estás disposto a fazer algo semelhante?

QUEREFONTE — É justo, ó Sócrates, e o que tu disseste até contém uma dupla exortação, respeitante às [mútuas] relações entre esposas e maridos.

SÓCRATES — Nesse caso, é tempo de nos despedirmos de Alcíone e irmos andando de Falero a caminho da cidade.

QUEREFONTE — Muito bem. Façamos assim.

²¹³ A esposa “canónica” de Sócrates é Xantipa, mas, segundo certas fontes, Sócrates assumira a protecção (marital ou... equivalente) de Mirto, neta de Aristides-o-Justo. O Autor desta obra (que parece não ser Luciano) aproveita o aspecto subtilmente “picante” da versão da segunda esposa de Sócrates.

A GOTA

(Página deixada propositadamente em branco)

INTRODUÇÃO

A autoria desta pequena jóia trágico-lírica, com algumas “pitadas” de humor, tem sido negada a Luciano, em boa parte pelo facto de vir acompanhada de uma outra, *Ocípode* [*O Homem dos Pés Ligeiros*], que parece constituir a sequência de *A Gota*, mas que lhe é muito inferior em todos os aspectos, nomeadamente na linguagem e na métrica. De facto, não imaginamos que Luciano, depois de escrever a bela peça que é *A Gota* (se é ele seu autor), como que tivesse perdido as suas grandes qualidades nesta espécie de sequência. Enfim, não há motivo para negar a Luciano a autoria desta obra. Quanto à autoria de *Ocípode*, aceitamos a opinião geral de que se trata de uma obra posterior a Luciano, talvez de época bizantina, eventualmente inspirada em *A Gota*, da qual se apresenta como uma sequência natural, com a sua conclusão lógica: Um vigoroso jovem que se gabava da sua saúde inquebrável, acaba por sofrer o castigo da divindade intratável, que é a Gota. Para mais informação, veja-se a Introdução a *Ocípode*.

NOTA: Como faço em traduções de passos em verso (grego), também aqui tentei dar uma versão em verso português, que, naturalmente, só tem de comum com a métrica grega o facto de ser constituída por elementos regularmente repetidos. Indico entre parênteses rectos [] o tipo de verso português, com uma *cesura* que, de algum modo, tenta sugerir a autêntica *cesura* dos versos gregos.

(Página deixada propositadamente em branco)

A GOTA

PERSONAGENS:

O GOTOSO, CORO, A GOTA, MENSAGEIRO, MÉDICO, AS DORES

GOTOSO — 7 || 7.

- Ó tu, de nome odioso || e dos deuses odiado,
Tu, Gota, rica em lamentos, || tu, a filha de Cocito,
que nos recantos do Tártaro, || de profunda escuridão,
a Erínia Megera || de seu ventre fez nascer,
5 e em seu peito amamentou, || e a ti, cruel infante,
em teus lábios destilou || também Alecto seu leite, —
Quem foi, de entre as divindades, || que te fez subir à luz,
maldito ser? Tu vieste || pra ser dos homens flagelo.
Se depois da nossa morte || se segue para os mortais
10 a punição dos seus crimes || cá na terra cometidos,
não se deviam punir, || na morada de Plutão,
nem Tântalo pela sede, || nem Ixíon pela roda
mas simplesmente entregar || todos esses criminosos
15 às tuas horrendas dores, || de articulações tormento.
Oh! Como está o meu corpo || ressequido e sofredor,
das pontas das minhas mãos || até às pontas dos pés!
Um humor muito funesto || e um suco amargo da bÍlis
tornam o respirar penoso, || entupindo-me os canais,
20 e, mantendo-os encerrados, || mais prolonga as minhas dores.
Por estas minhas entranhas || corre um mal abrasador,
que, quais turbilhões de chamas, || a carne ardente consome,
dir-se-ia uma cratera || cheia do fogo do Etna,
ou o estreito da Sicília, || de passo bem apertado,
25 que, batido pela onda || sem ter por onde escoar-se,
em remoinhos se abate || contra as cavernas das rochas.
E tu, ó morte insondável || para todos os mortais,
como é em vão que nós todos || invocamos teu socorro,
ingenuamente embalados || numa esperança vazia!

CORO —

- 30 No Dídimos, a CÍbele sagrado,
os Frígios soltam gritos delirantes
ao delicado Átis consagrados;
e ao som do tocador da frÍgia trompa,
do Tmolos montanhoso nas encostas,

- 35 os Lídios soltam seus cantos de orgia;
 e loucos por acção dos tamboretas,
 entoam o *evoé* os Coribantes,
 ao ritmo compassado dos Cretenses;
 e gravemente soltam as trombetas
- 40 o toque da batalha anunciando,
 Por isso, nós, ó Gota, teus devotos,
 da Primavera nas primeiras horas,
 nossos ritos chorosos celebramos,
- 45 agora que já estão todos os prados
 de verdejantes ervas fluorescentes,
 e por acção de Zéfiro e seu sopro
 as árvores ostentam tenras folhas,
 e quando junto às casas dos mortais
- 50 chilreia a andorinha desditosa,
 e quando toda a noite, nesses bosques,
 Átis, o rouxinol, com seus lamentos,
 suspira lacrimosa por seu Ítis.

GOTOSO —

- Alívio das minhas dores, || ó minha terceira perna,
 55 Tu, bengala que o meu fado || me destinou, sê suporte
 do meu andar tremebundo, || sê o guia dos meus
 passos
 e sê a marca segura || para me firmar no chão.
 Ergue já, ó infeliz, || os teus membros deste leito,
 abandona-me esse tecto || escorado em fortes vigas;
 60 dissipa desses teus olhos || a nocturna e espessa bruma,
 e saindo porta fora, || virado prà luz do sol,
 aspira a suave brisa || que traz um sopro sereno.
 Já brilha o décimo dia, || e junto a este outros cinco
 que estou encerrado em trevas, || da luz do sol arredado,
 65 e num leito sem coberta || vou esfregando meu corpo.
 Mas o que a alma me pede, || e é todo o meu desejo,
 é que dirija meus passos || resolutos prà saída...
 só que o corpo preguiçoso || não obedece a desejos.
 Mas mesmo assim, ó minha alma, || desperta, pois
 sabes bem
 70 que um homem pobre e gotoso, || se pretender deslocar-se,
 e fazê-lo não puder, || já está no rol dos defuntos.
 73 Vamos então!...

- Quem são estes, que manejam || em duas mão²¹⁴ seus cajados,
de cabeça coroadas || com folhas de sabugueiro?²¹⁵
- 75 A qual dos deuses dedicam || o seu coro ritual?
Será a ti, Febo Péan, || que eles prestam suas honras?
Não estão, porém, coroados || co' a folha do louro délfico.
Ou será um hino a Baco, || festivamente entoado?
Mas não têm os cabelos || em folhas de hera envolvidos.
- 80 Quem sois vós, ó estrangeiros, || e de que terra viestes?
Falai sem constrangimento, || fazei um discurso franco:
Dizei, amigos, qual é || a deusa que vós cantais.

CORO —

- E tu, que tal nos perguntas, || diz-nos quem és, donde vens.
Como sugere o cajado || e esse teu modo de andar,
85 vemos um iniciado || da divindade invencível.

GOTOSO —

Mas serei eu, porventura, || digno de tal divindade?

CORO —

- Assim como Nereu nas salsas ondas
com gotas que caíram lá do céu²¹⁶,
a Cíprica Afrodite alimentou,
90 assim criando a bela criatura;
tal como junto às fontes de Oceano
Tétis²¹⁷ de largas tetas aleitou
Hera, de Zeus Olímpico consorte,
a bela divindade de alvos braços;
95 também do alto da imortal cabeça
o Crónida, o melhor de entre os Olímpicos,

²¹⁴ O dual *kheroîn* (χεροῖν) indica claramente o uso simultâneo de dois cajados ou bengalas.

²¹⁵ O sabugueiro tem, entre outras, propriedades diuréticas, pelo que julgo que era usado no tratamento da gota, eliminando o excesso de ácido úrico. Daí que os pacientes aqui descritos viessem coroados com folhas de sabugueiro.

²¹⁶ Luciano opta pela versão, segundo a qual Afrodite foi gerada (não por Zeus e Díone), mas pela semente de Úrano, a quem Crono mutilara, e cujos órgãos deram origem à formosa deusa.

²¹⁷ Tétis, gr. *Tēthús* (Τηθύς) é esposa de Oceano. Não confundir com *Tétis*, gr. *Thētis* (Θέτις), esposa de Peleu e mãe de Aquiles. A adaptação “canônica” ao port. produziu este... incómodo.

brava figura de mulher gerou:
 Atena, incitadora de combates;
 a nossa venturosa divindade
 100 o velho Ofíon em seus gordos braços
 a deu primeiro à luz, quando cessou
 do primitivo Caos a escuridão
 e a radiante Aurora despontou
 e Hélio irradiou todo o seu brilho.
 105 Então surgiu a poderosa Gota.
 E quando do seu ventre te pariu
 e então a Parca Cloto te lavou,
 eis que Úrano²¹⁸ sorriu com todo o brilho,
 o Éter trovejou mesmo sem nuvens,
 110 e em suas ‘tetas’, de ‘leite’ abundantes,
 o mui rico Plutão a ‘amamentou’²¹⁹.

GOTOSO —

Que ritos impõe a deusa || aos seus fiéis seguidores?

CORO — 10 || 7.

Nosso fôgoso sangue não vertemos || dando golpes de punhal,
 nem enrolamos nossas cabeleiras || do nosso pescoço à volta,
 115 também não flagelamos nossas costas || com astrágalos²²⁰
 sonantes,

nem comemos de touros carne crua || que retalhamos
 em tiras.

Mas quando a delicada flor do ulmeiro || na Primavera
 desponta,

e o melro harmonioso nas ramagens || solta um canto
 variado,

então uma picada muito aguda || atinge os iniciados,

1

20 discreta e invisível, que penetra || nas profundezas dos
 membros,

no pé, joelho ou cótila ou nas vértebras, || ou nas ancas
 ou nas coxas,

²¹⁸ Aqui confundem-se o *céu*, *ouranós* (οὐρανός), e *Úrano*, *Ouranós* (Οὐρανός)... pai da Gota (v. nota *supra*).

²¹⁹ ‘Tetas’, ‘leite’ e ‘amamentar’, referidos a Plutão, só em sentido figurado... de alcance sexual (?).

²²⁰ Trata-se de chicotes de couro armados de ossinhos...

nas mãos, nas omoplatas ou nos braços, || nos cotovelos,
nos pulsos,
corrói, devora, queima e domina, || e inflama, e massacra,
até que enfim a deusa à dor ordena || que saia do paciente.

GOTOSO — 7 || 7.

125 Serei também porventura || eu um dos iniciados,
sem disso me aperceber? || Pois mostra-te, ó divindade,
ao suplicante benigna, || e entoarei com os *mistes*
teus hinos e cantarei || dos gotosos a canção.

CORO — 10.

Guarda silêncio e fica calmo, ó Éter!
130 Que todos os gotosos se recolham!
Ao seu altar já se dirige a deusa
do leito amiga e em passo sustentado
por um bordão... Pois viva a mais insigne
das divindades! Vem a teus fiéis
135 benigna, e de rosto luminoso!
Concede às nossas dores rápido alívio,
agora na estação primaveril.

GOTA — 7 || 7.

Quem há que não me conheça, || entre os terrenos
mortais,
a soberana das dores, || a invencível Podagra?
140 Nem o vapor dos incensos || tem força pra me acalmar,
nem o sangue derramado || sobre os altares em fogo,
nem o templo, onde pendentos || se encontram ricas
imagens,
a mim, que nem mesmo Péan²²¹ || pode vencer com seus
fármacos,
ele que é lá no Olimpo || médico dos deuses todos,
145 nem de Febo o próprio filho, || o mui sabedor Asclépio.
Logo que surgiu no mundo || a espécie dos humanos,
todos têm a audácia || de meu poder destruir,
sempre inventando processos || de novas drogas obter.
Cada um experimenta || sua arte contra mim:

²²¹ Péan, velho deus da medicina (já de época micénica), mais tarde assimilado a Apolo.

- 150 Esfregam-se com tanchagem²²², || e usam também o aipo, ou então folhas de alface, || ou beldroegas do prado, ou a folha do marroio, || ou *hortelã-da-ribeira²²³, esfregam-me uns com urtigas, || ou co'a folha da consolda. outros usam a lentilha, || que aos pântanos vão buscar,
- 155 ou pastinaga cozida, || ou folhas de pessegueiro, ou de meimendro, ou papoilas, || ou a casca da romã, ou cebola, ou alfavaca, || incenso, ou raiz do eléboro, fenacho junto com vinho, || girino, cola ou lentilha, ou a seiva do cipreste, || ou farinha de cevada,
- 160 folhas de couve cozidas, || ou então gesso de Paros, de cabra do monte estrume, || ou excrementos humanos, farinha feita de fava, || ou a flor da pedra de Assos²²⁴; Cozem sapos, musaranhos, || lagartixas e doninhas, cozinham rãs e hienas, || antílopes e raposas.
- 165 Qual dos metais não foi já || dos mortais exp'rimtado? Que poção não foi usada, || ou seiva de qualquer árvore? Ossos de todos os bichos, || bem como nervos e pele, gordura, sangue e medula, || urina, excrementos, leite, uns bebem este remédio, || repartido em quatro doses,
- 170 ou em oito, e a maioria || toma-o por sete vezes. Um tenta purificar-se || com uma droga sagrada, outro deixa-se burlar || com encantos de impostores, a outro tolo um judeu || engana com seus feitiços, outro busca sua cura || da deusa Círrane²²⁵ vinda.
- 175 Eu a estes todos digo || que prossigam seus lamentos, e aos que usam de tais mezinhas || e atentam contra mim costume corresponder || cada vez mais furiosa. Mas aos que são mais sensatos || e não lutam contra mim mostro uma mente suave, || torno-me benevolente.
- 180 Aquele que participa || nos meus mistérios sagrados aprende, pra começar, || a falar sensatamente, a todos ser agradável, || a dizer gentis palavras; esse é olhado por todos || com risos e com aplausos,

²²² “tanchagem”, plantaginácea vivaz e medicinal (dics.).

²²³ “hortelã-da-ribeira” é tradução *muito insegura* de gr. (acusat.) *potamogeítōna* (ποταμογεῖτων), lit.^{te} “vizinho do rio”...

²²⁴ Parece tratar-se de uma pedra calcárea com propriedades cáusticas...

²²⁵ Círrane parece ser uma divindade-feiticeira da Cilícia. Luciano usa a forma com penúltima breve, *Kürrhánē* (Κυρράνη), talvez por imposição métrica; Hesíquio e Fócio mencionam a forma *Kürrhánē* (Κυρράννη). Neste último caso, a forma portuguesa seria *Círrane*.

sempre que vai para os banhos || transportado às costas
de outros.

185 Na verdade, aquela Ate²²⁶, || de quem fala Homero, eu sou,
que caminha sobre os homens || e tem leve andar de pés.
Mas prà grande maioria || dos mortais eu sou chamada
Podagra, que quer dizer, || ‘a que apanha pelos pés’²²⁷.
Mas vamos lá, todos vós, || *mistes* das minhas orgias,
190 com vossos hinos honrai || a divindade invencível.

CORO — 10.

Virgem de coração diamantino,
mui forte divindade, de alma dura,
escuta a voz dos teus mortais devotos.
Grande é o teu poder, Gota opulenta,
195 que até de Zeus o raio veloz teme,
por quem tremem do mar profundo as ondas
e treme o próprio Hades, rei dos mortos,
Tu, que amas ligaduras e o leito,²²⁸
do andar travão e de ossos o tormento,
200 que os pés queimas e mal tocas no chão
que o pilão temes, e em noites de insónia
abrasas o joelho e calcificas
as juntas, e as pernas tornas cambas,
203b) e por isso mais curtas: Tu ó Gota!

MENSAGEIRO — 7 || 7.

204 Senhora, que aqui chegaste || por teu pé bem oportuno.
205 escuta-me, pois te trago || uma nova nada fútil,
mas o facto, em si mesmo, || concorda com o meu
discurso.

Tal como tu me ordenaste, || eu, com passada mui lenta,
corri todas as cidades, || visitei todas as casas,

²²⁶ Ate é a personificação do erro, do engano, do embuste, aquela que induz os homens (e até... Zeus!) em erro; poisa seus leves pés sobre as cabeças dos mortais, sem que eles se apercebam. Neste passo, Luciano parece associá-la mais ao conceito de “desgraça”...

²²⁷ ‘a que apanha pelos pés’, de *pod-* (ποδ-) “pé” e *agréō* (ἀγρέω) “caçar”; em sentido comum, “armadilha em que o animal é apanhado pelas patas”.

²²⁸ Os vv. 198-203 contêm epítetos cómicos de grande... comprimento, ao estilo aristofânico, que otrnaram difícil manter na tradução o mesmo número de versos. Assim, o v. assinalado como 203b deve ser “diluído” no verso precedente...

procurando ver se alguém || não respeita o teu poder.
210 Entre aqueles que observei, || só vi almas conformadas,
vencidas, Senhora minha, || pela força dos teus braços.
Dois, porém, de entre os mortais, || com uma audácia
inaudita,

perante todos os povos || afirmavam e juravam
que o teu poder já não é || merecedor de homenagem,
215 mas que vão lançar-vos fora || da existência dos mortais.
Por isso, meu pé ligando || co' apertadas ligaduras,
corri em cinco jornadas || dois estádios de distância²²⁹.

GOTA — 7 || 7.

Como rápido voaste, || meu mais veloz mensageiro!
De que terra inacessível || suas fronteiras deixando,
220 aqui vens? Diz claramente, || pra que eu saiba sem
demora.

MENSAGEIRO — 7 || 7.

Primeiramente desci || cinco degraus de uma escada,
com travessas de madeira || que, mal juntas, abanavam;
depois vinha um pavimento || feito de terra batida,
mas com duríssimos altos, || que feriam os meus passos.
225 Ultrapassada esta zona, || co' as solas dos pés doridas,
enfiei por um caminho || de calhaus pavimentado,
de piso muito penoso, || pejado de agudas pedras.
Depois dei com um caminho || muito liso e deslizante:
ao tentar seguir em frente, || a argila muito solta
230 impelia para trás || os meus fracos calcanhares.
Nesse caminho avançando, || um abundante suor
todo o corpo me inundava || e me deixava esgotado²³⁰.
Moído por todo o corpo, || eis que depois me recebe
uma estrada muito larga, || mas nem por isso segura.
235 De uma parte e de outra parte || me surgiam carruagens
que me apressavam, forçavam, || impeliam-me a correr.
Para aliviar um pouco || o meu preguiçoso pé,

²²⁹ A medida do estádio variava segundo as cidades. Em Atenas, o estádio tinha 184,98m, e em Olímpia 192,27m. Neste caso, interessa notar a “espantosa” velocidade de dois estádios em cinco dias... autêntica e vertiginosa velocidade de... tartaruga...

²³⁰ O v. 232 está nitidamente corrompido em todos os mss., pelo que deve tratar-se de leitura muito antiga; os editores tentam emendar... como podem (v. “Loeb”, VIII, p. 345. Naturalmente, a minha versão é problemática.

seguí ao lado da via, || por uma estreita berma,
até que por mim passassem || os carros de rodas rápidas,
240 pois sendo vosso devoto, || não posso correr veloz.

GOTA — 7 || 7.

Não foi em vão, meu amigo, || que essa acção executaste
muito bem executada. || Em paga desse teu zelo,
vou conceder-te uma graça || de valor proporcional.
Que grata ao teu coração || seja esta minha dádiva:
245 Passarás estes três anos || de dores aliviado...²³¹
Mas vós, ó seres malditos || e dos deuses odiados,
declarai-me²³² quem sois vós, || de que gente descendeis,
vós que ousais afrontar || o poderio de Podagra,
cuja força nem o Crónida²³³ || é capaz de subjugar.
250 Falai, ó gente perversa. || Sim, pois eu já dominei
grande parte dos heróis, || como os eruditos sabem.
Príamo “de pés velozes”²³⁴, || afinal era gotoso;
Aquiles, de Peleu filho, || morreu “de gota num pé”²³⁵;
o herói Belerofonte || também suportou a gota²³⁶;
255 gotoso igualmente era || Édipo²³⁷, o rei de Tebas;
da família dos Pelópidas, || Plístenes era gotoso;
gotoso era de Peante || o filho²³⁸, chefe de frota;

²³¹ Segue-se uma mudança de assunto: trata-se dos malditos médicos, seus inimigos...

²³² “declarai-me”... “descendeis” não constam do texto: é só para “encher” o verso...

²³³ “Crónida”, filho de Crono, ou seja, Zeus (cf. v. 195).

²³⁴ “de pés velozes”, *podárkēs* (ποδάρκης), aplica-se, na *Iliada* (XVIII, 181), a Aquiles. Era também o nome de Príamo quando jovem. Há aqui um jogo gracioso entre esse epíteto e *podagrós* (ποδαγρός)...

²³⁵ “de gota num pé”, *podagrós* (ποδαγρός), lit.^{te} “apanhado pelo pé”... não propriamente de gota. Alude-se à história, segundo a qual sua mãe, Tétis, o mergulhou nas águas do Estige, a fim de torná-lo imortal... mas, ao pegar-lhe pelo calcanhar (o... *calcanhar de Aquiles*...), impediu que a água cobrisse essa parte do corpo...

²³⁶ O texto diz que era *podagrós* (ποδαγρός), “gotoso”, ou, como no caso de Aquiles (e outros mais abaixo mencionados), “apanhado pelo pé”, uma história hoje não documentável, mas que estaria relacionada com o cavalo Pégaso, do qual Belerofonte foi precipitado por Zeus...

²³⁷ *Oidípous* (Οιδίπους) significa lit.^{te} “de pés inchados”; daí a “gotoso”...

²³⁸ O “filho de Peante”, Filoctetes, mordido por uma serpente, ficou coxo, mas mesmo assim foi comandante de uma parte da armada contra Tróia.

ainda um outro, Podarces²³⁹, || que os Tessálios comandou,
quando caiu em combate || seu irmão²⁴⁰ Protesilau,
260 mesmo gotoso e dorido, || tornou-se chefe da frota.
Ulisses, de Ítaca rei || e de Laertes o filho,
fui eu mesma que o matei, || não a espinha de peixe²⁴¹...
Ficai sabendo, ó malditos, || que não ficareis a rir-vos,
pois tereis justo castigo || pelo que andais a fazer.

MÉDICO — 7 || 7.

265 Somos naturais da Síria, || de Damasco cidadãos.
Vítimas de muita fome || e de uma extrema pobreza,
percorremos terra e mar, || numa errância constante.
Temos connosco um unguento, || herdado de nossos pais,
com o qual aliviamos || as dores dos padecentes.

GOTA — 7 || 7.

270 Diz-nos qual é esse unguento || e a sua preparação.

MÉDICO — 7 || 7.

Um juramento sagrado || manda que cale e não diga,
bem como a última vontade || de meu moribundo pai,
que me mandou ocultar || o grande poder da droga,
com que sabia pôr fim || à tua fúria selvagem.

GOTA — 7 || 79

275 Miseráveis criaturas, || a má morte destinadas!
Haverá em todo mundo || droga de tamanho efeito,
que no corpo besuntada || ponha termo ao meu furor?
Pois então estabeleçamos || a seguinte convenção,
a ver qual é superior || de entre as duas em presença:
280 se a força da tua droga, || ou a força dos meus ardores...
Acorrei cá, ó Torturas, || voando de toda a parte,
vós que companheiras sois || dos meus báquicos mistérios!
Chegai-vos mais para cá. || Tu o extremo dos seus pés,

²³⁹ Podarces, andrónimo, significa “de pés velozes”; guerreiro em Tróia (v. *Iliada*, II, 704 e XIII, 693). Tal como no caso de Príamo, Luciano compraz-se em jogar (por associação de opostos) com o sentido etimológico.

²⁴⁰ “seu irmão” não está no texto, é só para “encher” o verso...

²⁴¹ Ulisses terá morrido muito velho, engasgado por uma espinha de peixe, como sugere a profecia da *Odisseia*, XI, 124, tema tratado por Ésquilo e Sófocles em tragédias hoje perdidas.

no calcanhar começando, || e até à ponta dos dedos,
285 a este inflama, e tu, || entra-lhe nos tornozelos,
e das coxas aos joelhos || verte teu acre veneno,
e todas vós encurvai-lhe || quantos dedos tem na mão.

DORES — 7 || 7.

Eis que tudo o que ordenaste || já nós o executámos.
Aí jazem os infelizes, || altos gritos exalando,
290 co' os membros todos torcidos || por obra do nosso
ataque.

GOTA — 7 || 7.

Vamos, pois, ó estrangeiros, || vejamos com precisão
se esta droga, esta loção, || é de alguma utilidade.
Se ela claramente for || contrária à minha acção,
irei, deixando este mundo, || pràs profundezas da terra,
295 prò mais profundo do Tártaro, || despercebida e obscura...
Foi aplicada a loção. || Vejamos se a dor acalma.

MÉDICO — 7 || 7.

Ai de mim, atormentado! Ai de mim, que estou perdido!
Tenho os membros trespassados || por invisível moléstia.
como seta que nem Zeus || igual lança com seu raio,
300 nem qualquer vaga do mar || ataca com tal furor,
nem mesmo um grande tornado || tem uma tal violência.
Será que o dente afiado || me dilacera, de Cérbero,
ou o veneno de Equidna²⁴² || anda a devorar meu corpo,
ou do Centauro a túnica || ensopada de veneno?
305 Tem piedade, Senhora, || pois a droga não é minha,
nem há nenhuma capaz || de impedir o teu caminho.
Por geral consenso vences || toda a raça dos mortais.

GOTA — 7 || 7.

Cessai vossa acção, Torturas, || as dores aliviai
dos que agora se arrependem || de me terem afrontado.
310 Que todos fiquem sabendo || que de entre todos os deuses
sou a única intratável, || que não obedece a drogas,

CORO — 10 || / 10.

²⁴² Equidna, personagem monstruosa, metade mulher e metade serpente... donde o veneno.

De Salmoneu²⁴³ nem mesmo a força bruta ||
 com os trovões de Zeus rivalizou,
 mas pereceu co' oeito trespassado ||
 do raio flamejante desse deus.
 Nem Mársias²⁴⁴, o sátiro ficou ||
 a rir-se, ao competir com Febo Apolo,
 315 mas a pele suspensa de um pinheiro ||
 ainda faz ouvir um som plangente.
 Um luto inesquecível teve Níobe²⁴⁵ ||
 que como mãe quis competir co' a deusa,
 mas agora chorosa continua ||
 vertendo muitas lágrimas no Sípilo.
 Do mesmo modo Aracne²⁴⁶ da Meónia ||
 entrou com a Tritónide em disputa,
 mas ainda hoje, após perder a forma, ||
 a tecer continua sua teia.
 320 Assim a insolência dos mortais ||
 não tem comparação com o furor
 dos bem-aventurados imortais: ||
 de Zeus, de Leto ou Pálade, ou do Pítio.
 Assim nos tragas, Gota popular, ||
 um sofrimento, sim, mas bem suave,
 que seja tolerável e ligeiro, ||

²⁴³ Salmoneu, homem extremamente orgulhoso, decidiu imitar Zeus, construindo uma estrada de bronze, sobre a qual passava com um carro de rodas de cobre (ou de ferro), arrastando correntes, a fim de imitar o barulho do trovão; também imitou os raios, por meio de tochas que lançava à esquerda e à direita. Claro que foi fulminado por Zeus.

²⁴⁴ Mársias, orgulhoso do seu virtuosismo como tocador de flauta, desafiou Apolo para com ele competir tocando lira. Aquele vencesse aplicaria ao outro o castigo que entendesse. Apolo, vencedor, esfolou Mársias e pendurou a pele deste num pinheiro (ou num plátano)...

²⁴⁵ Níobe, orgulhosa dos seus sete filhos e sete filhas, dizia-se superior a Leto, que só gerara Apolo e Ártemis. Estes, para vingarem a mãe, mataram os filhos de Níobe, com exceção de um rapaz e uma rapariga... Níobe foi transformada numa rocha, no monte Sípilo, que continuou a verter lágrimas...

²⁴⁶ A jovem Aracne, orgulhosa da psua perfeição como tecedeira e bordadeira, desafiou Atena (aqui designada pelo epíteto de *Meónide*) para uma prova de bordados. Embora ambos os trabalhos fossem perfeitos, Atena, extremamente irritada, rasgou o trabalho da sua rival e feriu-a com a naveta (ou lançadeira). Aracne, desesperada, enforcou-se, mas Atena evituo que ela morresse e transformou-a em *aranha*... que continuou a fiar...

não ardente, mas breve e indolor,
que se suporte bem e tenha fim, ||
pouco esgotante e que nos deixe andar.

325 *As formas da desgraça são inúmeras,*
326 *A prática das dores e o costume*
327 *que sirvam aos gotosos de consolo.*
328 *Assim, ó companheiros de infortúnio,*
329 *disfarçareis as dores...*
330 *Se não se cumpre aquilo que se espera,*
331 *um deus realizou o inesperado.*
332 *Que os sofredores²⁴⁷ todos se conformem*
333 *se são de riso causa, ou de troça:*
334 *Tal foi por natureza a nossa sorte.*

²⁴⁷ “sofredores”, entenda-se, “... de gota”, como se depreende a seguir:
são objecto de troça devido ao seu modo de andar.

(Página deixada propositadamente em branco)

OCÍPODE [O HOMEM DOS PÉS LIGEIROs]

(Página deixada propositadamente em branco)

INTRODUÇÃO

Ocípode [*O Homem dos Pés Ligeiros*], funciona como sequência de *A Gota*, mas não é necessariamente da mesma autoria. Os críticos modernos, alguns dos quais atribuem esta última a Luciano (facto que em nada diminuiria o seu mérito literário), são praticamente unânimes em negar a mesma autoria de *Ocípode*. Esta apresenta-se, aqui e acolá, com pequenas lacunas, que poderiam dever-se a uma primeira versão inacabada... Por outro lado, a técnica do verso é claramente inferior à métrica de *A Gota*, coisa que não se admitiria num escritor como Luciano. Mas a verdade é que a peça, muito mais cómica que trágica, tem a sua graça, como reconhece o autor do “Argumento” (de feitura claramente “bizantina”), cuja leitura desde já sugiro...

(Página deixada propositadamente em branco)

OCÍPODE [O HOMEM DOS PÉS LIGEIOS]

ARGUMENTO:

[Ocípode era filho de Podalírio e de Astásia; distinguia-se por sua beleza e sua força, e por apreciar as actividades atléticas e cinegéticas. Muitas vezes, ao ver pessoas vítimas da impiedosa Podagra [Gota], ria-se, dizendo que essa doença não tinha absolutamente nenhuma gravidade. Então esta deusa irritou-se e atacou-lhe os pés. Como ele resistisse valentemente e se negasse a reconhecer a situação, a deusa pô-lo completamente deitado de costas.

As personagens da peça são: Podagra, Ocípode, Trofeu [Pegagogo], um Médico, a Tormento [ou Dor], um Mensageiro.

A cena da peça é suposta ser em Tebas. O coro é constituído por pacientes de gota locais, que interpelam Ocípode. A peça é extremamente engraçada.]

PODAGRA [GOTA] —

Terrível entre os mortais, || abominável de nome,
Podagra, assim sou chamada, || dos homens flagelo horrendo,
cujos pés com fortes laços || mantenho bem amarrados,
e nas articulações || penetro sem ser notada.

- 5 Rio-me dos atacados || pela minha violência,
e que a verdadeira causa || não confessam de seu mal.
mas que ao invés lhe atribuem || algum frívolo motivo.
Todos tentam iludir-se, || alegando mil desculpas;
aos seus amigos um diz || que foi por torcer um pé
- 10 ou por ter batido em algo, || sem confessar a verdade,
mas aquilo que não diz, || cuidando que engana os outros,
o próprio tempo, correndo, || revela-o queira ou não queira.
Então, uma vez vencido, || e meu nome declarando,
é em “triumfo” levado || nos braços dos seus amigos.
- 15 O Tormento²⁴⁸ é, nestes males, || o meu colaborador,
que eu sozinha nada sou || sem a sua companhia.
Mas o que mais me atormenta || e me deixa furibunda
é que ninguém considera || causa de todos os males
o Tormento, nem o insulta || com palavras ofensivas,
- 20 mas é contra mim que lançam || horríveis imprecações,
na esperança de escapar || aos meus apertados laços...

²⁴⁸ “Tormento”, ou Dor, gr. *Pónos* (Πόνος). Entendi traduzir, ainda que com menor precisão, por um termo que fosse também, em port., do género masculino.

- Mas porque digo estas coisas, || e não declaro o motivo
por que aqui estou, sem poder || minha raiva suportar?
O nobre mestre de embustes²⁴⁹, || Ocípode, esse insolente,
25 despreza a minha pessoa, || dizendo que eu nada valho.
Então eu, como mulher, || de grande furor mordida,
por minha vez o mordi²⁵⁰ || com justo golpe incurável,
como tenho por costume, || no artelho o atingindo.
Já o terrível Tormento || um pequeno espaço ocupa,
30 mas já vai co' umas picadas || minando a sola do pé.
Mas ele tenta enganar || o seu velho e pobre mestre,
como se ferisse o pé || ou na corrida ou na luta;
e ao sair de sua casa, || ei-lo que vai avançando,
pondo o pé suavemente, || tentando esconder que manca.

OCÍPODE²⁵¹ —

- 35 Donde é que esta dor terrível || sobre os meus pés
terá vindo,
não causada por pancada, || nem por mau passo ou
por queda?
Tenho o tendão muito tenso, || tal e qual como o frecheiro
ao disparar sua flecha, || o que me obriga a dizer:
“O fim destas minhas dores || ainda vai levar seu tempo.”

PEDAGOGO —

- 40 Vamos, ergue-te, meu filho, || e mexe bem esses pés,
e que ao coxear não caias || e não me arrastes contigo.

OCÍPODE —

- Já te estou obedecendo, || em ti me apoio sem peso;
no chão o pé dolorido || já estou pondo e aguento.
Sim, é vergonha pra um jovem || ter por ajuda nas quedas

²⁴⁹ “de embustes”, genit. pl. *dólōn* (δόλων) também tem sido interpretado como o andrónimo (nominat.) *Dólōn* (Δόλων), que sugere fortemente o herói troiano Dólōn, “de pés ligeiros” (*Il.*, X, 316). Todavia, a interpretação desta palavra como andrónimo está prejudicada pelo facto de o nome da personagem, Ocípode, vir logo a seguir.

²⁵⁰ O aor. 1º *antédaka* (ἀντέδακα), em vez do aor. 2º em *-on* (-ον) denota uma época tardia, nitidamente pós-clássica, onde, no entanto, temos exemplos de convivência dos dois aoristos. A substituição do aor. 2º pelo aor. 1º acabou por se generalizar, até ao gr. mod.

²⁵¹ Sigo Guyet (*apud* “Loeb”, VIII, p. 361), que atribui os cinco versos seguintes a Ocípode.

45 um velho que além de fraco || não faz senão murmurar.

PEDAGOGO —

Isso não, meu insensato, || não ralhes assim comigo,
com essa altivez de jovem, || porque bem deves saber
que nas horas de aflição || todo o velho se faz jovem²⁵².
Obedece ao que te digo. || Se eu retirar meu apoio,

50 eu, velho, fico de pé, || e tu, jovem, vais ao chão.

OCÍPODE —

Se tu caíres, caíste || não do mal, mas da velhice;
nos velhos persiste ainda || notável força mental,
mas falta-lhes energia, || quando se trata de agir.

PEDAGOGO —

Que sofista me saíste! || Não me dizes de que modo
55 essa tal dor penetrou || na planta do teu pé?

OCÍPODE —

Estava a praticar corrida, || e pra pôr suave o pé,
corria com passo largo, || quando sobreveio a dor²⁵³.

PEDAGOGO —

Vai correndo, como disse || um que estava depilando
a barba, mas precisando || de rapar a farta axila²⁵⁴.

OCÍPODE —

60 De facto, estava lutando... || Ao pretender aplicar
uma rasteira, feri-me. || Podes crer que é a verdade.

PEDAGOGO —

Que soldado me saíste! || Ao queres aplicar
uma rasteira, feriste-te! || Que falsa história me impinges!
Também eu contei outrora || uma história semelhante,

²⁵² “todo o velho se faz jovem”, sentido confirmado pelos vv. 49-50, e não (invertendo o sujeito e o nome predicativo do sujeito) “todo o jovem se faz (i, é, “chegará a”) velho”.

²⁵³ Devo dizer que a tradução dos vv. 56 (2º hemistíquio) e 57 é algo problemática...

²⁵⁴ Trata-se de um dito proverbial, cujo sentido exacto me escapa, mas que significa que o outro não era convincente... E de facto, logo a seguir, Ocípoide dá outra desculpa...

65 a verdade não contando || a nenhum dos meus amigos.
Mas agora, como vês, || toda a gente descobriu...
A grande dor que o sacode || fá-lo contorcer-se todo²⁵⁵.

MÉDICO —

Onde é que o ilustre Ocípode || posso, amigos, encontrar,
que tem doença de pés, || que não lhe permite andar?
70 Sou médico e ouvi dizer || da boca de um seu²⁵⁶ amigo
que sofre muito do mal || que o não deixa ter-se em pé²⁵⁷...
Mas ei-lo aqui em pessoa, || mesmo em frente dos meus olhos,
ei-lo jazente no leito, || para ali deitado de costas...
Eu te saúdo, plos deuses! || Mas essa tua doença,
75 que raio de coisa é? || Diz-me, Ocípode, e depressa.
Se eu conseguir saber, || talvez possa dar remédio
a essa terrível dor, || à desgraça do teu mal.

OCÍPODE —

Tu mesmo me vês, ó *sóter*²⁵⁸, || melhor dizendo, Sotérico,
que tens da deusa “Trombeta” || o mesmo nome, Sotérico:
80 uma horrível dor no pé || bem cruelmente me morde,
ao pisar os pés no chão, || e andar timidamente.

MÉDICO —

Diz-me donde veio o mal || e de que modo surgiu,
pois ao saber a verdade, || o médico intervirá
com segurança maior, || mas erra, se não souber.

OCÍPODE —

85 Ao praticar a corrida || e as artes do ginásio,
fui gravemente ferido || por meus caros companheiros.

MÉDICO —

Porque não tens um inchaço || bastante desagradável

²⁵⁵ Esta frase é um aparte.

²⁵⁶ “seu”... ou “meu”: o texto não especifica.

²⁵⁷ O adj. *ástatos* (ἄστατος) também significa “que não tem lugar certo”... “difuso”, pois a gota “desloca-se por diversas partes do corpo.

²⁵⁸ *sóter*, gr. *sōtēr* (σωτήρ) “salvador”, termo *comum* que Ocípode associa ao nome do médico, *Sōtērikhos* (Σωτήριχος). Para manter a associação, com o andrónimo, houve que manter a forma grega do nome-adj.; “Trombeta” era um raro epíteto de Atena, mais conhecida pelo epíteto de *Sōteira* (Σώτειρα) “Salvadora”. Tanta subtilidade... não sei se os próprios gregos a entenderiam bem...

no próprio local do golpe, || e não tens uma compressa?

OCÍPODE —

Não suporto sobre a pele || as ligaduras de lã,
90 uma beleza pra muitos, || mas inúteis, afinal.

MÉDICO —

Então que é que te parece? || Vou lancetar o teu pé?
Se permitires que o faça, || fica desde já sabendo
que com essa incisão || retiro-te muito sangue.

OCÍPODE —

Procede assim, se de facto || nova forma descobriste
95 de logo pôr termo à dor, || horrenda dor dos meus pés.

MÉDICO —

Eis que o escalpelo te aplico, || de liga de cobre e ferro,
bem afiado e de sangue || sequioso e encurvado.

PEDAGOGO —

98 Pára! Pára!²⁵⁹

Que estás, “Salvador”, fazendo? || Assim não podes salvá-lo.

100 Ousas juntar-lhe uma dor || provocada pelo ferro?

Sem a verdade saberes, || mais um mal aos seus pés causas,
pois não passam de mentiras || as palavras que lhe ouviste.
Não foi, não, como ele afirma, || nas lutas nem nas corridas,
que ao praticar se feriu. || Ouve antes o que te digo:

105 Para já, chegou a casa || com boa disposição.

Depois comeu e bebeu || mais que a conta, o desgraçado,
após o que foi deitar-se || e adormeceu sozinho²⁶⁰.

Tendo acordado de noite, || enormes gritos soltava,
como de um deus possuído || e todo ele em grande pânico.

110 E disse então: “*Ai de mim*, || *donde veio esta desgraça?*
Algun deus me está prendendo || e quer arrancar-me o pé.”

Depois passou toda a noite || só e sentado na cama,

²⁵⁹ Há quem atribua estas duas palavras ao paciente. Sigo a interpretação da ed. “Loeb”.

²⁶⁰ “sozinho”... é o que diz o texto: *mónos* (μόνος). De facto, como se vê a seguir, o homem pssou toda a noite sem ajuda (v. 112).

qual andorinha-do-mar²⁶¹, || gemendo pelo seu pé.
Todavia, assim que o galo || trombeteou a alvorada,
115 avançou e, sobre mim || pondo a mão amargurada²⁶²,
gemendo e ardendo em febre, || < queixou-se de dor
nos pés²⁶³. >

O que ele antes te contou || não passa de uma mentira,
com que tentava esconder || o segredo da doença.

OCÍPODE —

Um homem velho está sempre || bem armado de palavras,
120 de tudo se vangloria, || mas incapaz de fazer²⁶⁴.

Aquele que sente dores, || mas aos seus amigos mente,
ao faminto se assemelha, || mas que mastiga lentisco²⁶⁵.

MÉDICO —

Induzes todos em erro, || não dizes coisa com coisa:
dizes que estás dolorido, || mas não a causa da dor.

OCÍPODE —

125 Como poderei dizer-te || o que causa o sofrimento?
Sofro, mas mais nada sei, || só sei que sofro, e mais nada.

MÉDICO —

Quando, sem causa aparente, || um homem tem dor
num pé,

falsos motivos inventa, || aqueles que bem entende,
mesmo sabendo a que causa || se deve sua moléstia.

130 Neste preciso momento, || < um único pé te dói.>²⁶⁶

²⁶¹ *kêiux* (κῆυξ), “andorinha-do-mar”, é emenda de Nauck (v. “Loeb”, p. 368), provavelmente muito feliz, em vez do “óbvio” (?) *kêriux* (κῆρυξ), “arauto”...

²⁶² “mão amargurada”, (acusat.) *kheira... pikrán* (χεῖρα... πικράν): bela hipótese...

²⁶³ Os mss. têm neste passo uma lacuna, que tem sido diversamente preenchida. Sigo a proposta de Radermacher (*apud* “Loeb”, VIII, pp. 368-369), por muito insegura que seja...

²⁶⁴ O 2º hemistíquio contém um hiato nada canónico: em vez de μηδὲ ἐν σθένων, daria “jeito” ler μηδὲν ἄσθενῶν, o que significaria “sem estar nada doente”, mas teríamos de explicar este sentido...

²⁶⁵ Nestes quatro versos, há uma comparação, algo desajeitada, entre a aparência e a realidade: assim como o palavrado esconde a capacidade de acção, também o hábito do lentisco disfarça a fome...

²⁶⁶ Os mss. têm aqui uma lacuna. Sigo a sugestão de Zimmermann (*apud* “Loeb”, VIII, p. 370).

Quando, porém, te doer || igualmente o outro pé,
com gemidos virão lágrimas. || Mas isto te vou dizer:
trata-se da tal doença..., || quer tu queiras, quer não
queiras.

OCÍPODE —

Mas qual é essa doença? || Diz-me lá como se chama.

MÉDICO —

135 Seu nome é constituído || por dupla reunião...

OCÍPODE —

Ai de mim! Que nome é esse? || Responde-me ao que
te peço.

MÉDICO —

A palavra tem começo || no local onde te dói.

OCÍPODE —

Tem então o seu começo, || como dizes, no meu...
*pod...?*²⁶⁷ [“*pé*”]

MÉDICO —

Agora acrescenta a este || no fim a terrível... *ágra*. [“*caça*”]

OCÍPODE —

140 Mas <sendo eu ainda jovem²⁶⁸>, || como é que ela me
agarrou?

PEDAGOGO²⁶⁹ —

Terrível como ela é, || não poupa mesmo ninguém.

OCÍPODE —

Que dizes a isto, Sóter? || Que coisa... [< devo fazer?²⁷⁰>]

²⁶⁷ Tratando-se de explicar o sentido e a formação da palavra gr. *podágra* (ποδάγρα), port. *podagra* (= vulgar *gota*), há que manter os elementos gregos: *pod-ágra*, doença “que caça (o homem) pelo pé”.

²⁶⁸ Lacuna nos mss., preenchida por Radermacher (*apud* “Loeb”).

²⁶⁹ Há quem atribua este comentário ao Médico, Sóter, mas a nomeação deste no v. seguinte parece indicar que não foi ele, mas o Pedagogo, quem fez o comentário...

²⁷⁰ Ou lacuna... ou o Médico interrompe mesmo a fala do paciente.

MÉDICO —

Deixa-me só por momentos... || Enganei-me a teu respeito²⁷¹.

OCÍPODE —

Que coisa ruim é essa? || Que é que se passa comigo?

MÉDICO —

145 Terrível mal contraíste, || que não largará teu pé.

OCÍPODE —

Terei então de passar || o resto da vida coxo?

MÉDICO —

O ficar coxo somente, || não é nada... não receies.

OCÍPODE —

Que coisa pior.....?²⁷²

MÉDICO —

O teu destino é ficar || de ambos os pés emperado.

OCÍPODE —

150 Ai de mim! Donde me veio || agora esta nova dor,
que ao longo do outro pé, || me faz sofrer cruelmente?²⁷³

Porque estou inteiriçado, || ao pretender deslocar-me?

Tenho um medo pavoroso || de o meu pé movimentar,
medo infantil, de bebé || de repente apavorado.

155 Ó Sotérico, meu caro²⁷⁴, || imploro-te, pelos deuses:

se porventura tiver || tua arte algum poder,

não me desprezes, mas cura-me, || ou então estarei perdido.

Padeço de um mal oculto, || que meus pés criva de setas.

MÉDICO —

As palavras rejeitando, || próprias de charlatães,

²⁷¹ cf. vv. 91, ss., em que o médico pretende lancetar o doente...

²⁷² Mais uma lacuna. Tal como as lacunas precedentes — fique agora dito — pode mesmo tratar-se de verso(s) inacabado(s)... (?). Herwerden (*apud* “Loeb”, VIII, p. 375) preenche de maneira plausível, mas, naturalmente, incerta: “... do que este mal que dizes. Explica-te”.

²⁷³ Entre diversas “emendas”... sigo os manuscritos...

²⁷⁴ “meu caro”... é só para encher o verso...

160 de médicos que só sabem || belos discursos fazer,
que não conhecem, na prática, || qualquer droga salvadora,
tudo te irei explicar, || brevemente, a ti, que sofres.
Para já, chegaste ao fundo || incurável de teus males.
De facto, grilhões de ferro || não tens “calçados” nos pés,
165 como marca bem visível, || aos criminosos imposta,
mas sim um terrível cepo²⁷⁵, || oculto a todos os olhos,
cujo peso nenhum homem || é capaz de levantar.

OCÍPODE —

168 Aiai! Aiai! Ai de mim!
Mas que dor secreta é esta, || que está furando o meu pé?
170 Segurai-me²⁷⁶ pelos braços²⁷⁷, || antes que venha a cair,
como os Sátiros transportam || pelo sovaco os Bacantes.

PEDAGOGO —

Sou velho, mas mesmo assim, || obedeço ao que me pedes,
e conduzo pela mão || eu, velho, a ti que és um jovem.

²⁷⁵ “terrível cepo”, (acusat.) *deinèn... kákēn* (δεινὴν κάκην), que sugere *podokákēn* (ποδοκάκην) “cepo atado ao pé” dos criminosos, para que não fugissem.

²⁷⁶ “Segurai-me”: o plural sugere que se dirige a mais que uma pessoa...

²⁷⁷ “braços”: é este, aqui, o sentido de (acusat.) *kheiras* (χεῖρας), como se vê pela comparação do v. seguinte; cf. *poús* (πούς) no sentido de “perna”.

(Página deixada propositadamente em branco)

O PATRIOTA OU O DISCÍPULO

(Página deixada propositadamente em branco)

INTRODUÇÃO

Eis uma obra que, *garantidamente*, não é da autoria de Luciano, mas de algum escritor bizantino (séc. X), eventualmente do mesmo nome... o que induziria à confusão. Este diálogo foi escrito no tempo do imperador bizantino Nicéforo II Focas (n. 912, imperador entre 963 e 969), numa época de expansionismo do Império e de confronto com os Sarracenos, aos quais Focas reconquistou Creta e derrotou em diversas batalhas travadas na Cilícia, na Mesopotâmia e na Síria, factos de que temos algum eco nesta mesma obra.

O subtítulo, *Didaskómenos* (Διδασκόμενος) pode ser vertido de diversas maneiras: “O Instruendo”, “O Discípulo”, “O Iniciando”, ou mesmo “O Catecúmeno”, aproveitando a designação do §17: *katēkhómenos* (κατηχούμενος): termo de sentido tipicamente cristão.

O Patriota está escrito num grego que pretende ser clássico, mas que mistura os mais diversos tipos de linguagem, incluindo elementos contemporâneos, num conjunto linguístico muito incoerente e muito pobre.

Além do mais, está imbuído de um espírito ao mesmo tempo *imperial*, *patriótico* e *cristão*, que, só por si, excluiria Luciano da sua autoria. Uma das suas personagens, Crícias, está imbuído de uma forte cultura clássica e da sua mitologia, contrariada pela outra personagem, Triefonte, que funciona como mestre de Crícias em matéria de Cristianismo e em fervor patriótico, onde é clara a devoção, simultaneamente, à Ortodoxia e ao Imperador, o que leva a supor que se trata de uma obra especialmente destinada a louvar o Imperador, com os benefícios daí resultantes.

A propósito do juramento tradicional por esta ou aquela das divindades “clássicas”, Triefonte aproveita para criticar a baixa moralidade dos deuses antigos, tudo no sentido de introduzir no espírito do seu interlocutor e instruendo a crença nos pilares do Cristianismo, nomeadamente a Santíssima Trindade, como se lê no §12:

*Por esse deus altíssimo e grande, || deus imortal e celeste,
pelo Filho e pelo Espírito || ambos do Pai procedentes,
um em três e três em um.
Tem esse pelo teu Zeus, || e crê que só esse é Deus⁽²⁷⁸⁾.*

²⁷⁸ Aqui o autor transcreve um verso de Eurípides, de uma tragédia perdida.

(Página deixada propositadamente em branco)

O PATRIOTA OU O DISCÍPULO

1. TRIEFONTE — Que é isso, ó CríCIAS?²⁷⁹ Estás completamente alterado, com as sobrancelhas franzidas, profundamente ensimesmado, andando de um lado para o outro, mais parecido, como diz o poeta, com “*raposão astucioso*”²⁸⁰, e com “*a palidez no rosto estampada*”. Não terás tu visto o Tricéfalo²⁸¹, ou Hécate saída do reino de Hades, ou não terás, sem que o esperasses, encontrado algum dos deuses? Realmente, não é natural que tu te encontres nesse estado, mesmo que ouvisses dizer que o próprio mundo tinha sido inundado, como no tempo de Deucalião... Estou a falar contigo, meu caro CríCIAS! Não me ouves a gritar-te com toda a força e muito chegado a ti? Estarás zangado comigo? Ou estarás surdo? Ou estarás à espera de que eu te dê uma sacudidela?

CRÍCIAS — Ó Triefonte, acabo de ouvir um discurso muito longo, intrincado e serpenteante por diversos caminhos, e então rememoro aquelas inépcias e tapo os ouvidos, não se dê o caso de ainda escutar tais coisas e vir a morrer petrificado²⁸² de loucura, tornando-me assim um mito para os poetas, como anteriormente Níobe. Mas eu, devido a uma vertigem, ter-me-ia lançado de cabeça por um precipício, se tu, meu caro, não me tivesses gritado, e então o salto de Cleómbroto de Ambrácia²⁸³ passaria também à lenda, mas a meu respeito.

2. TRIEFONTE — Por Hércules!, que espantosas visões e histórias terão assombrado CríCIAS?! Quantos poetas assombrosos e quantas monstruosa invenções dos filósofos não conseguiram assombrar o teu espírito, mas foram tidas por ti como conversa vazia?

²⁷⁹ *CríCIAS* é a adaptação canónica do gr. *Kritias* (Κριτίας), não **Crítias*.

²⁸⁰ “raposão astucioso”, ou seja, Ulisses (*Il.*, IV, 339); para a citação seguinte, v. *Il.*, III, 35, referência a Páris, que ficou pálido ao ver aproximar-se Agamémnon. Qualquer das alusões não é muito feliz.

²⁸¹ O “Tricéfalo” é o cão de guarda do Hades, Cérbero. Hécate, deusa infernal, é aqui citada no seu aspecto malfazejo...

²⁸² O v. *apo-psúkh-ō* (ἀπο-ψύχ-ω) significa, propriamente, “exalar a alma”, “morrer”, mas também pode ter, como aqui, a conotação de “frio”, “enregelado” (*psükrós*, ψυχρός). É sobretudo esta conotação que o autor aproveita, ao evocar o caso de Níobe, que foi, por punição divina, petrificada...

²⁸³ Discípulo de Sócrates, que se lançou de uma muralha, depois de ler o *Fédon* de Platão, que versava a imortalidade da alma.

CRÍCIAS — Detém-te um pouco e deixa de me incomodar, ó Triefonte, pois, pela minha parte, nunca serás ignorado ou desprezado²⁸⁴.

TRIEFONTE — Estou vendo que revolves no teu espírito um assunto nada mesquinho nem despreciando, mas algo extremamente misterioso. Sim, a cor do teu rosto, esse teu olhar de touro, essa passada incerta e esse andar para cima e para baixo indicam claramente isso mesmo... Ora sopra cá para fora essas coisas terríveis, vomita-me essas inépcias, “não te aconteça algum mal”²⁸⁵.

CRÍCIAS — Tu, ó Triefonte, afasta-te de mim para aí um pletro²⁸⁶, ainda assim o meu sopro²⁸⁷ não te eleve nos ares e te mantenha suspenso à vista de toda a gente, de modo que tu, ao despenhares-te, dês o nome ao mar... *Triefonteu*, tal como Ícaro antes de ti²⁸⁸. Na verdade, aquilo que hoje ouvi da boca desses três vezes malditos sofistas até me fez inchar a barriga.

TRIEFONTE — Sim, sim, eu vou afastar-me quanto quiseres, e tu sopra cá para fora as coisas terríveis.

CRÍCIAS — Uh! Uh! Uh! Uh!... Que inépcias! Iú! Iú! Iú! Iú!... Que ideias tão terríveis! Ah! Ah! Ah! Ah!... Que esperanças tão vãs!

3. TRIEFONTE — Oh! Que grande ventania, que até dispôs as nuvens! Na verdade, quando já soprava o Zéfiro²⁸⁹, impetuoso e agitando as ondas, tu acabas de desencadear o Bóreas ao longo da Propôntida²⁹⁰, de modo que, devido às ondas revoltas pelo vento, só a poder de cabos é que os navios mercantes passam para o Ponto Euxino... Mas que grande

²⁸⁴ A ideia (algo difícil de meter no contexto) parece ser: “não me aborreças, que eu também não te aborreço”.

²⁸⁵ Embora o autor tenha dado à frase a forma métrica (1º hemistíquio), Homero diz (p.ex. *Od.*, XVII, 596), mais sucintamente, “não sofras algo”: *mē ti páthēs* (μή τι πάθης), que o autor transforma em *mē ti kakōn pathēs* (μή τι κακὸν παθήεις).

²⁸⁶ 1 pletro = 100 pés, ou seja, c. 29,6m.: “para aí uns bons trinta metros” (se me é permitida a quase equivalência...)

²⁸⁷ “sopro”, pegando na frase acima “sopra cá para fora”.

²⁸⁸ Referência ao mar Icário, assim denominado por nele se ter despeñado o imprudente Ícaro.

²⁸⁹ Zéfiro é um vento de Noroeste; Bóreas é um vento também do quadrante Norte.

²⁹⁰ Propôntida (actualmente mar de Mármara), entre o Helesponto e o Bósforo.

tumor estava dentro das tuas entranhas! Que grande burburinho e que tumulto agitava o teu estômago! Ao escutares tais e tantos disparates, tu ficaste... “todo-orelhas”, a ponto de até pelas unhas ouvires esses discursos prodigiosos.

CRÍCIAS — Não é de estranhar, Triefonte, que uma pessoa oiça pelas orelhas, pois já se viu uma perna tornar-se ventre²⁹¹, uma cabeça dar à luz, um homem passar misteriosamente a ser mulher, e mulheres metamorfoseadas em aves. Em suma, a vida é um prodígio... a acreditar nos poetas... Ora,

“já que tu és o primeiro || que encontro neste lugar”²⁹²,

vamos para um local onde os plátanos nos defendem do sol e os rouxinóis e as andorinhas cantam harmoniosamente, para que a melodia dos passarinhos, que encanta os nossos ouvidos, e a água sussurrando docemente, cativem as nossas almas.

4. TRIEFONTE — Vamos, pois, ó Crícias. Mas receio que aquilo que tu escutaste seja um encantamento e que esse teu maravilhoso assombro me transforme em pilão de almofariz, ou numa porta, ou em qualquer outro objecto inanimado.

CRÍCIAS — Não, por Zeus Celeste! Não te acontecerá tal coisa.

TRIEFONTE — Ao jurares por Zeus, ainda mais de amedrontaste. Sim, como é que ele poderá punir-te, se tu violares o teu juramento? Realmente, eu sei que tu não és ignorante a respeito de Zeus.

CRÍCIAS — Que queres dizer com isso? Não será Zeus capaz de me enviar para o Tártaro? Ou será que desconheces que ele despenhou todos os deuses lá da morada celeste, e que ainda recentemente fulminou Salmoneu, que trovejava contra ele, bem como, ainda actualmente, os mais insolentes, ele que

²⁹¹ Referência a Dioniso, filho de Zeus e da mortal Sêmele. Após a morte desta, já grávida, fulminada pelo simples facto de fixar Zeus em todo o seu esplendor, o pai, Zeus, fez uma incisão na própria perna, que serviu de “ventre”, donde nasceu a criança em seu devido tempo. Seguem-se outros casos: de Atena, nascida já armada da cabeça de Zeus; do adivinho Tirésias, que já fora mulher; Alcíone, Filomela e Procne foram transformadas, respectivamente, em alcíone (alcíão ou andorinha-do-msr), andorinha e rouxinol.

²⁹² Homero, *Od.*, XIII, 228 e XV, 260, com citação adaptada.

é celebrado pelos poetas, nomeadamente por Homero, como “Vencedor-dos-Titãs” e “Matador dos Gigantes”²⁹³.

TRIEFONTE — Realmente, tu, ó Crícias, pintaste a traços largos os atributos de Zeus... mas, por favor, escuta-me. Não se transfigurou ele, por devassidão, em cisne, em sátiro, mas também em touro?²⁹⁴ E se ele não tivesse levado sobre o lombo a jovem prostituta²⁹⁵ e não fugisse com ela através do mar, talvez acabasse a lavar [a terra] para um lavrador, esse teu Zeus trovejante e relampejante, e, em vez de relampejar, talvez fosse ele o espicaçado pelo aguilhão do boieiro²⁹⁶. E não devia ele, com aquela sua farta barba, ter vergonha de se banquetear na companhia dos Etíopes, homens muito escuros, de rosto negro, e de não sair dali durante doze sóis, sentado com eles a embebedar-se? Quanto aos episódios da águia, do monte Ida e dos seus partos por todas as partes do corpo²⁹⁷, até me envergonho de falar.

5. CRÍCIAS — Deverei então, meu caro, jurar por Apolo, que é um excelente profeta e médico?

TRIEFONTE — Referes-te a esse falso adivinho, que ainda recentemente aniquilou Cresos e, depois deste, Salamínios e milhares de outros, ao emitir oráculos com dois sentidos, [que davam] para todos?

6. CRÍCIAS — Então que é que dizes de Posídon, que empunha nas suas mãos o tridente, que na guerra clama com voz tão penetrante e aterradora como nove ou dez mil homens, mas também, ó Triefonte, é apelidado de “Sacudidor da Terra”²⁹⁸?

²⁹³ Estes dois epítetos não ocorrem em Homero...

²⁹⁴ Referência aos amores de Zeus com, respectivamente, Leda, Anatólie e Europa.

²⁹⁵ “jovem prostituta”: o texto diz isso mesmo: *pornidion* (πορνίδιον), que certamente não se aplica no contexto do mito. Só este facto bastaria para não atribuímos a Luciano a autoria desta obra.

²⁹⁶ Recorde-se que Zeus se transformara em touro...

²⁹⁷ Referência a Atena e a Dioniso, nascidos respectivamente, da cabeça e da barriga da perna de Zeus.

²⁹⁸ “Sacudidor da Terra”, gr. *seisikhthōn* (σεισίχθων), epíteto que ocorre em Píndaro; em Homero e em Hesíodo, o epíteto, com o mesmo sentido, é *enosikhthōn* (ἐνοσίχθων). É de estranhar que o autor desta obra não tivesse usado o epíteto habitual, menos explícito para um grego tardio (bizantino), mas não para Luciano... se este fosse o autor da obra.

TRIEFONTE — Referes-te a esse adúltero²⁹⁹, que ainda recentemente violou a filha de Salmoneu, Tiro³⁰⁰, e que ainda hoje continua a dar-se à libertinagem e é protector e patrono de personagens da sua laia? Sim, quando Ares estava preso na rede [mágica] e apertado, juntamente com Afrodite, nas suas malhas impossíveis de desfazer, e enquanto todos os deuses, por vergonha, guardavam silêncio acerca do adultério, Posídon, o deus cavaleiro, pôs-se a chorar, desfeito em lágrimas, como as criancinhas com medo dos seus professores ou como as velhas que tentam enganar as jovens. Então instou com Hefesto para que libertasse Ares, e então esta divindade coxa, apiedando-se do velho deus, libertou Ares. Portanto, Posídon é adúltero, pelo facto de proteger um adúltero.

7. CRÍCIAS — E que dizer de Hermes?

TRIEFONTE — Não me fales desse vil escravo do de-savergonhadíssimo Zeus, desse tipo furiosamente louco por actividades adúlteras.

8. CRÍCIAS — Quanto a Ares e a Afrodite, já sei que não os aceitas, a julgar pelo facto de ainda agora terem sido por ti atacados. Portanto, deixemos estes [dois]. Mas vou ainda mencionar Atena, a virgem, a deusa armada e aterradora, aquela que tem estampada no peito a cabeça da Górgona³⁰¹, [Atena] “matadora de Gigantes”³⁰². De facto, não tens nada que apontar a seu respeito.

TRIEFONTE — Faço-te, porém, uma observação também a respeito desta... se quiseres responder-me...

CRÍCIAS — Diz lá o que entenderes.

TRIEFONTE — Diz-me cá, ó Crícias, qual é a utilidade da Górgone e por que razão a deusa a traz ao peito.

²⁹⁹ Como se vê a seguir, o caso passado com a jovem Tiro é uma autêntica violação, não propriamente um adultério... mas veja-se o final do parágrafo.

³⁰⁰ Tiro (não confundir com outra, que era uma ninfa) enamorou-se do deus-rio Enipeu, e foi nas margens deste rio que Posídon, disfarçado de Enipeu, violou a jovem.

³⁰¹ *Górgona*, ou (forma mais erudita) *Górgone*.

³⁰² “matadora de Gigantes”: Como diz M. D. Macleod, tradutor da obra (“Loeb”, VIII, p. 429), o epíteto devia estar em *genitivo*, a concordar com *tês Athênâs* (τῆς Ἀθηνᾶς). O erro gramatical sugere fortemente um autor (bizantino) tardio... não Luciano.

CRÍCIAS — Como essa visão é aterradora e preservadora de males! Além disso, aterroriza os inimigos e dá a vitória a qualquer das duas partes, a seu bel-prazer.

TRIEFONTE — Será então por esse facto que a deusa “*de olhos garços*” é invencível?

CRÍCIAS — Certamente que sim.

TRIEFONTE — Então porque é que não sacrificamos coxas de touros ou de cabras em honra não dos que têm a capacidade de salvar³⁰³, mas dos que são salvos, para que aqueles nos tornem igualmente invencíveis, como fazem a Atena?

CRÍCIAS — É que ela [a Górgone] não tem o poder de socorrer à distância, como [acontece] com os deuses, mas somente se alguém a usa sobre si.

9. TRIEFONTE — Mas que ser vem a ser esse? Sim, quero sabê-lo da tua boca, como pessoa que tem investigado essa matéria e que tem tido nisso grande êxito. Realmente, ignoro tudo sobre essa entidade, a não ser o nome.

CRÍCIAS — Ela era uma jovem bem-parecida e amorosa. Por outro lado, Perseu cortou-lhe a cabeça por meio de uma manha, ele que era um homem corajoso e famoso nas artes mágicas, depois de a ter enfeitado com fórmulas mágicas. Depois os deuses fizeram dela um amuleto³⁰⁴.

TRIEFONTE — Eu ignorava essa ela particularidade, ou seja, que os deuses necessitavam dos humanos... Mas, quando ela era viva, qual era a sua função? Será que exercia a prostituição nalgum albergue, ou sujeitava-se secretamente a relações sexuais e, desse modo, chamava-se “menina”?

CRÍCIAS — Pelo Deus Desconhecido!³⁰⁵, lá em Atenas, continuou virgem até lhe cortarem a cabeça.

TRIEFONTE — Então, se alguém cortar a cabeça a uma virgem, será que a cabeça se tornaria num espantalho aterra-

³⁰³ “os que têm a capacidade de salvar”, aqui, especificamente, a Górgone; logo a seguir, “os que são salvos” refere-se a Atena, pois é a ela que a Górgona defende. Com uma certa ironia, o autor acha que é a Górgone, e não Atena, quem merece todas as honras.

³⁰⁴ A história está excessivamente resumida...

³⁰⁵ Alusão ao episódio de Paulo em Atenas perante o Areópago (*Actos dos Apóst.*, XVII. 23). Conta ele que viu uma inscrição que dizia ΑΓΝΩΣΤΩΙ ΘΕΩΙ [*Agnóstōi Theōi*]. Diz Paulo que esse “Deus desconhecido” é precisamente Jesus Cristo”.

dor para muitas pessoas? Na verdade, sei de inúmeras jovens esquarterjadas membro por membro,

“em ilha de mar cercada,”|| ... “a que os homens chamam...”³⁰⁶

Creta. Se eu soubesse de tal coisa, meu bom CríCIAS, quantas Górgones te traria de Creta?! Então faria de ti um general³⁰⁷ invencível, e os poetas e os oradores colocar-me-iam muito acima de Perseu, por ter ‘descoberto’ muitas mais... Górgones...

10. ... E já que recordei os factos de Creta, eles [os locais] mostraram-me o túmulo do *teu*³⁰⁸ Zeus, bem como o bosque onde foi criada a sua mãe³⁰⁹, pelo que esses bosques continuam sempre verdejantes.

CRÍCIAS — Mas tu não conhecias o canto mágico nem os rituais orgiásticos³¹⁰...

TRIEFONTE — Ó CríCIAS! Se isso dependesse de um canto mágico, talvez este pudesse trazer pessoas de entre o monte de mortos e conduzi-las à dulcíssima luz... Mas isso são divagações, contos de crianças, fábulas e monstruosidades contadas pelos poetas... Mas deixa lá essa³¹¹.

11. CRÍCIAS — Mas então também não aceitas Hera, a esposa e irmã de Zeus?

TRIEFONTE — Não me fales dessa união tão vergonhosa, põe de lado essa deitada no chão de mãos e pernas abertas³¹².

12. CRÍCIAS — Então por quem é que devo jurar?

TRIEFONTE —

³⁰⁶ Verso tirado de dois hemistíquios homéricos (*Od.*, I, 50 e *Il.*, V, 306), mas, em vez de “a que os homens chamam ‘*ταχα*’ [kotúlēn, κοτύλην]”, ou seja, fig.^{te} e em situação completamente diferente, “articulação entre a anca e a coxa”. O autor substituiu “coxa” por “Creta”, ilha sob domínio sarraceno (826-961), libertada por Focas, que esquarterjou indiscriminadamente a população, incluindo muitas jovens. Este passo é, com outros, um testemunho da época tardia da redacção da obra.

³⁰⁷ “general”: o texto tem *stratēgētēs* (στρατηγέτης), forma que parece só ocorrer nesta obra, em vez de *stratēgós* (στρατηγός) — mais uma indicação da época tardia da obra.

³⁰⁸ A especificação, *teu*, suscita imediatamente a ideia de *não meu!*

³⁰⁹ Zeus era filho de Crono e de Reia.

³¹⁰ Entenda-se (como se explica abaixo): ... para fazer uma górgone.

³¹¹ Refere-se à Górgone...

³¹² Alusão à primeira união de Zeus com sua irmã (e esposa) Hera; v. *Il.*, XIV, 330-353...

*Por esse deus altíssimo e grande, || deus imortal e celeste³¹³,
pelo Filho e pelo Espírito || ambos do Pai procedentes³¹⁴,
um em três e três em um.
Tem esse pelo teu Zeus, || e crê que só esse é Deus³¹⁵.*

CRÍCIAS — Estás a ensinar-me a contar, a Aritmética serve para o juramento, e tu contas como Nicómaco de Gérasa³¹⁶. Na verdade, não sei o que queres dizer com “*um em três e três em um*”. Não te referirás tu ao “*quatérnio*”³¹⁷ de Pitágoras, ou à *ogdóade*, ou à *triácade*?

TRIEFONTE —

Silencia o que é oculto || e é digno de silêncio³¹⁸.

Não se trata aqui de medir as marcas [das patas] das pulgas³¹⁹. Na verdade, vou ensinar-te³²⁰ que coisa é o *Todo*, quem é Aquele que existiu antes de todos e o sistema do Universo. Também eu, ainda há pouco, estava na mesma situação que tu, quando aconteceu vir ao meu encontro um tal galileu, calvo no alto da cabeça, de nariz comprido, que tinha voado até ao terceiro céu e [aí] tinha aprendido as mais belas coisas, que nos regenerou pela água, nos guiou na senda dos bem-aventurados e nos resgatou das regiões dos ímpios. Também eu farei de ti, se me deres ouvidos, um homem dedicado à Verdade.

³¹³ Hexâmetro dactílico (se está certa a emenda moderna dos mss.) do próprio autor.

³¹⁴ Dei a esta linha e à seguinte o aspecto métrico, que elas talvez não tenham. Estas duas linhas reflectem o *credo* de Constantinopla.

³¹⁵ Aqui o autor transcreve um verso de Eurípidés, de uma tragédia perdida.

³¹⁶ Nicómaco de Gérasa (cidade da Arábia), c. 100-150 d.C., filósofo pitagórico, músico e matemático, analisou os números numa perspectiva não só estritamente “aritmética”, mas também esotérica: pares, ímpares, primos, e ainda “perfeitos”, “amigáveis”, “poligonais”, “piramidais”, progressões, etc.

³¹⁷ Repito a nota a *quatérnio*, in *Justificação de um Lapso ao Saudar*, §5: O *quatérnio*, em gr. *tetraktús* (τετρακτύς) era o número «10», a soma de 1+2+3+4, representado por uma figura triangular, em que o vértice tem um (1) ponto, a base quatro (4) pontos e dois níveis intermédios com, respectivamente, dois e três pontos. Os outros dois termos, também de natureza “místico-aritmética” referem-se às propriedades dos números 8 e 30.

³¹⁸ Verso de autor não identificado.

³¹⁹ Referência clara ao episódio das *Nuvens*, 145...

³²⁰ Vai, pois, justificar-se o segundo título da obra: *O Discípulo*. O *cristão* Triefonte ensina ao *pagão* Crícias alguns mistérios do Cristianismo.

13. CRÍCIAS — Fala, pois, ó sapientíssimo Triefonte, que já estou a ficar aterrorizado.

TRIEFONTE — Já alguma vez leste a obra *As Aves* do comediógrafo Aristófanes?

CRÍCIAS — Com certeza.

TRIEFONTE — Está lá gravada a seguinte passagem:

*'No começo era o Caos, | a Noite e o negro Érebo | e o dilatado Tártaro: ainda não existiam | nem Terra nem Ar nem Céu.'*³²¹...

CRÍCIAS — Muito bem! E que aconteceu depois?

TRIEFONTE — Fez-se uma luz incorruptível, invisível e incompreensível, que dissipa as trevas e expulsou essa desordem com uma simples palavra dita por Ele, como escreveu o '*tardo de língua*'³²², que solidificou a terra sobre as águas, expandiu o céu, formou os astros fixos e fixou as órbitas daqueles que tu veneras como sendo deuses, ornamentou a terra com flores, produziu o homem, do *não-ser* para o *ser*, e está no céu e vê os justos e os injustos, e escreve em livros as suas acções, e a todos dará a [merecida] paga, no dia que Ele fixar³²³.

14. CRÍCIAS — Mas então... aquelas coisas que as *Moiras* fiaram para todos os homens... também estão lá gravadas?

TRIEFONTE — Que coisas?

CRÍCIAS — As coisas do Destino³²⁴.

TRIEFONTE — Fala, pois, meu caro Crícias, a respeito das Meras³²⁵, e eu escutar-te-ei como aluno atento.

CRÍCIAS — Não foi Homero, o famoso poeta, quem disse

*"Afirmo que nenhum homem || ao seu destino fugiu"*³²⁶

E a respeito de Hércules:

³²¹ Aristófanes, *Aves*, 693-694.

³²² Referência a Moisés, que era gago (v. *Êxodo*, 4.10).

³²³ Tudo isto alude a passagens bíblicas...

³²⁴ A (*moira*) *heimarménē*, (μοῖρα) εἰμαρμένη é o destino que cada um recebe ao nascer, e está representado pelas três *Moirai*, port. *Meras* (Parcas), cujos "decretos" não podem ser contrariados, nem mesmo pelos deuses. Estes, tal como os profetas, somente podem prever o futuro, não anulá-lo. É este aspecto da mitologia greco-romana que o cristão Triefonte vai criticar.

³²⁵ *Mera(s)* é a adaptação "canónica" ao port.: gr. *oi* (οι), lat. *oe*, port. *e*.

³²⁶ *Il.*, VI, 488.

*“Nem fugiu a força hercúlea³²⁷ || ao seu destino fatal”,
ele que foi muito amado || do rei Zeus, filho de Crono,
mas a Mera o subjugou, || e de Hera a raiva cruel.*

E também diz que toda a nossa vida e as suas vicissitudes são governadas pelo Destino:

*.... mas depois suportará
todo o destino que o fado || mais as cruéis fiandeiras
lhe fiaram à nascença, || quando a mãe o deu à luz.³²⁸
Também a retenção em terra estranha é obra do Destino:
E como a casa de Éolo chegámos, || que tão bem me recebeu,
e me apressou, mas meu fado não era || de chegar à Pátria qu’rida³²⁹.*

Portanto, Triefonte, não queiras acrescentar mais nada a respeito das Meras, mesmo que porventura tenhas sido elevado aos céus na companhia do teu mestre e tenhas sido iniciado nos seus mistérios.

15. TRIEFONTE — Mas então, meu caro Crícias, como é que o mesmo poeta chama “duplo” e ambíguo ao Destino, de maneira que, se uma pessoa procede de certa maneira, obtém um certo resultado, mas, se proceder de outra maneira, tem outro resultado, como no caso de Aquiles [que diz]:

*Um destino alternativo || leva-me ao termo da morte:
se eu, aqui continuando, || lutar no cerco de Tróia,
o meu regresso perece, || mas terei fama imortal;
mas se à Pátria regressar, || ...
perece a ilustre fama, || mas longos anos de vida
terei...³³⁰*

E a respeito de Euquenor:

*Do fim funesto ciente, || embarcara no navio.
Muitas vezes lhe dissera || o velho e bom Poliido*

³²⁷ *Il.*, XVIII, 117-119. Note as hipálages: *a força hercúlea* = *o forte Hércules* e *de Hera a raiva cruel* = *Hera cruel e raivosa*.

³²⁸ Homero, *Od.*, Vii, 196-198.

³²⁹ Ulisses conta a Penélope as suas aventuras e desventuras, os seus erros. Note que os 1^{os} hemistíquios da trad. são em decassílabo, por dificuldade de usar o habitual 7||7.

³³⁰ *Il.*, IX, 411-416,

*que de doença penosa || no seu paço morreria,
ou entre as naus dos Aqueus, || vencido pelos Troianos.*³³¹

16. Não estão estas palavras escritas em Homero? Não é isto um embuste ambíguo e perigoso? Se quiseres, também te acrescentarei a palavra de Zeus. Não disse ele a Egisto que estava destinado que, se ele se abstivesse do adultério e da conspiração contra Agamémnon, viveria muito tempo, mas que, se resolvesse levar a cabo essa conspiração, não tardaria a encontrar a morte? Também eu muitas vezes profetizei coisas dessas, por exemplo: se matares o teu próximo, serás condenado à morte pela justiça, mas, se não cometeres esse crime, viverás feliz...

*e o termo que é a morte || tão depressa não virá*³³².

Não vês como as palavras dos poetas são incoerentes, ambíguas e de maneira nenhuma fundamentadas? Portanto, larga tudo isso, para que eles te inscrevam também a ti nos livros celestes dos bons.

17. CRÍCIAS — Voltas sempre ao assunto, ó Triefonte... Mas diz-me cá uma coisa: será que os actos dos Citas também ficam gravados no céu?

TRIEFONTE — Sim, ficam todos, se porventura existirem pessoas boas entre os gentios³³³.

CRÍCIAS — A julgar pelo que dizes, existem muitos escribas no céu, para inscreverem essas coisas todas.

TRIEFONTE — Tem contenção na língua e não digas mal do Deus hábil, mas, como catecúmeno³³⁴ que és, acredita em mim, se queres viver por toda a eternidade. Ora, se [Ele] expandiu o céu como uma pele, e consolidou a terra sobre a água, e formou os astros, e criou o homem a partir do nada, que há de estranho no facto de ele registar os actos de todas as pessoas? Realmente, ao construíres uma casinha e ao meteres lá dentro criadas e criados, não te escapa qualquer acto destes, por mais banal que seja. Por maioria de razão, porque é que Deus,

³³¹ *Il.*, XIII, 665-668.

³³² Homero, *Il.*, IX, 416, do longo discurso de Aquiles.

³³³ “gentios”, sentido hebreu e cristão de *éthnos* (ἔθνος). Mais um indício de que esta obra não é de Luciano.

³³⁴ “catecúmeno”, *katēkhómenos* (κατηχούμενος): mais um termo de sentido cristão, como *supra*.

que tudo fez, não abrangeria tudo facilmente, [nomeadamente] os actos e pensamentos de cada um [de nós]? Na verdade, para as pessoas bem-pensantes, os teus deuses tornaram-se uma brincadeira de *kótabo*³³⁵.

18. CRÍCIAS — Dizes muito bem, e até me puseste na situação contrária à de Níobe³³⁶. Na verdade, de pedra tumular [que eu era], tornei-me homem. Assim, acrescento-te este deus, não tens nada a reçar da minha parte.

TRIEFONTE —

*Se me amas de verdade, || do fundo da tua alma*³³⁷,

não faças em mim uma coisa diferente, nem

No peito uma coisa escondas, || e outra tua boca diga.

Mas vamos!, canta-me esse maravilhoso discurso, para que também eu empalideça e fique completamente alterado, e não fique mudo como Níobe, mas me transforme numa ave, como Aédon³³⁸, para cantar esse teu maravilhoso espanto através desse bosque florido.

CRÍCIAS — Pelo Filho, que procede do Pai! Tal não acontecerá.

TRIEFONTE — Vai falando, tomando do Espírito a força da palavra, e entretanto eu vou sentar-me,

*aguardando que o Eácida*³³⁹ | *ponha termo ao seu cantar.*

19. CRÍCIAS — Caminhava eu pela rua larga, a fim de ir comprar coisas de que tinha necessidade, quando vejo uma enorme multidão de pessoas que segredavam ao ouvido, com

³³⁵ O *kótabo* era um jogo em que se lançavam gotas de vinho numa bacia de metal; pelo som produzido, deduziam-se certas conclusões amorosas... Aqui significa, em geral, uma brincadeira sem importância.

³³⁶ Níobe foi transformada em rocha (não em pedra tumular...).

³³⁷ Aristófanes, *Nuvens*, 86, não exactamente citado (certamente de memória); do mesmo modo, a citação seguinte, Homero, *Il.*, IX, 313. Em ambos os casos, tentei uma versão métrica...

³³⁸ Aédon, jovem transformada em rouxinol.

³³⁹ «Eácida», «da família de Éaco», pode referir-se, em primeiro lugar, a Peleu, mas também, como aqui, a seu filho, Aquiles. *Iliada*, IX, 191.

os lábios colados às orelhas dos outros. Então eu, olhando com atenção e pondo a mão em concha por sobre as sobrancelhas, procurava de modo muito perscrutador, a ver se descobria algum dos meus amigos. E vejo Cráton, o funcionário público³⁴⁰, meu amigo de infância e companheiro de bebida.

TRIEFONTE — Estou a ver, referes-te a esse tal repartidor de impostos. E depois?

20. CRÍCIAS — Então eu, desviando muitas pessoas com os cotovelos, cheguei lá à frente e, dizendo a saudação matinal, corri para ele. Aí, um certo homenzinho, de nome Caríceno, um velhinho gangrenoso e roncando do nariz, tossia lá muito do fundo e mandava longas escarradelas de escarros mais roxos que a morte. A seguir, começou a falar com uma voz esganiçada: *“Este, como eu ia dizendo, abolirá os pagamentos atrasados devidos aos repartidores de impostos, pagará as dívidas aos credores, bem como todos os alugueres de casas e dívidas ao Estado, e aceitará os *eimarângas*³⁴¹ sem examinar a sua perfeição técnica.”* E tagarelava coisas ainda mais picantes. As pessoas que o rodeavam divertiam-se com as suas palavras e ficavam suspensas da novidade das suas declarações.

21. Um outro fulano, de nome Cleuocarmo, [vestido] com um manto muito puído, descalço e de cabeça descoberta, meteu-se na conversa, batendo com os dentes; então, como que apontando para mim, disse: *“Um homem andrajoso, vindo das montanhas, de cabeça rapada, revelou-me o nome gravado no teatro em caracteres hieroglíficos, e que Ele cobrirá de ouro a grande rua.”*

Então eu, à maneira de Aristandro e de Artemidoro³⁴², disse: *“Esses vossos sonhos não terão bom resultado, mas, pelo contrário, as tuas dívidas engrossarão proporcionalmente ao pagamento*

³⁴⁰ “funcionário público”, o sentido mais provável de *politikós* (πολιτικός), a seguir especificado pelo termo *exisôtés* (ἐξισωτής), “repartidor de impostos”, lat. *peraequator*.

³⁴¹ *eimarângas*, segundo os mss., *eimarággas* (ειμαράγγας), palavra desconhecida. Segundo Rhode (*apud* “Loeb”, VIII, 451), poderia tratar-se de uma moeda de ouro persa, aqui metida por Focas, a fim de ridicularizar a personagem. Outras interpretações, baseadas em emendas duvidosas, não são mais convincentes. A interpretação, a seguir, “a sua perfeição técnica” depende da anterior...

³⁴² Aristandro e Artemidoro, famosos intérpretes de sonhos.

[prometido], e este indivíduo perderá uma tão grande quantidade de óbolos, como do muito ouro obtido [em sonho]; vós dais-me a impressão de terdes dormido ‘sobre a Pedra Branca’ e ‘no país dos sonhos’, e de sonhardes tais coisas num curto instante de uma [longa] noite.”

22. Todas as pessoas desataram às gargalhadas a ponto de perderem o fôlego por causa do riso e faziam troça da minha ignorância. Então eu disse a Cráton: “*Porventura terei eu tido ‘mau faro’ — para falar como os cómicos — e não ‘segui a pista’ dos sonhos, segundo [as normas de] Aristandro de Telmesso e de Artemidoro de Éfeso?*”

E disse Cráton: “*Cala-te, ó Crícias! Se te mantiveres calado, iniciar-te-ei perfeitamente nos mistérios e nas coisas que estão agora mesmo para vir. De facto, estas coisas não são sonhos, mas coisas verdadeiras, que acontecerão no mês de ‘Mesori’*³⁴³.”

Ao escutar tais palavras da boca de Cráton, e tendo reconhecido a fraqueza do meu pensamento, corei [de vergonha] e retirei-me cabisbaixo, praguejando fortemente contra Cráton. Nisto, um deles, fixando-me com olhar duro e titânico e segurando-me pela ponta do manto, puxou-me com força, tentando convencer-me a um acordo, “picado” pelo tal velho “diabinho”³⁴⁴.

23. Prolongando nós a conversa, convence-me, infeliz de mim, a juntar-me a uns charlatães e a fazer, como sói dizer-se, desse dia um dia nefasto. De facto, dizia ele que tinha sido iniciado em todas as matérias por aqueles homens. Então atravessámos “*portas de ferro com umbrais de bronze*”³⁴⁵. Depois, subimos muitos degraus em caracol, até [chegarmos a] uma sala com tecto dourado, como diz Homero que era a de Menelau. E eu ia observando tudo, tal como o tal jovem ilhéu³⁴⁶. Vejo, porém, não Helena... por Zeus!, mas uns homens de cabeça baixa e extremamente pálidos. “*...Então eles ao verem[-me]/ muito se*

³⁴³ Mês egípcio, correspondente a Agosto.

³⁴⁴ Referência a Caríceno, §20. A designação *daimónion* (δαίμόνιον) tem aqui o sentido, irónico, de “pessoa divinamente inspirada”; também pode ter o sentido que se dá em port. a expressões como *o diabo do homem...*

³⁴⁵ Citação de memória, de *Il.*, VIII, 15. Aqui, trata-se da entrada para o Tártaro. Segundo o editor da “Loeb” (VIII, p. 454), pode tratar-se de uma alusão às prisões do Imperador Focas, onde eram encarcerados os antipatriotas...

³⁴⁶ Alusão a Telémaco e à sua visita ao palácio de Menelau, a fim de saber notícias de seu pai, Ulisses.

*regozijaram*³⁴⁷, e vieram ao meu encontro. Não paravam de perguntar se nós trazíamos alguma notícia triste. Na verdade, estes fulanos tinham o ar de pessoas que desejavam as piores desgraças e se regozijavam com notícias tristes, como as carpideiras³⁴⁸ nos teatros, e sussurravam com as cabeças muito juntas entre si. A seguir, perguntaram-me:

*Quem és? Donde é que vens? Onde é que fica ||
[a tua terra e os teus progenitores]*³⁴⁹

Na verdade, pareces ser boa pessoa, pelo menos a julgar pela aparência.

E eu respondi: “*São realmente poucas as pessoas de bem, como vejo por toda a parte. O meu nome é Crícias, e sou da mesma cidade que vós.*”

24. E como habitantes das nuvens, perguntavam: “*Como vão as coisas na cidade... e no mundo?*”

E eu respondi: “*Todos estão felizes, e ainda ficarão mais felizes.*”

E eles franziam as sobrancelhas, contrariados³⁵⁰: “*Não é assim, pois a cidade está a chocar algo de mau.*”

E eu disse, a favor da sua opinião: “*Vós, que viveis nas alturas, e como pessoas que vedes tudo do alto, percebeis tudo da maneira mais penetrante. Então como vão as coisas no céu? Será que o Sol³⁵¹ vai eclipsar-se? Ou a Lua vai estar na vertical? Será que Marte vai estar em quadratura com Júpiter? E Saturno vai estar em oposição ao Sol? Será que Vénus vai estar em conjunção com Mercúrio e [ambos] gerarão Hermafroditos³⁵² com que vós tanto vos comprazeis? Será que irão enviar-nos chuvas torrenciais? Ou cobrirão a terra de grande quantidade de neve, ou mandarão cá para baixo granizo e ferrugem da vinha? Mandarão peste, fome*

³⁴⁷ Homero, *Il.*, XXIV, 320-321, mas em Homero trata-se da visão da águia de Zeus.

³⁴⁸ “as carpideiras”, tradução insegura de *hai *ailinopoiói* (αἱ αἰλινοποιοί) (emenda do ed. da “Loeb” (VIII, p.454); outros propõem *hai poínopoiói* (αἱ ποῖνοποιοί), interpretando como “as que aplicam castigos”, ou seja, “as Fúrias (vingadoras)”.

³⁴⁹ Homero, *Od.*, I, 170.

³⁵⁰ A ideia de “contrariados” está incluída no verbo *ananeúō* (ἀνανεύω).

³⁵¹ Os nomes dos astros segue, naturalmente, o uso latino.

³⁵² Hermafrodito era filho de Hermes (Mercúrio) e Afrodite (Vénus).

e seca? Irá ser despejado o vaso que lança o raio? Será que vai ser novamente cheio o recipiente que lança os trovões?”

25. Eles, porém, como pessoas muito convencidas de tudo, tagarelavam a respeito das matérias da sua predilecção, dizendo que as coisas estavam a mudar, que as desordens e os tumultos iriam apoderar-se da cidade e que as nossas tropas seriam vencidas pelos inimigos. Aí eu, muito perturbado e inchado como um carvalho verde incendiado, gritei-lhes com voz penetrante: “*Ó tipos danados, não faleis com essa grande prosápia, ‘afiando os dentes contra homens de coração de leão, que respiram lanças e dardos e elmos de alvos penachos’.*³⁵³ *Mas essas desgraças cairão sobre as vossas cabeças, pois tentais enfraquecer a vossa Pátria. Realmente, não foi nas vossas viagens aéreas que vós ouvistes essas coisas, nem o conseguistes através da muito trabalhosa Astrologia*³⁵⁴. *Se foram as profecias e as charlatanices que insidiosamente vos induziram em erro, a vossa ignorância é dupla. Na verdade, tudo isso não passa de invenções de velhas e de infantilidades. Sim, geralmente são os espíritos imaginativos das mulheres que se entregam a tais actividades.”*

26. TRIEFONTE — E então, meu caro Crícias, que é que esses fulanos, “tosquiados” de bom senso e de inteligência, responderam a essas tuas palavras?

CRÍCIAS — Passaram por cima delas e refugiaram-se num plano muito habilidoso. De facto, disseram: “*Permaneceremos dez sóis em jejum, e então, depois de passarmos noites inteiras de vigília a cantar hinos, sonharemos sobre esses temas.”*

TRIEFONTE — E que é que tu lhes respondeste? Realmente, deram-te uma resposta importante e embaraçosa.

CRÍCIAS — Fica tranquilo, não me acobardei, mas respondi da melhor maneira, dizendo: “*É o que se murmura pela cidade a vosso respeito: que essas desgraças só ocorrem nos vossos sonhos.”*

Então eles, sorrindo abertamente, disseram: “*Também ocorrem fora do leito.”*

E disse eu: “*Se isso é verdade, ó criaturas aéreas, nunca poderíeis adivinhar o futuro com segurança, porquanto, ao deixar-vos*

³⁵³ O autor reúne de memória três passos das *Rás*, de Aristófanes (parte dos vv. 815, 1016 e 1041).

³⁵⁴ “*Astrologia*”: o gr. diz *mathēmatiké* (μαθηματική), termo geral que chegou a abranger a Matemática, a Aritmética, a Geometria, a Mecânica, e, enfim a Astronomia e a Astrologia.

persuadir por esses [sonhos], estareis a fantasiar sobre coisas que não existem nem existirão. Não sei lá porquê, fantasiais essas tolices, acreditando em sonhos, odiando as mais belas coisas e regozijando-nos com as más, sem tirardes qualquer benefício do vosso ódio. Portanto, abandonai essas fantasias bizarras, essas ideias perversas e essas vossas profecias, não se dê o caso de Deus vos punir por falardes mal da vossa Pátria e dizerdes palavras de mau agoiro.”

27. Então todos eles, num só espírito, lançaram censuras sobre a minha pessoa. Se tu assim o desejares, acrescento também essas palavras, que me deixaram mudo como uma coluna funerária... até que o teu precioso chamamento³⁵⁵ me tirou do estado petrificado e voltou a fazer de mim um ser humano.

TRIEFONTE — Cala-te, ó CríCIAS, e não insistas nessas patacoadas. Estás a ver como tenho a barriga inchada³⁵⁶, como se estivesse grávido. De facto, fui mordido pelas tuas palavras, como se fosse por um cão raivoso. E se não me acalmar, ingerindo uma droga olvidante, esta recordação, ao instalar-se em mim, causar-me-á um grande mal. Portanto, esquece essas palavras³⁵⁷, começando com a oração do *Pai*³⁵⁸ e acrescentando, no fim, a ladainha cantada...

28. ... Mas... que é isto? Este aqui não é Cleolau, que avança com passos largos e vai com pressa para entrar em casa? Chamamo-lo?

CRÍCIAS — Sim, claro.

TRIEFONTE — Cleolau!

*Não passes por nós correndo, || não sigas o teu caminho, mas vem cá alegremente, || se trazes alguma nova.*³⁵⁹

CLEOLAU — Bom dia a ambos, o belo par!

TRIEFONTE — Mas que pressa é essa, que te faz ficar sem fôlego? Será que há alguma novidade?

³⁵⁵ Referência ao início do diálogo, §1.

³⁵⁶ “inchada”, entenda-se... das patacoadas.

³⁵⁷ “essas palavras” ou “esses fulanos”, ambas as interpretações permitidas pelo pronome (acusat.) *tóutous* (τούτους).

³⁵⁸ Trata-se do *Pai-Nosso*.

³⁵⁹ O 1º verso pretenderia ser um hexâmetro, com algum eco de Hom., *Od.*, VIII, 230); o 2º é um trímetro jâmbico de autor desconhecido.

CLEOLAU —

*Caiu dos Persas a sobrançeria, || desde há muito tão gabada,
também de Susa a ilustre fortaleza;
de igual modo cairá || toda a terra da Arábia,
às mãos e sob o poder || tremendo do vencedor.*³⁶⁰

29. CRÍCIAS — É bem certo que a divindade nunca abandona os bons, mas eleva-os, conduzindo-os a melhor situação. Quanto a nós, ó Triefonte, encontrámos o melhor de tudo. Na verdade, eu estava preocupado com o que, ao abandonar esta vida, deixaria em testamento aos meus filhos... Tu conheces a minha pobreza, como eu conheço a tua. Ora, para os meus filhos bastam os [longos] dias [de vida] do Imperador, pois não nos faltará riqueza, e nenhuma nação nos meterá medo.

TRIEFONTE — Também eu, ó Crícias, deixarei isso aos meus filhos, a saber, que vejam Babilónia destruída, o Egipto escravizado, os filhos dos Persas reduzidos à escravidão, a cessação das invasões dos Citas... prouvera que terminadas para sempre! Então nós, que encontrámos e adorámos o “[Deus] Desconhecido” de Atenas, elevemos as nossas mãos ao céu e demos graças a Ele, por termos sido dignos de nos tornarmos súbditos deste Império. E quanto aos outros fulanos, deixemo-los fantasiar, e contentemo-nos com dizer aquele provérbio: “*Hipoclides não liga a isso.*”³⁶¹

³⁶⁰ Há nestes versos (alguns muito deficientes) ecos de obras “clássicas”. Os inimigos aqui nomeados devem levar directamente aos Sarracenos, inimigos do Império Bizantino.

³⁶¹ O episódio é relatado por Heródoto, VI, 126-131. Resumidamente, Hipoclides, que havia sido escolhido por Clístenes, tirano de Sícion, para marido de sua filha, comportou-se de tal maneira numa dança, que o tirano desistiu da escolha, ao que Hipoclides deu a famosa resposta, que passou a provérbio.

NERO [OU A ABERTURA DO ISTMO]

(Página deixada propositadamente em branco)

INTRODUÇÃO

Embora três manuscritos (N e outros dois) atribuam este diálogo a Luciano, os críticos consideram seu verdadeiro autor um dos Filóstratos, talvez *Verus Philostratus*, um filósofo sofista do séc. II d.C., que o editor da “Loeb” não hesita mesmo em indicar como seu autor. O leitor encontrará um bom resumo desta problemática na ed. “Loeb”, VIII, pp. 505-507.

Trata-se de um curto diálogo, imaginado entre o filósofo estoíco Musónio e um tal Menécrates, que alguns identificam com um tocador de lira favorito de Nero, o que torna algumas das suas intervenções pouco convincentes... mas isso pode dever-se a uma natural imprecisão do autor do diálogo. Musónio, no entanto, é bem conhecido como um dos perseguidos de Nero, que o desterrou para a desolada ilha de Gíaros (ou esta foi o lugar de exílio escolhido pelo filósofo).

Menécrates vai, pois, visitar Musónio, a fim de se informar dos motivos que levaram Nero a pretender abrir o Istmo de Corinto. De passagem — passagem que, a par do tema inicial, que se torna em assunto central —, fala-se das qualidades vocais de Nero, matéria em que vemos o desejo, por parte de Musónio, de ser imparcial: Nero não seria um génio, mas possuía algumas qualidades...

O diálogo termina com a *boa nova* da morte do tirano, pelo que a acção (não a data de composição do diálogo) se situa no ano de 68 d.C., na ilha de Gíaros. Sabemos que Musónio, morto o tirano, regressa a Roma, bem acolhido por Vespasiano.

(Página deixada propositadamente em branco)

NERO OU [A ABERTURA DO ISTMO]

1. MENÉCRATES — Na tua opinião, ó Musónio — já que, segundo se diz, tomaste parte na obra com as tuas próprias mãos —, teria a abertura do Istmo sido inspirada ao tirano por uma ideia Grega?³⁶²

MUSÓNIO — Fica sabendo, ó Menécrates, que Nero tinha idealizado uma coisa ainda superior. Realmente, com aquele rasgo do Istmo, de vinte estádios³⁶³, poupava aos marinheiros o circuito do Peloponeso e a passagem pelo cabo Málea. E esse facto teria favorecido³⁶⁴ não só o comércio, mas também as cidades costeiras e até as do interior, na medida em que estas [últimas] obteriam os produtos necessários ao país, se o litoral fosse próspero.

MENÉCRATES — Conta lá essa coisa, ó Musónio, pois desejamos³⁶⁵ escutar tudo em pormenor... se não estiveres a pensar noutro assunto urgente.

MUSÓNIO — Pois vou contar, já que assim o desejas. Na verdade, não sei melhor maneira de obsequiar quem com tanto zelo se deslocou a esta tão desagradável escola de Filosofia³⁶⁶...

2. ... Ora, as artes do canto costumavam levar Nero à Acaia³⁶⁷, bem como o facto de estar firmemente convencido de que nem as próprias Musas cantavam mais docemente. Pretendia ele ser coroado vencedor *no canto*, em Olímpia — o mais atlético de todos os Jogos³⁶⁸. De facto, no respeitante aos [êxitos] píticos, achava-se com mais direitos que o próprio

³⁶² O texto é algo complicado. Embora mais adiante (§3) se diga que Nero deu as primeiras três cavadelas, no parágrafo seguinte vê-se que Musónio tomou parte no início das obras, deixando o resto para prisioneiros, entre os quais parece ter estado o filósofo estóico Musónio, caído em desgraça...

³⁶³ c. 3,5km.

³⁶⁴ “teria favorecido”, *ân... ðñēse* (ἄν... ὄνησε), modo irreal, uma vez que a obra não se concretizou.

³⁶⁵ Não deve tratar-se de plural majestático, pois é de supor que Menécrates fosse acompanhado...

³⁶⁶ “escola de Filosofia”, ou, à maneira das *Nuvens* de Aristófanes, *phrontistérion* (φροντιστήριον), “lugar de meditação”... “pensadoiro” (cf. *bebedeiro*...). Musónio, após a sua expulsão de Roma, por Nero, estabeleceu-se em Gíaros, ilha desolada entre as Cíclades.

³⁶⁷ “Acaia”, neste contexto, era a província romana que abrangia toda a Grécia, menos a Macedónia, pelo que bem poderíamos traduzir, também, por “Grécia”.

³⁶⁸ Segundo Suetónio, foi precisamente Nero quem introduziu nos Jogos Olímpicos concursos de canto e música.

Apolo, pois considerava que este deus não se comparava com ele, tanto na lira como no canto. Quanto ao Istmo, desde há muito que não fazia parte dos seus planos, mas apaixonou-se por uma obra grandiosa, não só perante a natureza do lugar, mas também lembrado do rei dos Aqueus no cerco de Tróia, o qual separou a Eubeia da Beócia por meio do [estreito de] Euripo, junto a Cálcis, e [lembrado] também de Dario, que construiu uma ponte sobre o [estreito do] Bósforo, para atacar os Citas, e também pensou nas obras mais grandiosas de Xerxes³⁶⁹ e talvez noutras antes destas, e que, além disso, pelo facto de todos comunicarem rapidamente uns com os outros, seria possível fazer da Grécia um país de acolhimento de estrangeiros. Na verdade, é da natureza dos tiranos deixarem-se inebriar, sequiosos de escutar elogios deste género.

3. Então Nero, saindo da sua tenda, cantou um hino em honra de Afrodite e de Posídon e uma breve cantiga dedicada a Melicertes e Leucótea³⁷⁰. E logo que o governador da Grécia³⁷¹ lhe apresentou uma enxada de ouro, atirou-se com afinco à escavação, no meio de aplausos e cantos, mas, depois de dar, creio eu, três cavadelas, e de exortar os encarregados da escavação³⁷² a que se atirassem ao trabalho com energia, foi para Corinto, convencido de ter ultrapassado todos os trabalhos de Hércules. Então, enquanto os prisioneiros trabalhavam afanosamente nas zonas pedregosas e em [outros] trabalhos penosos, os soldados [faziam-no] em solo terroso e plano...

4. Estávamos nós há cerca de setenta e cinco dias³⁷³ “amarrados”³⁷⁴ ao Istmo, quando desceu de Corinto uma notícia,

³⁶⁹ Xerxes abriu um canal no istmo de Atos, com uma técnica descrita por Heródoto, VII, 21, ss.

³⁷⁰ Melicertes e Leucótea divindades marinhas, como Posídon e Afrodite, “nascida das ondas”.

³⁷¹ V. §2, nota a “Acaia”.

³⁷² “escavação”: aceito a emenda de Peletier (*apud* “Loeb”, VIII, p. 512), *tèn orúkhen* (τὴν ὀρυχῆν), em vez de *tèn arkhén* (τὴν ἀρχήν), o que daria (com alguma dificuldade) “os encarregados de começar...”.

³⁷³ “setenta e cinco dias”: os mss. dizem “... no sétimo e... quinto”, o que não dá sentido.

³⁷⁴ “amarrados”, gr. (gen. pl.) *prosezeugménōn* (προσεζευγμένων): é, pois, de supor que o filósofo Musónio havia sido não só exilado, mas, naquela ocasião, posto em trabalhos forçados.

ainda insegura, de que Nero tinha mudado de opinião a respeito do Istmo. Dizia-se que os géometras egípcios tinham calculado as condições de cada um dos mares, e eles não estavam [ambos] ao mesmo nível, mas julgavam que o mar do lado de Lequeu³⁷⁵ estava a um nível superior, pelo que temiam pela sorte de Egina, caso um mar tão violento se lançasse sobre a ilha e Egina fosse arrastada sob as águas. Mesmo assim, nem o próprio Tales, o maior sábio e o mais conhecedor da Natureza, teria feito com que Nero mudasse de opinião a respeito da abertura do Istmo. É que ele estava ainda mais apaixonado pela abertura do estreito do que pelo canto...

5. ... Todavia, a sublevação dos povos Ocidentais, bem como o facto de um homem muito animoso, de nome Vindex³⁷⁶, ter recentemente aderido a ela, afastaram Nero da Grécia e do Istmo, com um pretexto friamente geométrico. Na verdade, eu sei que os dois mares estão ao mesmo nível de terra e ao mesmo nível entre si. Também se diz que a situação em Roma está algo periclitante para Nero, e que ele está receoso. Foi isso mesmo que vós ouvistes ontem da boca de um tribuno militar³⁷⁷ que abordou aqui.

6. MENÉCRATES — Mas, ó Musónio, [diz-me cá] como é a voz do tirano, que o torna louco pela música e apaixonado pelas vitórias olímpicas e píticas. É que, realmente, de entre os que aportam a Lemnos, uns admiram-na, enquanto outros troçam dela.

MUSÓNIO — Bem... ó Menécrates, o homem não é [neste aspecto] nem digno de admiração nem de troça. De facto, a natureza dotou-o sem grandes reparos e de maneira mediana. A sua voz³⁷⁸ é por natureza cava e grave, pois a sua garganta é assim conformada e, nesta conformidade, a voz sai um tanto rouca. No entanto, os tons de voz saem mais suaves, quando ele

³⁷⁵ *Lequeu*, *Lequeias* ou *Lequias*, três adaptações possíveis. Pequena localidade, do lado do Golfo de Corinto, que servia de porto a esta cidade.

³⁷⁶ Vindex, procurador da Gália, revoltou-se contra Nero. Nota: a grafia *Bindax* (Βίνδαξ) denota uma cópia bizantina, que nada prova a respeito da data da obra...

³⁷⁷ O gr. traduz por *khiliarkhos* (χιλίαρχος) o lat. *tribunus militaris* ou *tribunus militum*. Cada legião tinha seis oficiais que a comandavam, cada um durante dois meses. Tratava-se, pois, de um cargo importante.

³⁷⁸ Segue-se uma apreciação das qualidades artísticas de Nero, com uma terminologia algo difícil de perceber e, portanto, de traduzir.

não os força demasiado, mas sim com a suavidade dos meios-tons, com a fluidez da melopeia, com um ligeiro acompanhamento de lira, com o movimento no devido tempo, ora parando, ora mudando de lugar e com o gesto sincronizado com a música... enfim, uma só coisa tem o seu quê de vergonhoso: que um rei se mostre tão desejoso de parecer perfeito nesta actividade.

7. Quando Nero tenta imitar os grandes, que risota vem do lado dos espectadores, ainda que muitos receios impendam sobre a cabeça de quem quer que faça troça dele! O homem agita a cabeça mais do que é decente, sustém a respiração, põe-se em bicos dos pés, curvando-se para trás como as pessoas atadas a uma roda³⁷⁹. Sendo muito corado por natureza, fica ainda mais vermelho, com o rosto todo inflamado. O seu fôlego é curto e de maneira nenhuma suficiente.

8. MENÉCRATES — Mas então, ó Musónio, como é que os seus adversários lhe cediam a vitória? Certamente que lhe oferecem por meio de artifício.

MUSÓNIO — Sim, por meio de artifício, como os lutadores que se deixam vencer. Lembra-te, ó Menécrates, daquele actor de tragédia e de como ele morreu no Istmo. De facto, os riscos das artes e dos artificios³⁸⁰ são iguais, se os seus “artistas” levarem a sua acção demasiado longe.

MENÉCRATES — Que caso foi esse, ó Musónio? É que nunca ouvi falar dessa história.

MUSÓNIO — Escuta lá então a história, realmente estranha, mas passada à vista de gregos...

9. ... Foi o caso que, apesar de ser uma lei estabelecida no Istmo, que proíbe os concursos de comédia e de tragédia, Nero resolveu vencer aí actores trágicos. Então compareceram a esse certame muitos [actores], entre os quais um epirota, senhor de uma excelente voz, muito aplaudido e admirado por esse facto, o qual fingia mais abertamente que de costume que desejava a coroa, dizendo que não se deixaria vencer, sem que Nero

³⁷⁹ Trata-se de um instrumento de tortura, que aqui sugere a figura de Ixíon, um dos grandes torturados da Mitologia.

³⁸⁰ “artes e... artificios” tenta traduzir os dois sentidos de (acusat. pl.) *tékhnas* (τέχναις), em que com o plural se pretende sugerir essas dois sentidos.

lhe desse dez talentos pela vitória. Nero ficou muito irritado e numa autêntica fúria. Na verdade, tinha-o ouvido falar assim na parte inferior da cena, mesmo no momento da representação. Ora, como os gregos gritassem em favor do epirota, mandou o seu secretário, ordenando ao outro que lhe cedesse a vitória. Como este, porém, elevasse ainda mais a voz e rivalizasse com Nero como se este fosse um simples popular, [o Imperador] manda subir ao estrado os seus próprios actores, como se eles pertencessem à acção. Então os homens, empunhando placas de marfim de duas folhas, como se fossem punhais, apertaram o epirota contra a coluna próxima e cortaram-lhe a garganta, ferindo-o com as placas em riste.

10. MENÉCRATES — Então, ó Musónio, Nero obteve a vitória na tragédia, depois de cometer um crime abominável aos olhos dos Gregos?

MUSÓNIO — Isso foi uma brincadeira para um jovem³⁸¹ que já tinha assassinado a própria mãe. Haverá algum motivo de espanto por ele ter assassinado um actor de tragédia, cortando-lhe a voz? Na verdade, até se propôs obstruir o antro do [Apolo] Pítio, de onde se desprendiam os sons proféticos, para que Apolo ficasse sem voz, apesar de o Pítio o ter considerado ao lado de Orestes e de Alcméon, aos quais o matricídio deu até algum motivo de glória, pelo facto de terem vingado os respectivos pais. Nero, porém, não podendo de maneira nenhuma dizer quem é que vingara, considerou que fora insultado pelo deus, mesmo escutando algo mais suave que a verdade...

11. ... Mas... enquanto nós falávamos... que navio é aquele que se aproxima? Como parece trazer alguma boa notícia! As pessoas têm coroas nas cabeças, como um coro de bom augúrio, e alguém, lá da proa, estende a mão, exortando-nos a ter coragem e a rejubilar, e está a gritar, se bem oiço, que Nero morreu.

MENÉCRATES — Sim, Musónio, é isso que a pessoa grita, e de cada vez mais audível, à medida que se aproxima de terra. Que felicidade, ó deuses!

MUSÓNIO — Mas não dêmos acções de graças, pois diz-se que não se deve fazer isso pelos mortos.

³⁸¹ O jovem era Nero, que aos 22 anos mandou assassinar sua mãe, Agripina.

(Página deixada propositadamente em branco)

O PSEUDO-SOFISTA OU O SOLECISTA

(Página deixada propositadamente em branco)

INTRODUÇÃO

A palavra *sofista* refere-se, no tempo de Luciano, ao “intelectual”. Este, porém, o do diálogo, é um “falso intelectual”, um ignorante que pretende fazer-se passar por intelectual, neste caso, no domínio da língua e do seu purismo aticista. O subtítulo da obra, *O Solecista*, refere-se precisamente à mesma personagem... que comete *solecismos*, ou seja, erros de gramática e de língua (sintaxe, léxico, morfologia, semântica...).

Diga-se, desde já, que se trata de uma obra praticamente impossível de *verter* para *qualquer outra língua*, pois trata de pormenores específicos da língua grega, que geralmente não têm correspondência noutros idiomas. As notas de rodapé explicarão, na medida do possível, *onde está o solecismo*. Na verdade, este texto seria uma boa base para uma longa série de aulas de Língua Grega, e certamente constituiria matéria do ensino do gramático, para que os meninos ou os adolescentes (e não só!) aprendessem e fixassem as boas normas da linguagem. Mas, para o leitor pouco ou nada conhecedor de grego, a sua leitura torna-se altamente fastidiosa. Por isso o deixei para o fim... antevendo penosamente as dificuldades, ou melhor, as impossibilidades...

Esta obra é literariamente extremamente pobre: os exemplos de *solecismos*, que, aparentemente, surgem ao sabor da conversa, são, na realidade, *procurados*, muitas vezes sem virem na sequência natural do diálogo. Em todo o caso, o *Pseudo-sofista* tem um certo valor didáctico aplicado à época (supostamente) de Luciano, em que a *koiné* popular afectava muitos escritores, mesmo alguns que se reclamavam do *aticismo*. Justamente por esse valor e esse propósito didácticos (e dada até a sua pouca qualidade literária), imagino que o Autor, guardião da pureza da língua, poderia muito bem proceder como o gramático latino Probo, o qual, na sua *Appendix*, faz uma lista de vocábulos usados popularmente, que ele recomenda que sejam substituídos pelos “correctos”, como, p.ex.: (diga-se) *equus*, *non caballus*. Assim, esta obra didáctica poderia, com mais proveito, apresentar-se mais ou menos assim:

— Não se diga *phēmí ou* (φημί οὐ), mas *ou phēmí* (οὐ φημί) [“digo que não”, “nego”: v. nota a *não afirmas*, §1];

— Não diga *árti poiésō* (ἄρτι ποιήσω) [“há pouco farei”], mas *autíka poiésō* (αὐτίκα ποιήσω) [“dentro em pouco farei”]; [O adv. *árti* (ἄρτι) refere-se ao passado.]

— Não diga *diéphthora hüpó tinos* (διέφθορα ὑπό τινος) [“corrompi por algo / por alguém”], mas *diephthárên hüpó tinos* (διεφθάρην ὑπό τινος) [“fui corrompido por algo / por alguém”]. [O perf. *diéphthora* é activo-transitivo, pelo que não pode construir-se com o agente da... passiva; o seu complemento seria *ti / tina* (τι / τινά).]... Etc.

Por esta amostra, vê-se logo que a tradução de um texto como este, de feição primordialmente gramatical e didáctica, se torna bastante difícil e, em muitos casos, mesmo impossível. O leitor que tenha a paciência (se tiver!) de ler o texto e as respectivas notas, compreenderá como foi penosa para o... “tradutor” (!) a “versão” (!) portuguesa do *Pseudo-sofista* ou *O Solecista*.

Os manuscritos divergem na nomeação das duas personagens deste diálogo: LUCIANO e um SOFISTA; LICINO e o SOLECISTA. Sem discutir o caso, seria, de certo modo, estranho que Luciano, contrariamente ao seu hábito, se colocasse a si mesmo como personagem do diálogo, o que sugere que alguém, tomando-o como um modelo de correcção linguística, imaginasse uma cena em que Luciano surge como mestre do bom uso da língua.

Além deste argumento, alguns críticos negam a autoria de Luciano, considerando, por um lado, que a obra não está à altura do seu talento, e, por outro lado, o facto de alguns dos “solecismos” apontados constarem de obras de Luciano.

Sugiro que a personagem “LUCIANO” seria a “legítima”, que alguns copistas, arbitrariamente, teriam substituído pela habitual “LICINO”, que em muitos diálogos surge nitidamente como o interlocutor que defende as posições de Luciano. O contrário (“LICINO” substituído por “LUCIANO”) seria pouco aceitável.

Os manuscritos também divergem na nomeação da outra personagem, o que pode dever-se ao próprio título do diálogo: *O Pseudo-sofista* ou *O Solecista*. Sem mais discussão, sigo a ed. “Loeb” (VIII).

O PSEUDO-SOFISTA OU O SOLECISTA

1. LUCIANO — Será que aquele que é especialista em assinalar quem comete solecismos, esse mesmo também é capaz de evitar ele próprio os solecismos?

SOFISTA — A mim parece-me que sim.

LUCIANO — E então aquele que não é capaz de os evitar, será incapaz de assinalar quem assim procede?

SOFISTA — É verdade o que dizes.

LUCIANO — E tu próprio *não afirmas* cometer³⁸² solecismos... ou que é que diremos a teu respeito?

SOFISTA — Na verdade, eu seria muito ignorante, se, nesta minha idade, cometesse solecismos.

LUCIANO — Portanto, serás capaz de surpreender uma outra pessoa que assim proceda e de refutar quem negue o facto?

SOFISTA — Absolutamente.

LUCIANO — Então vejamos... apanha-me lá a cometer um solecismo... que *já cometerei*³⁸³.

SOFISTA — Ora diz lá.

LUCIANO — Mas eu acabo de cometer esse erro, e tu não o reconheceste!

SOFISTA — Estás a brincar?

LUCIANO — Não, pelos deuses! De facto, sem tu dares por isso, cometi um solecismo... tu é que não o reconheces. Repara novamente: Eu afirmo que tu não és capaz de perceber... *umas coisas* sabes, *outras coisas*³⁸⁴ não sabes.

SOFISTA — Diz lá então.

LUCIANO — Mas ainda agora acabei de cometer um solecismo... tu é que não o reconheceste...

³⁸² “*não afirmas* cometer”, em vez de (em port.!) “*afirmas não* cometer”: em gr. “correcto”, “eu digo que não...” diz-se “eu *não digo* que...”, ou seja, *ou phēmi* (ὀ φημί), e não *phēmi ou* (φημί οὐ). É claro que a versão port. deixa muito a desejar... como acontecerá com quase todas as outras que se seguem.

³⁸³ O adv. *árti* (ἄρτι) refere-se ao passado, mesmo ao passado recente, e não ao futuro, como se, em vez de port. *há pouco...* *fizemos*, disséssemos *há pouco...* *faremos*; o adv. port. *já* presta-se a ambos os usos... mas sem solecismo!

³⁸⁴ “*umas coisas... outras coisas*”: no port. não há solecismo (nem maneira de o inventar!), mas é preciso dizer que, segundo a boa norma (que o próprio Luciano transgride em certos passos de outras obras), não deveria dizer-se *há mén...* *há dé* (ἂ μὲν... ἂ δέ), mas *tà mén...* *tà dé* (τὰ μὲν... τὰ δέ).

SOFISTA — Como é isso, se tu não disseste nada?

LUCIANO — Eu falo e [ao falar] cometo um solecismo... tu é que não me acompanhas quando eu assim procedo. Oxalá *viesses a poder neste momento*³⁸⁵ acompanhar-me.

2. SOFISTA — É espantoso o que dizes... que eu não serei capaz de reconhecer um solecismo.

LUCIANO — E como é que poderias reconhecer um só [que fosse], depois de teres ignorado três?

SOFISTA — Quais três?

LUCIANO — Todas as... “recém-barbeadas”³⁸⁶.

SOFISTA — Creio que estás a brincar comigo.

LUCIANO — E eu [creio] que tu não sabes quando uma pessoa comete um erro de linguagem.

SOFISTA — E como é que se pode saber tal coisa, se nada foi dito?

LUCIANO — Foram ditos solecismos, e até em número de quatro, e tu não os reconheceste... Sim, terias conseguido grandioso... *façanha*³⁸⁷, se porventura os reconhecesses.

SOFISTA — Nada de grandioso, mas indispensável para poder concordar.

LUCIANO — Mas é que nem agora os reconheceste...

SOFISTA — Agora quando?

LUCIANO — Quando eu disse que tu tinhas conseguido uma *façanha*...

SOFISTA — Não percebo o que queres dizer...

LUCIANO — Dizes bem: não percebes. Então avança mais adiante, uma vez que não queres seguir-me, embora *poderias perceber*³⁸⁸. se quisesses.

³⁸⁵ O gr. *óphelon* (ὄφελον) não se constrói regularmente com o futuro do indicativo, além de que a forma correcta seria a 2ª p. sg. *ópheles* (ὄφελεις) + infinitivo. É complicado verter para port.!

³⁸⁶ “recém-barbeadas” ou “de barba a despontar”, *artigeneíous* (ἀρτιγενείους), em vez de *artigeneís* (ἀρτιγενεῖς) “recém-nascidas”, ou seja, os três últimos exemplos: linguagem realmente obscura...

³⁸⁷ Versão necessariamente infeliz: O termo para “façanha” é *áthlos* (ἄθλος), do género masculino, pelo que o grupo (em *acusat.* sg.) “grandiosa façanha” deveria ser *mégan áthlon* (μέγαυ ἄθλον), e não *méga áthlon* (μέγαυ ἄθλον).

³⁸⁸ A frase é complicada, mas o solecismo parece estar no uso de *án* + fut. (ou participio fut., v. “Loeb”). ou seja, *súnēsōn án* (συνήσων ἄν), em vez do part. pres. ou aor. (v. “Loeb”, VIII, p. 12). A versão port. é, mais uma vez, de recurso...

3. SOFISTA — Mas é que eu quero mesmo. Mas tu não disseste nada daquilo que as pessoas dizem ao cometerem solecismos.

LUCIANO — Então o que eu disse parece-te constituir uma pequena falta? Nesse caso, segue-me outra vez, já que não te apercebeste de eu me ter transviado.

SOFISTA — Não, pelos deuses!, não me apercebi.

LUCIANO — Eu é que deixei a “lebre” correr³⁸⁹ muito depressa. Terei corrido de mais? Mas agora já é possível ver a “lebre”. Caso contrário, muitas “lebres” que caíram em solecismo te passarão despercebidas.

SOFISTA — Não passarão, não.

LUCIANO — No entanto, já passaram.

SOFISTA — Espanta-me o que estás a dizer.

LUCIANO — É que pela tua própria erudição *perdeste*³⁹⁰, de tal maneira, que não te apercebeste de estares a cometer solecismo. [Na verdade, a esse (*diéphthoras*, διέφθορας) junta-se (o complemento) *tina* “alguém”]³⁹¹

4. SOFISTA — Não percebo o que queres dizer com isso, mas apercebi-me de que muitas pessoas cometem tais solecismos...

LUCIANO — Mas terás consciência disso a meu respeito, quando te tornares um desses “meninos de mama” que chucham nas [tetras das] amas³⁹². Se tu agora não reconheceste que eu estava a cometer solecismo, também os meninos, à medida que vão crescendo³⁹³, farão solecismos perante quem não os detecta.

SOFISTA — É verdade o que dizes.

³⁸⁹ Há aqui duas faltas: o acusat. *lagō* (λαγῶ) em vez de át. *lagōn* (λαγών), e logo a seguir; também *thein* (θεῖν), em vez de át. *théein* (θέειν). Quem quer ser aticista, respeite o dialecto! Note, entretanto, que as três citações da *lebre* são em sentido figurado.

³⁹⁰ “*perdeste*” é a tradução do perfeito activo transitivo *diéphthoras* (διέφθορας), em vez do aoristo passivo-reflexo *diephthárēs* (διεφθάρης) “*te perdeste*”.

³⁹¹ Algum copista, seguido por outros, resolveu inserir a explicação do solecismo (v. nota *supra*).

³⁹² Traduzindo a linguagem figurada, Luciano (Licino?) sugere que o seu interlocutor ainda tem muito que “mamar” (aprender) na escola dos gramáticos. É praticamente impossível verter os dois sentidos de *thelázō* (θηλάζω), “mamar” e “amamentar”.

³⁹³ “à medida que vão crescendo”: o verbo *auxánō* (αὐξάνω), em sentido intransitivo, não é do bom uso ático, em que é transitivo: “fazer crescer”, “engrandecer”; o port. *augmentar* poderia servir, pois pode ter os dois sentidos. De toda a maneira, a ideia não é clara...

LUCIANO — No entanto, se desconhecemos estes erros, também não reconheceremos os nossos próprios, já que te escapou este dito solecista. Nunca mais digas que és capaz de assinalar quem comete solecismos, e que tu próprio não cometes solecismos.

5. Isto é o que eu te digo. Mas Sócrates de Mopso³⁹⁴, com quem me relacionei no Egípto, dizia estas mesmas coisas com delicadeza, sem criticar os que cometiam erros.

Por exemplo, a um que lhe perguntara *a que hora*³⁹⁵ é que ele sairia, respondeu: “*Quem poderia dizer-te que eu sairia hoje?*” E como um outro dissesse³⁹⁶: “*Tenho uma boa herança paterna*”³⁹⁷, ele perguntou: “*Como dizes? O teu pai já morreu?*” E como ainda um outro dissesse: “*Ele é meu patrício*”³⁹⁸, [Sócrates de Mopso] disse: “*Não sabia que tu és estrangeiro*”. Como outro dissesse: “*Fulano é de bêbeda*”³⁹⁹, perguntou: “*De mãe [bêbeda]... ou que?*”. <Como outro dissesse⁴⁰⁰> *** ... leões...

³⁹⁴ Mopso, cidade da Cilícia, geralmente denominada *Mopsou hestia* ou *Mópsou pòlis* (Μόψου ἑστία, ... πόλις). O Autor conheceu este Sócrates no Egípto. Poderia tratar-se um Sócrates grammático” (citado no *Erumologicum Magnum*), pelo que o ed. da “Loeb” sugere que Luciano fora seu discípulo. A obra seria, pois, dos primeiros anos de Luciano como escritor, mas também poderíamos datá-la dos últimos anos deste escritor, quando desempenhava altas funções no Egípto (185-190 d.C.).

³⁹⁵ “*a que hora*”, *pēnika* (πηνίκα) suscita uma resposta precisa sobre *a hora*, mas a intenção é dizer *quando?*, caso em que o correcto seria usar o adv. mais geral *póte* (πότε). Este sentido de *pēnika* (πηνίκα) deveria ser cada vez mais usual, apesar das críticas dos puristas.

³⁹⁶ E como um outro dissesse: “...”, ele disse: “...”: processo desagradavelmente repetitivo...

³⁹⁷ O que o outro queria dizer era “tenho em grande conta as coisas / leis / tradições... / pátrias”, mas então deveria empregar *páttria* (πάττρια), e não *patrôa* (πατρῶα) “herança paterna”, o que pressupõe que o pai já havia morrido, como se diz logo a seguir.

³⁹⁸ “*patrício*”, gr. (*sūm*)*patriôtēs*, (συμ)πατριώτης, significa “meu patrício (de outro país ou cidade)”, e só se dizia referido a estrangeiros; o que o outro queria dizer era “concidadão (desta cidade)”, em gr. (*sum*)*polítēs* ou *polítēs moi*, (συμ)πολίτης, ou πολίτης μοι.

³⁹⁹ O que a pessoa pretendia dizer é que “Fulano é um bêbedo”, gr., nominat. masc. *methústēs* (μεθυστής); ao usar *methúsēs* (μεθύσης), faz com que Sócrates de Mopso interprete como sendo um genit. fem., “de (mulher) bêbeda” (v. dics.: μεθύσης, μέθυσος).

⁴⁰⁰ Há aqui uma lacuna, que os editores preenchem desta maneira, mas em que o erro está irremediavelmente perdido. As soluções sugeridas são todas muito arriscadas.

Sócrates replicou: “*Então agora duplicas os leões?****”. E como outro dissesse: “*Ele tem à vista um lêmnia (λήμνια)* [com dois -μμ-⁴⁰¹] “um ganho”, Sócrates disse: “*Então ele ganhará, uma vez que tem à vista um ganho*”. Como um outro dissesse: “*Aí vem o jovem amaricado⁴⁰² meu amigo*”, ele comentou: “*Então agora ofendes um teu amigo?*” E a um que dissesse: “*Aterrorizo⁴⁰³ o homem e fujo*”, respondeu: “*... E quando temeres alguém... persegui-lo-ás...*”. E como outro dissesse: “*o mais máximo⁴⁰⁴ dos meus amigos*”, replicou: “*Tem graça o facto de pores algo acima do máximo*”. E como um certo fulano dissesse: “*Exormô (ἐξορμῶ) [intr. “saio”, “parto”, “fujo” / trans. “ponho em debandada”, “afugento”]*, ele perguntou: “*E quem é esse que tu exormâς (ἐξορμᾶς) [“afugentas”]?⁴⁰⁵*” E como alguém dissesse: “*ex epipolês (ἐξ ἐπιπολῆς) [“de dentro de uma superfície”]*, Sócrates comentou: “*De dentro da superfície, como [se diz] de dentro do pote⁴⁰⁶*”. E tendo alguém dito: “*Pôs-me em ordem de batalha⁴⁰⁷*”, ele comentou: “*Também Xenofonte pôs as tropas em ordem de batalha.*” E como outro tivesse dito: *periésthên autôn*

⁴⁰¹ E. H. Wermington (*apud* “Loeb”, VIII, p. 18) elimina esta frase, que tem toda a aparência de ser um comentário inserido por algum copista. O que a pessoa pretendia dizer era que “*ele tem* força de vontade”, gr. lêma (λήμνια) [com um só -μ-].

⁴⁰² A palavra *meirax* (μειραξ), em ático, era do género feminino, e significava “uma jovem (a partir dos 14 anos)”; para o sexo masculino usava-se o “diminutivo” *meirákion*, *meirákiskos* (μειράκιον, μειρακίσκος). Trata-se de um processo semelhante ao port. *maricas*, *maricocas*, de *Maria*.

⁴⁰³ Em vez de “*aterrorizo*”, *dedittomai* (δεδίττομαι), deveria dizer *dédouka* (δέδοικα) ou (como se vê a seguir) *eulabéomai* (εὐλαβέομαι) “*temo*”... pois só assim se justifica a fuga...

⁴⁰⁴ “*mais máximo*” ou “*o mais principal*”, *korüphaiótatos* (κορυφαίωτος) seria um superlativo de algo já superlativo, vomo *koruphéō* (κορυφή, “*cimo*”, “*topo*”, ou o adj. *korüphaios* (κορυφαῖος) “*que está no topo*”. Em port. (!) ouve-se por vezes o solecismo *mais maior*...

⁴⁰⁵ A pessoa usa indevidamente o verbo *exormô* (ἐξορμῶ) como *intransitivo*, mas Sócrates de Mopso, atendendo ao facto de o verbo, no ático, ser *transitivo*, pergunta-lhe pelo,, *complemento directo!*

⁴⁰⁶ O que a pessoa queria dizer era o adv. *superficialmente* ou *à superfície*, para o que bastava empregar o genit. adv. “*epipolês*” (ἐπιπολῆς), A preposição leva a interpretar a outra palavra como sendo o subst. “*epipoléō*” (ἐπιπολή), não usado como tal no ático... que se pretendia imitar.

⁴⁰⁷ A pessoa queria dizer “*ordenou-me*”, mas emprega um verbo de uso militar, *süntássomai* (συντάσσομαι), em vez de, p.ex., *epitássomai* (ἐπιτάσσομαι), *keleúō* (κελεύω)...

hóoste latheîn (περιέστην αὐτὸν ὥστε λαθεῖ) [“*Rodeei-o*⁴⁰⁸ *sem ele se aperceber*”], ele disse: “*É de admirar que tu, sendo um só, tivesses rodeado outro um só*”. E como outro tivesse dito: *sü-nekríneto autô*, (συνεκρίνετο αὐτῷ) [“*Comparava-se*⁴⁰⁹ *com ele*”], respondeu: “*De toda a maneira, era diferente (dele)*”.

6. Sócrates [de Mopso] costumava brincar ligeiramente com os que cometiam solecismos do ponto de vista do ático⁴¹⁰. Então, a um que tinha dito: *nôi toúto dokeî* (νῶι τοῦτο δοκεῖ) [“*nós dois*⁴¹¹ *isto parece*”], respondeu: “*Nesse caso, também dirás ‘a nós dois erramos’*”. Como outro narrasse, muito compenetrado, um dos episódios da sua pátria e tivesse dito: *Hē dè tō, Hērakleî mikhtheîsa* (Ἡ δὲ; τῷ Ἡρακλεῖ μιχθεῖσα) [“Então ela, tendo-se unido⁴¹² a Hércules”], Sócrates perguntou: “Então não foi Hércules quem se uniu a ela?”. E tendo um certo fulano dito que *karênai... déoito* (καρῆναι... δέοιτο) [“precisava de *ser tosquiado*”], Sócrates disse: “Mas que crime cometeste tu, digno de pena desonrosa?”⁴¹³. E como um outro usasse [o verbo] *zûgomakheîn* (ζυγομαχεῖν) [“debater (um assunto) com a esposa”⁴¹⁴ / “combater”], ele disse: “Vais combater contra o

⁴⁰⁸ O v. *periístamai* (περίσταμαι) tem dois sentidos: 1. “rodear / desviar-se de/ contornar/ alguém, a fim de a evitar (v. *Hermotimo*, §86), “evitar alguém desviando-se do seu caminho”, e 2. “cercar”, “sitiar”, sentido em que o sujeito de “cercar” não pode ser singular, como se diz a esguir.

⁴⁰⁹ O que o outro queria dizer era: “disputava com ele”, com o v. *diakrínomai* (διακρίνομαι), e não *sûgkrínomai* (συγκρίνομαι).

⁴¹⁰ Recorde-se que o critério de correcção assentava no dialecto ático clássico. Por vezes, a linguagem corrente sobrepunha-se inconscientemente, e outras vezes, na ânsia de ser “aticista”, lá surgiam uns hiperaticismos...

⁴¹¹ A pessoa usa o nominat. dual, *nôi* (νῶι) em vez do dativo, *nôin* (νῶιν) “a nós dois”; por isso, Sócrates sugere o erro inverso, que consistiria em usar o dativo em vez do nominativo. A “versão” port. aproxima-se do erro cometido.

⁴¹² O v., pass., *mígnūmai* (μίγνυμαι) “misturar-se com”... “unir-se a”, “ter relações sexuais com” (dat.) tem sujeito masculino, mas aqui é usado com sujeito feminino. Em port., *unir-se a* (com sentido sexual) sugere um sujeito masculino, como ser *activo*. Aqui, o narrador fala como se esse papel pertencesse à mulher, o que sugere o comentário que se segue.

⁴¹³ Em vez de *karênai* (καρῆναι), o homem deveria dizer *keirasthai* (κείρασθαι) “cortar o cabelo”. A primeira forma indica a ideia de “tosquiar” (um animal) ou alguém a essa pena condenado.

⁴¹⁴ “debater (um assunto) com a esposa” é o que homem pretende dizer, mas Sócrates entende no sentido que considera correcto, ou seja, “combater”.

inimigo?”. E tendo outro dito que “o seu filho doente⁴¹⁵ estava a *basanízesthai* (βασανίζεσθαι) [“ser posto à prova (com torturas)”, “ser torturado” / “ser examinado”⁴¹⁶], Sócrates disse: “Mas que é que o torturador pretendia (saber)?”. E tendo um outro dito que *prokóptei* (προκόπτει) [“estava a *alongar-se*” / “estava a *progredir*”] nos estudos, ele comentou: “Platão chama a isso *epididónai* (ἐπιδιδόναι) [“progredir”]⁴¹⁷. E como um outro lhe perguntasse: “Fulano *vaiῖs discursar?*”⁴¹⁸, Sócrates respondeu: “Como é isso? Ao perguntares-me, a mim, se *eu* vou discursar, dizes *fulano?*”.

7. Tendo um fulano, com pretensões aticistas, dito *tethnéoxei* (τεθνήξει) [“ele morrerá” / “tu morrerás”]⁴¹⁹, Sócrates disse: “É melhor, neste caso, não aticizares de modo agoirento”. E a um que tinha dito *stokházomai autoû* (στοχάζομαι αὐτοῦ) [“aponto para ele”, “viso-o”], em vez de *pheidomai autoû* (φείδομαι αὐτοῦ) [“poupo-o”, “trato-o com cuidado”], respondeu: “Será que erraste o alvo?”. E como um tivesse dito *aphistân* (ἀφιστᾶν) [“afastar”, “separar”], e outro dissesse *aphistánein* (ἀφιστάνειν) [também “afastar”, “separar”], ele disse: “*Não conheço essas formas*”⁴²⁰. A outro que dizia *plêôn ei méô* (πλὴν εἰ μὴ) [“exceto... senão”], disse: “Presenteias-me com uma dupla

⁴¹⁵ “doente”: esta indicação sugere que o sentido pretendido era “ser examinado (pelo médico)”, e não “ser torturado”.

⁴¹⁶ Era este o sentido pretendido, pelo que deveria ter usado (pass.) *exetázesthai* (ἐξετάζεσθαι), e não *basanízesthai* (βασανίζεσθαι), que significa um processo comum de obter uma confissão...

⁴¹⁷ Trata-se de uma precisão de linguagem, mas o sentido aqui criticado (“progredir”) já se usava, mesmo no ático clássico, e também na *koiné*, (v. dics.).

⁴¹⁸ “*vaiῖs discursar*” (“*discursarás*”): a forma *meletései* (μελετήσει) é dúbia: 3ª p. sg. do fut. activo (“discursará”) e 2ª p. sg. fut. médio (“tu discursarás”). Parece que o homem não estava a cometer nenhum erro, mas Sócrates... de Mopso entende a forma como de 2ª pessoa média, uso, aliás, pouco frequente...

⁴¹⁹ O fut. perf. pode ser (act.) *tethnéxô* (τεθνήξω) ou (méd.) *tethnéxomai* (τεθνήξομαι), mas, enquanto o homem pretendia significar a 3ª pessoa, Sócrates interpreta como 2ª pessoa.

⁴²⁰ Aqui interessa, não o sentido, mas a morfologia: o verbo genuinamente ático é *aphistēmi*, infinit. *aphistānai* (ἀφίστημι, ἀφιστάναι), e não *aphistāô*, infinit. *aphistân* (ἀφιστάω, ἀφιστᾶν), nem *aphistānô*, infinit. *aphistánein* (ἀφιστάνω, ἀφιστάνειν), formas recentes (ainda que a primeira ocorra em Xenofonte (*Banquete*, 2, 20), no optat. *aphistô,ên* (ἀφιστῶ,ην).

(negação)⁴²¹. E como alguém tivesse dito *khrâsthai* (χρᾶσθαι) [“usar”, “usufruir”], disse: “Essa é uma forma pseudo-ática”⁴²². E a um que dizia *éktote* (ἐκτοτε) [“*desdentão”], disse: “Então está certo dizer *ekpérusi* (ἐκπέρυσσι) [“*desdanopassado”]⁴²³, pois Platão diz *es tôte* (ἐς τότε) [“até então”]⁴²⁴. A um que usava *idouí* (ἰδοῦ) [“eis” / imperat. “vê”] em vez de *idé* (ἰδέ) [imperat. “vê”], disse: “Significas uma coisa em vez de outra”⁴²⁵. E como alguém dissesse *antilambánomai* (ἀντιλαμβάνομαι) [“repreendo(-te)”] em vez de *süníēmi* (συνίημι) [“compreendo(-te)”], Sócrates disse que se admirava com o facto de aquele, opondo-se ao seu interlocutor, afirmar que... não se lhe opunha⁴²⁶. E como alguém tivesse dito *brádion* (βράδιον) [“mais devagar”], ele comentou: “Não é a mesma coisa que (dizer) *tákhion* (τάχιον) [“mais depressa”]⁴²⁷. E tendo alguém usado [a forma] *bareîn* (βαρεῖν) [“estar sobrecarregado” / “sobrecarregar”], disse: “Não é a mesma coisa que *barúnein* (βαρύνειν) [“sobrecarregar”], ao contrário do que tu pensas.”⁴²⁸. E como alguém dissesse *lélogkha* (λέλογχα) [“obtive em sorte”] em vez de *eilēkha* (εἰληχα) [“idem”], comentou: “É [forma usada] por poucos, e mesmo nesses é incorrecta”⁴²⁹. E como muitos dissessem *híptasthai* (ἵπτασθαι) [“voar”] em vez de *pétesthai* (πέτεσθαι) [“idem”], disse: “Bem sabemos que a deriva de *ptēsis* (πτήσις) [“voa”]”. E como alguém tivesse dito *peristerós* (περιστερός) [“pombo”],

⁴²¹ Note-se que a expressão “reforçada” ocorre no ático, ainda que esporadicamente.

⁴²² De facto, a forma ática é *khrêsthai* (χρηῖσθαι).

⁴²³ Seria correcto separar o prevérbio, *ek-* (ἐκ-) e dizer antes a locução prepositiva *ek tôte* (ἐκ τότε); não o fazendo, seria legítimo (?), por analogia, dizer *ekpérusi* (ἐκπέρυσσι), em vez do correcto *ek pérusi* (ἐκ πέρυσσι). Mas a forma considerada incorrecta já ia fazendo o seu caminho no falar corrente.

⁴²⁴ O exemplo de Platão parece autorizar o uso da preposição (e prévérbio) *ek* (ἐκ), por opção a *es* (ἐς).

⁴²⁵ A incorrecção (do ponto de vista da prosa ática) consiste em usar a interjeição *idouí* (ἰδοῦ) [“eis”] como imperat. aor. médio de *horāō* (ὀράω)...

⁴²⁶ A ideia de “repreender (alguém)”, ou “opor-se (a alguém)” é contrária à de “compreender (alguém)”, “concordar (com alguém)”.

⁴²⁷ Trata-se, não do sentido de ambos os advérbios, mas do seu uso *não-ático*, que deveria ser, respectivamente, *bradúteron* (βραδύτερον) e *tátton* (θᾶπτον).

⁴²⁸ O outro emprega *bareîn* (βαρεῖν) com valor *transitivo*, mas Sócrates entende (mal: v. dics.) que o verbo é *passivo-intransitivo*, pelo que o outro deveris dizer, transitivamente, *barúnein* (βαρύνειν).

⁴²⁹ O perf. *lélogkha* (λέλογχα) ocorre em Hom., Hes., Píndaro, Eur., Heród. (v. dics.), pelo que Sócrates critica sobretudo o seu uso poético.

forma alegadamente ática⁴³⁰, comentou: “Então também diremos *pháttos* (φάττος) [“rolo”]” E como alguém tivesse dito que comera um... *phakós* (φακός)⁴³¹ [“vaso para óleo”], Sócrates disse: “Como é que alguém poderia comer um *vaso para óleo*?”. Tais eram os comentários de Sócrates [de Mopso].

8. Mas, se achas bem, voltemos à discussão das [nossas] primeiras palavras⁴³². Então, à medida que eu faço ocorrer todas essas “preciosidades”⁴³³, cabe-te a ti assinalá-las. Na verdade, julgo que tu, agora, já serás capaz [de fazê-lo], depois de ouvires uma tão grande série dessas palavras.

SOFISTA — Talvez nem agora seja capaz [de fazê-lo] à medida que tu falas. Em todo o caso, diz lá.

LUCIANO — Mas como é que dizes que não serás capaz? É que a porta já quase *anéōge* (ἀνέωγε)⁴³⁴ [“abriu”] ao teu conhecimento.

SOFISTA — Diz lá então.

LUCIANO — Mas eu já disse...

SOFISTA — Não disseste nada... pelo menos que eu desse por isso...

LUCIANO — Não deste pela forma *anéōgen* (ἀνέωγεν)⁴³⁵?

SOFISTA — Não, não dei.

LUCIANO — Mas que haveremos nós de fazer, se tu nem mesmo agora acompanharás as minhas palavras? E no entanto, em relação ao que foi dito por ti no início⁴³⁶, eu julgava

⁴³⁰ Embora ocorra, ainda que raramente, na comédia, o termo genérico *peristerá* (περιστερά), “pombo” em geral, i.é, macho ou fêmea; “pomba”; do mesmo modo o termo genérico para “rolo” / “rola” é *phátta* (φάττα). É como se em port. disséssemos *andorinho, melra*...

⁴³¹ O homem pretendia dizer “uma lentilha”, ou seja, “um preto de lentilhas” (v. dics.), *phakê* (φακῆ); no entanto, o masc. *phakós* (φακός) também existe no sentido de “lentilha crua”... mas esse sentido (talvez raro?) não convinha a Sócrates de mopso.

⁴³² Refere-se ao método inicial, que consiste em dizer frases da própria cinversação, mas que contêm um solecismo, que o outro deve assinalar.

⁴³³ O texto dos manuscritos é confuso, pelo que os modernos editores tentam emendar de maneiras diversas. Entendo *toùs beltístous* (τοὺς βελτίστους), lit.^{te} “essas belíssimas (palavras)” em sentido irónico. Será?

⁴³⁴ A forma ática correcta é méd.-pass. *anéōktai* (ἀνέωκται) “se abriu”.

⁴³⁵ Note que o uso do *-n* (*-v*) final obedece à regra (não absoluta) de evitar o hiato.

⁴³⁶ Mesmo no início do diálogo, o sofista afirma ser capaz de assinalar os solecismos...

que estava a chamar os *hippeís* (ἵππεις)⁴³⁷ [“cavaleiros”] para a planície⁴³⁸... Notaste a forma *hippeís* (ἵππεις)? Mas tu parecees não⁴³⁹ dar atenção às palavras, nomeadamente àquelas que pronunciamos *katà sphàs autoús* (κατὰ σφᾶς αὐτούς) [“entre nós/eles próprios”]⁴⁴⁰.

SOFISTA — Eu dou atenção... tu é que as pronuncias de maneira pouco clara...

9. LUCIANO — O que não é mesmo claro é a expressão *katà sphàs autoús* (κατὰ σφᾶς αὐτούς) aplicada a nós. Esta é que é clara. Mas nenhum dos deuses seria capaz de pôr termo à tua ignorância... a não ser Apolo. De facto, este *manteúetai* (μαντεύεται) [“consulta” / “dá consulta”, “emite oráculo”, “profetiza”] para todos os que o interrogam. Tu, porém, não te apercebeste do... *manteuómenon* (μαντεύόμενον) [“da forma “consultar”⁴⁴¹].

SOFISTA — Pelos deuses!, não percebi.

LUCIANO — Será que *kath’ heís* (καθ’ εἰς)⁴⁴² [“cada um”] te escapa à medida que os percorres?

SOFISTA — Assim parece.

LUCIANO — Como é que te escapou [a expressão] *kath’ heís* (καθ’ εἰς)?

SOFISTA — Também não percebo.

LUCIANO — Conheces alguém que pretenda *para si próprio*⁴⁴³ um casamento?

⁴³⁷ O acusat. pl. ático é *hippéas* (ἵππέας).

⁴³⁸ “chamar os cavaleiros para a planície”: linguagem figurada, pois na planície é mais fácil a acção dos cavaleiros. Portanto, o sentido é: “julgando estar a facilitar-te a vida...”.

⁴³⁹ “pareces não” ou “não parecees”, talvez outro solecismo...

⁴⁴⁰ Em ático diz-se *katà hēmàs autoús* (κατὰ ἡμᾶς αὐτούς) “entre nós próprios”. Parece tratar-se de um uso popular.

⁴⁴¹ Luciano quer dizer que é ilógico o sentido de “consultar” com o suj. *Apolo*; o sentido de “profetizar”, “emitir um oráculo” deveria ser expresso, em ático, por *khrân* (χρᾶν) ou *anaireîn* (ἀναιρεῖν)... mas o outro verbo também ocorre...

⁴⁴² “cada um”, devia dizer-se *hékastos* (ἕκαστος), e não o vulgar e tardio *kath’ heís* (καθ’ εἰς).

⁴⁴³ “pretenda *para si próprio*”: a forma média *mnēsteuómenon* (μνηστευόμενον) já dispensa o uso do dat. *hautô*, (αὐτῷ)... mas a mesma sintaxe ocorre em *Contra os Assalariados dos Grandes*, §23 (*ad finem*). Bastará esta contradição (e mais algumas...) para sustentar que esta obra não é de Luciano? Segundo outra interpretação, trata-se de pass. *mnēsteúomai*

SOFISTA — Porque me perguntas isso?

LUCIANO — É que aquele que “pretende *para si próprio* um casamento” forçosamente comete um solecismo...

SOFISTA — Mas que é que tem que ver com o meu caso o facto de alguém cometer solecismo ao pretender⁴⁴⁴ [casar]?

LUCIANO — É que aquele que afirma saber⁴⁴⁵, afinal ignora. Pois seja assim. E então se alguém, passando por ti, te dissesse que *apoleípoi* (ἀπολείποι)⁴⁴⁶ [“queria abandonar”] a mulher, será que tu lho permitirias?

SOFISTA — Como não havia de lho permitir, se ele fosse claramente o ofendido?

LUCIANO — E se ele cometesse claramente um solecismo, tu permitir-lhe-ias esse acto?

SOFISTA — Claro que não.

LUCIANO — Dizes bem. Realmente, não se deve deixar que um amigo cometa solecismo, mas, pelo contrário, há que ensiná-lo, de modo que não lhe aconteça tal coisa... E então se agora uma pessoa, ao entrar [em casa], fizesse um ruído com a porta, e, ao sair, batesse [à porta]⁴⁴⁷, que diríamos que tu sentirias?

SOFISTA — Eu nada, mas apenas que aquele queria entrar ou sair.

LUCIANO — Nesse caso, não temos outro remédio senão considerarmos-te ignorante, por não distinguires quem *faz barulho com a porta* de quem *bate à porta*.

SOFISTA — Estás a ser muito insolente.

(μνηστεύομαι) “ser pretendid_a” (suj. a mulher), em vez do act. *mnēsteúō* (μνηστεύω) “pretender” (suj. o homem).

⁴⁴⁴ “ao pretender”, ou (v. nota *supra*) “ao ser pretendid_a”... É difícil decidir.

⁴⁴⁵ “aquele que afirma saber”: o sofista do diálogo...

⁴⁴⁶ O v. *apoleípoi* (ἀπολείποι) só admite como sujeito “a esposa”, e significa “abandonar (a casa do marido)”; este, porém, *divorcia-se*, ou *rejeita a esposa*: *ekbállein gunaika* (ἐκβάλλει γυναῖκα). Trata-se de situações do direito antigo, em que só o homem podia pôr legalmente termo ao casamento.

⁴⁴⁷ Como as portas da rua abriam para fora, quem saía devia avisar quem passava na rua, para que este não chocasse com a porta subitamente aberta; dizia-se então *psophéō tèn thúran* (ψοφέω τὴν θύραν); ao pretender que lhe abrissem a porta, a pessoa devia, naturalmente, bater à porta, *kóptein tèn thúran* (κόπτειν τὴν θύραν). Aqui, propositadamente, Luciano inverte os verbos... para ver se o outro assinala o solecismo.

LUCIANO — Que é que estás a dizer? Insolente, eu? Sim, *neste momento... sê-lo-ei*⁴⁴⁸, ao conversar contigo... mas tu não reconheceste.

10. SOFISTA — Por Atena!, acaba lá com isso e fala de maneira que eu entenda.

LUCIANO — Mas como poderás entender?

SOFISTA — Se tu me assinalasses todos os solecismos que dizes sem eu dar poe eles e [assinalasses] em que consiste cada solecismo...

LUCIANO — De maneira nenhuma, meu caro, pois tornaríamos a conversa muito longa... Mas tu podes, nesta matéria, interrogar-me sucessivamente sobre cada ponto. Então agora, se te apraz, vejamos *héter' átta* (ἕτερ' ἄττα) [“*alguns outros*” (exemplos)], e desde já, este *átta* (ἄττα) parece, e muito correctamente, levar, não o espírito áspero, mas o espírito brando, dito assim ligado ao pronome *hétera* (ἕτερα)⁴⁴⁹. Se assim não fosse, seria ilógico... Mas a seguir vamos à [questão da] insolência, em que tu dizes que eu < te >⁴⁵⁰ *ofendi*, se não *a ti em pessoa*, pelo menos *contra ti indirectamente*⁴⁵¹.

SOFISTA — Cá por mim, não sei que dizer.

LUCIANO — É que *sê hübrízein* (σὲ ὑβρίζειν) significa (*ofender*) *o teu corpo, quer com golpes, quer com grilhões, quer de qualquer outra maneira*”, ao passo que *es sé* (ἐς σέ) [usa-se] quando a ofensa é cometida *contra algo que te pertence*. De facto, aquele que ofende a tua mulher comete uma ofensa *contra ti*, tal como quem ofende um [teu] filho, um amigo e até um criado. É assim que deves entender, com excepção de “coisas”, por exemplo, quando se diz *es prágma hübrízein* (ἐς πρᾶγμα

⁴⁴⁸ “*neste momento... sê-lo-ei*” revela uma incoerência temporal: com *nún dé* (νῦν δῆ) usa-se o presente *gínomai* (γίνομαι), por vezes com o sentido de passado imediato: “sou” ou “acabo de ser”.

⁴⁴⁹ A forma *hátta* (ἄττα), *com aspiração* (espírito rude) equivale a *hátina* (ἄτινα) e significa “todas (as coisas) quantas”, ao passo que *sem aspiração* (*como é aqui o caso*) significa “algumas coisas”.

⁴⁵⁰ Os mss. não têm *se* (σε), que é acrescento de Gesner (*apud* “Loeb”, VIII, p. 36). Creio que a omissão do pronome é propositada, para tornar mais vago o sentido, que vai ser precisado logo a seguir, com a distinção entre duas sintaxes do verbo: *hübrízō tina* (ὑβρίζω τινά) “ofender directamente uma pessoa” (física ou moralmente) e *hübrízō eis tina* (ὑβρίζω εἰς τινά), “ofender uma pessoa com actos praticados sobre outra pessoa ou coisa pertencentes ao (deste modo) também ofendido.” V. a seguir.

⁴⁵¹ “*contra ti indirectamente*”, ou seja, neste caso, contra as tuas ideias.

ὕβριζεν) [“cometer ofensa contra uma coisa”], como *contra um provérbio*, como diz Platão no *Banquete*⁴⁵².

SOFISTA — Percebo a diferença.

LUCIANO — E será que também percebes que chamem *solecismo* ao facto de *hūpallázein* (ὕπαλλάζειν) [“trocar (as palavras)”]?

SOFISTA — Desde já ficarei a saber.

LUCIANO — Significará isso *enallázein* (ἐναλλάζειν) [“misturar (as palavras)”]?

SOFISTA — A mim parece-me a mesma coisa.

LUCIANO — Como é que *enallázein* (ἐναλλάζειν) [“misturar (as palavras)”] poderá ser a mesma coisa que *hūpallázein* (ὕπαλλάζειν) [“trocar (as palavras)”]? Será que um pode ser usado em vez do outro, o correcto pelo incorrecto, a palavra que é por aquela que não é?

SOFISTA — Percebi que *hūpallázein* (ὕπαλλάζειν) [“trocar”] consiste em dizer o sentido próprio em vez do sentido impróprio, enquanto *enallázein* (ἐναλλάζειν) [“misturar”] consiste em usar [indistintamente] ora o sentido próprio, ora o impróprio.

LUCIANO — Algumas destas expressões têm um sentido muito curioso: [por exemplo] *spoudázein prós tina* (σπουδάζειν πρὸς τινα) [“mostrar zelo a alguém”] revela um benefício pessoal para aquele que *corteja*, ao passo que (*spoudázein perí tina*) (σπουδάζειν περί τινα) [“mostrar zelo por alguém”] indica um benefício para aquele por quem se mostra zelo. Talvez estas [duas] expressões andem um tanto confundidas, mas também talvez seja rigorosamente observadas por outros... mas é preferível observar rigorosamente cada uma delas.

SOFISTA — Dizes muito bem.

11. LUCIANO — Sabes porventura que *kathésthai* (καθέζεσθαι) [“estar sentado”] é diferente de *kathízein* (καθίζειν) [“sentar-se”], e que *káthison* (κάθισον) [“senta-te!”] difere de *káthēso* (κάθησο) [“fica sentado!”]?

⁴⁵² §174b. Resumidamente, Sócrates, para ir a um banquete em casa de Agatão, embelezara-se todo, contra o seu hábito, e justifica-se com um provérbio, que ele propositada e ironicamente “ofende” ou “estraga”. O provérbio diz: “*A banquetes de agathôn* (ἀγαθῶν) [“de bons”], *vão livremente os agathoí* (ἀγαθοί) [“os bons”], mas aqui o primeiro *bons* refere-se claramente a Agatão... e o segundo *bons*, referido por Sócrates a si mesmo, é irónico.

SOFISTA — Não sei, mas no que toca à forma *kathésthēti* (καθέσθητι) [*imperat.* “está sentado!”] ouvia-te dizer que era bárbara⁴⁵³.

LUCIANO — E ouvias muito bem. Mas eu afirmo que *káthison* (κάθισον) difere de *káthēso* (κάθησο).

SOFISTA — E em que é que consiste a diferença?

LUCIANO — É que um, *káthison* (κάθισον) [“senta-te!”], diz-se a uma pessoa que está de pé, enquanto o outro [*káthēso* (κάθησο) “fica sentado!”] se diz a quem já está sentado:

Fica sentado, *estrangeiro*, || *que nós outro lugar encontraremos*⁴⁵⁴, equivalente a *méne kathezómēnos* (μένε καθεζόμενος) [“*permanece sentado*”]. Fique dito, mais uma vez, que trocar estas duas formas é um erro. Porventura achas que é pequena a diferença entre *kathízō* (καθίζω) e *kathézomai* (καθέζομαι)? Ora, com um deles — refiro-me a *kathízein* (καθίζειν) [“sentar-se” / *trans.* “mandar sentar”] — fazemos que *outro* [se sente], enquanto *kathézesthai* (καθέζεσθαι) indica que o fazemos somente nós próprios⁴⁵⁵.

12. SOFISTA — Já explicaste cabalmente esta matéria, e de facto deves ensinar-me desse modo, [ou seja] *previamente*⁴⁵⁶.

LUCIANO — Realmente, se eu falar de outra maneira, tu não entendes... Pois então... não sabes o que quer dizer um *xüggrapheús anéōr* (ξυγγραφεὺς ἀνὴρ) [“(homem) historiador”?].....⁴⁵⁷.

⁴⁵³ “bárbara” ou, pelo menos, recente e, de toda a maneira, não-ática clássica; os dics, atestam o aor. *ekathésthēn* (ἐκαθέσθην) e o part. aor. *kathestheís* (καθεσθείς), como formas tardias, e que, como tal, permitem aquele imperativo.

⁴⁵⁴ Homero, *Od.*, XVI, 44. Telémaco entra no casebre do porqueiro, onde estava (*sentado*) o estrangeiro (afinal, Ulisses, seu pai), e diz-lhe que *fique sentado*. Note que *nós... encontraremos* é um plural majestático = “eu encontrarei”.

⁴⁵⁵ Trata-se, com um pequeno desvio do que se discutia, da diferença entre transitivo “fazer sentar (alguém)” e intrans. “sentar-se”.

⁴⁵⁶ O sofista quer dizer que o mestre, em vez de meter sorrateiramente erros de língua na conversa, deve apresentá-los desde logo, claramente, e seguidos da devida explicação: o aluno não está para se esforçar a detectar erros... O mestre que apresente a “papinha” já feita.

⁴⁵⁷ Há nitidamente aqui uma lacuna, pois a resposta do sofista pressupõe uma explicação do mestre. Segundo M. D. Macleod (“Loeb” VIII, p. 43), Luciano oporia um ao outro as designações *xüggrapheús* (ξυγγραφεὺς), “historiador de factos contemporâneos do escritor, como Tucídides”,

SOFISTA — Agora já sei, depois de te ter ouvido explicar.

LUCIANO — Tu provavelmente julgas que *katadouloûn* (καταδουλοῦν) [“escravizar”, “reduzir à escravidão”] é o mesmo que *katadouloûsthai* (καταδουλοῦσθαι) [“servir como escravo”], mas eu sei que a diferença entre ambos não é pequena.

SOFISTA — Qual é a diferença?

LUCIANO — É que um, *katadouloûn* (καταδουλοῦν), refere-se a outra pessoa, ao passo que o outro [*katadouloûsthai* (καταδουλοῦσθαι)] incide sobre a própria pessoa.

SOFISTA — Dizes bem.

LUCIANO — Ainda tens muitas mais coisas para aprender... a menos que julgues saber aquilo que não sabes.

SOFISTA — Não julgaria tal coisa!

LUCIANO — Então deixemos o resto para outra vez, e por agora interrompamos o diálogo.

e *historiográphos* (ἱστοριογράφος), “contador de histórias passadas”, como Heródoto. Outra possível explicação: *xüggrapheús* (ξυγγραφεύς) significaria “prosador” (incluindo “historiador”), por oposição a *poiētés* (ποιητής), “poeta”.

(Página deixada propositadamente em branco)

EPIGRAMAS

(Página deixada propositadamente em branco)

INTRODUÇÃO

Na *Antologia Grega* são atribuídos a Luciano (algumas vezes com pouca ou nenhuma segurança) 53 epigramas. A “Loeb” (Loeb Classical Library), nas obras completas de Luciano, apenas inclui, no fim (vol. VIII), o epigrama que aqui transcrevo e traduzo com o nº 1. Apesar de se apresentar como sendo de Luciano, não podemos garantir que o seja.

Quanto aos outros epigramas, sigo a ed. de W. R. Paton, “Loeb” (LCL), 5 vols. No-te se que, juntamente com a minha numeração, indico a localização dos epigramas na “Loeb” [LCL]. Além disso, incluí dois epigramas que alguns atribuem a Luciano, per-fazendo o número de 55.

À semelhança do que fazem alguns editores, cada epigrama vai antecedido de um pequeno título, entre parênteses rectos, que (com excepção, parece, do nº 1 e mais um ou outro) não consta do manuscrito.

(Página deixada propositadamente em branco)

EPIGRAMAS

1. [LCL, *Lucian*, VIII, p. 526; Fócio, *Bibliotheca*, 128, *ad finem*]

Εἰς τὴν ἑαυτοῦ βιβλίον

Λουκιανὸς τάδ' ἔγραψα παλαιά τε μωρά τε εἰδώς,
μωρὰ γὰρ ἀνθρώποις καὶ τὰ δοκοῦντα σοφά.
Οὐδὲν ἐν ἀνθρώποισι διάκριτόν ἐστι νόημα,
ἀλλ' ὃ σὺ θαυμάζεις, τοῦθ' ἑτέροισι γέλως.

PARA ESTE SEU LIVRO

Eu, Luciano, autor sou desta história, || sabendo bem que são velhas sandices...

Mas mesmo o que para os homens é sensato || não passa de idiotices.

Na mente dos humanos não existe || nenhum conceito claro e definido,

mas aquelas histórias que tu gabas, || para outros são risíveis.

NOTAS: 1. — O título *PARA ESTE SEU LIVRO* é uma epígrafe aplicável a determinada(s) obra(s), entre as muitas obras de ficção e fantasia que o Autor (Luciano?) produziu, como (se Luciano é mesmo o autor da epígrafe) *Uma História Verdídica*, *Lúcio* ou *O Burro*, os famosos *Diálogos (dos Mortos, dos Deuses, dos Deuses Marinhos...)*, etc. A qualquer delas se poderia aplicar a confissão deste epigrama: “*sabendo bem que são velhas sandices*”. 2. — v. 1: gr. Loukianōj (com -a-breve), por necessidade métrica, ou Lou-kia-nōj (-yā-)? Ambos os processos são raros... mas a verdade é que o nome do autor, cujas três sílabas iniciais têm a estrutura crética (- ~ -), não cabe no hexâmetro, que só admite as sequências, ou “pés” dactílicos (- ~ ~) ou espondeicos (- -). Virgílio (*En.*, I, 2) resolveu o problema do tríbraco de *Lā-uī-nī-ā-quē* (- | - ~ ~ ~) por um processo idêntico: *Lā-uī-niā-quē* (...-nyā-) (- | - ~ ~). Diga-se que o processo não é elegante... mas... cada um tem o nome que tem. 3. — v. 1: os mss. *deteriores* têm œgraye (“escreveu”). 4. — v. 3: adopto a emenda de Guyet (*apud* “Loeb”,

VIII, p. 526), e não o adv. diakridōn. 5. — Dei à versão port. o aspecto métrico: vv. 1 e 3 (correspondentes ao hexâmetro): 10 || 10; vv. 2 e 4 (correspondentes ao pentâmetro): 10 || 7.

2. [LCL, vol. I, p. 306: Livro VI, nº 17.

[OFERTAS DE MERETRIZES]

Αἱ τρισαΐ τοι ταῦτα τα παίγνια θῆκαν ἑταῖραι,
Κύπρι μάκαιρ', ἄλλης ἄλλη ἀπ' ἐργασίης·
ὦν ἀπὸ μὲν πυγῆς Εὐφρῶ τάδε, ταῦτα δὲ Κλειῶ
ὡς θέμις, ἢ τριτάτη δ' Ἀτθίς ἀπ' οὐρανίων.
Ἄνθ' ὧν τῆ μὲν πέμπε τὰ παιδικά, δεσπότι, κέρδη,
τῆ δὲ τὰ θηλείης, τῆ δὲ τὰ μηδετέρης.

Três meretrizes dedicaram-te, ó bem-aventurada Cípris⁽⁴⁵⁸⁾, estas oferendas, fruto da especialidade de cada uma: Destas, Eufro⁽⁴⁵⁹⁾, [fruto] do ânus; Clio, da prática normal, e a terceira, Átis, da relação palatal.

Como paga disso, Senhora, dá a uma, como presentes, rapazinhos, a outra, mulheres, e à terceira... para nenhum dos lados⁽⁴⁶⁰⁾.

3. [LCL, vol. I, p. 382: Livro VI, nº 164.⁽⁴⁶¹⁾

[UM NÁUFRAGO AGRADECIDO]

Γλαύκῳ καὶ Νηρηΐ καὶ Ἰνώφῳ Μελικέρτῃ,
καὶ βυθίῳ Κρονίδῃ, καὶ Σαμόθραξι θεοῖς,
σωθεῖς ἐκ πελάγους Λουκίλλιος ᾧδε κέκαρμαι
τὰς τρίχας ἐκ κεφαλῆς· ἄλλο γὰρ οὐδὲν ἔχω.

⁴⁵⁸ Cípris ou Cípride, ou seja, Afrodite, «a nascida das ondas», era especialmente venerada em Chipre.

⁴⁵⁹ Εὐφρῶ (ἦ) (Bailly: Εὐφρῶ) deve ser uma forma reduzida de Ευφροσύνη, Eufrosine.

⁴⁶⁰ Alude-se a três práticas pornográficas...; a terceira recompensa parece referir-se a «tipos neutros»...

⁴⁶¹ Segundo M. D. Macleod (v. Luciano, “Loeb”, VIII, . 525.), talvez de Lucílio (como é sugerido pelo texto), e não de Luciano.

A Glauco⁽⁴⁶²⁾, a Nereu, a Melicertes, filho de Ino,
ao Crónida das profundezas, e aos deuses samotrácios,
Eu, Lucílio, salvo do mar, agora mesmo rapei
os cabelos da minha cabeça⁽⁴⁶³⁾, pois não possuo mais
nada.

4. [LCL, vol. II, p. 166: Livro VII, nº 308.]

[EPITÁFIO DE UM MENINO]

Παῖδά με πενταέτηρον, ἀκηδέα θυμὸν ἔχοντα,
νηλειῆς Ἀΐδης ἥρπασε Καλλίμαχον.
Ἄλλά με μὴ κλαίοις· καὶ γὰρ βιότοιο μετέσχον
παύρου, καὶ παύρων τῶν βιότοιο κακῶν.

Menino de cinco anos, de alma livre de cuidados,
o impiedoso Hades me arrebatou, a mim, Calímaco.
Mas não me chores, pois o que da vida gozei
pouco foi, mas também pouco dos seus males.

5. [LCL, vol. III, p. 62: Livro IX, nº 120.]

[A INGRATIDÃO]

Φαῦλος ἀνὴρ πίθος ἐστὶ τετρημένος, εἰς ὃν ἀπάσας
ἀντλῶν τὰς χάριτας, εἰς κενὸν ἐξέχεας.

Um homem ruim é um tonel esburacado, para dentro do qual
ao despejares todos os favores, verteste-os para o vazio.

⁴⁶² Glauco, Nereu e Melicertes são deuses marinhos; o último era filho de Ino (ou Leucótea), tb. divindade marinha; Crónida = «filho de Crono»; este, esposo de Reia, é pai de Zeus (rei «celeste»), Hades (rei dos Infernos) e (é o caso) Posídon (rei dos mares); os deuses samotrácios são os *Cabiros*, originários da Ásia Menor e venerados especialmente na Samotrácia e em Lemnos, tinham um culto de mistérios e eram considerados protectores e salvadores de marinheiros.

⁴⁶³ A rapagem completa dos cabelos era um ritual dos náufragos, como agradecimento às divindades salvadoras.

[PRÓDIGO DO SEU E DO ALHEIO]

Τὸν πατρικὸν πλοῦτον νέος ὢν Θήρων ὁ Μενίππου
αἰσχρῶς εἰς ἀκρατεῖς ἐξέχεεν δαπάνας·
ἀλλὰ μιν Εὐκτήμων, πατρικὸς φίλος, ὡς ἐνόησεν
ἤδη καρφαλέη τειρόμενον πενίη,
καὶ μιν δακρυχέων ἀνελάμβανε, καὶ πόσιν αὐτὸν 5.
θῆκε θυγατρὸς ἐῆς, πόλλ' ἐπὶ μείλια δούς.
Αὐτὰρ ἐπεὶ Θήρωνα περὶ φρένας ἤλυθε πλοῦτος,
αὐτίκα ταῖς αὐταῖς ἐτρέφετ' ἐν δαπάναις,
γαστρὶ χαριζόμενος πᾶσαν χάριν οὐ κατὰ κόσμον,
τῇ θ' ὑπὸ τὴν μιὰν γαστέρα μαργοσύνη. 10.
Οὕτως μὲν Θήρωνα τὸ δεῦτερον ἀμφεκάλυψεν
οὐλομένης πενίης κῦμα παλιρρόθιον.
Εὐκτήμων δ' ἐδράκυσσε τὸ δεῦτερον, οὐκέτι κείνον,
ἀλλὰ θυγατρὸς ἐῆς προϊκά τε καὶ θάλαμον.
Ἔγνω δ' ὡς οὐκ ἔστι κακῶς κεχρημένον ἄνδρα 15.
τοῖς ἰδίοις εἶναι πιστὸν ἐν ἄλλοτρίοις.

A fortuna paterna, Téron, filho de Menipo, sendo muito jovem, vergonhosamente esbanjou em pródigos gastos; então Euctémon, amigo de seu pai, assim que se apercebeu de que ele se encontrava oprimido por uma penúria extrema,

muito choroso⁽⁴⁶⁴⁾, acolheu-o e deu-lhe por esposa 5.
a sua própria filha, à qual deu um grande dote.

Logo, porém, que a riqueza entrou na alma de Téron, este recomeçou a entregar-se aos mesmos gastos, proporcionando ao estômago todos os luxos, sem qualquer regra, ao sabor da loucura ditada pelo maldito estômago. 10.

E assim, pela segunda vez, caiu sobre Téron
uma alterosa onda de funesta miséria.

Então Euctémon chorou pela segunda vez, já não por aquele, mas sim pelo dote da filha e pelo leito nupcial⁽⁴⁶⁵⁾.

Soube então que não é possível que um homem que usou mal 15.
dos próprios bens seja de confiança no caso de bens alheios.

⁴⁶⁴ muito choroso: o suj. é Euctémon...

⁴⁶⁵ "leito nupcial", ou seja, "pelo casamento".

7. [LCL, vol. IV, p. 18: Livro X, nº 26.

[A MODERAÇÃO: IN MEDIO VIRTUS]

Ὡς τεθνηζόμενος τῶν σῶν ἀγαθῶν ἀπόλαυε,
ὡς δὲ βιωσόμενος φείδεις σῶν κτεάνων.
Ἔστι δ' ἀνὴρ σοφὸς οὗτος, ὃς ἄμφω ταῦτα νοήσας
φειδοῖ καὶ δαπάνη μέτρον ἐφηρμόσατο.

Goza dos teus bens como se estivesses para morrer,
mas roupa a tua fortuna como se estivesses para viver.
É homem sábio aquele que, pensando em ambas as situações,
aplica a moderação, quer na roupança, quer na despesa.

8. [LCL, vol. IV, p. 18: Livro X, nº 27.

[AOS DEUSES NADA ESCAPA]

Ἀνθρώπους μὲν ἴσως λήσεις ἄτοπόν τι ποιήσας,
οὐ λήσεις δὲ θεοὺς οὐδὲ λογιζόμενος.

Talvez possas esconder dos homens um acto insensato,
mas não o esconderás dos deuses, por muito que medites.

9. [LCL, vol. IV, p. 18: Livro X, nº 28.

[VIDA BREVE... VIDA LONGA]

Τοῖσι μὲν εὖ πράττουσιν πᾶς ὁ βίος βραχὺς ἐστίν,
τοῖς δὲ κακῶς μία νύξ ἄπλετός ἐστι χρόνος.

Para os bafejados da sorte, a vida toda é breve,
mas para os infelizes uma única noite é um tempo sem fim.

10. [LCL, vol. IV, p. 18: Livro X, nº 29.

[EROS, RÉU INOCENTE]

Οὐχ ὁ Ἔρως ἀδικεῖ μερόπων γένος, ἀλλ' ἀκολάστοις
ψυχαῖς ἀνθρώπων ἔσθ' ὁ Ἔρως πρόφασις.

Não é Eros quem lesa o género dos mortais, mas, para as almas
dissolutas dos homens, Eros é o pretexto.

11. [LCL, vol. IV, p. 20: Livro X, nº 35.

[FORTUNA, DESVENTURA... E FALSOS AMIGOS]

Εὖ πράττων, φίλος εἶ θνητοῖς, φίλος εἶ μακάρεσσι,
καί σευ ῥηϊδίως ἔκλυον εὐξαμένον·
ἦν πταίσης, οὐδεὶς ἔτι σοι φίλος, ἀλλ' ἅμα πάντα
ἐχθρά, Τύχης ῥιπαῖς συµμεταβαλλόμενα.

Se estás afortunado, és querido dos mortais, querido dos
bem-aventurados,
e eles escutam com benevolência as tuas preces;
mas se tens um revés, ninguém é teu amigo, mas todas as coisas
ao mesmo tempo te são hostis, transformadas pelos
golpes da Fortuna.

12. [LCL, vol. IV, pp. 20-22: Livro X, nº 36.

[FALSOS AMIGOS]

Οὐδὲν ἐν ἀνθρώποισι Φύσις χαλεπώτερον εἶδεν
ἀνθρώπου καθαρὰν ψευδομένου φιλίην·
οὐ γὰρ ἔθ' ὡς ἐχθρὸν προφυλασσόμεθ', ἀλλ' ἀγαπῶντες
ὡς φίλον, ἐν τούτῳ πλείονα βλαπτόμεθα.

Nada entre os homens a Natureza produziu de mais pernicioso,
do que um homem que finge uma amizade pura.

De facto, não nos precavemos dele como inimigo, mas, amando-o
como amigo, por isso mesmo mais somos lesados.

13. [LCL, vol. IV, p. 22: Livro X, nº 37.]

[PRUDÊNCIA NAS DECISÕES]

Ἡ βραδύπους βουλή μέγ' ἀμείνων· ἡ δὲ ταχεῖα
αἰὲν ἐφελκομένη τὴν μετάνοιαν ἔχει.

A decisão lenta é muito melhor; a rápida, porém,
arrasta sempre consigo o arrependimento.

14. [LCL, vol. IV, p. 22: Livro X, nº 41.]

[A VERDADEIRA RIQUEZA]

Πλοῦτος ὁ τῆς ψυχῆς πλοῦτος μόνος ἐστὶν ἀληθής·
τᾶλλα δ' ἔχει λύπην πλείονα τῶν κτεάνων.
Τόνδε πολυκτέανον καὶ πλούσιον ἔστι δίκαιον
κλῆζειν, ὃς χρῆσθαι τοῖς ἀγαθοῖς δύναται.
Εἰ δέ τις ἐν ψήφοις κατατῆκεται, ἄλλον ἐπ' ἄλλῳ 5.
σωρεύειν αἰεὶ πλοῦτον ἐπειγόμενος,
οὗτος ὅποια μέλισσα πολυτρήτοις ἐνὶ σίμβλοις
μοχθήσει, ἐτέρων δρεπτομένων τὸ μέλι.

A riqueza da alma é a única verdadeira riqueza;
as restantes acarretam uma aflicção superior aos bens.

Há que justamente considerar abastado e rico
todo aquele que é capaz de usar dos seus bens.

Mas se um homem se consome nos cálculos [dos seus bens], 5,
apressando-se a acumular uma riqueza sobre outra
riqueza,

esse afadiga-se tal qual uma abelha nos esburacados alvéolos,
enquanto são outros que recolhem o mel.

15. [LCL, vol. IV, p. 24: Livro X, nº 42.

[GUARDAR SEGREDO]

Ἄρρητων ἐπέων γλώσση σφραγίς ἐπικείσθω·
κρείσσων γὰρ μύθων ἢ κτεάνων φυλακή.

Imponha-se uma mordaza na língua [reveladora] dos indí-
zíveis [mistérios⁽⁴⁶⁶⁾]:

sim, é melhor a guarda de palavras, do que a de bens
de fortuna.

16. [LCL, vol. IV, p. 198: Livro XI, nº 274.

[TAGARELA COMPULSIVO]

Εἰπέ μοι εἰρομένω, Κυλλήνιε, πῶς κατέβαινε
Λολλιανοῦ ψυχὴ δῶμα τὸ Φερσεφόνης;
Θαῦμα μὲν, εἰ σιγῶσα τυζὸν δέ τι καὶ σὲ διδάσκειν
ἤθελε. Φεῦ, κείνου καὶ νέκυν ἀντιάσαι.

Diz-me cá, a mim que te pergunto, ó Cilénio⁽⁴⁶⁷⁾, como
era, ao descer,

a alma de Loliano a caminho da morada de Perséfone.

Seria de admirar que estivesse calada; provavelmente, queria
ensinar-te algo. Que coisa! Topar com esse tipo mesmo
morto!

⁴⁶⁶ Pode, de facto, tratar-se do segredo dos mistérios, mas também de
segredos em geral.

⁴⁶⁷ Cilénio, «natural do monte Cilene», no sul da Arcádia, onde nasceu
Hermes; entre outras funções, era o deus *psicopompo*, «condutor das
almas dos mortos».

17. [LCL, vol. IV, p. 262: Livro XI, nº 400.

[SANTA GRAMÁTICA!]

Ἴλαθι, Γραμματικὴ φυσίζοε, ἴλαθι λιμοῦ
φάρμακον εὐρομένη Μῆνιν ἄειδε θεά.”
Νηὸν ἐχρῆν καὶ σοὶ περικαλλέα δωμήσασθαι,
καὶ βωμὸν θυέων μὴ ποτε δευόμενον·
καὶ γὰρ σοῦ μεσταὶ μὲν ὁδοί, μεστή δὲ θάλασσα 5.
καὶ λιμένες, πάντων δέκτρια Γραμματικὴ.

Sê-me favorável, Gramática vivificante, sê favorável, tu,
que descobriste, como remédio contra a fome, “*A ira
canta, ó deusa...*”⁽⁴⁶⁸⁾”

Devia erigir-se em tua honra um templo belíssimo,
um altar em que nunca faltassem os incensos.
Sim, os caminhos estão repletos de ti, repleto o mar 5.
e os portos, ó Gramática, de todos acolhedora!

18. [LCL, vol. IV, p. 262: Livro XI, nº 401.

[GRAMÁTICOS E... MÉDICOS]

Ἰητήρ τις ἐμοὶ τὸν φίλον υἱὸν ἔπεμψεν,
ὥστε μαθεῖν παρ’ ἐμοὶ ταῦτα τὰ γραμματικά.
Ὦς δὲ τὸ “Μῆνιν ἄειδε” καὶ “ἄλγεα μυρὶ ἔθηκεν”⁽⁴⁶⁹⁾
ἔγνω, καὶ τὸ τρίτον τοῖσδ’ ἀκόλουθον ἔπος,
“πολλὰς δ’ ἰφθίμους ψυχὰς Ἄϊδι προΐαψεν”, 5.
οὐκέτι μιν πέμπει πρὸς με μαθησόμενον,
ἀλλὰ μ’ ἰδὼν ὁ πατήρ, “Σοὶ μὲν χάρις”, εἶπεν, “ἔταῖρε·
αὐτὰρ ὁ παῖς παρ’ ἐμοὶ ταῦτα μαθεῖν δύναται·
καὶ γὰρ ἐγὼ πολλὰς ψυχὰς Ἄϊδι προΐάπτω,
καὶ πρὸς τοῦτ’ οὐδὲν γραμματικοῦ δέομαι.” 10.

Certo médico enviou-me o seu querido filho,
para aprender comigo estas primeiras letras.

⁴⁶⁸ Início da *Ilíada*.

⁴⁶⁹ Dos vv. 1 e 2 da *Ilíada*; a 2ª citação é: ... μυρὶ ἄλγε’ ἔθηκεν.

Mas logo que este leu o “*Canta a ira*” e “*inúmeras dores causou*”, e o terceiro verso, que se segue a estes, “*e muitas almas valorosas no Hades lançou*”, 5. deixou de mo enviar para que aprendesse. Então o pai, ao ver-me, disse: “*Agradeço-te, meu amigo, mas o rapaz pode aprender essas coisas comigo: na verdade, também eu lanço muitas almas no Hades, e para isso não preciso mesmo nada do gramático.*”⁽⁴⁷⁰⁾

19. [LCL, vol. IV, pp. 262-264: Livro XI, nº 402.

[MALEFÍCIOS DA GULA REQUINTADA]

Μηδεῖς μοι ταύτην, Ἐρασίστρατε, τὴν σπατάλην σου
ποιήσειε θεῶν, ἧ σὺ κατασπαταλᾶς,
ἔσθων ἐκτραπέλως στομάχων κακά, χεῖρονα λιμοῦ,
οἷα φάγοιεν ἐμῶν ἀντιδίκων τεκνία·
πεινάσαιμι γὰρ αὖθις ἔτι πλέον, ἢ πρὶν ἐπείνων, 5.
ἢ χορτασθεῖην τῆς παρὰ σοὶ σπατάλης.

Que nenhum dos deuses, ó Erasístrato, me conceda
essa tua luxuosa mesa, em que fartamente vives,
devorando monstruosamente coisas danosas para os estô-
magos, piores que a fome,
que oxalá as comessem os filhos dos meus inimigos:
sim, antes passar fome, mais ainda do que outrora,
do que atafulhar-me, em tua casa, desses requintados pratos.

20. [LCL, vol. IV, p. 264: Livro XI, nº 403.

Εἰς Ποδάγραν

Μισόπτωχε θεά, μούνη πλούτου δαμάτειρα,
ἢ τὸ καλῶς ζῆσαι πάντοτ' ἐπισταμένη,
εἰ δὲ καὶ ἀλλοτρίοις ἐπιῖζομένη ποσὶ χαίρεις,

⁴⁷⁰ Gramático era o professor das primeiras letras, do ensino elementar; a iniciação à leitura era feita, normalmente, com base na *Ilíada*.

πιλοφορεῖν τ' οἶδας, καὶ μύρα σοι μέλεται,
τέρπει καὶ στέφανός σε, καὶ Αὔσονίου πόμα Βάκχου· 5.
Ταῦτα παρὰ πτωχοῖς γίνεται οὐδέποτε.
Τοῦνεκα νῦν φεύγεις πενίης τὸν ἀχάλκεον οὐδόν,
τέρπη δ' αὖ πλούτου πρὸς πόδας ἐρχομένη.

À Gota

Deusa que odeias os pobres⁽⁴⁷¹⁾, a única dominadora da riqueza,
tu que conheces a arte de sempre bem viver,
que te comprazes em andar sobre os pés alheios⁽⁴⁷²⁾,
tu que sabes usar barrete de feltro e te preocupas com perfumes,
tu, a quem agrada uma coroa e a bebida do Baco Ausónio. 5.
Tais bens nunca existem em casa dos pobres.
Por isso tu evitas a miserável porta da pobreza
e pelo contrário te comprazes em chegar-te perto da riqueza.

21. [LCL, vol. IV, p. 264: Livro XI, nº 404.]

[VANTAGENS DE TER UMA HÉRNIA!]

Ουδέποτ' εἰς πορθμεῖον ὁ κηλήτης Διόφαντος
ἐμβαίνει μέλλων εἰς τὸ πέραν ἀπίναι·
τῆς κήλης δ' ἐπάνωθε τὰ φορτία πάντα τεθεικῶς
καὶ τὸν ὄνον, διαπλεῖ σινδόν' ἐπαράμενος.
᾿Ωστε μάτην Τρίτωνες ἐν ὕδασι δόξαν ἔχουσιν, 5.
εἰ καὶ κηλήτης ταῦτὸ ποιεῖν δύναται.

O hernioso Diofanto nunca sobe para uma barca,
quando tem de se deslocar à outra margem:
em cima da hérnia coloca toda a carga,
e mais o burro, e atravessa, erguendo a vela.
Assim, é em vão que os Tritões se orgulham de nadar sobre as ondas,
pois também um hernioso é capaz de fazer a mesma coisa.

⁴⁷¹ A gota, ou podagra, era vista, com razão, como uma doença de ricos, devida à gula e a alimentos prejudiciais à saúde, que provocam um grande aumento de ácido úrico e dores nas articulações.

⁴⁷² Quer dizer: os doentes de gota são transportados às costas de outros (criados...).

22. [LCL, vol. IV, pp. 264-266: Livro XI, nº 405.⁽⁴⁷³⁾

[VANTAGENS E DESVANTAGENS DE UM NARIGÃO!]

Ὁ γρυπὸς Νίκων ὀσφραίνεται οἴνου ἄριστα,
οὐ δύναται δ' εἰπεῖν οἷος ἂν ἦ ταχέως·
ἐν τρισὶν ὥραις γὰρ θεριναῖς μόλις αἰσθάνετ' αὐτός,
ὥς ἂν ἔχων πηχῶν ῥίνα διακοσίων.
ᾠ μεγάλου μυκτῆρος/ Ὅταν ποταμὸν διαβαίνει, 5.
θηρεύει τούτῳ πολλὰκις ἰχθύδια.

Nícon de nariz adunco⁽⁴⁷⁴⁾ cheira muitíssimo bem o vinho,
mas não é capaz de dizer imediatamente de que tipo ele é,
porque dificilmente o sente no período de três horas de
verão⁽⁴⁷⁵⁾,

uma vez que tem um nariz de duzentos côvados⁽⁴⁷⁶⁾.

Oh! que grande tromba! Sempre que atravessa um rio, 5.
muitas vezes pesca peixinhos com o nariz.

23. [LCL, vol. IV, p. 266: Livro XI, nº 408.

[ILUSÕES DE TOILETTE]

Τὴν κεφαλὴν βάπτεις, τὸ δὲ γῆρας οὐποτε βάψεις,
οὐδὲ παρειῶν ἐκτανύσεις ῥυτίδας.
Μὴ τοίνυν τὸ πρόσωπον ἅπαν ψιμύθῳ κατάπλαττε,
ὥστε προσωπεῖον, κοῦχί πρόσωπον ἔχειν·
οὐδὲν γὰρ πλέον ἐστί· Τί μαίνεαι; Οὐποτε φῦκος 5.
καὶ ψίμυθος τεύξει τὴν Ἐκάβην Ἐλένην.

⁴⁷³ Atribuído a Luciano na ed. “Teubner”, e “talvez Nicarco” por W. R. Paton.

⁴⁷⁴ O contexto sugere, para *adunco*, um conotação de grande tamanho.

⁴⁷⁵ três horas de verão... são mais longas que as de inverno...

⁴⁷⁶ O côvado equivalia a 0,444 m... o que daria um nariz com c. 80 metros!

Tinges os cabelos⁽⁴⁷⁷⁾, mas a velhice nunca poderás tingir,
nem apagar as rugas do teu rosto.

Portanto, não esborrates todo o rosto com alvaiade,
de tal maneira que ficas com uma máscara, não com
um rosto.

Isso de nada te serve. Porquê essa loucura? Nunca uma
tintura de alga 5.

ou alvaide conseguirá fazer de Hécuba⁽⁴⁷⁸⁾ uma Helena.

24. [LCL, vol. IV, p. 268: Livro XI, nº 410.

[O CÍNICO E A GULA]

Τοῦ πωγωνοφόρου Κυνικοῦ, τοῦ βακτροπροσαίτου,
εἶδομεν ἐν δειπνῶ τὴν μεγάλην σοφίην·

θέρμων μὲν γὰρ πρῶτον ἀπέσχετο καὶ ῥαφανίδων,
μὴ δεῖν δουλεύειν γαστρὶ λέγων ἀρετὴν.

Εὗτε δ' ἐν ὀφθαλμοῖσιν ἴδεν χιονώδεα βόλβαν 5.

στρυφνὴν, ἣ πιτυτὸν ἤδη ἔκλεπτε νόον,
ἤτησεν παρὰ προσδοκίαν, καὶ ἔτρωγεν ἀληθῶς,
κοῦδὲν ἔφη βόλβαν τὴν ἀρετὴν ἀδικεῖν.

Daquele Cínico barbudo, pedinte munido de bengala,
vimos a sua grande sabedoria durante um jantar:

De facto, começou por se abster de tremozos e de rábanos,
dizendo que a virtude não deve ser escrava do estômago.

Mas logo que diante dos olhos viu uma vulva de porca alva
de neve

e bem apimentada, que já lhe arrebatava o seu ‘prudente’
espírito,

pediu, contra toda a expectativa, que lha dessem, e devorava-a
com gana,

afirmando que uma vulva de porca não ofendia a virtude.

⁴⁷⁷ O gr. diz «a cabeça»... mas percebe-se...

⁴⁷⁸ Hécuba, a veneranda esposa de Príamo, rei de Tróia.

25. [LCL, vol. IV, p. 268: Livro XI, nº 411.⁽⁴⁷⁹⁾

Εἰς βαλανεῖον ἐκπυρωτόν

Τοῦτο πυρὰν μᾶλλον κλήζειν δεῖ, κοῦ βαλανεῖον,
ἦν ποθ' ὁ Πηλεΐδης ἦψε Μενoitιάδῃ,
ἦ τὸν Μηδείης στέφανον, τὸν ἰγείτονα Ἴερινὸς
ἐν θαλάμοις Γλαύκης εἶνεκεν Αἰσονίδου.
Φεῖσαί μου, βαλανεῦ, πρὸς τοῦ Διός· εἰμὶ γὰρ ἀνὴρ 5.
πάντα γράφων τὰ βροτῶν ἔργα καὶ ἀθανάτων,
εἰ δὲ πρόκειταιί σοι πολλοὺς ζῶντας κατακαίειν,
ἄπτε πυρὰν ξυλίνην, δήμιε, μὴ λιθίνην.

[UM BALNEÁRIO SOBREAQUECIDO]

Há que chamar a isto, não um balneário, mas uma pira
como a que o filho de Peleu⁽⁴⁸⁰⁾ acendeu para o filho de
Menécio,

ou a coroa de Medeia, †*que a Erínia ateou*†⁽⁴⁸¹⁾

nos aposentos de Glauce, por causa do filho de Éson.
Perdoa-me, por Zeus!, chefe do balneário (pois eu sou um
homem 5.

que escrevo todos os actos dos mortais e dos imortais):
Se se trata de esturricar vivas muitas pessoas,
ateia, funcionário público, uma pira de lenha, e não de pedra.

26. [LCL, vol. IV, p. 274: Livro XI, nº 427.

[VANTAGENS DO MAU HÁLITO!]

Δαίμονα πολλὰ λαλῶν ὀζόστομος ἐξορκιστῆς
ἐξέβαλ', οὐχ ὄρκων, ἀλλὰ κόπρων δυνάμει.

Um exorcista de mau hálito, pronunciando muitas fórmulas,

⁴⁷⁹ W. R. Paton (Loeb) dá este epigrama como anónimo, mas, no índice, atribui-o a Luciano.

⁴⁸⁰ O filho de Peleu: Aquiles; o filho de Menécio: Pátroclo.

⁴⁸¹ Texto ininteligível, mas que se refere à vingança (a “Erínia”) de Medeia, ao fazer incendiar os aposentos da sua rival, Glauce, nova esposa do «filho de Éson» (Jasão).

expulsou um demónio, por força não das fórmulas, mas do cheiro nauseabundo.

27. [LCL, vol. IV, p. 274: Livro XI, nº 428.

[O QUE O BERÇO DEU, A TUMBA O LEVA]

Εἰς τί μάτην νίπτεις δέμας Ἰνδικόν; Ἴσχεο τέχνης
οὐ δύνασαι δνοφερὴν νύκτα καθηλιάσαι.

Porque lavas em vão a pele de um indiano? Deixa-te desse processo:

não podes iluminar com a luz do sol uma noite tenebrosa.

28. [LCL, vol. IV, p. 276: Livro XI, nº 429.

[SÓBRIO NO MEIO DE BÊBEDOS]

Ἐν πᾶσιν μεθύουσιν Ἀκίνδυνος ἤθελε νήφειν,
τοῦνεκα καὶ μεθύειν αὐτὸς ἔδοξε μόνος.

No meio de todos os bêbedos, Acíndino queria estar sóbrio,
e por isso mesmo era ele que parecia ser o único bêbedo.

29. [LCL, vol. IV, p. 276: Livro XI, nº 430.

[O HÁBIRO NÃO FAZ O MONGE]

Εἰ τὸ τρέφειν πώγωνα δοκεῖς σοφίαν περιποιεῖν,
καὶ τράγος εὐπώγων αἰψ' ὄλος⁽⁴⁸²⁾ ἐστὶ Πλάτων.

Se achas que deixar crescer a barba te dá sabedoria,
então o bode de longas barbas é um completo Platão.

⁴⁸² Emenda de Unger (v. *apud* “”Loeb), por αἴπολος dos mss.

30. [LCL, vol. IV, p. 276: Livro XI, nº 431.]

[COMER DEVAGAR... CORRER DEPRESSA]

Εἰ ταχὺς εἰς τὸ φαγεῖν καὶ πρὸς δρόμον ἀμβλὺς
ὑπάρχεις,
τοῖς ποσί σου τρῶγε, καὶ τρέχε τῷ στόματι.

Se és rápido a comer e fraco na corrida,
então come com os pés e corre com a boca.

31. [LCL, vol. IV, p. 276: Livro XI, nº 432.]

[PIOR A EMENDA...]

Ἔσβεσε τὸν λύχνον μῶρος, ψυλλῶν ὑπὸ πολλῶν
δακνόμενος, λέξας· Ὅυκέτι με βλέπετε.”

Um tipo cretino, mordido por muitas pulgas,
apagou a candeia, dizendo: “*Pois agora já não me vedes!*”

32. [LCL, vol. IV, p. 276: Livro XI, nº 433.]

[INSUFICIÊNCIAS DA PINTURA]

Ζωγράφε, τὰς μορφὰς κλέπτεις μόνον· οὐ δύνασαι δὲ
φωνήν συλῆσαι χρώματι πειθόμενος.

Pintor, tu captas somente as formas, mas não és capaz,
só por meio da cor, de extrair a voz.

33. [LCL, vol. IV, p. 276: Livro XI, nº 434.

[AS APARÊNCIAS... NÃO ILUDEM]

Ἦν ἐσίδης κεφαλὴν μαδαρὰν, καὶ στέρνα, καὶ ὤμους,
μηδὲν ἐρωτήσης· μῶρον ὀρᾶς φαλακρόν.

Se vires uma cabeça rapada, bem como o peito e os ombros
[descobertos],
nã perguntas mais nada: estás vendo um imbecil
careca⁽⁴⁸³⁾.

34. [LCL, vol. IV, p. 276: Livro XI, nº 435.

[NÃO É SOFISTA QUEM QUER]

Θαυμάζειν μοι ἔπεισιν, ὅπως Βύτος ἐστὶ σοφιστής,
οὔτε λόγον κοινόν, οὔτε λογισμὸν ἔχων.

Causa-me grande espanto que Bito seja um sofista⁽⁴⁸⁴⁾,
ele que não tem nem senso comum nem poder de raciocínio.

35. [LCL, vol. IV, p. 278: Livro XI, nº 436.

[CORVOS BRANCOS, TARTARUGAS ALADAS =
ORADOR CAPADÓCIO]

Θᾶπτον ἔην λευκοὺς κόρακας πτηνάς τε χελώνας
εὐρεῖν, ἢ δόκιμον ῥήτορα Καππαδόκη.

Mais depressa poderias corvos brancos e tartarugas com asas
encontrar, do que um apreciado orador capadócio.

⁴⁸³ Segundo W. R. Paton, deve referir-se aos filósofos cínicos, que assim se apresentavam.

⁴⁸⁴ O termo *sofista* tinha, no tempo de Luciano, o sentido de «sábio», «erudito», «intelectual».

36. [LCL, vol. V, p. 250: Livro XVI, nº 154.⁽⁴⁸⁵⁾

Εἰς τὸ αὐτό⁽⁴⁸⁶⁾

Ἦχὸν πετρήεσσαν ὄρωξ, φίλε, Πανὸς ἑταίρην,
ἀντίτυπον φθογγὴν ἔμπαλιν δομένην,
παντοίων στομάτων λάλον εἰκόνα, ποιμέσιν ἠδὺ
παίγνιον· ὅσσα λέγεις, ταῦτα κλύων ἄπιθι.

[À MESMA (ESTÁTUA)]

Estás vendo, amigo, Eco [a ninfa] dos rochedos, compa-
nheira de Pã,
a mim que canto de volta a voz que me atinge,
que sou a imagem falante de todo o tipo de vozes, agradável
divertimento
dos pastores: Tudo aquilo que tu dizes, escuta-o e vai-te
daqui.

37. [LCL, vol. V, p. 254: Livro XVI, nº 163.

[HÁ NUA E NUA]

Τὴν Παφίην γυμνὴν οὐδεὶς ἴδεν· εἰ δέ τις εἶδεν,
οὗτος ὁ τὴν γυμνὴν στησάμενος Παφίην.

A deusa de Pafos⁽⁴⁸⁷⁾ ninguém a viu nua; mas se alguém
[assim] a viu,
esse foi aquele que representou nua a deusa de Pafos.

⁴⁸⁵ Tb. atribuído a Árquias.

⁴⁸⁶ «À mesma», ou seja «À estátua da ninfa Eco» (do epigrama precedente, de um tal Sátiro).

⁴⁸⁷ Afrodite, que tinha um templo em Pafos (Chipre).

38. [LCL, vol. V, p. 254: Livro XVI, nº 164.

[A UMA CÍPRIS... HUMANA] [?]

Σοὶ μορφῆς ἀνέθηκα τεῆς περικαλλῆς ἄγαλμα,
Κύπρι, τεῆς μορφῆς φέρτερον οὐδὲν ἔχων.

Eu te consagro uma belíssima estátua da tua formosura,
ó Cípris⁽⁴⁸⁸⁾, pois não possuo nada melhor que a tua beleza.

39. [LCL, vol. V, p. 300: Livro XVI, nº 238.

[EU, PRIAPO, GUARDA DE MISÉRIA...]

Εἰς τὸ κενόν με τέθεικε, νόμου χάριν, ᾧδε Πρίηπον
Εὐτυχίδης, ξηρῶν κληματίδων φύλακα·
καὶ περιβέβλημαι κρημνὸν βαθύν· ὃς δ' ἂν ἐπέλθῃ,
οὐδὲν ἔχει κλέψαι πλὴν ἐμὲ τὸν φύλακα.

Aquí me colocou Eutíquides, neste descampado⁽⁴⁸⁹⁾, só por ser costume,

a mim Priapo, como guarda de ressequidas cepas.

Estou cercado de altos penhascos; e se alguém aqui chegar,
não tem nada que roubar... a não ser a mim, o guarda.

⁴⁸⁸ Cípris (ou Cípride) designa aqui, não a Afrodite Cíprica do epigrama precedente, mas uma personagem feminina com esse nome, a quem o autor e escultor dedica uma imagem.

⁴⁸⁹ «neste descampado» ou «para nada», «em vão», «sem utilidade».

40. [LCL, vol. I, p. 308: Livro VI, nº 20.⁽⁴⁹⁰⁾

[Εἰς τὸ Λαΐδος κάτοπτρον]

Ἑλλάδα νικήσασαν ὑπέρβιον ἀσπίδα Μήδων
Λαΐς θῆκεν ἔφ' κάλλει ληϊδίην·
μούνφ' ἐνικήθη δ' ὑπὸ γήραϊ, καὶ τὸν ἔλεγχον
ἄνθετο σοί, Παφίη, τὸν νεότητι φίλον·
ἦς γὰρ ἰδεῖν στυγέει πολιῆς παναληθεά μορφήν, 5.
τῆσδε συνεχθαίρει καὶ σκιάοντα τύπον.

[O ESPELHO DE LAIS]

Lais⁽⁴⁹¹⁾, com a sua formosura, tornou cativa a Grécia,
que já havia vencido o soberbo exército dos Medos,
mas foi vencida somente pela velhice, pelo que te oferece,
ó deusa de Pafos⁽⁴⁹²⁾, este testemunho querido da sua
juventude⁽⁴⁹³⁾.

pois tem horror de ver o aspecto bem verdadeiro das suas
cãs, 5.

cuja imagem sombria lhe causa aversão.

41. [LCL, vol. IV, p. 18: Livro X, nº 30.⁽⁴⁹⁴⁾

[QUEM DÁ DEPRESSA, DÁ DUAS VEZES]

Ἵκεῖται χάριτες γλυκερώτεραι· ἦν δὲ βραδύνη,
πᾶσα χάρις κενεή, μηδὲ λέγοιτο χάρις.

Os favores rápidos são mais agradáveis; mas todo o favor,
se tarda, é vão, e nem se chamaria «favor».

⁴⁹⁰ Atribuído a Luciano na ed. “Teubner”, e a Juliano «Prefeito do Egipto», por W. R. Paton.

⁴⁹¹ Lais (ou Láide), famosa cortesã de Corinto, conhecida em toda a Grécia.

⁴⁹² Afrodite, que tinha um templo em Pafos (Chipre).

⁴⁹³ o «testemunho da sua juventude», ou seja, o espelho.

⁴⁹⁴ Atribuído a Luciano na ed. “Teubner”, e “anónimo” por W. R. Paton.

42. [LCL, vol. III, p. 38: Livro IX, nº 74.⁽⁴⁹⁵⁾

[A RODA DA FORTUNA]

Ἄγρὸς Ἀχαιμενίδου γενόμην ποτέ, νῦν δὲ Μενίππου·
καὶ πάλιν ἐξ ἑτέρου βήσομαι εἰς ἕτερον·
καὶ γὰρ ἐκεῖνος ἔχειν μέ ποτ' ὤετο, καὶ πάλιν οὗτος
οἶεται· εἰμὶ δ' ὄλωσ' οὐδενός, ἀλλὰ Τύχης.

Outrora fui um campo de Aqueménides, agora sou de Menipo,
e passarei de novo de um dono para outro.
Na verdade, aquele julgava então possuir-me, e este por sua vez
assim também o julga. No fundo, porém, pertenço ao Acaso.

43. [LCL, vol. IV, p. 62: Livro X, nº 122.⁽⁴⁹⁶⁾

[O PODEROSO DESTINO]

Πολλὰ τὸ δαιμόνιον δύναται, κἂν ἦ παράδοξα·
τοὺς μικροὺς ἀνάγει, τοὺς μεγάλους κατὰγει·
καὶ σοῦ τὴν ὄφρυν καὶ τὸν τῦφον καταπαύσει,
κἂν ποταμὸς χρυσοῦ νάματά σοι παρέχη.
Οὐ θρύον ἢ μαλάχην ἄνεμός ποτε, τὰς δὲ μεγίστας 5.
ἢ δρύας ἢ πλατάνους οἶδε χαμαὶ κατὰγειν.

A divindade⁽⁴⁹⁷⁾ é capaz de muitas coisas, mesmo que improváveis:

aos pequenos, eleva-os, e aos grandes rebaixa-os;
também porá fim à tua soberba e à tua soberba,
mesmo que um rio te traga torrentes de ouro.

Nem o junco nem a malva o vento é capaz de atirar por terra, 5.

mas sim, por maiores que sejam, carvalhos ou plátanos.

⁴⁹⁵ Atribuído a Luciano na ed. "Teubner", e "anónimo" por W. R. Paton.

⁴⁹⁶ Atribuído a Luciano na ed. "Teubner", e a Lucílio por W. R. Paton.

⁴⁹⁷ A *divindade* pode aqui significar, especificamente, a deusa Τύχη, «Sorte», «Fortuna», «Destino».

44. [LCL, vol. IV, p. 24: Livro X, nº 43.⁽⁴⁹⁸⁾

[TEMPO PARA TRABALHAR, TEMPO PARA VIVER]

Ἐξ ὥραι μόχθοις ἰκανώταται· αἱ δὲ μετ' αὐτὰς
γράμμασι δεικνύμεναι ΖΗΘΙ⁽⁴⁹⁹⁾ λέγουσι βροτοῖς.

Seis horas⁽⁵⁰⁰⁾ bastam para os trabalhos; as que a estas se
seguem

dizem aos mortais, mostrando-o por letras: ZHQI.

45. [LCL, vol. IV, p. 110: Livro XI, nº 80.⁽⁵⁰¹⁾

[O FIM DE UM PUGILISTA]

Οἱ συναγωνισταὶ τὸν πυγμάχον ἔνθαδ' ἔθηκαν
Ἄπιν· οὐδένα γὰρ πώποτ' ἔτραυμάτισεν.

Os seus antagonistas colocaram⁽⁵⁰²⁾ aqui [a estátua d]o
pugilista

Ápis: na verdade, nunca mais ferirá ninguém.

⁴⁹⁸ Atribuído a Luciano na ed. “Teubner”, e “anónimo” por W. R. Paton.

⁴⁹⁹ As letras desta palavra, ΖΗΘΙ (ζήθι), **que significa «VIVE!», serviam, na numeração, para os valores 7, 8, 9, 10; as seis horas acima referidas aludem, neste contexto, às primeiras seis letras usadas na numeração: A (α') 1; B (β') 2; G (γ') 3; D (δ') 4; E (ε') 5; F (ζ') 6.; naturalmente, este passo é completamente intraduzível, já que as 7ª, 8ª, 9ª e 10ª letras do alfabeto português, GHIJ, não dão qualquer palavra, e muito menos uma que significasse “VIVE” ou ideia compatível.**

⁵⁰⁰ Trata-se aqui das horas romanas: *hora prima* (entre as 6 e as 7 da manhã), *secunda, tertia, quarta, quinta, sexta* (entre as 11 e o meio-dia), que o A. remete para as seis primeiras letras do (mais antigo) alfabeto grego: v. nota *supra*.

⁵⁰¹ Atribuído a Luciano na ed. “Teubner”, e a Lucílio por W. R. Paton.

⁵⁰² Um sentido mais directo será: «depuseram (= «sepultaram») aqui o pugilista Átis», o que dispensa a interpretação da [estátua]. De toda a maneira, o contexto mostra que Átis já estava morto.

46. [LCL, vol. IV, p. 112: Livro XI, nº 81.⁽⁵⁰³⁾

[FIM DE OUTRO PUGILISTA]

Πᾶσαν ὅσαν Ἑλληνες ἀγωνοθετοῦσιν ἄμιλλαν
πυγμῆς, Ἀνδρόλεως⁽⁵⁰⁴⁾ πᾶσαν ἀγωνισάμαν⁽⁵⁰⁵⁾.
ἔσχον δ' ἐν Πίση μὲν ἐν ὠτίον, ἐν δὲ Πλαταιαῖς
ἐν βλέφαρον· Πυθοῖ δ' ἄπνοος ἐκφέρομαι·
Δαμοτέλης ὁ πατὴρ καρύσσετο σὺν πολιήταις 5.
ἄραί με σταδίων ἢ νεκρὸς ἢ κολοβόν.

Todas as competições de pugilismo que os Gregos organizam, eu, Androlau, em todas combati: em Pisa deixou uma orelha, em Plateias um olho⁽⁵⁰⁶⁾, e em Pito⁽⁵⁰⁷⁾ fui retirado sem respirar. Então meu pai Damóteles teve ordem do arauto para que com [outros] cidadãos me retirassem do estádio, ou morto ou estropiado.

47. [LCL, vol. IV, p. 184: Livro XI, nº 239.⁽⁵⁰⁸⁾

[UMA MERETRIZ COM MAU HÁLITO]

Οὔτε Χίμαιρα τοιοῦτον ἔπει κακὸν ἢ Ὀμήρου,
οὐκ ἀγέλη τάυρων, ὡς ὁ λόγος, πυρίπνοους,
οὐ Λῆμνος σύμπασα, καὶ Ἄρπυιῶν τὰ περισσά,
οὐδ' ὁ Φιλοκτῆτου πρὸς ἀποσηπόμενος·
ὥστε σε παμψηφεῖ νικᾶν, Τελέσιλλα, Χιμαίρας,
σηπεδόνας, τάυρους, ὄρνεα, Λημνιάδας.

⁵⁰³ Atribuído a Luciano na ed. “Teubner”, e a Lucílio por W. R. Paton; em dialecto dórico.

⁵⁰⁴ Ἀνδρόλεως, **nom. jón.** (<-hoj, que sofre metátese de quantidade); **a forma át. seria Ἀνδρόλαος.**

⁵⁰⁵ aor. dór., 1ª pess. (licão duvidosa, *apud* Bailly) = át. ἠγωνισάμην.

⁵⁰⁶ O vocábulo βλῆφαρον «páloepra» tem aqui o sentido abrangente de «olho».

⁵⁰⁷ *Pito* é outro nome de *Delfos*.

⁵⁰⁸ Atribuído a Luciano na ed. “Teubner”, e a Lucílio por W. R. Paton.

Nem a Quimera de Homero exalava um cheiro tão nojento,
nem a manada de touros, que, segundo a lenda, vomitavam fogo,
nem Lemnos inteira⁽⁵⁰⁹⁾, nem os excrementos das Harpias,
nem o pé gangrenado de Filoctetes.
Assim, Telesila, tu, por consenso geral, vences quaisquer Quimeras⁽⁵¹⁰⁾,
gangrenas, touros, aves e mulheres de Lemnos.

48. [LCL, vol. IV, p. 184: Livro XI, nº 240.]⁽⁵¹¹⁾

[OUTRA MERETRIZ COM MAU HÁLITO]

Ὅν μόνον αὐτῆ πνεῖ Δημοστρατίς, ἀλλὰ δὴ αὐτῆς
τοὺς ὀσμησαμένους πνεῖν πεποίηκε τράγου.

Não só ela própria, Demóstratis, exala cheiro a bode, mas até faz
com que exalem esse cheiro aqueles que a cheiram.

49. [LCL, vol. IV, p. 132: Livro XI, nº 129.]⁽⁵¹²⁾

[ÍSTMIAS... PARÍSTMIAS; ΡÍΤΙΑΣ... PARAPÍΤΙΑΣ]

Ποιητῆς ἐλθὼν εἰς Ἴσθμια πρὸς τὸν ἀγῶνα,
εὐρῶν ποιητάς, εἶπε παρίσθμι⁽⁵¹³⁾ ἔχειν.
Μέλλει δ' ἐξορμᾶν εἰς Πύθια· κἄν πάλιν εὔρη,
εἰπεῖν οὐ δύναται, "Καὶ παραπύθι' ἔχω."

⁵⁰⁹ As mulheres de Lemnos, que haviam assassinado os maridos, foram punidas por Afrodite, que fez com que elas exalassem um cheiro horrível.

⁵¹⁰ O pl. significa «a Quimera propriamente dita e outros monstros semelhantes».

⁵¹¹ Atribuído a Luciano na ed. "Teubner", e a Lucílio por W. R. Paton.

⁵¹² Atribuído a Luciano na ed. "Teubner", e a [Iulius] Cerealis (poeta épico e pastoril, amigo de Marcial) por W. R. Paton.

⁵¹³ παρίσθμια (τά) **significa «inflamação das amígdalas»: τὰ ἴσθμια «garganta», mas, com maiúscula, «os Jogos Ístmicos»; há aqui um jogo de palavras, com a invenção do termo παραπύθια, que não significa... nada. De toda a maneira, este epigrama é intraduzível...**

Um poeta, tendo-se deslocado ao *Istmo* por altura dos Jogos, ao encontrar outros poetas, disse que tinha... “*paríst-mia*”. [amigdalite]

Agora vai partir para os [Jogos] *Píticos*; então, se voltar a encontrar [os mesmos], já não pode dizer: “*Tenho... parapítia*”.

50. [LCL, vol. IV, p. 72: Livro XI, nº 10.]⁽⁵¹⁴⁾

[JANTARES SEM POETAS]

Τὸν τοῦ δειπναρίου νόμον οἶδατε· σήμερον ὑμᾶς,
 Ἀὐλε, καλῶ καινοῖς δόγμασι συμποσίου·
οὐ μελοποιὸς ἔρεῖ κατακείμενος· οὔτε παρέξεις
 οὐθ' ἕξεις αὐτὸς πράγματα γραμματικά.

Conheces⁽⁵¹⁵⁾ o regulamento dos meus pequenos jantares, mas hoje, Aulo, convido-te para novas regras do banquete: Nenhum poeta lírico tomará parte nele nem declamará; não apresentará
 nem trará contigo materiais literários.

51. [LCL, vol. IV, p. 272: Livro XI, nº 420.]⁽⁵¹⁶⁾

[O CALADO É O MELHOR]

Αἱ τρίχες, ἦν σιγᾶς, εἰσὶ φρένες· ἦν δὲ λαλήσης,
 ὡς αἱ τῆς ἥβης, οὐ φρένες, ἀλλὰ τρίχες.

Os teus cabelos, se estiveres calado, são sensatos, mas se falares,
 são como os da juventude, não sensatos, mas... cabelos.

⁵¹⁴ Atribuído a Luciano na ed. “Teubner”, e a Lucílio por W. R. Paton.

⁵¹⁵ O texto tem «conheceis», pl. majestático, como logo a seguir convido-*vos*.

⁵¹⁶ Atribuído a Luciano na ed. “Teubner”, e a «anónimo» por W. R. Paton.

52. [LCL, vol. IV, p. 172: Livro XI, nº 212.⁽⁵¹⁷⁾]

Εἰς ζωγράφους

<Τεκνίον εὐμορφον, Διόδωρε, γράφειν σ' ἐκέλευσα.⁽⁵¹⁸⁾>
ἀλλὰ σύ μοι προφέρεις τεκνίον ἀλλότριον,
τὴν προτομὴν αὐτῷ περιθεῖς κυνός· ὥστε με κλάειν
πῶς μοι Ζωπυρίων ἐξ Ἐκάβης γέγονεν·
καὶ πέρασ ἐξ δραχμῶν Ἐρασίστρατος ὁ κρεοπώλης 5.
ἐκ τῶν Ἰσειῶν υἱὸν Ἄνουβιν ἔχω.

Contra os pintores

<Pedi-te, Diodoro, que pintasses um belo [quadro do meu] filho,>
mas tu apresentas-me um filho alheio,
pondo-lhe ao alto um focinho de cão, de tal modo, que eu
até choro,
[ao ver] como o meu Zopírion nasceu de uma Hécuba⁽⁵¹⁹⁾,
e como eu, Erasístrato, o açougueiro, para além das seis
dracmas [pagas],
tenho um filho Anúbis⁽⁵²⁰⁾, [desses] dos templos de Ísis.

53. [LCL, vol. IV, p. 260: Livro XI, nº 396.]

[PRESENTE INCOMPLETO]

Πολλάκις οἶνον ἔπεμψας ἐμοί, καὶ πολλάκις ἔγνων
σοὶ χάριν, ἡδυπότῳ νέκταρι τερπόμενος·
νῦν δ' εἶπερ με φιλεῖς, μὴ πέμψης· οὐ δέομαι γὰρ
οἴνου τοιούτου, μηκέτ' ἔχω θρίδακας.

Muitas vezes vinho me mandaste, e muitas vezes eu te agradeci,

⁵¹⁷ Atribuído a Luciano na ed. “Teubner”, e a Lucílio por W. R. Paton.

⁵¹⁸ Verso que não consta do ms., mas reconstituído pelos editores modernos.

⁵¹⁹ Hécuba, segunda esposa de Príamo, rei de Tróia, morta pelos Gregos, foi encontrada na forma de uma cadela (há diversas versões do mito).

⁵²⁰ Anúbis, deus egípcio com cabeça de cão (ou de chacal).

deliciado com esse néctar tão doce de beber.
Mas agora, se és meu amigo, não me mandes mais, pois não
preciso
de um tal vinho, uma vez que não tenho alfaces⁽⁵²¹⁾.

54. [LCL, vol. IV, p. 260: Livro XI, nº 397.

[O RICO... POBRE]

Πολλὰς μυριάδας ψηφίζων Ἀρτεμίδωρος,
καὶ μηδὲν δαπανῶν, ζῆ βίον ἡμιόνων,
πολλάκις αἰ χρυσοῦ τιμαλφέα φόρτον ἔχουσαι
πολλὸν ὑπὲρ νότου, χόρτον ἔδουσι μόνον.

Artemidoro, que conta muitos milhares [de moedas]
e não gasta nada, vive uma vida como as mulas,
que levam muitas vezes uma preciosa carga de ouro
sobre o lombo, mas comem somente palha.

55. [LCL, vol. IV, p. 20: Livro X, nº 31.

[Πάντα ρεῖ: TUDO CORRE]

Θνητὰ τὰ τῶν θνητῶν, καὶ πάντα παρέρχεται ἡμᾶς·
ἦν δὲ μή, ἀλλ' ἡμεῖς αὐτὰ παρερχόμεθα.

Mortais são as coisas dos mortais, e todas passam por nós,
ou melhor, somos nós que passamos por elas.

⁵²¹ Pelos vistos, a alface era um acompanhamento do vinho...

(Página deixada propositadamente em branco)

BIBLIOGRAFIA GERAL

Edições, traduções e comentários

- A. E. Alarcón (1981-1988), *Luciano. Obras*, I-II, trad., Madrid.
- J. Alsina (1962), *Luciano. Obras*, ed. bilingue, Barcelona.
- J. Alsina (1981-1988), *Luciano. Obras*, I-II, trad., Madrid.
- M. T. Amado Rodrigues (2002), *Luciano de Samósata. Diálogos dos deuses. Diálogos de prostitutas*, Santiago de Compostela.
- J. Bompaire (1993-2003), *Lucien. Oeuvres*, I-III, ed. bilingue, Paris.
- J. Z. Botella (1987), *Diálogos de los Dioses, diálogos de los muertos, diálogos marinos, diálogos de las cortesanas*, introd., trad. e notas, Madrid.
- M. C. Dezotti (1996), *Luciano. Diálogo dos mortos*, ed. bilingue, São Paulo.
- A. M. Harmon, K. Kilburn, M. Macleod (1927-1967), *Lucian with an English translation*, I-VIII, ed. bilingue, London / Cambridge.
- M. D. MacLeod (1972-1980), *Lucian. Opera*, I-III, Oxford.
- A. C. Ramalho (1989), *Luciano. Diálogo dos mortos*, trad., Coimbra.
- B. P. Reardon (1989), *A True History*, in *Collected Ancient Greek Novels*, Berkeley / Los Angeles.

Estudos

- G. Anderson (1976), *Studies in Lucian's comic fiction*, Leiden.
- G. Anderson (1976), *Lucian: theme and variation in the Second Sophistic*, Leiden.
- G. Anderson (1982), 'Lucian: a sophist's sophist', *YCIS* 27: 61-92.
- G. Anderson (1996), 'Lucian's *Verae Historiae*', in G. Schmeling (ed.), *The novel in the ancient world*, Leiden: 555-562.

- B. Baldwin (1973), *Studies in Lucian*, Toronto.
- B. Baldwin (1975), 'The epigrams of Lucian', *Phoenix* 29. 4: 311-335.
- J. Bompaire (1958), *Lucien écrivain. Imitation et création*, Paris.
- J. L. Brandão (1995), 'O hipocentauro de Zêuxis: a poética da diferença em Luciano de Samósata', *Humanitas* 47. 1: 409-424.
- J. L. Brandão (1997), 'A sombra do asno: a filosofia e os filósofos em Luciano de Samósata', *Kleos* 1. 1: 231-252.
- J. L. Brandão (1998), 'Histoire et fiction chez Lucien de Samosate', *Études de Lettres* 2: 119-129.
- J. L. Brandão (2001), *A poética do hipocentauro. Literatura, sociedade e discurso ficcional em Luciano de Samósata*, Belo Horizonte.
- J. L. Brandão (2009), *Luciano de Samósata: como se deve escrever a história*, Belo Horizonte.
- R. B. Branham (1989), *Unruly eloquence: Lucian and the comedy of traditions*, Cambridge, Massachusetts.
- M. Fusillo (1999), 'The mirror of the moon. Lucian's *A True Story*. From satire to utopia', in *Oxford readings in the Greek novel*, Oxford: 351-381.
- A. Georgiadou, D. Larmour (1998), 'Lucian's *Verae Historiae* as philosophical parody', *Hermes* 126. 3: 310-325.
- K. Gilhuly (2007), 'Bronze for gold: subjectivity in Lucien's *Dialogues of the courtesans*', *AJPh* 128. 1: 59-94.
- C. P. Jones (1986), *Culture and society in Lucian*, Cambridge, Massachusetts.
- O. Karavas (2008), 'Lucien de Samosate et la poésie hellénistique', *QUCC* 88. 1: 109-117.
- K. Korus (1984), 'The theory of humour in Luciano of Samosata', *Eos* 72. 2: 295-313.
- P. Von Mollendorff (2001), 'Frigid enthusiasts: Luciano n writing history', *PCPS* 47: 117-140.

- J. R. Morgan (1985), 'Lucian's *True histories* and the *Wonders beyond Thule* of Antonius Diogenes', *CQ* 35. 2: 475-490.
- H. G. Nesselrath (1998), 'Lucien et le Cynisme', *Antiquité Classique* 67: 121-135.
- R. Nickel (1999), 'Lucian's *True Story*: impressions of a fancy voyage', *Euphrosyne* 27: 249-257.
- J. H. Oliver (1980), 'The actuality of Lucian's *Assembly of the gods*', *AJPh* 101. 3: 304-313.
- M. F. Silva (1997), 'No inferno com Luciano. Os caçadores de heranças, uma pecha social', in *Actas do II Colóquio Clássico*, Aveiro: 25-43.

(Página deixada propositadamente em branco)

VOLUMES PUBLICADOS NA *COLEÇÃO AUTORES*
GREGOS E LATINOS – SÉRIE TEXTOS GREGOS

1. Delfim F. Leão e Maria do Céu Fialho: *Plutarco. Vidas Paralelas – Teseu e Rómulo*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
2. Delfim F. Leão: *Plutarco. Obras Morais – O banquete dos Sete Sábios*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
3. Ana Elias Pinheiro: *Xenofonte. Banquete, Apologia de Sócrates*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
4. Carlos de Jesus, José Luís Brandão, Martinho Soares, Rodolfo Lopes: *Plutarco. Obras Morais – No Banquete I – Livros I-IV*. Tradução do grego, introdução e notas. Coordenação de José Ribeiro Ferreira (Coimbra, CECH, 2008).
5. Ália Rodrigues, Ana Elias Pinheiro, Ândrea Seiça, Carlos de Jesus, José Ribeiro Ferreira: *Plutarco. Obras Morais – No Banquete II – Livros V-IX*. Tradução do grego, introdução e notas. Coordenação de José Ribeiro Ferreira (Coimbra, CECH, 2008).
6. Joaquim Pinheiro: *Plutarco. Obras Morais – Da Educação das Crianças*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
7. Ana Elias Pinheiro: *Xenofonte. Memoráveis*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2009).

8. Carlos de Jesus: *Plutarco. Obras Morais – Diálogo sobre o Amor, Relatos de Amor*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2009).
9. Ana Maria Guedes Ferreira e Ália Rosa Conceição Rodrigues: *Plutarco. Vidas Paralelas – Péricles e Fábio Máximo*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
10. Paula Barata Dias: *Plutarco. Obras Morais - Como Distinguir um Adulador de um Amigo, Como Retirar Benefício dos Inimigos, Acerca do Número Excessivo de Amigos*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
11. Bernardo Mota: *Plutarco. Obras Morais - Sobre a Face Visível no Orbe da Lua*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
12. J. A. Segurado e Campos: *Licurgo. Oração Contra Leócrates*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH /CEC, 2010).
13. Carmen Soares e Roosevelt Rocha: *Plutarco. Obras Morais - Sobre o Afecto aos Filhos, Sobre a Música*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
14. José Luís Lopes Brandão: *Plutarco. Vidas de Galba e Otão*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).

15. Marta Várzeas: *Plutarco. Vidas de Demóstenes e Cícero*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
16. Maria do Céu Fialho e Nuno Simões Rodrigues: *Plutarco. Vidas de Alcibíades e Coriolano*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
17. Glória Onelley e Ana Lúcia Curado: *Apolodoro. Contra Neera. [Demóstenes] 59*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2011).
18. Rodolfo Lopes: *Platão. Timeu-Critias*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2011).
19. Pedro Ribeiro Martins: *Pseudo-Xenofonte. A Constituição dos Atenienses*. Tradução do grego, introdução, notas e índices (Coimbra, CECH, 2011).
20. Delfim F. Leão e José Luís L. Brandão: *Plutarco. Vidas de Sólon e Públicola*. Tradução do grego, introdução, notas e índices (Coimbra, CECH, 2012).
21. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata I*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2012).
22. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata II*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2012).
23. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata III*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2012).

24. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata IV*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
25. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata V*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
26. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata VI*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
27. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata VII*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
28. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata VIII*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
29. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata IX*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).

(Página deixada propositadamente em branco)

OBRA PUBLICADA
COM A COORDENAÇÃO
CIENTÍFICA



CENTRO DE ESTUDOS
CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA



• U



C •

